REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRAZILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

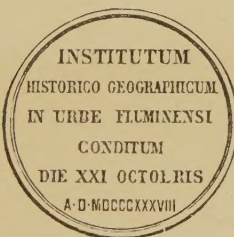
TOMO LXXII

PARTE II

(1909)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1910

6287-909

UM "GLOBE-TROTTER" DO SECULO XVII

POR

ALFREDO DE CARVALHO
Socio correspondente do Instituto Historico
e Geographico Brazileiro

Um "Globe-trotter" do seculo XVII

Si realmente existiu um aventureiro hespanhol, de nome Francisco Correal, poucos dentre os numerosos *globe-trotters* do seculo XVII se lhe avantajaram no numero e na extensão das viagens realizadas no Novo Mundo, por espaço de trinta e um annos, contados de 1666 a 1697.

Mas, além de indicios externos que concorrem para tornar suspeita a existencia do autor, a propria contextura da narrativa das viagens suscita duvidas, quanto á authenticidade, no espirito do leitor, mesmo medianamente versado na litteratura geographica da épocha.

Esta narrativa foi dada á luz em 1722, pelo livreiro de Amsterdam J. Frederic Bernard, com o titulo — *Voyages de François Correal aux Indes Occidentales* (3 vols. in-12) e a declaração de ser traduzida do castelhano; em 1728, appareceu uma segunda edição franceza em Paris, terceira, em 1736, em Amsterdam, e quarta, tambem em Paris, em 1778.

Entretanto, não ha noticia da edição original hespanhola, que não é citada em nenhuma das bibliographias especiaes, nem mesmo pelo Sr. Serrano y Sansy, no seu recente e exhaustivo inventario de *Autobiografias y Memorias* de autores castelhanos.

Este facto parece indicar serem espurias as *Viagens* de Correal, si não admittirmos a hypothese, pouco plausivel, de que a traducção franceza fosse feita sobre

o manuscripto hespanhol inedito; por isso não é desarrazoado presumir pertença este livro singular ao numero das compilações apocryphas e contrafações clandestinas com que os prélos hollandezes inundaram a Europa no seculo XVII.

Como quer que seja, não é aqui o logar para discutir este problema bibliographico; facticia ou genuina, a obra encerra noticias curiosas, entre outras, das visitas que o supposto viajante, ou outros contemporaneos, fez a varias partes do Brazil, de 1685 a 1690.

I

Francisco Correal, segundo elle proprio declara, nasceu em Carthagena, na Murcia, no anno de 1648; ainda bem joven, aos 18 annos, movido pela paixão de viajar e dominado por esta curiosidade assás commum nos mancebos, e que, « não sendo temperada pela prudencia e sustentada pela fortuna, facilmente degenera em libertinagem », deixou a terra natal e veio para a America.

De 1666 a 1683, percorreu as Antilhas, a Florida, o Mexico, a America Central e a Nova-Granada; considerado este longo prazo e as opportunidades favoraveis que se lhe offereceram, as observações registradas pelo aventureiro são de mediocre interesse; além de noticias geographicas, sem cunho especial nem novidade, contém principalmente anecdotas relativas á vida sexual, pela qual o autor parece ter se interessado muito especialmente, e á corrupção do clero, com o qual, apparentemente, as suas intrigas amorosas o inimizaram por toda parte.

Em principios de 1684, voltou á Hespanha, e, recolhida a pequena herança paterna, dirigiu-se a Portugal; embarcou em Lisboa na frota do Brazil, aportando á Bahia a 31 de outubro de 1685.

« Esta cidade tão vantajosa para os Portuguezes, começa elle a descripção da antiga capital do Brazil, está situada sobre uma eminencia na margem oriental da Bahia de Todos os Santos; as fraldas deste outeiro são muito compridas e o transporte das mercadorias da beira-mar é feito por meio de uma especie de guindaste; o declive das ruas é tal que não permitte o transito de carros puxados por cavallos. »

Depois de enumerar as fortalezas que a defendiam, diz:

« A cidade é em geral bem fortificada; mas, a guarnição, composta de soldados portuguezes bem apessoados e proprios a todas profissões, menos a da guerra, é indiscíplinada e vive entregue a toda sorte de luxuria. São na maioria vagabundos sem coração e tão perigosos como assassinos, quão covardes. Os moradores da cidade não são melhores: voluptuosos, vãos, soberbos, fanfarrões, covardes, ignorantes e muito devotos. Não é que não affectem maneiras polidas e cortezes; mas, são tão sensiveis no ponto de honra, tão ciosos de suas mulheres, tão vãos de sua grandeza, que é difficil, si não impossivel, tel-os como amigos. As mulheres são menos visiveis que no Mexico, devido ao immenso ciume dos maridos; mas, não são menos libertinas e para satisfazerem as suas paixões põem em pratica toda casta de estratagemas, si bem que com risco de sua honra e vida, porquanto si são surprehen-

didas no crime, os maridos as apunhalam impunemente e os paes e irmãos as prostituem.

« Tornam-se então cortezãs publicas, á disposição tanto dos brancos como dos negros. Si a precaução dos maridos não impede as intrigas de suas mulheres, a dos paes não evita que as mães prestem seus caridosos soccorros ás filhas, logo que ficam nubeis.

« E' mesmo muito vulgar as mães indagarem das filhas o que ellas são capazes de sentir aos 12 ou 13 annos de idade e incital-as a fazer tudo o que possa embotar os aguilhões da carne. As virgindades estão em leilão em S. Salvador e alcançam elevados preços, porquanto são colhidas muito cêdo e porque, dizem elles, *a flor da laranjeira deve ser colhida nos primeiros annos, afim de que não feneça.*

« Com semelhantes costumes não deixam de ser muito religiosos, quanto ao exterior.

« As igrejas são alli muito frenquentadas, a confissão é muitissimo commum, sem duvida por causa da multidão dos peccados. O fausto da religião se manifesta em toda sua exterioridade. Não vi outro logar em que o christianismo se apresentasse com mais esplendor do que nesta cidade, fosse pela riqueza e o numero das igrejas, dos conventos e dos clerigos, ou pelo apparato devoto dos gentilhomens, das damas, das cortezãs e, geralmente, de todos habitantes da Bahia. Ninguem anda alli sem um rosario na mão, um escapulario ao pescoço e um Santo Antonio sobre o ventre. Ao toque de Ave-Maria, ninguem deixa de ajoelhar sizudamente no meio das ruas; mas, ao mesmo tempo, todos teem a cautela de não sahir de casa sem um

punhal no seio, uma pistola na algibeira e uma espada das mais compridas suspensa á ilharga esquerda, afim de não perder o ensejo de se vingar de algum inimigo, emquanto vão remoendo as suas orações.

« Certo dia estava eu, exemplifica o rigoroso censor, na Bahia, em casa de um « christão velho », muito venerado pelos Portuguezes pela sua devoção, mas, tão pouco caridoso em seus actos quão supersticioso e fanatico em todo seu exterior.

« Estava, dizia eu, em casa deste homem, certo dia, em que elle fazia dilacerar a golpes de aguilhão um pobre negro, por ter entornado uma chicara de chocolate. Na mesma occasião, este homem religioso tinha sobre a mesa um crucifixo, ante o qual proferia as suas orações; mas estava voltado de modo que, ao mesmo tempo, fazia as suas devoções e gozava o cruel prazer de ver dilacerar o seu escravo e de ouvir os gritos da miseranda victima.

« Estes desgraçados negros são tratados com a maxima barbaridade. Não sómente são vendidos em publico, como os expõem completamente nús, e os compradores os examinam com o mesmo cuidado e sangue frio com que observamos um cavallo em mãos de almocreve. Ha algo de comico e de insolente ao mesmo tempo no espectaculo dum Portuguez, de oculos no nariz, percorrer attentamente e examinar escrupulosamente o corpo dum negro ou duma negra. Depois de comprados podem ser mortos sob o menor pretexto, e quando ficam idosos não faltam aos senhores motivos para se desfazerem delles como de cães velhos. Entretanto, ha quantidade de escravos na Bahia e não duvido que,

si estes desgraçados tivessem coragem e resolução, poderiam um dia dar que fazer aos Portuguezes do Brazil.

« A ignorancia dos clerigos é prodigiosa e as idéas que dão da religião são tão grosseiras e carnaes, para não dizer brutaes, que é difficil deixar de rir de seus contos. Um delles lembrou-se um dia de me contar muito seriamente o trabalho que tivera para arrancar do purgatorio a alma dum velho tratante de Portuguez. Disse-me o clerigo: «Este pobre desgraçado estava condemnado a todos os diabos, com os lutheranos e os idolatras, si eu não tivesse corrido em seu auxilio. Comquanto houvesse vivido santamente, sem nunca esquecer de rezar o seu rosario a Santo Antonio e a Nossa Senhora, Jesus Christo tinha delle grandes queixas, porque jámais o invocara. Havia toda apparencia duma conjuração formada para consumir a sua alma no fogo, si não fosse um dia em que eu orava em honra de Nossa Senhora e ella me apparecesse para communicar-me o infortunio deste pobre homem.

« Vae depressa, accrescentou, dizer missas pela salvação de sua alma e faz saber aos seus filhos que si não fizerem doação do quarto de sua herança ao convento dos Barbudos (chamam assim aos Capuchos, a cuja ordem pertencia o frade), não poderei mover meu filho, pois a sentença de damnação contra elle está sendo lida em presença de Deus Padre.

« Não me demorei em obedecer, continuou o clerigo, e disse uma, duas, tres, quatro missas, sem que a alma ameaçada se movesse das garras dos diabos, que a queriam arrebatar. Na quinta, um dos diabos fez uma

careta. Na sexta ambas largaram-lhe o pé; na setima, escumaram, gritando de raiva; na oitava, a alma deu grande bofetada num dos diabos; na nona lançou-lhes pontapés, e, emfim, na decima arranquei-a de suas garras e, dum golpe, atirei com os dois diabos no inferno e com a alma do Portuguez no céo.

« Eis os contos com que honram a religião, e que não duvido elles proprios acreditem, porque são muito ignorantes e o calor do clima, escaldando-lhes os cerebros, os torna aptos a imaginarem toda casta de extravagancias. Por exemplo, para dar ao povo uma idéa da religião, é muito vulgar fazerem representações e decorações burlescas nas festas dos santos. Enscenam farças em que os põem a tratos com os diabos. Certa vez representaram S. Francisco correndo atraz dum demonio, emquanto que, sobre um carro de saltimbancos, Nossa Senhora disputava com um S. Benedicto, negro e tisnado como um ferreiro, assumindo as mais indecoradas posturas.

« A indolencia dos habitantes de S. Salvador e o declive das ruas, que é muito forte, os faz considerar o andar a pé cousa indigna delles. Por isso fazem-se transportar em uma especie de palanquins, suspensos duma comprida e forte vara que dois negros levam aos hombros. Estes palanquins são cobertos e trazem cortinas verdes, vermelhas ou azues. Nelles repousa-se muito a gosto a cabeça sobre um travesseiro e o corpo, si se deseja, sobre um pequeno colchão bem estofado.

« O ar da Bahia não é dos melhores, devido ao calor violento do clima, que provoca nos habitantes, e sobretudo nos recem-chegados, molestias inflammatorias. Os

viveres tambem não são melhores, e os fructos estão por tal fórma expostos á devastação dos insectos que é difficil cultiva-los, ainda mesmo mediocres. Não é que a preguiça não possa vencer estes inconvenientes pela industria; mas, no Brazil, preferem dormir, acariciar as damas a se occuparem de qualquer cousa penosa.»

II

Não nos disse Correal a profissão que adoptou durante a sua permanencia na Bahia; mas parece que foi a das armas.

«Dois ou tres mezes depois de minha chegada a S. Salvador, refere elle, equiparam alguns barcos para levar provisões aos Portuguezes estabelecidos na capitania de S. Vicente, e, como fosse commandado para dirigir este comboio, tive ensejo de me instruir muito particularmente do estado desta capitania.

«Santos, sua capital, é uma pequena cidade muito bem situada á beira-mar. Não creio que em todas as Indias Occidentaes haja um porto em melhores condições de ser fortificado e mais proprio a abrigar grandes navios.

«Consta esta colonia de tresentos a quatrocentos Portuguezes mestiços, na maioria casados com mulheres indigenas convertidas ao catholicismo, e governados por frades e padres, donos de tudo o que de melhor ha na terra, porquanto possuem grande numero de escravos e de indios tributarios, aos quaes obrigam ao pagamento annual de certa quantidade de prata. Esta prata provém das minas das montanhas situadas entre Santos e S. Paulo.

« Considero a varios habitantes, clerigos e leigos, da capitania de S. Vicente, como ricos de mais de quarenta mil cruzados.

« Esta boa gente é a mais ignorante que ví nas Indias Occidentaes. Um desses mestiços, sabendo que eu vinha de Portugal, convidou-me a visita-lo. Acolheu-me effectivamente muito bem; mas fez-me cem perguntas impertinentes sobre os paizes europeus. Entre outras cousas indagou si tambem havia selvagens em Portugal e na Hespanha. Succedendo dizer-lhe que, devido á differença de posição entre o Brazil e Portugal, emquanto que num paiz era verão no outro era inverno, dia em um e noite em outro, benzeu-se mais de cem vezes e disse que só um feiticeiro poderia fazer taes cousas. Foi peior ainda quando lhe contei que estivera entre os flibusteiros inglezes das Antilhas; perguntou-me mais de trinta vezes si eu não era hereje e, mau grado todas as minhas affirmativas em contrario, não resistiu ao desejo de espargir com agua benta o quarto em que estavamos. Apparentemente pensava que os inglezes tinham feito de mim um endemoniado (*sic*).

« Durante a minha estada em Santos surgiu uma questão entre Nossa Senhora e o Menino Jesus, que trazia ao collo.

« Foi por causa de uma joven viuva que desejava casar-se de novo.

« Consultara a imagem de Nossa Senhora e esta lhe promettera que casaria dentro de um anno.

« Este prazo pareceu excessivo á viuva e esta reiterou as suas preces com tamanho zelo que o Menino Jesus, ou antes um frade escondido por traz do altar,

lhe assegurou acharia marido no fim de tres mezes, caso fizesse uma promessa proporcional á graça ; concordou com isto voluntariamente a viuva e ambos separaram-se satisfeitos.

« Este milagre logo se espalhou em Santos ; não sei si a viuva casou realmente mais depressa ; mas a imagem ganhou muitas dadivas.

« Succedeu-me, ainda em Santos, uma aventura bastante singular.

« Não obstante a ignorancia e a grosseria do povo, as mulheres, em materia de amor, são tão subtis e astutas como as de qualquer cidade da Europa.

« Certo dia, ao voltar para casa já á noitinha, veio ao meu encontro uma negrinha e disse que a sua senhora lhe havia ordenado que, a todo o preço, me conduzisse á sua morada.

« Sabendo o perigo a que me expunha, vacillei muito tempo em attender ás suas solicitações.

« Emfim deixei-me ganhar e segui a negrinha, que me conduziu, por caminhos escusos, á casa de sua senhora.

« Era noite fechada quando lá chegámos e a mulher recebeu-me perfeitamente bem, com polidez que eu estava longe de esperar em Santos ; mas nada inspira tanta delicadeza e graça como o amor.

« Nada poupou para me obsequiar de varias maneiras, e prometti voltar na noite seguinte.

« Esta intriga durava já havia alguns dias quando a dama, receiando a minha perda si o marido viesse a suspeital-a, propoz-me vestir um habito de clerigo, e assim continuei a visital-a, sem o menor

perigo, durante todo o tempo que permaneci em Santos».

Convém notar que esta aventura é igualmente referida pelo francez Pyrard de Laval, como lhe tendo succedido na Bahia, onde esteve em 1610, e isto constitue um dos indicios internos contra a authenticidade do livro do aventureiro hespanhol.

« O modo por que S. Paulo é governado, no meio da capitania de S. Vicente, é tão singular que não posso deixar de referil-o, continúa Correal.

«Esta cidade dista mais de doze leguas do mar e está situada em meio de montanhas inaccessiveis e da grande e espessa floresta de *Pernabaccaba*.

«E' uma especie de republica originariamente composta de toda casta de gente sem fé nem lei, mas que a necessidade da conservação forçou a adoptar certa fórma de governo.

«Ha alli padres e frades portuguezes e hespanhóes foragidos, creoulos, mestiços, *caribocos* (filhos de indias e de negros) e mulatos.

«A principio esta cidade contava uns cem fogos, que podiam consistir em umas tresentas ou quatrocentas almas, comprehendendo alguns escravos e indios mansos.

«Nos ultimos quinze ou vinte annos, porém, o seu numero multiplicou-se pelo menos dez vezes.

«Dizem-se livres e não querem estar sujeitos aos Portuguezes; mas se contentam com lhes pagar annualmente, como tributo, o quinto do ouro que extrahem de suas terras, tributo este que sóbe a oitocentos marcos todos os annos.

«A tyrannia dos governadores do Brazil deu origem a esta pequena republica, tão ciosa de sua independencia que não permitte a forasteiro algum a entrada em seu dominio, e sempre que manda pagar o seu tributo tem o cuidado de accentuar que o faz em veneração ao rei de Portugal, e não por temor ou obrigação.

«Asseguram que a região é fertil em minas de ouro e prata, e que o tributo pago representa apenas a quinta parte do que deveria ser.

«Os paulistas andam sempre em grupos de 60 a 80 homens armados de flechas e espingardas, cujo uso conservam.

«Não sei si as fabricam elles proprios; mas affirmam que as possuem em abundancia.

«Como têm a fama de roubar os viajantes perdidos e de acolher muitos escravos fugidos, póde ser que por este meio obtenham as armas de fogo.

«Asseguram tambem que entre elles ha aventureiros de todas as nações da Europa e muitos antigos flibusteiros.

«Não ha duvida que fazem excursões de quatrocentas a quinhentas leguas pelo interior do paiz, indo até aos rios da Prata e do Amazonas e atravessando mesmo todo o Brazil.

«Os jesuitas do Paraguay teem feito todo o possivel para entrar nas terras dos Paulistas e nellas se estabelecerem, mas até agora não o conseguiram, seja que os Paulistas desconfiem delles, ou não tenham religião bastante para admittirem no seu gremio estes padres tão respeitados em todas as outras partes do mundo.

« Quando algum forasteiro se apresenta para fazer parte da republica, tem de sujeitar-se a uma especie de quarentena, não por motivos sanitarios, mas afim de ser observado quanto ás suas aptidões e designios.

«Depois de prolongada observação é enviado a fazer extensas e penosas jornadas, com ordem de trazer dois escravos indios.

«Estes escravos são empregados nas minas e no cultivo da terra.

«O noviço que fraqueja na prova, ou procura desertar, é morto sem misericordia.

«Quem se alista entre os Paulistas o faz por toda a vida, pois só com muita difficuldade concedem permissão para alguem se retirar. »

III

No intervallo da narrativa de suas aventuras na Bahia e em S. Paulo, occupou-se Correal em descrever longamente os selvagens do Brazil, enumerando as diversas tribus, seus costumes domesticos e modos de guerrear, não esquecendo tambem os animaes, arvores, fructas e outras plantas do paiz.

« Permaneci no Brazil até 1690, reata elle o fio de suas peregrinações, e posso dizer que o tempo alli passado foi o melhor da minha vida.

«Entretanto o desejo de voltar para junto dos meus compatriotas fez com que eu deliberasse passar-me, por terra, do Brazil ao Paraguay.

«A empreza era das mais difficeis ; parecia mesmo impraticavel, por causa das nações selvagens que se encontram pelo caminho.

« Mas, emquanto meditava nos perigos de semelhante jornarda, succedeu arribar ao Rio de Janeiro, onde então me achava, um navio inglez sob pavilhão hespanhol, com destino ao Rio da Prata, e nelle me embarquei para Buenos-Aires. »

Dalli o nosso viajante dirigiu-se por terra ao Perú, visitando as formosas minas de Potosi, as cidades do Arequipa, Cusco e Quito, as provincias de Papayan e Panamá, de onde passou a Havana e por fim a Cadiz.

Os largos trechos que atraz deixamos traduzidos caracterizam sufficientemente a sua narrativa sem originalidade nem cunho pessoal, e que antes parece uma compilação feita de extractos das relações de viajantes anteriores, como o citado Pyrard de Laval.

Entretanto nem todos a consideram inteiramente espuria e, ainda ha pouco, um ethnologo allemão, o Sr. Georg Friederici, citou as suppostas observações de Correal sobre os indigenas do Brazil, reputando o seu testemunho, neste particular, assás valioso para a historia cultural e a ethnographia.

A existencia, pois, deste *globe-trotter* do seculo XVII é ainda um problema a elucidar.

O ITINERARIO DA EXPEDIÇÃO ESPINHOSA EM 1553

MEMORIA

Lida em sessão do Instituto Hstorico de 31 de agosto de 1909

POR

ORVILLE A. DERBY

Socio effectivo do Instituto Historico
e Geographico Brazileiro

I

O itinerario da Expedição Espinhosa em 1553

(MEMORIA LIDA NA SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO DE 31 DE AGOSTO DE 1909)

Ha alguns annos, a instigações do illustre historiador Capistrano de Abreu, dediquei alguma attenção ás noticias escassas das primeiras explorações no interior do Brazil, no intuito de, quanto fosse possivel, precisar approximadamente os seus respectivos itinerarios pela identificação das feições topographicas mencionadas nellas, ás vezes por denominações que ainda hoje se conservam, mas em geral só identificaveis por hypotheses mais ou menos plausiveis. Os resultados destes estudos foram apresentados ao Instituto Historico de S. Paulo e publicados na sua revista.

Entre os itinerarios estudados um dos mais importantes e interessantes era o da expedição mandada ao sertão em 1553 pelo governador Thomé de Souza, sob o commando de Francisco Bruza, de Espinhosa, e acompanhada pelo padre jesuita João de Aspilceuta Navarro, a quem se deve a narrativa dos seus feitos. Este estudo, incluido em um artigo intitulado « Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes », estampado no vol. V. da «Revista do Instituto

Historico » de S. Paulo, tem merecido referencias por parte de diversos escriptores subsequentes, dos quaes os unicos que merecem attenção, porque relatam estudos proprios, julgam mais acceitavel uma hypothese que differe em varios pontos importantes da minha.

Como o assumpto offerece um certo interesse historico e geographico, julgo conveniente chamar a attenção do Instituto Historico do Rio de Janeiro, a elle apresentando os fundamentos da minha interpretação da narrativa do padre Navarro e discutindo as opiniões que a julgam erronea em alguns pontos.

Os principaes dados positivos fornecidos pelo padre Navarro fixam o ponto da partida em Porto Seguro e da chegada á margem de um rio denominado localmente « Pará », e que, por informações dos indios, foi, sem duvida correctamente, identificado pelos expedicionarios com o São Francisco, que elles apenas conheciam na sua barra ou quando muito em poucas leguas do seu curso inferior. Na região intermediaria entre estes dous pontos se passou uma serra muito grande, que corre de norte para sul, de onde nascem muitos rios caudaes, entre os quaes dous que desaguam no mar, entre Porto Seguro e Ilhéos, isto é, que os expedicionarios identificaram com o Jequitinhonha e é Pardo, que, até então, conheceram nas suas barras no littoral tão sómente.

Acceitei esta identificação quanto ao Jequitinhonha, mas não quanto ao Pardo, e é sobre este ponto que teem apparecido contestações por parte de Capistrano de Abreu, J. P. Calogeras, Francisco Lobo

Leite Pereira e Antonino da Silva Neves (1), que julgam que a narrativa de padre Navarro deve ser tomada ao pé da lettra.

O raciocinio que me levou a rejeitar a identificação com o Pardo do segundo rio cruzado no sertão pelos expedicionarios é o seguinte: Elles partiram sem a minima idéa das feições hydrographicas da região a explorar, salvo o facto que da região ao norte do começo da sua derrota vinham dous rios consideraveis, cujas barras distavam poucas leguas uma da outra. Entrando de Porto Seguro e sabendo que o primeiro rio de importancia, ao norte, era o Jequitinhonha, é natural que identificassem com este o primeiro rio maior que encontraram á mão direita do seu caminho. Este cruzamento, porém, foi bastante pelo sertão dentro para que percebessem que este rio vinha de uma serra muito alta que corria de norte para o sul, isto é, a Serra do Espinhaço, na secção que depois tomou o nome de Serro Frio. Neste caso, porém, o primeiro rio encontrado seria não o Jequitinhonha, mas sim o seu affluente o Arassuahy. Poucas leguas adeante haviam de encontrar o verdadeiro Jequitinhonha, e nada mais natural do que identifical-o com o Pardo, dando-lhe, porém, o

(1) Capistrano de Abreu « Notas para a nossa historia », *Revista do Archivo Publico Mineiro*, vol. VII, pag. 376, 1902.
J. P. Calogeras, « As Minas do Brazil e sua Legislação », vol. I, pag. 375.
Francisco Leite Pereira « Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes », *Revista do Archivo Publico Mineiro*, vol. VII, pag. 562-569, 1903.
Antonino da Silva Neves, « Chorographia do Municipio do Rio Pardo », *Revista do Archivo Publico Mineiro*, vol XIII, pag. 361 e seg., 1908.

nome local do Rio das Urinas, que talvez seja traducção do nome indio que lhes foi ensinado.

Casos semelhantes a este são mui frequentes no desenvolvimento do conhecimento geographico de todos os paizes novos. Exploradores que conhecem um rio em uma part esómente do seu curso: — barra, curso médio ou cabeceiras,— naturalmente identificam com essa parte, ás vezes com acerto, ás vezes erradamente, qualquer outra parte que encontram em posição que lhes parece correspondente. Assim, por exemplo, a antiga estrada de S. Paulo a Goyaz cruzava os rios Mogy-guassú e Pardo, que se internavam no sertão desconhecido, mas com feições de se lançarem no Rio Grande ou Paraná. Até 1840, os mappas de São Paulo representavam estes dous rios como sendo independentes, e o melhor conhecedor da geographia brazileira, no seu tempo, o padre Ayres do Casal, aventurou a hypothese, com muitos elementos de plausibilidade, que o Mogy-guassú se dirigia ao Tieté, onde entrava pela barra conhecida pelo nome de Jacaré Guassú. Do mesmo modo, um ribeirão atravessado pela mesma estrada, perto de Mogy-mirim, e que se lança no Piracicaba, na vizinhança immediata, era tido como a cabeceira do Corumbatahy, só conhecido pela sua barra no Piracicaba, abaixo da actual cidade do mesmo nome.

Assim tambem a embrulhada do Acre provinha do facto que no tratado de limites entre o Brazil e a Bolivia se admittia a hypothese que o Madre de Deus, só conhecido então no seu curso superior, nos Andes, podia ser a cabeceira do Javary, que assim seria cortado pelo parallelo da foz do Beni.

Assim, na hypothese que a bacia do Jequitinhonha fosse cruzada acima da confluencia deste rio com o Arassuahy, este erro de identificação era infallivel, e longe de desmerecer o criterio dos expedicionarios o abona. Mais adiante examinarei os argumentos a favor da hypothese contraria, mas antes convém justificar a minha identificação dos outros trechos do itinerario.

E' intuitivo que as primeiras entradas dos brancos no sertão haviam de ser guiadas por indios pertencentes a tribus com que já se tinham estabelecido relações amistosas, seguindo trilhos por elles conhecidos, ligando aldeias de tribus amigas. Esses trilhos seriam determinados em primeiro logar pela collocação de taes aldeias; em segundo, pelo conhecimento que os indios possuissem da topographia do seu paiz, e em terceiro e muito principalmente pela necessidade de rodear territorio occupado por tribus hostis. Assim, havia de apresentar desvios enormes da linha que actualmente nos parece a mais natural a seguir.

Emquanto as tribus, amigas ou hostis, não se deslocavam em escala maior, estes trilhos haviam de permanecer durante muitos annos, e é certo que diversos delles ficaram abertos até á época de occupação definitiva do sertão pelos brancos, quando se transformaram nas estradas actuaes, inclusive algumas vias ferreas.

Por um ou mais destes trilhos que desciam do sertão para o littoral, em franca communicação com a nascente povoação de Porto Seguro, vinham as pedras verdes que os indios tinham em alta estima e que os portuguezes tomaram por esmeraldas. Vieram tambem

noticias de pedras amarellas, que se imaginaram ser de ouro. (*)

Dahi nasceu o empenho de explorar o sertão e desde o principio «a terra das esmeraldas» era um dos objectivos principaes destas expedições.

Sabe-se hoje que a terra das esmeraldas, ainda não completamente desbravada e explorada, abrange trechos das bacias dos rios Doce, S. Matheus, Jequitinhonha, Pardo e Rio de Contas. Nada indica, porém, que, antes do desenvolvimento da mineração de ouro e o consequente desbravamento do vasto districto que tomou o nome de Minas Novas, se conhecesse mais que a parte que fica ao sul do rio Jequitinhonha. Era para ahi que se dirigiam todas as expedições, cuja historia tem sido tão bem estudada pelo Dr. Lobo Leite Pereira (*Em Busca das Esmeraldas* na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, volume II) e mesmo sem outras considerações confirmativas seria razoavel incluir este districto no itinerario da expedição Espinhosa. Em confirmação desta hypothese, temos o facto bem estabelecido que entre as tres expedições approximadas em data a esta, uma, a de Martim Carvalho de data incerta (2), voltou pelo rio S. Matheus, e a outra, a

---

(*) O Dr. Lobo Leite Pereira, (*Rev. Arch. Pub. Mineiro*. Vol. VII-pg. 568), attribue criteriosamente este equivoco ao duplo emprego da palavra *ita* que significando « pedra » era a unica que os indios tiveram para designar « metal », quando tomaram conhecimento deste pelo contacto com os brancos.

Um caso analogo me foi referido pelo professor Hartt, que, em 1870, tendo pedido a um indio civilizado do Amazonas uma descripção na lingua tupy de um trem de estrada de ferro, obteve em resposta uma phrase que em portuguez significa « a canôa do branco que anda com fogo na terra sobre duas pedras muito compridas ». Ahi se vê que as idéas de um vehiculo terrestre, de vapor como força motora e de trilho (ou qualquer outra obra de metal) não tinham palavras proprias para as exprimir na lingua indigena.

(2) O Dr. Lobo Leite julga que esta expedição fosse anterior á

de Adorno, em 1574, entrou pelo rio Caravellas e voltou pelo Jequitinhonha. (3)

Foi baseado na circumstancia de ter sido a entrada de Adorno pelo rio das Caravellas e numa referencia de Gabriel Soares, que diz: « este rio vem de muito longe e pelo sertão é povoado de gentio bem acondicionado, que não faz mal aos homens brancos que vão por elle acima para o sertão », que identifiquei a sahida no littoral do antigo trilho indio, seguido pela expedição Espinhosa, com o porto de Caravellas e não com o Porto Seguro (4).

Para a identificação da parte central e occidental do itinerario baseei-me nos trilhos indios na região do alto S. Francisco e da Serra do Espinhaço, que se tornaram conhecidos pelas entradas dos bandeirantes paulistas. Cerca de 50 annos depois da expedição aqui considerada, o governador D. Francisco de Souza, enthusiasmado com a perspectiva de descobrir minas de prata na terra das esmeraldas e desanimado pelo máo exito das tentativas feitas pelo lado da Bahia e do Espirito

---

de Espinhosa, mas os argumentos apresentados não são concludentes. Parece mais provavel que fosse intermediaria em data entre esta e a do Adorno.

(3) Antes de Adorno, Sebastião Fernandes Tourinho tinha andado por estas paragens, mas a noticia de sua expedição, dada por Gabriel Soares, é tão confusa que parece uma combinação dos resultados de diversas expedições deste explorador combinados com os de Adorno. Acha-se uma discussão deste ponto no meu referido escripto na Revista do Instituto Historico de S. Paulo.

(4) Não tendo na occasião conhecimento proprio da topographia da região, dei, como Gabriel Soares, demasiada importancia ao chamado rio das Caravellas, que é apenas um braço de mar que serve de porta de entrada para o alto Mucury, para onde se passa por uma garganta baixa da serra dos Aymorés, na cabeceira de um pequeno affluente do Mucury. Se o antigo trilho passasse por esta mesma garganta, hoje occupada pela Estrada de Ferro Bahia a Minas, ou pela do proprio Mucury ,é ponto de interesse secundario, que só póde ser resolvido por hypotheses, das quaes uma que parece bem plausivel é apresentada mais adeante.

Santo, resolveu tentar uma entrada, partindo de S. Paulo. Este projecto, por si só, revela a convicção, sinão o conhecimento positivo, que existia um caminho indio, continuo, desde S. Paulo até o littoral bahiano. Passando para S. Paulo, esse governador despachou em 1501 uma expedição, que contou entre os seus membros o hollandez Guilherme Glimmer, a quem devemos um precioso roteiro.

O itinerario cruzava o rio Grande em Ibituruna e dahi tomou rumo para o S. Francisco, mas não alcançou a margem deste rio devido ao encontro de indios hostis. No anno immediato, uma outra bandeira alcançou as margens do rio das Velhas e poucos annos depois uma outra, a de Paracatú, a oeste do S. Francisco (5).

Estas, e outras bandeiras paulistas que lhes succederam, se occuparam com a caçada de escravos e parecem ter perdido inteiramente de vista o intuito de procurar a terra das esmeraldas. Este foi intuito retomado em 1672 por Fernão Dias Paes Leme, que estabeleceu uma serie de roças em localidades á beira dos rios, que ainda conservam os nomes da época, de modo que se póde restabelecer satisfactoriamente o seu itinerario. Era, a partir do rio Grande, fraldeando pelo lado do oéste, a serra do Espinhaço, até as cabeceiras do rio Itacambiraussú e por este e o Itamarandiba, ao sul, até ganhar as bacias do Mucury e Doce, nas immediações do actual districto de Theophilo Ottoni.

---

(5) O A Derby — Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas. *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV. pgs. 329-350. As Bandeiras Paulistas (1601 a 1604), *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, VIII, pgs. 399-423.

Estando assim provado que no seculo seguinte existia um trilho transitavel pelos brancos e os indios alliados a elles, desde S. Paulo até á região donde se levaram as pedras verdes para o littoral de Caravellas e Porto Seguro, é racional presumir que a expedição de Espinhosa seguisse por elle até se approximar do rio S. Francisco. Actualmente, e desde as primeiras noticias historicas, a passagem mais frequentada do Mucury para a do Jequitinhonha é pela garganta chamada Alto dos Bois, que por muito tempo era occupada por uma guarda, para proteger os habitantes de Minas Novas contra incursões dos Botucudos da região do Alto Mucury. Esta passagem dá para o valle do Itamarandiba e, seguindo por ella abaixo para alcançar a do Itacambiraussú, ter-se-hia de cruzar os rios Arassuahy e Jequitinhonha, tendo quasi sempre á vista, a oeste, a alta serra donde procedem, como já tive occasião de verificar pessoalmente, depois de escripto o referido artigo.

Uma vez em cima da serra do Espinhaço, na região das cabeceiras do Itacambiraussú, a expedição teria de descer por um dos dois contravertentes, o rio Verde ou o rio Jequitahy, e um destes devia ser o affluente do S. Francisco, que o Padre Navarro menciona com o nome de Monayl. Não estando conservado este ultimo nome, nada de positivo se póde dizer sobre este ponto, mas é razoavel presumir que fosse seguindo o caminho de S. Paulo até onde era necessario desviar delle para ganhar o S. Francisco, e, neste caso, o valle seguido seria o do Jequitahy.

Como já referi, esta minha interpretação da narrativa do Padre Navarro tem sido impugnada por diversos

investigadores da primitiva historia e geographia do paiz, que insistem que a referencia aos rios Jequitinhonha e Pardo deve ser tomada ao pé da lettra, sem, a meu vêr, pesarem devidamente as difficuldades que isso acarreta. Capistrano de Abreu e Calogeras limitam-se a aceitar a identificação da narrativa do rio das Urinas com o rio Pardo, sem procurar traçar o itinerario. Isto foi feito pelo Dr. Lobo Leite Pereira, num magistral estudo que serviu de base para recente tentativa do Coronel Antonino da Silva Neves para ampliar alguns dos seus detalhes.

Conforme a opinião do Dr. Lobo Leite, a expedição devia ter partido directamente de Porto Seguro em procura do Jequitinhonha, encontrando-o em algum ponto do seu curso médio (em todo o caso, abaixo da confluencia do Arassuahy), e dahi ter cortado ao norte até o rio Pardo, que, seguido até ás suas cabeceiras, daria para alcançar o S. Francisco, talvez na barra do Mangahy.

Para justificar esta sua opinião, o autor dá uma interpretação de outros documentos da época, que, embora plausivel, não deixa de ser um tanto forçada e contestavel. A expedição, de data incerta, de Martim Carvalho, referida por Pero de Magalhães (Gandavo) (6), é dada como anterior á da Espinhosa, fornecendo uma objectiva a esta na serra resplandente, rica de pedras verdes, que de sua vez é identificada, dubitavelmente, com a montanha resplandente e amarella (aurifera ?) chamada Sol da Terra, referida na carta de Felippe de Guilhem de

---

(6) Tratado da Terra do Brasil, escripto cerca de 1570 e impresso em 1826 na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*.

.... *Itinerario approximado provavel de Espinhosa 1553*

-------- { *" " " "*
Fernão Dias Paes Leme 1672

1550. Esta ultima montanha é collocada pelo autor nas margens do Jequitinhonha, transformando o «grande rio» da carta (que tanto podia ser o Jequitinhonha como o Doce, Mucury, Arassuahy, Pardo ou algum affluente caudal destes, ou, como o proprio autor depois admitte, o proprio S. Francisco) em «rio Grande», nome antigamente applicado a esta corrente.

O autor acha uma confirmação do seu modo de ver na narrativa do padre Navarro, onde diz : «Em partes, no espaço de quatro ou cinco leguas, passámos cincoenta vezes contadas por agua, e muitas vezes se me não soccorreram me houvera afogado.» Este extracto é dado como indicativo de um trajecto ao longo de um rio caudaloso, com penhascos, impraticaveis ao transito de homens a pé, alternando por trechos, de um lado ao outro do rio, de modo a obrigar o viajante a estar continuamente a cruzar a corrente. Applicando-o aos rios Jequitinhonha e Pardo, o autor esqueceu que os nossos rios, depois de se tornarem caudaes, não offerecem passagem a váo senão a intervallos bastante grandes ; não temos informações certas a respeito da vadeabilidade destes dois rios nas paragens onde se suppõe que a expedição andou, mas ha forte presumpção que o numero de váos seja extremamente limitado, se é que existe algum.

A descripção indica antes um corrego, descendo a encosta de uma montanha, e é nestas condições que se encontram frequentemente na nossa nomenclatura hydrographica os nomes descriptivos de Passa Tres, Passa Dez, Passa Vinte, etc.

A significação topographica destas denominações é bem caracterizada no roteiro dado por Antonil, em

1711, de S. Paulo a Villa Rica, onde a passagem da serra da Mantiqueira (pela garganta hoje occupada pela E. F. Minas e Rio) é descripta nos seguintes termos : «Daqui começam a passar o ribeiro, que chamam Passa Vinte, porque vinte vezes se passa ; e se sóbe as serras sobreditas : para passar as quaes se descarregam as cavalgaduras, pelos grandes riscos dos despenhadeiros que se encontram : e assim gastam dois dias em passar com grande difficuldade estas serras ; e dahi se descobrem muitas e apraziveis arvores de pinhões, que a seu tempo dão abundancia delles para o sustento dos mineiros, como tambem porcos montezes, araras e papagaios. Logo, passando outro ribeiro, que chamam Passa Trinta, porque trinta e mais vezes se passa, se vae aos pinheiros, etc.»

A passagem da Estrada de Ferro Bahia e Minas pela garganta da serra dos Aymorés é effectuada em condições identicas, isto é, subindo pelo valle de um ribeirão e descendo por um outro. Um trilho, acompanhando estes dois ribeirões, bem podia dar as cincoenta passagens por agua do padre Navarro, correspondendo, até no numero, com as da travessia da Mantiqueira, na estrada paulista. Esta semelhança nas duas travessias dá uma forte presumpção que o itinerario de Espinhosa passasse pela garganta dos Aymorés e não pelo fundo do valle do Mucury, e muito menos pelo do Jequitinhonha.

Em um recente e interessante trabalho sobre os municipios do alto rio Pardo e rio Verde, publicado no ultimo volume do *Archivo Publico Mineiro*, o coronel Antonino da Silva Neves enche com detalhes hypothe-

ticos o itinerario da expedição Espinhosa, esboçado pelo Dr. Lobo Leite. Em vista das duvidas acima expostas, não é preciso me demorar no exame destas hypotheses. Um ponto offerece, porém, certo interesse. Acceitando como provado pelo Dr. Lobo Leite que a expedição Espinhosa forneceu o ponto objectivo para a de Braz Cubas, que partiu de Santos em 1560, e que esta penetrou até o rio S. Francisco, o autor identifica o Monayl, ponto terminal da expedição Espinhosa, com a barra do Paramirim, jogando assim o itinerario aqui discutido muito para o norte.

Pelos proprios termos da carta de Braz Cubas, parece que ha nella um erro de cópia, que exagera enormemente a distancia andada. Depois de affirmar que tinha feito uma jornada de trezentas leguas (presumivelmente sommando a ida a volta), refere que mandou o mineiro Luiz Martins continuar suas pesquizas de ouro e que este limitou-se a um raio de trinta leguas em redor de Santos. Esta ultima circumstancia dá a presumir que a primeira exploração não ultrapassou por muito este mesmo raio, e em confirmação desta hypothese uma outra cópia da mesma carta, citada no catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional, dá a jornada em trinta leguas em logar de trezentas (*). Era neste raio, de proximamente trinta leguas, que se limitaram as pesquisas mineraes dos Paulistas até á chegada, em 1597, do governador D. Francisco de Souza e

(*) Carta de Braz Cubas a El-Rei, dando-lhe conta de uma viagem feita ao sertão por ordem de Mem de Sá, e de ouro descoberto a 30 leguas de Santos — datada de Santos, 25 de abril de 1562. N. 8325 *Catalogo de Exp. da Bibliotheca Nacional*.

então o ponto objectivo da expedição mandada para mais longe era ainda a terra das esmeraldas e das suppostas minas de prata. Por qualquer motivo, a expedição desviou-se para o oeste em rumo do S. Francisco e durante muitos annos, até a expedição de Fernão Dias Paes Leme, em 1672, a região deste rio ficou sendo o objectivo predilecto das bandeiras paulistas, provavelmente em virtude das abundantes collectas de escravos feitas pelas primeiras bandeiras. Depois de Fernão Dias, a attenção dos bandeirantes voltou-se para a serra do Espinhaço e o territorio a léste, e dahi resultou a descoberta das ricas jazidas de ouro das Minas Geraes e subsequentemente o desbravamento da legendaria «Terra das Esmeraldas».

II

Contribuições recentes para a cartographia do Brazil

(MEMORIA LIDA NO INSTITUTO HISTORICO, NA SESSÃO DE 28 DE SETEMBRO DE 1909)

Nas duas ou tres ultimas decadas tem-se effectuado uma grande somma de explorações no territorio nacional, que concorrem materialmente para o conhecimento de sua geographia, mas que sómente em parte têm sido encorporadas na cartographia corrente, isto é, nos mappas geraes da Republica e dos Estados, publicados e postos á venda de modo a serem accessiveis ao

publico em geral. Os seus resultados acham-se na sua grande maioria archivados em diversas repartições federaes e estadoaes e nos escriptorios de emprezas particulares, ou, quando publicados, em relatorios de escassa distribuição e difficil encontro.

Estas explorações teem sido feitas em parte com intuitos puramente geographicos, em parte com intuitos privativamente administrativos ou industriaes. Assim, se dividem naturalmente nos dous grupos seguintes:

1.º Trabalhos iniciados pelo governo da União e de diversos Estados, visando a cartographia completa de diversas fracções administrativas do territorio nacional.

2.º Trabalhos effectuados pelo governo da União e de diversos Estados e por emprezas particulares, visando a cartographia parcial de determinadas zonas, restringidas pelas exigencias de questões de limites, de communicações publicas, ou outras semelhantes.

Estes dois grupos de trabalhos differem entre si em diversas particularidades importantes. No primeiro se procura representar todas as feições naturaes e artificiaes que podem ser figuradas na escala escolhida para o mappa, e este é essencialmente topographico; e no segundo só se representam, em regra geral, as que têm um interesse especial para o fim que se tem em vista, e os mappas produzidos são essencialmente itinerarios. Outra differença é que os trabalhos do primeiro grupo são de longo prazo, e nenhum delles se acha concluido; emquanto, pela maior parte, os do segundo já foram terminados.

Para os fins da cartographia geral do paiz, estas differenças são essenciaes. Os mappas do primeiro grupo representam áreas, e com a necessaria reducção da escala e a eliminação de detalhes, conforme a necessidade de cada cartographo, podem ser reproduzidos sem outras modificações essenciaes em qualquer mappa de conjuncto que se queira organizar; os segundos representam linhas ou zonas estreitas, e o cartographo para os aproveitar tem muitas vezes de os modificar grandemente para os ajustar entre si e com os outros elementos (frequentemente, puramente fantasticos) de que tem de lançar mão.

O serviço do levantamento topographico completo de partes do territorio nacional, depois de varias tentativas infructiferas no tempo do Imperio, foi iniciado, na sua phase actual, pelo Exm. Sr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, quando Presidente da então provincia de S. Paulo, em 1886. Annos depois, e já no regimen da Republica, o exemplo foi seguido, quasi simultaneamente, pelos governos de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Districto Federal e Governo Federal que, pelo Estado Maior do Exercito, começou no Estado do Rio Grande do Sul a grandiosa empreza do levantamento do Mappa Geral da Republica. Destas diversas iniciativas ainda continuam em pé de actividade as de S. Paulo, do Districto Federal e do Rio Grande do Sul. A de Minas Geraes foi suspensa, depois de alguns annos de trabalho, do qual resultou o preparo de dez folhas do mappa definitivo. e a do Rio de Janeiro teve a mesma sorte antes de chegar ao ponto de publicar qualquer folha.

Dos serviços existentes, o de S. Paulo já tem apresentado 22 folhas do mappa definitivo do Estado, na escala de 1 para 100.000, representando cada folha a área de um quarto de gráo quadrado, ou seja 2.500 kilometros quadrados, aproximadamente. O do Districto Federal tem effectuado um levantamento preliminar de todo o districto e definitivo de uma boa parte da zona urbana da cidade do Rio de Janeiro, mas os resultados de seus trabalhos não são accessiveis ao publico senão em cópias photographicas de alto preço e consequente rara distribuição e difficil obtenção. O Estado Maior tem executado uma grande rêde de triangulação no Estado do Rio Grande do Sul, mas ainda não apresentou nenhum trecho de mappa concluido.

O mappa definitivo do Estado de S. Paulo é baseado em uma rêde de triangulação cuidadosamente executada, embora por processos expeditos, sendo o enchimento obtido por meio de caminhamentos feitos á bussola e podometro ou á tacheometro, com alturas tomadas com angulos verticaes e barometro aneroide. As curvas de nivel, espaçadas de 25 metros, são esboçadas, tanto quanto possivel, no proprio campo, e traçadas sempre pelo topographo, que tem conhecimento visual do terreno representado.

Como serão precisas cerca de 115 folhas parciaes para representar todo o territorio do Estado, as já publicadas, em numero de 22, representam proximamente a quinta parte da área a ser cartographada ; mas, considerando que grande numero destas folhas são fragmentarias, por incluirem partes dos Estados vizinhos ou do mar, póde-se dizer que cerca da quarta parte do

territorio já se acha representada em mappas definitivos. Considerando ainda que a parte já levantada abrange a maior fracção da área que apresenta feições topographicas complicadas, e tomando em conta o trabalho já feito mas ainda inédito e outras circumstancias de serviço, póde-se calcular que já se acha feita a terça parte do trabalho a effectuar. Nestas animadoras condições, é de esperar que o governo de S. Paulo não esmorecerá antes de concluir condignamente esta grandiosa empreza.

Além dos seus trabalhos de topographia completa, a Commissão Paulista tem effectuado uma certa somma de levantamentos hydrographicos, que constituem valiosa contribuição para a cartographia do Estado e do paiz.

Os trabalhos geographicos effectuados pela extincta Commissão Geographica do Estado de Minas Geraes obedeceram, no geral, ás mesmas normas do serviço paulista, differindo, entretanto, no formato adoptado para as folhas impressas e no modo de representar o relêvo do sólo, sendo as curvas de nivel espaçadas de 50 metros em logar de 25 metros. Por esta circumstancia, e por serem as curvas traçadas no escriptorio por desenhistas sem conhecimento pessoal do terreno e, em muitos casos, sem a necessaria percepção topographica, a representação do relêvo é bastante inferior á do mappa paulista. A área coberta pelas folhas impressas é proximamente a metade do mappa, já prompto, de S. Paulo.

Os trabalhos do Districto Federal, sendo de natureza essencialmente cadastral, estão sendo executados

em escala muito maior que a dos acima referidos e com a correspondente superioridade em minudencia e precisão. Sendo, porém, limitados a uma fracção diminuta do territorio nacional, a sua importancia, que é grande, é quasi exclusivamente local é pouco concorre para a cartographia geral do paiz.

Os trabalhos topographicos executados nos Estados de S. Paulo e Minas Geraes tiveram entrada na cartographia geral por meio da «Carta Geral do Estado de S. Paulo e partes dos Estados vizinhos» de Horace E. Williams, publicada em 1904 na escala de 1 para 1.000.000. A reducção da escala na proporção de 1 para 10 necessariamente envolvia grande simplificação dos mappas originaes, mas mesmo assim se distinguem facilmente as partes baseadas em dados positivos, pela maior riqueza dos detalhes e outras particularidades do desenho. (*).

(*) E's ahi um bom exemplo de uma das principaes funcções de um mappa topographico, como o que está sendo levantado no Estado de S. Paulo, em escala demasiado grande para o uso geral. E' o de servir de *mappa-mãe* para os numerosos mappas especiaes que se tem de organizar para diversos fins. Sendo estes *parciaes*, que permittem a conservação ou mesmo augmento da escala original, ou que obrigam apenas uma reducção relativamente pequena desta escala, ha possibilidade de introducção de elementos novos (traçados ou projectos de vias de communicação, divisões territoriaes, obras publicas, etc.), que não figuram no mappa original e que se deseja representar; sendo *generalizados*, e com grande reducção na escala, que envolve simplificação e eliminação de detalhes, ha possibilidade de fazer isto, conservando o gráo de precisão compativel com a escala escolhida.

Acho conveniente registrar aqui os motivos por que quando estive com a responsabilidade do mappa paulista, não quiz attender ás suggestões que recebi no sentido de organizar um mappa geral do Estado. Estando a commissão encarregada de levantar um mappa de um certo gráo de precisão, não me pareceu conveniente publicar com cunho official mappas em que grande parte do territorio teria de ser representada de um modo mais ou menos phantastico. Além disto estando os limites dos Estados em litigio em grandes trechos, um

Passando á consideração dos trabalhos do segundo dos grupos acima estabelecidos, que só incidentemente contribuem para a cartographia, convém salientar de novo a differença essencial entre os dous grupos. Os trabalhos do primeiro grupo, tendo intuitos primordialmente cartographicos, são, ou deviam ser, effectuados com empenho de representar com gráo de precisão proximamente igual ás feições, naturaes e artificiaes, que devem figurar no mappa na sua distribuição sobre *áreas*; os do segundo, de intuito especializado e limitado (representação do *talweg* de um rio, de uma linha de viação ou de fronteira, etc.), são effectuados com o empenho de figurar com grande precisão certas feições na sua distribuição ao longo de uma *linha* desprezando, ou representando com precisão tosca, as outras feições. Como contribuições á cartographia, estes ultimos trabalhos fazem a figura de uma ou outra pedra lavrada que o constructor de casas encaixa numa parêde composta na sua quasi totalidade de taipa.

---

mappa official não os podia representar sem de certo modo prejudicar a causa de um ou de outro dos litigantes.

A commissão ajuntava e coordenava, para o seu proprio uso, os melhores elementos cartographicos accessiveis sobre as zonas não levantadas definitivamente, e o seu archivo era franqueado a quem o quizesse consultar e aproveitar. Com a minha approvação e animação dous funccionarios da commissão, em épocas diversas, se utilizaram deste archivo para confeccionar, nas suas horas vagas, mappas geraes do Estado, que foram publicados com a sua responsabilidade individual. Julguei assim attender á conveniencia de fornecer ao publico o melhor mappa que era possivel fazer na occasião, sem compromettter neste os creditos da repartição com a responsabilidade dos graves senões que, necessariamente, haviam de apresentar, nem os interesses do Estado em questões de limites. Os motivos de critica, tanto de caracter technico como moral, que se encontram no mappa geral do Estado, recentemente publicado com a responsabilidade official da commissão, justificam, a meu ver, a conveniencia deste meu modo de proceder.

Comtudo, na actual falta quasi absoluta de elementos melhores, estes trabalhos lineares são de immenso valor ao cartographo por lhe fornecerem as unicas linhas precisas com que elle póde construir o esqueleto de um mappa, tendo os enormes claros entre ellas de ser enchidos com contribuições de valor immensamente menor, se não de phantasia. Para os reunir em um mappa de conjuncto é imprescindivel muito trabalho a martello, e o valor relativo da obra resultante dependerá do criterio e instincto cartographico que o autor possua Este instincto é evidentemente muito desenvolvido em alguns dos nossos cartographos e muito falho em outros, e dahi resulta o valor desegual dos nossos mappas de conjunto, dos quaes nenhum póde ser denominado bom. O maior louvor que se deve dar aos melhores dentre elles é que têm aproveitado com criterio os melhores elementos cartographicos accessiveis na data de sua confecção.

Alguns destes trabalhos vêm acompanhados por determinações de coordenadas astronomicas de alguns dos pontos principaes das linhas corridas, mas estas são de valor muito desegual e na maioria dos casos só podem ser consideradas como approximações mais ou menos grosseiras.

Em geral, as latitudes podem ser aceitas com confiança, visto não depender do emprego de instrumentos que não podem ser devidamente rectificados no proprio logar da observação. As longitudes, porém, dependem do transporte da hora por meio de instrumentos de marcação de tempo, cujo exacto funccionamento não póde ser garantido nas vicissitudes de uma viagem terrestre.

Sobre este ponto de coordenadas astronomicas, convém referir que recentes determinações de longitudes pelo methodo telegraphico têm posto em duvida, na importancia de dezenas de kilometros, as mais acreditadas determinações anteriores que não dispunham deste meio certo de transporte da hora. Devido a incertezas sobre longitudes existem duvidas muito sérias sobre a collocação dos nossos mappas das duas mais importantes linhas topographicas do Brasil oriental; as dos *talwegs* dos rios S. Francisco e Paraná. Ha bem fundados motivos para acreditar que o primeiro acha-se deslocado, em nossos melhores mappas, de vinte a sessenta kilometros da sua verdadeira posição; e ninguem póde garantir que o segundo não se acha igualmente deslocado, visto que as determinações que passam por ser as melhores foram confessadamente feitas na dependencia de um só chronometro de algibeira, sujeito durante mezes a desarranjos que não podiam ser verificados.

Como estes dous rios estarão em breve alcançados pelas linhas telegraphicas, o primeiro em Pirapóra e o segundo em Jupiá, a determinação exacta das coordenadas destes dous pontos se tornará facil e seria uma das mais importantes contribuições cartographicas, que actualmente se podem obter com um dispendio modico. Conjuntamente com estas operações, seria conveniente fazer o mesmo nos cruzamentos das linhas telegraphicas com os rios Grande, Parnahyba e Araguaya, e do S. Francisco em Joazeiro. Seria muito para desejar a organisação de um serviço systematico para a determinação de todos os pontos importantes

do paiz já servidos por linhas telegraphicas, mas, emquanto isto não possa ser feito, a dos cinco pontos acima especificados seria o melhor serviço deste genero que as repartições competentes poderiam prestar ao paiz. Nestes ultimos annos algumas dezenas de pontos teem sido assim determinadas pelo Observatorio Astronomico e pela Repartição dos Telegraphos, e seria muito conveniente continuar e estender este serviço.

Ainda quando tenham havido determinações de coordenadas, estas nem sempre teem sido aproveitada com a devida precisão na confecção de mappas, e em diversas occasiões se verifica que trabalhos escriptos e graphicos da mesma origem não concordam entre si. Sempre que fôr possivel, o cartographo deve re correr aos primeiros, não confiando exclusivamente nos ultimos, feitos ás vezes por desenhistas descuidados, e sem a devida fiscalisação por parte dos responsaveis pelo trabalho.

O numero de contribuições pertencentes a este segundo grupo feitas nas tres ultimas decadas, caracterizadas pela fixação da quasi totalidade das fronteiras do paiz e por grande actividade na exploração e construcção de vias de communicação, é tão grande que sómente as mais importantes podem ser mencionadas aqui. Avultam entre ellas as que se referem ao territorio das Missões no sul, do Acre no oeste e do projectado Districto Federal no centro da Republica; aos rios Xingú, Tapajoz, Javary, Juruá, Purús, Paranapanema, Tieté, Paraná, Aguapehy e do Peixe, e aos projectos de linhas telegraphicas e estradas de ferro, através

de sertões mal conhecidos. Entre estes ultimos merecem especial menção, pela sua importancia cartographica, as explorações effectuadas pela Repartição Geral dos Telegraphos e pelas companhias de estrada de ferro S. Paulo e Rio Grande, Noroeste, Mogyana, Oeste de Minas, Victoria a Diamantina e Great Western.

Graças a estas e outras explorações da mesma natureza, o cartographo de hoje dispõe, para traçar o esqueleto de seu mappa, de diversas linhas corridas com instrumentos de precisão, ligando a grande linha topographica do littoral, traçada com soffrivel exactidão nas cartas maritimas, com os grandes sulcos longitudinaes do interior, a saber: os *talwegs* dos rios S. Francisco, Tocantins, Araguaya, Paraná e Paraguay. Além destas, ha tambem diversas linhas, como as da Estrada de Ferro S. Paulo e Rio Grande, e algumas outras, que, correndo no rumo geral de Norte-Sul, ligam entre si varias daquellas linhas transversaes, que em geral correm no rumo de Léste-Oéste.

Alguns destes trabalhos vem acompanhados por mappas que representando, ainda que com caracter de esboço, o territorio atravessado pela linha levantada instrumentalmente, augmentam extraordinariamente o seu valor. Entre estes, merece especial menção o mappa da Companhia Mogyana, da sua zona desde a cidade de Campinas até o rio Araguaya e os mappas confeccionados pelo engenheiro Emilio Schnoor, das regiões atravessadas nos seus estudos para as estradas projectadas de Victoria a Diamantina, Victoria a Bahia e Bahurú a Corumbá.

Nestes tres ultimos annos vieram se ajuntar a este cabedal cartographico novos elementos fornecidos pelas viagens de reconhecimento effectuadas pelo pessoal do Serviço Geologico e Mineralogico, creado em principios de 1907 pelo chorado Presidente Affonso Penna, habilmente secundado pelo esclarecido ex-Ministro da Viação Dr. Miguel Calmon. Este pessoal, em toda a parte em que anda, levanta por processos expeditos os seus caminhos e procura aperfeiçoar, especialmente no sentido da representação topographica, os mappas das regiões percorridas. Assim tem accumulado valiosas contribuições para a melhor representação cartographica de extensas regiões nos sertões dos treze Estados de: Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, Matto Grosso, Minas Geraes, Goyaz, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Ceará, Piauhy, Maranhão, e Pará.

Infelizmente os elementos cartographicos acima enumerados são muito dispersos e em parte ainda inaccessiveis. Nenhum cartographo, por mais que se esforce, póde conseguir reunil-os todos e assim os nossos melhores mappas teem deixado, em uma ou outra parte, de aproveitar certa somma de dados que existem. Seria muito conveniente, e não seria muito dispendioso, crear um archivo cartographico, especialmente incumbido de colleccionar e guardar todo o cabedal cartographico existente e o que vae apparecendo. Dispondo agora a Bibliotheca Nacional de uma installação condigna, não deve ser difficil desenvolver a sua já rica secção cartographica ao ponto de satisfazer este grande *desideratum*.

Em comparação com o que existia antes e que constitue a base da grande maioria dos mappas geraes correntes, as contribuições acima enumeradas formam um valiosissimo cabedal de elementos novos e precisos; mas, comparado com o que é necessario para a confecção de um mappa satisfactorio da Republica, o conjuncto de todos os elementos cartographicos existentes é ainda deploravelmente deficiente.

28 de setembro de 1909.

ORVILLE A. DERBY.

O BRIGADEIRO ALPOYM

PELO

DR. JOSÉ VIEIRA FAZENDA
Bibliothecario do Instituto Historico e Geographico
Brazileiro

O Brigadeiro Alpoym

I

Sob o titulo *Imprensa Regia*, publicou o Sr. coronel Ernesto Senna, no *Jornal do Commercio*, de 13 de maio de 1908, longo e interessante artigo.

Tratando da typographia de Antonio Izidoro da Fonseca e dos trabalhos nella impressos, o operoso escriptor incluiu minuciosa e erudita nota de alto valor bibliographico da lavra do Sr. Dr. José Carlos Rodrigues. Figura no segundo volume (ainda inedito) do catalogo, que vae ser em breve a continuação desse monumento litterario que o illustre Director do *Jornal* ergueu em honra das lettras patrias.

Fazendo o estudo da obra do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoym, « O Exame de Bombeiros », o Dr. Rodrigues provou que este trabalho havia sido impresso, aqui, no Rio de Janeiro.

Ao terminar a importante nota, escreveu com toda a razão as seguintes palavras : « Em todo caso, Alpoym não tem sido honrado por nós, como merece ; os seus importantes e variados trabalhos em nossa Patria dão-lhe direito ao reconhecimento da sua Historia. »

Não importa. Contra a indifferença da posteridade sagrou o nome de Alpoym, o poeta José Basilio da Gama, no seu poema o *Uraguay :*

« Vês o grande Alpoym, este o primeiro
Que entre nós ensinou por que caminho
Se eleva aos céos a curva e grave bomba,
Prenhe de fogo e com que força do alto
Abate os tectos da cidade e lança
Do rôto seio, envolta em fumo, a morte.»

Ha nestes versos sincera divida de gratidão paga pelo poeta ao digno militar a quem foram dedicados. Elles tambem nos dão o traço cavalheiroso do caracter daquelle a quem Gomes Freire deveu a mais franca coadjuvação. Póde-se dizer que Alpoym foi o braço direito do futuro Conde de Bobadella.

Descendente de familia nobre e abastada viu-se na infancia, Basilio da Gama reduzido á pobreza. Amigos e parentes do menino o enviaram para o Rio de Janeiro, recommendado ao illustre brigadeiro, que estivera em Minas. Pois bem, foi o autor do *Exame de Bombeiros* quem matriculou o futuro cantor de *Lindoya* no Collegio dos Jesuitas. Expulsos estes, foi ainda Alpoym quem levou Basilio a cursar as aulas do Seminario de S. José. Foi finalmente Alpoym, quem, com a adjuvação de amigos influentes, conseguiu embarcar José Basilio, afim de se matricular na Universidade de Coimbra.

E quando nada mais restasse dos edificios construidos pelo habil engenheiro, ahi estão os Arcos da Carioca, levantados sob sua immediata inspecção. Do merecimento de suas obras sobre technica militar,

fallam as cartas que lhe foram dirigidas e que, previdente, juntou ao livro *Exame de Bombeiros*. Dellas escolherei a endereçada pelo mestre de Campo André Ribeiro Coutinho, em data de 10 de outubro de 1746.

Escrevendo para os homens de seu tempo, não se lembrou Coutinho de ser mais minucioso. Sua missiva torna-se hoje incomprehensivel e para melhores esclarecimentos carece de commentarios. E' o que intento fazer, com a devida venia dos competentes.

Disse o Mestre de Campo:— « delineou, repartiu e condecorou um palacio nesta cidade para distinctiva residencia dos governadores desta Capitania ».

No local onde está hoje a Repartição dos Telegraphos, antigo Palacio Imperial, e antes Real, funccionava a Casa da Moeda. Para tal construcção os Carmelitas cederam parte de terrenos em frente ao seu Convento. Já em 1710 estava ahi estabelecida a referida Casa. Os prisioneiros francezes feitos pelos Portuguezes no dia 19 de setembro de 1710 foram recolhidos a diversas prisões e alguns delles presos na nova Casa da Moeda. Para morada dos governadores, a metropole mandou comprar, em 1699, as casas da rua Direita, pertencentes ao provedor da Fazenda, Pedro de Souza Pereira.

Por baixo da casa dos governadores funccionava um dos armazens da Alfandega. Gomes Freire chamou a attenção do governo para esse facto, de prejuizo para o commercio. Mostrou que a residencia do governador era impropria para tão importante mister. Obteve demolir a Casa da Moeda e erguer, á foz do mar, o predio a que por lei especial não se podia chamar palacio.

Este titulo só cabia ás residencias régias ou principescas. Alpoym, pois, deu o plano para a construcção da nova casa dos governadores.

E a inscripção, em que figura o nome de Gomes Freire, lá está indicando que a terminação do edificio foi em 1743. Ahi falleceu Freire em 1 de janeiro de 1763, tendo por successor o governo trino do Bispo D. Frei Antonio do Desterro, o Chanceller Castello Branco e mais o Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoym, que do Sargento-Mór Conde de Bobadella fôra, como se diria em linguagem moderna, o verdadeiro secretario das Obras Publicas.

« Na das Minas, continúa Ribeyro Coutinho, fundamentou, erigiu, enobreceu e (como doutissimo engenheiro, fortificou outro (palacio), em Villa Rica, para o seguro descanço do Governo e tribunaes daquelle dominio. »

Em 1735, estava Gomes Freire em Minas. Na cidade de Villa Rica não havia residencia decente para os governadores. Freire entendeu mandar fazer um sobrado por 20.000 cruzados, por cima da Casa da Moeda. Regressando ao Rio de Janeiro, suspendeu-se a obra por motivos que não vêm a proposito. Voltando em 38, julgou levar por deante o seu projecto. Mandou subir para Minas, Alpoym e commetteu-lhe a empreza de dar o plano do novo edificio. Em 29 de agosto de 42, Gomes Freire dá ao governo parte do que praticara. Pela carta de 16 de março de 1743, a metropole mandou o seu *placet*. Consta tudo isso das *Publicações* do Archivo Publico, Anno VI, Fasc. II, abril e junho — pag. 569 e seguintes. Dos documentos alli publicados, vê-se que Alpoym deu, em 13 de junho de 41, as bases ou apontamentos para

os diversos arrematantes, que deviam, pois, executar o plano por elle desenhado.

Na referida carta, allude Coutinho á engenhosa *Maquina de querenar os mais corpulentos navios, vencendo com as regras da Estatica as forças da natureza, diminue o peso da materia*, etc. Trata-se do apparelho construido na ilha das Cobras. Tinha o nome de *Paixão*. E é por isso que uma das praias da antiga ilha da Madeira conserva ainda esta denominação. No local foi mais tarde aberta a porta do dique Guanabara. Da *Paixão* falla Pizarro em suas *Memorias*, mandada assentar na referida ilha, por ordem regia de 28 de abril de 1744.

Conforme uma memoria publicada no *Jornal do Commercio*, refere Garcez Palha que ainda em 1873, procedendo-se a excavações, foram encontradas duas grandes manilhas pertencentes ao precitado apparelho.

E quando duvidas pudessem haver sobre o assumpto, ahi está a provisão de 12 de abril de 1747. A metropole mandava o governador do Rio de Janeiro informar « o requerimento do coronel Alpoym, que pretendia para poder metter duas filhas freiras, se lhe désse por seis annos o rendimento da machina que fez na ilha das Cobras para carenar navios.» (*Pub*. do Arch. Nac. V. 1°, pag. 488).

Nos ultimos trechos da carta do Mestre de Campo Ribeyro Coutinho ha referencias «ao magnifico Pantheon (segunda vez consagrado á Virgem Nossa Senhora) para virtuoso claustro de Religiosas Franciscanas, ao real hospicio dos R.R. P.P. Missionarios Italianos, e ao tão nobre como dilatado edificio com que o generoso animo de An-

tonio Telles da Silva quiz concorrer para a regular symetria da praça militar forense desta cidade ». Tratase aqui dos predios comprehendidos entre a rua do Mercado e o actual Hotel de França. Pertenceram aos Telles de Menezes, antigos proprietarios da ilha do Bom Jesus.

Nesta illustre familia era privativo o cargo de juiz dos orphãos. Dahi o nome antigo de Arco do Telles, em uma de cujas paredes era venerada N. S. dos Prazeres, ora em Santo Antonio dos Pobres. Estas casas, si me não falha a memoria, pertencem hoje ao barão da Taquara, descendente dos Telles de Menezes. Quanto a estes, póde-se com vantagem consultar a memoria do conego Costa Honorato, sobre o *Asylo dos Invalidos da Patria.*

Habitaram os Capuchinhos Italianos diversas ermidas. Em 23 de outubro de 1738, concedeu-lhes o governo terreno para, á custa do erario regio, construirem casa propria. O local escolhido foi o em que está o quartel policial. Encetadas as obras sob o plano de Alpoym, ficaram concluidas em 1742. No dia da posse, dada pelo provedor da Fazenda Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, assistiram ao acto Gomes Freire, muitas pessoas gradas, entre ellas o illustre Alpoym. Na capella desta casa religiosa dedicada á Nossa Senhora da Oliveira, foi sepultado o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva. Tinha tantas commodidades o convento, que nelle estiveram os Carmelitas desde 1808 a 1810. Na cerca do hospicio, segundo é fama, foram plantados os primeiros grãos d ecafé.

Resta-nos falar do *Pantheon.* Seria longo enumerar aqui as peripecias por que passou a fundação do

convento d'Ajuda. Tantos foram os embaraços suscitados pelo Conselho Ultramarino e pelo Cabido. Bastará saber que a segunda pedra fundamental foi lançada pelo Bispo D. Frei João da Cruz, em 1742, sendo a planta levantada por Alpoym.

Pararam as obras até que D. Frei Antonio do Desterro as mandou continuar. Dellas ainda foi encarregado Alpoym.

Em 21 de novembro de 1749, chegaram da Bahia as freiras que vinham iniciar a vida conventual e ensinar as noviças. Governava interinamente Mathias Coelho de Souza.

Ao encontro das religiosas, cujo navio foi saudado pelos tiros das fortalezas, mandou Mathias: seu filho, o Capitão Paulo Caetano, o Juiz de Fóra Luiz Antonio Rosado da Cunha e tambem o Brigadeiro Alpoym.

Hospedaram-se as religiosas no Hospicio de Jerusalém. De tudo quanto se passou até o dia da inauguração do convento, dão minuciosas noticias duas relações ou memorias escriptas: uma por Francisco de Almeida Jordão e outra por Frei Manoel de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Andam ellas annexas ao livro do Tombo da Ajuda, cujas escripturas foram restauradas pelo tabellião Pedro Evangelista de Castro, no tempo em que foi capellão do convento o fallecido Monsenhor Eduardo Christão de Carvalho Rodrigues, de boa e saudosa memoria.

Frei Manoel declara positivamente ter sido autor do plano do convento o brigadeiro Alpoym. A casa claustral até hoje ficou incompleta. A planta de Alpoym marcava um vasto quadrilatero de 800 pés

geometricos, em cujos angulos se notavam quatro torreões.

Foi Alpoym quem desenhou o antigo chafariz da hoje praça 15 de Novembro, mandado construir por Bobadella. Situado no centro do largo, foi mais tarde removido por Luiz de Vasconcellos, dando-lhe nova fórma. Do primeiro, nos falla o astronomo Lacaille, quando aqui esteve em 1752.

Da pericia, actividade e economia de Alpoym, encontram-se provas no Archivo Nacional e no Instituto Historico. Reclamou o Bispo a reconstrucção do palacio da Conceição. Ora, haviam-se lançado os alicerces da nova Sé, no largo depois de S. Francisco de Paula. Alpoym foi de opinião que se demolisse a residencia dos diocesanos para dar mais extensão á fortaleza. Haveria menor gasto em se edificar o palacio junto da nova Sé, onde o Bispo ficaria melhor accommodado. Não prevaleceu o voto do habil engenheiro.

O mesmo aconteceu com os canos que deveriam conduzir a agua ás fontes projectadas em 1749. Alpoym os queria feitos com materiaes das nossas pedreiras. Entendeu a metropole mandal-os vir de Portugal e encarregar Carlos Mardel do risco dos conductores, bem como da propria fonte do largo do Carmo.

Allegavam os governantes: « o risco de Alpoym, além de não ser de *tão bom gosto* como se poderá fazer nesta Côrte (Lisboa), é de obra muito mais miuda do que convém para uso dos negros, que brevemente a destruirão»! Feio e forte é o que se queria. Demais, era preciso dar preferencia ao engenheiro de lá...

E' bom saber: José Fernandes Pinto Alpoym nasceu

na colonia do Sacramento em 1698, quando esta pertencia aos dominios portuguezes, na America do Sul. Quem nol-o diz é José Arthur Montenegro, em nota da sua edição do *Uraguay*, feita em Pelotas, no anno de 1900.

II

Pela carta régia de 15 de janeiro de 1699, mandou a metropole estabelecer no Rio de Janeiro uma aula de fortificação. Aos alumnos que a frequentassem seriam abonados 50 réis diarios. Quando os *aulistas* eram militares, além do soldo, tinham tambem direito aos 50 réis. Não eram admittidos menores de 18 annos.

No fim de dezembro, havia exames e expulsos os que dessem provas de pouca applicação.

Que tal aula funccionou, prova a concessão, feita por um antigo governador, de terrenos junto aos armazens da Junta do Commercio (local onde está hoje a Secretaria de Marinha).

Alli seria estabelecida a referida aula, bem como a casa para residencia do respectivo professor.

Entretanto, o governo, não contente, em 19 de agosto de 1738, reformou a aula de artilharia, annexando-lhe outra, a de *fogos artificiaes*, como então se dizia. Para *mestre* foi nomeado Alpoym, promovido a sargento-mór, por ordem régia da mesma data. Pretende Antonio Duarte Nunes, no seu Almanack de 1799, que o escolhido tivesse vindo de Lisboa. Não creio.

Parece antes, fosse o precitado official, um dos mais bellos fructos da instituição, inicio da nossa Academia

Militar e melhorada no tempo do conde de Rezende. Refere ainda Nunes que Alpoym teve por successor Eusebio Antonio Ribeiro, a quem succedeu Antonio Joaquim de Oliveira. Parece-me, salvo erro, que Ribeiro occupou o logar de lente, como substituto, nas longas commissões em que serviu Alpoym. Oliveira, sim, veio do Reino, com o cadete Antonio Pimentel, para servirem na já citada aula. E' prova desse facto a provisão de 18 de setembro de 1766.

Si, em 1738, Gomes Freire manda chamar Alpoym para Minas, é signal de que a nomeação de lente foi por este recebida, aqui, no Rio de Janeiro.

Foi ainda nesta cidade que elle, por determinação régia, foi promovido a tenente de Mestre de Campo General (23 de setembro de 1745) e mais tarde a Brigadeiro (21 de agosto de 1760).

Em 42 (10 de março), o encontro assignando como testemunha o acto de homenagem de Francisco Pereira Leal, como commandante da Fortaleza de S. João. Em 19 de setembro de 45, figura ainda como testemunha no auto de Aniceto da Cunha Castello Branco, pela cidade de Cabo Frio. Em 25 de julho, no auto de José de Oliveira, pelo governo da ilha das Cobras. Em 26 de março de 50, no auto de Francisco Antunes de Leão, pelo governo da villa de Santo Antonio de Sá. Nesse mesmo anno, em 9 de maio, no auto de Francisco Carvalho da Cunha Amaral, pelo governo da villa de Nossa Senhora dos Remedios de Paraty. Em 51, no auto (19 de abril) de Martim Corrêa de Sá, pela Alcaidaria-Mór do Rio de Janeiro. Em 1760, 62, ainda como testemunha em outros documentos de homenagem, os quaes todos podem ser

lidos no volume VII das *Publicações* do Archivo Publico Nacional (1907).

A phase, porém, mais brilhante da vida de Alpoym passou-a elle na guerra das Missões, acompanhando, de 1752 a 58, todas as peripecias da campanha. São bem conhecidos os motivos pelos quaes Gomes Freire de Andrada teve de partir para o Sul, onde se demorou por tantos annos. Lá mostrou Alpoym os seus merecimentos militares e seus talentos, como artilheiro, na difficil arte da guerra.

Em 19 de fevereiro de 1752, a bordo da náo *Lampadosa*, partiu Gomes, levando em sua companhia o lente da Academia Militar. Ao lado do governador, mais tarde conde de Bobadella, militou com gloria José Fernandes Pinto Alpoym. Ambos só regressaram ao Rio em 20 de abril de 59. Constam estes factos do «Diario da Expedição», escripto pelo capitão Jacintho Rodrigues da Cunha, e impresso na *Revista* do Instituto Historico, vol. XVI, da correspondencia de Gomes Freire e das extensas notas accrescentadas por Montenegro, na edição do poema de Basilio da Gama e de diversas memorias citadas pelo visconde de Porto-Seguro.

Para provar o alto conceito em que era tido pela metropole o brigadeiro Alpoym, está ahi a carta régia de 4 de novembro de 1758. Eis o facto : prevendo o governo o fallecimento de Bobadella, estabeleceu o modo de successão deste. Fallecendo em 1 de janeiro de 1763 o benemerito Gomes Freire, foi aberta no convento dos Carmelitas a *via de successão*. Nella eram escolhidos, como já vimos, D. Frei Antonio do Desterro, o chanceller Castello Branco e o brigadeiro Alpoym. O bispo mudou-

se para a casa dos governadores e com os dois companheiros occuparam a governação até outubro, quando aqui chegou o Conde da Cunha, que tomou posse no dia 19 do referido mez. Os tres muitos serviços prestaram.

Cunha escolheu Castello Branco e Alpoym para adjuntos ao despacho dos negocios do Estado. Esta deliberação foi approvada pela ordem régia de 31 de janeiro de 1765.

Na extensa lista dos Provedores da Santa Casa de Misericordia occupa logar saliente o Brigadeiro Alpoym. Serviu de 1761 a 63. Os lazeres dos arduos encargos de sua profissão dedicava-os elle a cuidar dos pobres, dos desamparados, dos orphãos desvalidos e dos enjeitados. No primeiro livro de entradas de irmãos, aberto em 1 de agosto de 1671, por Thomé Corrêa de Alvarenga, li em muitos termos a assignatura do operoso autor do *Exame de Bombeiros*.

Em 3 de abril de 1763, authenticava a admissão de seu proprio filho José Fernandes.

E, coisa curiosa, nesse livro não existem os termos referentes a muitos individuos que occupavam, na benemerita instituição, altos cargos, incluindo Bobadella e o proprio Alpoym. De outros de menor importancia constam a naturalidade, os nomes dos paes, a residencia, e em notas á margem, o dia do fallecimento.

Conforme diz Montenegro, na já citada edição do *Uraguay*, Alpoym falleceu em 1770, com 78 annos de idade. Si esta data é certa, o coração paterno do Brigadeiro foi batido por fortes desgostos. Viu seu filho Vasco envolvido em uma sedição de que era chefe José Pereira de Castro, conforme consta da carta de 22 de julho de

1766, pela qual o governo louvava o zelo e cuidado do Vice Rei, Conde da Cunha, na prisão daquelles delinquentes. Vasco falleceu em um naufragio, vindo do Sul. A' sua memoria, Basilio da Gama, em seu poema, consagra sentidos versos.

De José Alpoym (Junior) queixava-se amargamente o Conde da Cunha. Dizia que este official fôra com licença do governo interino ao Reino buscar uma irmã, com o fim de casar aqui com Joaquim José Ribeiro. Em Portugal, demorára-se, infringindo as regras da disciplina. Que o rei o retivesse por lá, onde mais vigiado poderia ser, melhor do que no Rio de Janeiro!

Não o queria para ajudante de ordens.

Nesta queixa, lembro-me bem, o Conde da Cunha disse claramente — Vossa Magestade sabe quanto tem sido ingrata esta gente dos Alpoyms para com o Conde de Bobadella, seu bemfeitor!!

Entretanto, existe, nesta cidade, illustre cavalheiro cujo nome não devo citar. Garantiu-me ser descendente de Bobadella e de Alpoym, pois este fôra casado com uma filha natural do primeiro.

Da hombridade do brigadeiro Alpoym, encontro prova na provisão (1745), em que o governo mandava estranhar o procedimento do mesmo Alpoym, então sargento-mór, por não ir medir a pedraria vinda de Lisboa para a obra da Carioca, conforme lhe ordenára o Provedor da Fazenda Real. Naturalmente, tendo-se visto preterido por engenheiro, que, de longe, mal calculava o que elle, *de visu*, aqui observara, não quiz passar pela humilhação de approvar acto que ia de encontro aos seus meritos de abalizado profissional.

Escrevendo estas achegas, colhidas ás pressas, foi meu intento fornecer dados biographicos a quem pretenda levantar do olvido a memoria do brigadeiro Fernandes Alpoym, em cuja vida ainda ha pontos obscuros. Falleceu aqui ou em Portugal? Teria pedido sua reforma, á vista da injustiça do Conde da Cunha?

Em todo caso, o illustre Dr. José Carlos Rodrigues, em boa hora, protestou contra a indifferença nossa para com o homem que, primeiro, no Brazil, fez imprimir trabalho de importancia. As opiniões de grande valia apresentadas pelo director do *Jornal do Commercio* têm todas cunho de verdade. Tenho tambem para mim, *data venia*, que o *Exame de Bombeiros* foi impresso no Rio de Janeiro, na mesma officina de Antonio Izidoro da Fonseca, de onde sahiu a *Relação da Entrada do Bispo do Desterro*, em 1 de janeiro de 1747, e escripta pelo Dr. Luiz Antonio Rozado da Cunha, magistrado muito religioso. Dessa officina tambem, creio, sahiram os outros folhetos de que trata o Sr. Dr. Rodrigues. Ora, a prohibição da imprensa, por parte do governo, é de 6 de julho de 1747, segundo as *Publicações* do Archivo Publico ou 6 de maio, segundo o Tomo 47 da *Revista* do Instituto. Quando aqui chegou a ordem, já a *Relação* estava impressa, talvez em fevereiro ou março. Mais tardias foram, talvez, as outras publicações encomiasticas e por isso se occultaram nellas a indicação do local e do editor.

Em poder dos Jesuitas existe um lenço de seda em que estão impressas theses philosophicas sustentadas no Collegio do Rio de Janeiro. Conversando eu com o douto e illustre historiador padre mestre Galanti, da Compa-

nhia de Jesus, garantiu-me que este trabalho typographico era tambem de Izidoro da Fonseca. Notam-se até, referia-me o erudito sacerdote, falha de letras, o que indica falta de typos. Mezes depois o Padre Galanti enviava ao Instituto Historico um caderno, onde estavam fielmente copiadas as referidas theses. Tal cópia existe no Archivo do Instituto, com uma nota da minha lavra, explicando a acquisição desse precioso favor.

Com muito fundamento, disse o Sr. Dr. Rodrigues que a impressão do *Exame de Bombeiros* foi feita no Rio, em junho ou julho de 1747. Ora, o *Exame* havia obtído as licenças : do Santo Officio, a 17 e 18 de março, do Ordinario a 6 e 10 de abril e do Paço a 18 de abril, tudo de 1747.

Parece que a metropole se arrependeu destas licenças (era isto muito commum), promulgando o decreto de julho ou mesmo maio. Quando aqui chegou a prohibição, parece que já o livro estivesse impresso. Com o consentimento talvez de Gomes Freire, substituiu-se a folha de rosto, e o que fôra feito, no Rio de Janeiro, passou a figurar como impresso em Madrid, em 1748, *en la officina de Martinezab*. Este mesmo nome está errado. Conforme opinião do Dr. Moreira de Azevedo, devia ter sido escripto *Martinez Abad*.

Garante Montenegro que em uma das estampas existe a palavra Rio de Janeiro. Claudicou. Como bem disse o Dr. Rodrigues, e foi por mim verificado, apenas na II e IX estampa vem o nome do gravador Chaves, naturalmente artista portuguez.

Iriam exemplares do *Exame* para Portugal ? Parece que não ; pois Barbosa Machado nisso não falla.

Conhecida a fraude, consentiria o atrabiliario Conde da Cunha servisse esse livro de compendio aos militares da capital da colonia ?

Questões desta natureza exigem tempo e paciencia. Já os perdi, procurando lobrigar a personalidade de Antonio Izidoro da Fonseca e o local de sua typographia. Quem sabe si não funccionou ella nas lojas da propria casa de Bobadella ?

Daqui a pouco tempo ainda muito se fallará em Bobadella, Izidoro da Fonseca e no brigadeiro Alpoym. Depois, tudo ficará como dantes ? Não. Ha de salval-os perpetuamente do ostracismo o livro do Dr. José Carlos Rodrigues, anciosamente esperado por todos quantos veneração prestam ás velhas tradições da nossa terra.

OS MALÊS

PELO

PADRE ETIENNE IGNACE BRAZIL

PREFACIO

Os artigos que hoje novamente sáem a lume appareceram já estampados na conceituada revista *Anthropos* (1) de Vienna (Austria) (2), sendo mesmo uma de suas partes vertida em portuguez, na *Revista* do Instituto Geographico e Historico da Bahia (3).

A presente monographia, entrementes, póde ser appellidada *nova*.

Accrescentei, pois, innumeros dados, encontrados no Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro, entresachei muitas notas, e refundi tudo, com importantes retoques.

Eis ahi, portanto, o primeiro motivo que me impelle a reeditar, com maiores desenvolvimentos, o que era apenas um primitivo esboço.

Benevolas e obsequiosas instancias me conjuraram a reimprimir essas folhas soltas, apezar de sua apoucada ou quasi nenhuma valia.

O presente trabalho, pois, é uma pagina incognita da historia patria, mysterioso como era, até agora, o perfido levante de 1835, tal o enigma da esphinge egypcia.

---

(1) *Anthropos*, Band IV, heft 1, 1909, janeiro-fevereiro, 99-106; e band IV, heft 2, 1909, março-abril, 405-416.

(2) A Austria é o paiz que melhór estudou até hoje a ethnographia do Brazil: facto evidenciado no 16º Congresso dos Americanistas em Vienna. O Museu da capital da Austria, por suas collecções brazileiras, é o mais rico e o mais completo dos repositorios ethnographicos do mundo, que dizem respeito á America do Sul.

(3) 1909, n. 33, p. 129—150.

Os historiographos não atinaram com o movel *religioso* da conspiração, nem com a sua tremenda importancia.

Os revoltosos da Bahia tinham, com effeito, ramificações e intelligencias nas outras provincias.

Sobre isto, acontecimentos recentes põem em relevo as tramas machinadas pelos Malês. Ainda ha breves mezes, pereceram em Adana alcance de 30.000 christãos, sacrificados pela cimitarra musulmana ás exigencias do feroz *Allah*, sem se falar da carnificina de 300.000 Armenios, nos annos 1895 e 1896.

Após factos taes, não é custoso acreditar que a população branca da Bahia escapasse dest'arte a uma horrorosa matança.

Sequiosas de vingança e, quaes abutres, sedentas de sangue, eram as alharcas negras. A luta renhida, que amoucas sustentaram, evidencia que se tinham apostado a morrer pelos crescentes mahometanos.

De todas as barbaridades são capazes os sequazes daquelle sinistro epileptico de Mafoma.

Felizmente para o genero humano, o Islamismo inelutavelmente mallograr-se-á: a civilização já rompeu as portas da Turquia e da Persia; e a luz será a sepultura do tenebroso Mafomismo.

Quanto á religião dos Malês do Brazil, cumpre notal-o, é ella uma seita particular e não ainda descripta. Apenas João do Rio (Paulo Barreto) lhe consagrou poucas paginas (*As Religiões no Rio*, 1904, pag. 10-13). Mas a exposição do referido jornalista é alcatifada de desacertos, por ser o autor bisonho demais nos methodos scientificos.

Ahi vae um esboço assaz completo da dita seita alcoranista.

Ao distincto Instituto Historico e Geografico Brazileiro offereço este modesto contingente, com que penso contribuir para o progresso da historia nacional e serviço de nossa amada e bem fadada patria.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1909.

Etienne Ignace Brazil

Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro Vol. 72 LXXII 1909 Parte II

Os Malês

INTRODUCÇÃO

Os navios negreiros, utilizados no trafico dos escravos, importaram, da costa occidental do Continente Negro, chusmas de mahometanos, e as distribuiram entre as tres inclitas metropoles do antigo Brazil: Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco.

Esses sequazes de Mafoma se intitulam de *Musulmis*; os seus congeneres fetichistas, porém, os apontam com o nome de Malês (1), e a ultima appellação prevaleceu na Bahia.

Mas, nem por isso, na Capital Federal todos os Alcoranistas são *Alufás* (doutores) (2), a despeito do asserto do Sr. Paulo Barreto. Todos, pelo contrario, se contentam com o nome generico de «Musulmis».

---

(1) A voz *Malê* é de etymologia duvidosa. Na terra dos negros de Quelimano, «Mali» significa pedagogo. Os habitantes da bacia da Gambia, por seu turno, se denominam Mali'nkê, que vem a ser o mesmo que subditos do imperio Mali. Quanto á hypothese de *má lei* (em portuguez) não tem sinão fundamentos pueris.

A indigitada derivação, no emtanto, não de todo é impossivel; é, pois, a do vulgo.

E por cima, é mui engolativa. Acertadamente o epitheto se adjectiva com a religião mais infame que brotou de um cerebro humano.

Má lei: «se non è vero, è bene trovato».

(2) João do Rio (pseudonymo de Paulo Barreto), *As Religiões no Rio*, Rio de Janeiro, Garnier, 1904, p. 10, resvala num desacerto notavel, outorgando aos Mahometanos a lisonjeira appellação de «Alufás».

Ignora, talvez, o distincto jornalista que o referido termo significa «doutor» ou «theologo». E não mais «Alufás» são todos os Musulmis que doutores todos os cidadãos de um paiz.

No Brazil, os sequazes do impostor arabe pertencem a varias nações da Africa, entre as quaes se abalizam os Haussas (3) e os Nagôs. Além desses, se devem declinar os Tapas, os Gêgês, os Grumas, os Bornos, os Cabindas, os Barbas, os Minas, os Calabares, os Jabús, os Mondubis, os Benims, etc...

A nação negra dos Haussas, a principio, e depois a dos Nagôs, formaram um avultado e turbulento grupo, originando, por momentos, alvorotos e sedições : e entre essas a mais grave foi a tristemente celebre de 24 para 25 de janeiro de 1835.

Cumpre notar, entrementes, que hoje em dia o numero dos Malês baixa cada vez mais — facto explicavel pelo desapparecimento progressivo dos Africanos puros, como tambem pela impossibilidade de uma religião rasteira e immoral manter-se num meio civilizado, como é a inclita patria brazileira. Em toda a União federal apenas se póde cifral-os á cousa de algumas centenas.

De engenho bronco, imbuidos em necedades e pequices, os Malês são inchados de insulsa soberba. São fartos de odio contra os brancos e os christãos. Com uma ignorancia crassa e demasiada, agarram-se, por contencioso fanatismo, a umas desenxabidas praticas.

Preferem, para a sua morada, as agglomerações pretas; e formam desse modo umas como alfamas. Sirvam de exemplo, na Bahia, o Taboão e no Rio de Janeiro, as das ruas de S. Diogo, Barão de S. Felix, Hospicio, Nuncio, America, etc...

---

(3) Ainda hoje, nas margens da Benué (Nigeria), os centros mais importantes são haussas.

Os Musulmis falam, quasi todos, na Bahia, o nagô. Nos tempos idos, não de todo ignoravam o arabe. Mas, presentemente, a lingua do Alcorão não é mais entendida, nem pelos «imans» ou marabutos siquer. Pelo que se torna necessario recorrer a traducções em portuguez (lingua «profana»). A livraria Laemmert, comtudo, vende e por preços pouco engodativos, livros em arabe.

No tocante á escriptura, cumpre notar que os Malês sóem usar as fórmas ditas *orientaes*, bem como as *barbarescas* ou *mouriscas*. Para transcreverem o Alcorão, costumam empregar o *k'lem*, de canniço commum (*arundo donax*) ou de canniço chamado *bambusia scriptoria*.

A vida domestica e social dos Musulmis não discrepa muito das usanças dos outros negros. Eis ahi por que sómente as suas religiosidades merecem um capitulo especial.

E isso será o alvo das seguintes paginas.

Importa, porém, fazermos préviamente alguns reparos acerca da origem africana dos circumcisos do Brazil.

Sabe-se que, desde muito, o islamismo invadiu a Africa; uma desenfreada propaganda, em nossos dias, envida esforços para augmentar o patrimonio dos califas.

Assim reina o «crescente» sobre os Mandingos da Cazamança e os Onolofs do Senegal. No Sudão (em Bamako), no Sokoto, no Bornú e Kano predomina ainda o mafomismo. Do Norte para Leste, a influencia «alcoranista» ameaça a raça *Bantu'*.

Não raro é, na Africa, encontrar uma povoação musulmana no seio de tribus fetichistas: haja vista

a aldêa de Kiniam (na boca do rio Niger), que se nos depara um verdadeiro ilhote mahometano, cercado de *impuros* idolatras.

Certas aldêas da Abyssinia não passam de mesclas de christãos com musulmanos e fetichistas.

Por fim, os Antaimoros de Farafangana (na ilha Madagascar) se alistaram tambem nas fileiras dos sequazes de Mafoma.

A presente monographia não parece mui indigna da benevolencia do leitor: é, pois, uma lauda original e autonoma.

A sua unica fonte consistiu nas pesquizas pessoaes, no interrogatorio dos «imans» e nos documentos archivados na Bahia e no Rio de Janeiro.

Verdade é que o Sr. Paulo Barreto faz referencias aos Malês: mas, diremol-o sem rebuço, são essas incompletas e fartas de erros (4).

---

(4) Peço venia ao illustre collega de imprensa. Possa eu indicar-lhe aqui, de caminho, os desacertos mais notaveis, para que S. Ex. os emende em nova edição:

1º.), P. 10. «Os Alufás têm um rito diverso». — Não se trata meramente de um *rito*; sinão de uma *religião*, de todo diversa do fetichismo negro.

2º.) Engana-se de pleno quem julga que a denominação generica da oração é «kisium»; pois, é «salah».

3º.) Rezam os Musulmis não só de manhã e á tarde, mas ainda tres vezes por dia.

4º.) Não posso deixar á margem um asserto deste jaez: fazendo o *aluma gariba* quando o crescente lunar apparecia no cèo». (p. 11) A alludida oração não é mensal, mas quotidiana.

5º.) A «filá» dos Malês não é sempre vermelha; é facultativo escolher qualquer das côres; deve-se, comtudo, exceptuar a preta.

6º.) O «tessuba» não se reza sempre de noite; póde-se murmurar essas ladainhas até *meridiana in luce*.

7º.) Ignoro em que fundamentos se basêa o Sr. P. B., quando escreve: «depois do *assumy* não ha festa mais importante como a do *ramadan*.

Ora, o *assumy* não é outro senão o proprio *ramadan* dos Arabes. Além disso, esse tempo não é de festa, mas de jejum.

Ao demais, a quaresma dos Mafomistas não tem um decurso de

CAPITULO I

THEOLOGIA DOS MALÊS

Eis um rascunho fugitivo das doutrinas dos Musulmis.

Achamo-nos em presença de um islamismo manchado de fetichismo e esteiado no mysticismo.

As misturas, em materia de religião, são inevitaveis. E nem o fanatismo alcoranista, siquer, é bastante para superar em força a corrente irresistivel da *influencia do meio*. Assim, em Salonica, ha uma seita judeu-musulmana, bem como em Tamentil (Sahara), cujos habitantes são os *Mahadjerias*.

As proprias nações barbarescas têm usanças que se não adjectivam com o codigo de Mafoma.

A religião dos Malês constitue uma verdadeira seita que se deve accrescentar ás 73 principaes fracções do Islam (5).

Posto isso, mui curioso será conhecer as particula-

---

40 dias consecutivos. Jejuam os Malês 30 di as, descansam 60 dias, e finalmente fazem uma ultima penitencia de 10 dias.

8º.) O *lemano* dá na mesma que o *iman*. E os marabutos não são todos «bispos»; os mais d'elles são simples «sacerdotes».

9º.) Emfim, os *sagabanos* não são «immediatos de juizes». São os «imans», no acto de cumprir as funcções sagradas, e, os «*celebrantes*».

(5) Sabe-se que uma scisão dividiu os Mahometanos em dois ramos oppostos: os *Sunitas* e os *Chüitas*.

Succedeu com os Alcoranistas o mesmo que se deu, em tempo subsequente, com o judaismo o o christianismo: os que exclusivamente admittem a Biblia e os que accrescentam ás Escripturas a Tradição: Caraitas e Talmudistas; Protestantes e Tradicionalistas.

A significativa abundancia do titulo de *iman*, além de outros indicios, constitue uma prova irrefutavel que os Malês se amalgamam ao partido sunita da «tradição», ao envez dos *Chüitas*, pois, os Malês gratificam todos os sacerdotes com o nome de *iman*. Os rijos fieis da Persia reservam o appellido ineffavel para tal personagem, que acreditavam gozar de dotes espirituaes e temporaes; reconhecem sómente doze *imans*, dos quaes o ultimo foi refugado da terra pela perversidade dos homens, mas que haveria de renascer. (Põe bem sentido, ó espirita!).

ridades dos Mahometanos aqui da America do Sul embora a acção corrosiva do meio adulterasse a pureza da fé mafomista.

Importa agora, como é dever nosso, passar em revista os varios pontos de seus dictames.

I) *Theodicéa*.—« Deus é uno.

E' eterno.

Nunca gerou e nunca foi gerado.»

« Elle é sem igual». (Alcorão, surato 112).

Esse «surato» ou capitulo é firmemente professado nos patuás dos negros. Deus creou tudo: o céo, o inferno e a terra; os anjos, os homens e os animaes.

Mas é rigorosamente vedado fazer-lhe imagens, erguer-lhe estatuas: « a Lei » o prohibe.

Deus é omnipresente; conhece tudo; e, no emtanto, ninguem sabe onde elle está.

Sómente a elle adoração póde ser tributada; e ninguem, a não ser elle, poderá receber as rezas dos homens.

Os Malês têm em grande apreço os patuás, pelo que seria um escandalo, capaz de provocar as lamurias de Mafoma, sahir ás ruas sem a poderosa *tiá* (oração supersticiosa).

Durante a negregada revolta de 1835, todos os insurgidos estavam munidos dessa arma tão valiosa, que os devia defender contra a morte, — o que se realizou ao pé da letra: foram, pois, quasi todos chacinados!

Mas, nem com essa amarga experiencia se inquietaram esses fatalistas, attribuindo o alludido azar á vontade de Deus. O patuá póde paralysar os braços dos homens; não, porém, os do Todo-Poderoso, que supera qualquer cadeia.

Ao demais. Apezar da terminante prohibição do Alcorão, os Alufás se entregam á magia e ao fetichismo.

II. Angelogia—Os anjos são os servidores de Deus; incalculavel é o seu numero. Existe, comtudo, uma verdadeira jerarchia entre elles. Gabriel se acha no auge da escala.

Todos têm um corpo material, enfeitado de grandes azas; mas para percebel-os com os olhos da carne, é mister chegar a um eminente gráo de santidade.

Escusamos declinar os nomes de todos os espiritos celestes. Estes poucos bastarão: *Asrailo*, o anjo exterminador, cujo officio é matar os homens, desfazendo todas as peças do corpo vivo; *Dribila, Mikaeilo, Asraphilo, Abudulaï*...

Muitos decahiram: são elles os demonios chefiados por *Satanadjah*.

Esse espirito, sobremodo intelligente embora, por ter renitido ás ordens de Deus, foi precipitado nas chammas do inferno.

E não posso resistir ao desejo de transcrever o comico acontecimento, para recreio do leitor.

Acabada a obra de suas mãos, ordenou o Creador apparecessem todos os anjos perante a face do seu augusto solio.

—«D'ora avante, preceituou-lhes, tendes que servir o homem.»

—«Que»! replicou de continuo o soberbo Satanadjah. «Nunca aviltar-me-ei deante um masso de lodo!»

—«Então, tornou a falar Deus, lanço-te no inferno.»

—«Desde muito, esperava isso com ardente anhelo: era o unico azo dos meus desejos; impaciente era

de esperar o fatal desfecho», retrucou, com despeito Satanadjah.

III. Anthropologia—O homem é constituido de alma e de corpo; a sua substancia carnal não passa da conglutinação da triplice materia: celestial, terrena, infernal. E assim Adão foi creado, e o collocou Deus no paraiso terreal, alcatifado de arvores fructiferas.

E' essa, aliás, a historia da formação do homem: contos de velha, phantasticos!

Ahi vae na sua integra a alludida fabula, algo comica.

Em moldando o esqueleto humano, careceu de barro, o Creador. Enviou, portanto, o mensageiro Abudulaï, para que trouxesse um quasi nada de lodo *terreno*. Dito e feito, seguiu o anjo.

Mas ao metter as mãos na terra, essa supplicou: «Em nome de Deus, deixa-me»! Abudulaï não soube renitir aos rogos, e voltou com as mãos vazias. Allah, então, deputou, successiva e baldadamente, Dribila, Mikaeilo, Asraphilo... A final mandou Gabriel; e desta feita, o enviado foi inflexivel, pelo que o «Padre Eterno» o recompensou.

Em seguida, ordenou Deus que se trouxesse barro celeste.

Por fim, exigiu Deus a presença de Satanadjah. Esse, no mesmo instante, apresentou-se; estava, porém, de todo desmazelado.

O estatuario mestre intimou-lhe trouxesse um pouco de barro infernal.

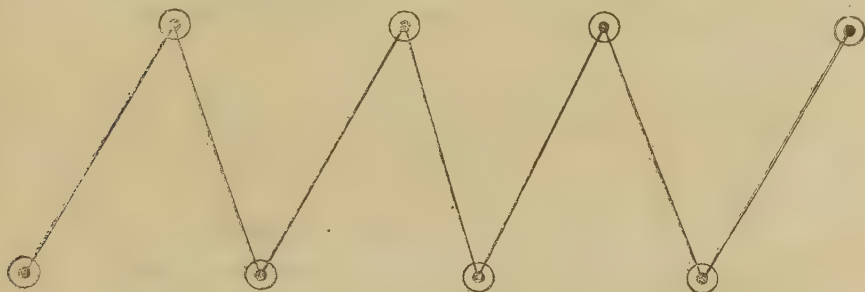
Em quanto ia, porém, o mui perspicaz Satanadjah atinou com o plano de Deus e o propalou.

Allah, para levar a sua obra a cabo, amalgamou as tres substancias. Feito isto, soprou (6) nas ventas de Ádão o «*spiraculum vitæ*».

A insufflação, porém, foi demasiadamente forte. Adão não a supportou e começou a espirrar. Mas Deus acudiu e o poz fóra de perigo.

Em memoria dessa façanha, os Malês costumam responder a qualquer espirro: «Deus te salve»!

IV. Eschatologia—Tudo acabará: os céus e a terra têm que desapparecer. Os homens tambem, todos, devem perecer: nenhum escapará ao braço exterminador de Asrailo.

Após a morte, deverão atravessar a ponte *Assarati*, mais estreita e afiada do que o gume de uma espada.

Esse apparelho de gymnastica é formado por uma linha quebrada de 7 rectas e 6 angulos. Os vertices dos

---

(6) Os antigos e ainda hoje os «primitivos» collocam o principio vital ou no sangue, ou no sopro, ou na menina dos olhos. Na Biblia até, a unica voz *nefes* significa *sopro* e *ser vivo*.

Temos, aliás, no IV livro dos Reis (IV, 34) uma narração que tem um quê de comico. Quando chamaram o propheta Eliseu para resuscitar o menino morto, de que se trata nesse excerpto biblico, Eliseu «deitou-se sobre o menino; e poz a sua bocca sobre a bocca delle, e «os seus olhos sobre os olhos delle, e as suas mãos sobre as mãos delle... «o menino bocejou sete vezes e abriu os olhos».

angulos, bem como os pontos *terminus* são guardados por anjos.

As almas poderão passar pelo *Assarati* com maior ou menor facilidade, consoante a santidade de cada qual. Os máos, porém, deslizarão immediatamente para o abysmo do fogo e não conseguirão executar esse movimento de acrobata, salvo si forem *gregos*. (Venturosamente, pois, o piloto de Caronte os conduziria pelo Styge só por um ceitil!).

Os impios são fadados a arder nas chammas do inferno (*nara*). Mas as regiões avernas são divididas em sete compartimentos, entre os quaes o *gehennem* é de labareda menos temivel.

Os justos gozarão do céo (vastissimo *harem*), cujo nome sagrado é *aldjanah*, e isso eternamente (*abadan-abadan*).

Emfim a meio caminho das duas sancções extremas ha uma especie de «purgatorio» (*larafi*), cujos tormentos são leves e passageiros, e cujo fim é para expiação das culpas da vida.

V. Redempção—Allah incumbiu Mahomet, o intemerato propheta, de salvar o genero humano. Desde Adão, porém, Deus tinha deputado 74.303 apostolos encarregados de prégarem aos homens.

E nesse tão avultado algarismo apenas sete são filhos de Mecca, a saber: Ibrahim, Ismael, Odu, Lutu, Salia, Ch'vaion, Mohammadu.

Emfim, depois de *Mosés*, Dawuda e Issa (Jesus), veio o mais insigne dos videntes, Mohammadu, o qual legou «a Lei» aos homens.

O Alcorão foi adduzido do empyrio pelo *maleka Gue-*

brilu (anjo Gabriel); esse livro tem «uma poderosa força sobre as almas», dizem os Musulmis.

O commentador preferido dos Malês é *Bunu Selami.*

VI.—A jerarchia religiosa. — Chama-se *iman* o sacerdote; ao celebrar, porém, em frente do povo, intitula-se *sogabamu.* (7)

O *iman,* nas orações publicas, deve pôr-se na primeira linha, pronunciando palavras e executando movimentos que o povo deve reproduzir.

O marabuto é assistido de *ladano* que faz as vezes de sacristão, de *muezzin,* e de diaconos. O mestre de ceremonias tem nome de *achuaju* (8).

No auge do poder de jurisdicção é collocado o *alikaly* ou juiz. Arbitro da paz nos litigios, e tambem « pae espiritual», esmerando-se por seus conselhos sizudos.

Cada centro Malê deve ter seu *alikaly*: o da Bahia é, por ora, um *haussa.*

O summo sacerdote dos Malês reside na Bahia. Elle determina a data do *assumy* e das festas; elle envia *imans* para regerem os fieis do Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco.

O chefe supremo era, ha dois annos, *Imamu Hammanu,* que gozava de muito apreço entre os seus correligionarios. Mas, após a sua morte, os Malês alaram *Imamu Hassumanu* ao summo fastigio de iman universal.

---

(7) O *sogabamú* póde ser confrontado com o *iman khatib* ou *iman el djemâá* dos Arabes.

(8) O *achuajú* tem um tanto do *iman el kaickh* dos turcos.

VII.— Moral. — Não podemos expender todas as suas idéas (9).

Temos, primeiro, os preceitos negativos ou prohibições.

O homicidio é peccado grave; o roubo igualmente; mas a contricção ou a restituição podem apagar esses crimes.

Prohibido é maldizer; vedado propalar o segredo alheio.

Licita seja embora a polygamia de quatro mulheres, o estupro, no emtanto, e o adulterio são peccaminosos.

Deve-se rejeitar a carne de porco, as bebidas fermentadas (10) e o sangue dos animaes.

A moral positiva não abrange mais de cinco mandamentos. Eil-os:

1°. A circumcizão ou *kola*, que se deve praticar durante a oitava do nascimento, salvo em caso de doença.

2°. A *salah* (reza), obrigatoria cinco vezes por dia.

3°. O *assumy*, que vem a ser o mesmo que a quaresma. Trinta dias consecutivos de jejum são seguidos de 60 de descanso, e novamente de 10 dias de penitencia. Tudo acaba por uma festa, na qual é costume trocar o *saka*, ou presentes em dinheiro, milho, arroz, etc.

4°. A esmola.

5°. A peregrinação a Mecca, no 71° dia depois do encerramento do *assumy*. Os que se acham, porém,

---

(9) São os Malês soberbos, preguiçosos, ladrões, perfidos como todos os sequazes de Mafoma.

Falta-lhes sómente um vicio: a bebedice, amplamente compensada por uma espantosa depravação dos costumes e de linguagem que os caracterizam.

(10) Os turcos não usam de vinho, sinão de *raky* (aguardente)!

Os musulmanos da Nigeria se abstêm da bebida de *soragho*; mas quantos absorvem frascos de alcool perfumado!

impossibilitados de emprehender uma tão penosa viagem satisfazem ao preceito pela celebração do *baíram* — sacrificios de carneiros.

VIII. Ritos liturgicos. — Escusado é insistir sobre a falta de mesquitas. Os Malês se entristecem bastante com a ausencia das *varellas* e das *alcoronas*. Mas chorassem rios de lagrimas, não menos obrigados estariam em se contentar com os seus *machachalis* (templos) privados.

Para rezar, deve-se, préviamente, cobrir de areia o assoalho; isso feito, estender uma pelle de onça ou de carneiro (pelle en nagô—*awuo*).

Não raras vezes, o mesmo miseravel aposento serve de quarto e de oratorio.

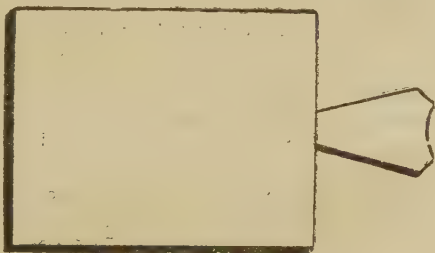
O *tessuba* é um como rosario ou terço de tres series, de 33 contas cada uma dellas (3 × 33 = 99). Deve ser vermelho e metallico. O seu uso é util em qualquer *salah*.

Sobre a primeira série deve-se «enfiar» 33 vezes a seguinte prece — *sub analai*, como erradamente pronunciam os nescios Malês (*Sub an Allah!* — « eu invoco o nome de Deus »).

Na segunda serie deve-se rezar: « *al hamudu lilaï* » (*al hamdour il Allah* — «a graça de Deus»).

Emfim, na terceira, piedosamente se murmura: « *alah akabaru* » (*Allah ekber* — « Deos é grande ».

O *walá uassá* é identico ao *laho* dos Arabes: é o tabulario oratorio.

Uma taboinha de fórma rectangular, munida de

cabo, eis a descripção completa do magico instrumento.

A tinta com que se deve rabiscar o *walá ussá* tem analogias com a dita da China e preparam-na os Malês com arroz carbonizado.

Quer alguem obter de Deus um favor? Bastará lavar o tabulario e beber as rezas diluidas na agua (!) (11).

A respeito dos trajos religiosos, deve-se mencionar a *abadá*, isto é, uma camisa de mangas largas, e totalmente branca. Todo devoto musulmi possue uma *abadá*, bem como um turbante branco (*lacuani*). Nunca, porém, sahem ás ruas com esse vestuario. A camisa é de obrigação só nas horas de resa.

A touca póde ser de qualquer côr, a não ser preta. (Com effeito, carapuça preta sobre cara negra!...)

Evidentemente, seguem os Malês a éra da Hejira (622 da éra vulgar) com os seus mezes lunares. Todas as festas são determinadas pelo summo *Iman* da Bahia.

Faz-se a *salah* cinco vezes no dia: *assouba*, antes

---

(11) Na Biblia tambem existe a prova com as aguas amargas das maldições (Num. V, 12 sg.).

O codigo de Hamurabi preceitúa a prova da mulher accusada de infidelidade.

Mas esse uso não é meramente oriental. A Africa fornece muitos frisantes exemplos. E da ampla safra de factos colhidos citarei os seguintes:

Os Cafres têm o juramento de calão, isto é, uma prova judicial que fazem elles, bebendo grande quantidade de certa agua amargosa, a qual, dizem elles, é veneno para o culpado, triaga para o innocente.

Entre os *Voumyamouezi* recorre-se igualmente a uma bebida envenenada chamada *muavé*. Em geral, a experiencia se faz com uma gallinha; raras vezes com os proprios oppoentes.

Entre os *Ounyanyembé* da Africa occidental, quando morre um chefe, sacrifica-se uma gallinha para descobrir o assassino. Si a putrefacção da ave principia pela espinha dorsal, é a avó que é culpada. Si pela região do bispo, será a esposa; si pelas pernas, as concubinas; si pelos pés, as escravas.

Essas usanças africanas, não mais estupidas que os ordalios da Edade Média, inspiraram certamente os nossos Malês

do sol nascer; *oila*, pelo meio dia; *allasari*, á tarde; *aluma gariba*, ao pôr do sol; *vitri* e *lichari*, de noite.

Para a *salah* publica, o *alufá*—sacerdote, fica de pé, tendo aos seus lados os *ladanos*. O *iman* reza, em nome de todos, o *bissimilai rahamani*; isso feito, erguendo as mãos na altura do rosto, canta em semi-voz um grito comico: «*allah akibaru assahada, allah ilaha illalau*».

As abluções *(alouala)* devem preceder qualquer oração; ninguem, pois, é ouvido, sinão o puro *(mimani)*.

Eis como se deve cumprir o referido acto religioso: despir os vestidos do dia, vestir a *abadá* e ceroulas estreitas e tomar uma bilha d'agua. A primeira ablução chama-se *tabaroua*: é a lavagem das partes inferiores. Depois, assenta-se, toma agua na palma da mão direita e limpa a bocca, as mãos, os braços, as orelhas, etc.

Durante a oração, ha posições que variam, conforme os ritos: os *Malki* não têm porte determinado; os *Chafu*, *Abounifata* e *Ambali* devem conservar o corpo rijo, emquanto falam a Deus.

Quando fallece um Musulmi, applica-lhe o *iman* um banho, e reza por elle. Após isso, faz-se o enterro, que, pela «Lei», não devia admittir ataúde; mas «os Brancos» prescrevem o uso do caixão. Releva notar que o defunto deve vestir cinco trajos, sendo um homem; as mulheres, mais friorentas, exigem sete vestidos.

Existem ainda entre os Malês cópia de praticas superstíciosas de somenos importancia, como a de não comer com a cabeça descoberta.

Outra curiosidade: após uma visita, os Mahometanos rezam algum tempo, contando com os dedos.

Varias usanças musulmanas tornam-se escusadas pelas circumstancias. Haja vista o *henné*, aconselhado por Mafoma e pelos theologos arabes, em termos tão dithyrambicos, que seria de nenhum effeito sobre semblantes negros.

Pelo mesmo motivo, as mulheres não occultam a cara com o véo tradicional. Charles Letourneau (12), entretanto, assevera que as musulmanas de Dongolah andam inteiramente nuas, tendo unicamente a cara encoberta !

CAPITULO II

A REVOLTA DOS MALÊS (13)

(24 PARA 25 DE JANEIRO DE 1835)

Abdicada a corôa imperial por D. Pedro I, no dia 7 de abril de 1831, em favor de seu filho menor de cinco annos, sessenta senadores reunidos elegeram uma regencia provisoria. Durante a menoridade de

---

(12) La Condition de la femme dans les diverses races. D p. 73.

(13) Os materiaes utilizados nesta monographia são:

1º) *As fontes:*

a) As fontes escriptas se acham no Archivo Publico da Bahia ; tudo é manuscripto. cf. em particular; «*Officios*», vol. 19; *Commandante das armas*, vol. 12; *Justiça, passim.*

O Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro possue a correspondencia do Governo Imperial com as autoridades da Provincia da Bahia.

Vide especialmente 1ª secção, 19ª classe, 11ª collecção.

b) Os dados oraes nos foram fornecidos por varias testemunhas, assim oculares como auriculares, principalmente pelo illustre Dr. Silva Lima, Monsenhor Fiusa e por outras pessoas fidedignas da Bahia.

2º) *A bibliographia da questão :*

a) Os jornaes da época: cf. *Gazeta da Bahia*, 29 de janeiro de 1835; *Gazeta do Commercio*, Bahia, 4 de fevereiro de 1835.

Correio Mercantil, 23 de fevereiro de 1835.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1835. *Correio Official.*

b) Resumo chronologico e noticioso da Bahia, por J. A. A. (José Alves de Amaral), Bahia, 2ª edição, p. 20-21. Este almanaque da Bahia foi organizado por Antonio Freire e impresso na Litho-

D. Pedro II, isto é, até 23 de julho de 1840, a anarchia não cessou de envidar esforços, por toda parte, com o fim de derrubar o throno imperial brazileiro. Tres facções degladiavam-se então encarniçadamente : os partidarios de D. Pedro I, os «moderados», que tinham o poder, e os federalistas ou republicanos.

O periodo decorrido de 1831 até 1837 não foi mais que uma série de revoltas e lutas fratricidas, que perturbaram por longo tempo todo o paiz.

Das sedições que assolaram o Imperio, entre tantas outras, bastar-nos-á lembrar as do Pará, de Sergipe, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul.

Em vista até de reprimir essa ultima, uma expedição militar tinha sahido da Bahia, poucos dias antes da tenebrosa noite de 24-25 de janeiro, pelo que a guarnição da cidade ficou enfraquecida : guarnição, aliás, mal protegida, por pessimas espingardas, cujos canos não resistiam ao tiroteio. E isso torna mais refulgente a victoria dos corajosos defensores da Provincia.

Por cumulo de contratempos, havia pouco, a *Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra* tinha notificado ao *Commandante das Armas* da Bahia a ordem

---

typographia de João Gonçalves Tourinho, Arcos de Santa Barbara, n. 83. A primeira edição data de 1881 e contém uma errata que não foi reproduzida na edição de 1885, que, entretanto, contém os erros apontados, o que não são poucos.

— *A Sabinada*, por Henrique Praguer, Bahia, 1889, p. 27-30.

— *As insurreições dos africanos na Bahia*, por José Carlos Ferreira, na *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, 1903, n. 29, p. 95 e seg.

— *Ibidem*, *Levantes de pretos na Bahia*, por Eduardo A. de Caldas Britto, 1903, n. 29, p. 69, etc.

c) Bibliographia complementar :

— Silva Lima — *A Bahia de ha 66 annos*, Bahia, 1907.

— Augusto Victorino Alves Sacramento Blacke, *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, Rio de Janeiro, 1893.

de reduzir de 400 praças cada um dos corpos da 1ª linha da guarnição. Por um descuido, porém, o despacho não tinha ainda sido executado.

Cumpre ainda accrescentar que, naquelle bom tempo, as revoltas eram a triste arma usada por uma infame politica, e de costume era provocar desordens e matanças e depois dizer serem ellas obra do governo. Sirva de exemplo a pretensa sedição de Valença, em que os pretos accusados foram injusta e barbaramente castigados.

Por mais de uma vez (14), e sem proveito, os negros sublevados tentaram recuperar a liberdade, sacudindo o pesado jugo do captiveiro.

O estado das cousas e as desintelligencias politicas lhes proporcionavam então occasião azada, e, com summa pericia, della souberam aproveitar-se.

No Maranhão, já o africano Cosme se revoltara, á frente de 3.000 negros, na celebre «Balaiada».

A insurreição, porém, que explodiu na noite de 24-25 de janeiro de 1835, na *leal e valerosa cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos*, não apresentava tão sómente um caracter politico-social; não era um esforço para a conquista da liberdade; revestia, ao

---

(14) Em 1694, em Pernambuco, os negros refugiados em Palmares formaram um grupo independente, que resistiu longo tempo. Em Minas Geraes (1719) tinham resolvido exterminar todos os brancos, mas a conspiração foi descoberta e, repellidos, refugiaram-se no sertão. Na Bahia, revoltaram-se contra a escravidão em 1828; foram, porém, desbaratados em Pirajá.

Na mesma cidade preparavam igual levantamento para o dia 30 de abril de 1830, e, ainda uma vez, foram derrotados desde as primeiras manifestações, a 10 de abril do mesmo anno.

Cf. *Historia antiga das Minas Geraes*, por Diogo de Vasconcellos, pags. 169-70.

contrario, um caracter sobremaneira religioso: era, em uma palavra, uma guerra santa (15). E', pelo menos, o que resalta dos documentos em arabe que a policia apprehendeu, nas casas dos Malês.

Esses papeis, até hoje considerados como verdadeiros enigmas, foram já examinados por negociantes maronitas, que nada conseguiram, em razão da escriptura complicada e berberesca. Alguns foram enviados aos mais celebres orientalistas e africanistas allemães, que até então não se dignaram de responder.

Foi-nos, felizmente, possivel decifrar estes documentos, que nos patentearam o fim, o plano e os segredos da revolta.

Além do referido, um outro ponto geralmente ignorado, no tocante ao levante dos Malês, é o seguinte: a conspiração tinha as suas ramificações em varias provincias do Imperio. Na villa de S. Salvador dos Campos (Provincia do Rio de Janeiro) pronunciou-se o espirito de insurreição em alguns escravos que se fizeram notar pelo uso de um tope no chapéo; um destes, sendo preso e interrogado, lisamente confessou que haviam, da Bahia, recebido ordens para romper numa insurreição, quarta feira de cinzas.

---

(15) Alguns revoltosos eram forros; outros até abastados. Mais uma prova de que não se tratava de uma simples revolta de escravos. Cf. *Levante de pretos na Bahia*, por Eduardo A. de Caldas Britto. *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, 1903, n. 29, pag. 69, etc.

O chefe de policia, Francisco G. Martins, em seu relatorio de 29 de janeiro de 1835, dirigido ao presidente da Provincia, notara já o movel religioso da revolta:

«O certo é que a religião tinha a sua parte na sublevação, e os chefes faziam persuadir aos miseraveis que certos papeis os livrariam da morte.»

I — Antes da Revolta

O fim primordial da conspiração dos Malês era acclamar uma rainha, depois do exterminio total de toda a gente branca (16).

Para conseguil-o, porém, havia mister ser ateada a revolução por todos os engenhos circumvizinhos.

Comquanto o numero dos revoltosos não excedesse de 1.500 (17), com o auxilio dos negros fetichistas, não tardariam em exterminar os «Impuros».

(16) «Assassinio geral em toda a gente branca.» A «Justiça», Archivo Publico — Os Malês «são inimigos de brancos», disse um negro perante os tribunaes. Id. C 1.

(17) Entre os papeis apprehendidos, ha um pequeno quadro dividido em 32 partes, contendo differentes numeros.

21 ∴	5 ∴	4 ∴	5 ∴
32 ∴	9 ···	6 ∴	8 ∴
2 ∴	3 ∴	? ∴	4 ∴
5 ∴	8 ∴	∴ 454	3 ∴
9 ∴	∴ 6	∴ 5	4 ∴
7 ∴	5 ∴	87 ∴	5 ∴
∴ 2	255 ∴	∴ 5	2 ∴
9 ∴	7 ∴	5 ∴	?

O autor deste escripto enigmatico deu aos numeros direcções diversas, provavelmente para tornar a decifração mais complicada. Todo

Desde muito tempo tramavam, ás occultas, os ardis e os preparativos da insurreição. Os chefes visitavam com frequencia os correligionarios, incitando-os á sublevação e amestrando-os no manejo da espada.

D'entre os innumeros « cabeças da insurreição » conhecem-se apenas os que compareceram deante dos tribunaes: Pedro de Lima, cognominado « Aluma » (18), Belchior, Gaspar e Pacifico, por antonomasia, o « sultão ». Citam-se ainda outros taes, como Victorio, mais conhecido pelo nome malê de « Suli », Agostinho (19), Carlos (20) e outros muitos.

Conseguiram, emfim, arrastar ao movimento sedicioso uma multidão de escravos boçaes, sedentos de sangue e abrazados em colera.

Estes ultimos eram ou cozinheiros, ou jardineiros, ou cortadores de capim.

Pretextando dansas ou festas, os conspirados reuniam-se, a miudo, em diversos logares. Em novembro de 1834 celebraram-se frequentes sessões no « casebre » de Abrahão, na Victoria (21). Agostinho reunia os seus amigos em uma viella proxima á Igreja das

---

o segredo consiste em que, para evitar equivoco na leitura, deve-se voltar a folha, de maneira a ter sempre á direita uns tres pontinhos convencionaes (˙.˙). Parece ter sido uma estatistica do numero dos Malês, pertencente a algum chefe. Uma conta commercial não se escreve desta maneira; um amuleto conteria sómente cifras sagradas.

Além disso, o total destes numeros perfaz 953; accrescentando-se uma média (duas vezes) pelos dous quadrinhos illegiveis, obtem-se 1011.

Ora, já sabemos que o numero dos Malês era de 1500 approximadamente.

(18) Justiça. Arch. Publ. B. 13.

(19) Justiça. B. 13.

(20) Justiça. B. 13.

(21) Justiça. Arch. Publ. B. 13.

Mercês ; e, todos os dias, de 6 ás 8 horas da noite, a loja de Francisco de Lisboa transformava-se em sala de conselho.

Por sua vez, o *nagô* Cornelio conferenciava com seus adeptos em uma senzala (22) situada na Barra.

O numero das adhesões augmentava de dia em dia.

Os ilotas fugiam de todas as partes (23) do Reconcavo, mórmente da Comarca de Santo Amaro, aportando furtivamente á Bahia, para se aggregarem aos « quilombos ».

Já eram bastante numerosos os combatentes, mas careciam de petrechos bellicos que lhes assegurassem o bom exito da revolução.

Com immensos sacrificios conseguiram adquirir sabres, espadas (24), facas, punhaes, bacamartes e garruchas.

Emfim para que nada faltasse que pudesse incitar o valor, adoptaram uma bandeira (25), que devia tremular ante a horda revoltosa e sanguinaria.

Os trajos de guerra deviam ser, para maior estimulo, os mesmos das ceremonias religiosas, isto é, um saio branco (26) apanhado por uma faixa vermelha, uma

---

(22) Senzala é um termo *nagô*.

(23) Os diarios desta época annunciavam a fuga de um escravo, dando os signaes physionomicos.

Em se approximando o dia aprazado para o levantamento, o numero dos fugitivos tornou-se anormal. cf. Silva Lima. « A Bahia de ha 66 annos ». pag. 32.

(24) Os sabres eram « parnahybas » (termo tupi), especie de facalhão com que se retalha carne nos açougues da Bahia ; a sua fórma lembra o iatagan turco.

(25) Justiça. Arch. Publ. B. 5, B. 7.

(26) « Em trajos de guerra em maneira sua », dizia o Chefe de Policia em seu relatorio. «Camisolas de Malês ». Justiça. Cap. 1.— Os chefes Ussás guerreavam com os mesmos trajos.

camisa igualmente vermelha (27) e os barretes azues circumdados por turbantes brancos (28).

Convinha trajar, pelo menos, de branco (29), e não esquecer os buzios, os coraes, as missangas e os anneis brancos (30). Como tambem as armas espirituaes poderiam ser de grande proveito, cada qual deveria trazer ao pescoço os seus « patuás », para se tornar invulneravel.

Estes « patuás » compõem-se de orações, como o « tesbih » da tarde: «Deus é clemente e misericordioso»; de passagens do Alcorão, etc. Um delles contém os sete ultimos « surates » (capitulos) do livro sagrado. Curioso, porém, é que o « surate » 108, versiculo 3, diz assim : « O que te odeia morrerá », o que é sobremaneira *consolador* para os christãos ; o 109, versiculo 6, deve ser recitado contra os infieis : « Aborreço o vosso culto » ; o 112 é todo contra os christãos :

Diz : « Deus é uno,
« E' eterno.
« Nunca gerou e nunca foi gerado.
« Elle é sem igual ».

Instruidos os soldados e adquiridas as armas, nada mais restava que combinar um plano e executal-o. Foi escolhida para o levantamento a noite de 24 para 25 de janeiro, em que a população bahiana accorria, como

---

(27) Justiça. B. 8.

(28) Justiça. A. 5.

(29) As calças brancas eram do systema « alçapão », peça que, segundo o uso antigo, cobria a abertura anterior das calças. O systema francez de braguilha não tinha sido ainda introduzido.

(30) Justiça. Arch. Publ., B. 7, C. 1, B. 4, C. 1.

ainda hoje, ao legendario templo do Bomfim, para a popular festa de Nossa Senhora da Guia.

Desertos estavam os lares, e nas ruas era enorme a concurrencia dos romeiros. A quasi totalidade da população se achava no Bomfim, situado num arrabalde da cidade: tudo favorecia á premeditada carnificina. Occorre, ainda, que os caixeiros, em razão da romaria, deixavam na porta a chave das casas, de modo que os escravos podiam sahir e reunir-se, sem despertar suspeitas.

Dividiram a cidade em cinco partes, de maneira que, á noite, deviam se dividir em cinco grupos differentes.

Ha no « Archivo Publico » um desenho grotesco, que parece ter sido o plano de ataque traçado por um dos chefes.

Pelo que deduzimos da serie dos acontecimentos, o grupo do centro, depois de atacado o quartel de São Bento, devia reunir-se ao que estacionava na Victoria.

Assim reforçados, se apossariam os revoltosos do forte de São Pedro e do quartel da Mouraria.

Descendo, em seguida e rapidamente, ao Taboão e á Conceição da Praia, onde os esperavam outros grupos revolucionados, deviam atacar o quartel da cavallaria — unico impecilho que lhes poderia interceptar a passagem para o Bomfim. Alli, libertados os escravos, trucidariam todos os brancos, para se reunirem depois em Cabrito, por detraz de Itapagipe (31).

---

(31) Carlos Ferreira cita dois papeis que foram traduzidos por um ussá diante do tribunal. Diz o primeiro que a gente havia de vir da Victoria... matando toda a gente da terra de branco ; que passaria

O plano, como é obvio, tinha sido machinado com muita astucia e habilidade; falhou, porém, em virtude das medidas urgentes e energicas tomadas pelas auctoridades locaes.

Pouco faltou para que a iniquidade se consummasse e fosse a Bahia presa do saque, da carnificina e do fogo. Bastaria o descuido de algumas horas na denuncia da conspiração, e tudo estaria irremediavelmente perdido.

II. — Durante a revolta

Pela tarde do dia 24, já começara a espalhar-se um vago rumor de que os escravos pretendiam revoltar-se (32). Cerca de 10 horas da noite, o Presidente da Provincia, Francisco de Souza Martins, recebeu uma denuncia grave (33). Immediatamente enviou um officio ao Chefe de Policia, Francisco Gonçalves Martins (34), orde-

---

por Agua de Meninos até se ajuntarem todos no Cabrito de Itapagipe... O segundo, que é um bilhete de um insurgido a outro, diz que «deviam sahir todos das 2 até ás 4 horas... iriam se ajuntar ao Cabrito, detraz de Itapagipe, em um buraco grande que ahi ha, com a gente do engenho que fica atraz e junto... tendo muito cuidado de fugir dos corpos das guardas »... (« Revista do Inst. Geog. e Hist.» da Bahia, p. 106.)

(32) A. 2. Justiça.

(33) Francisco de Souza Martins era o Presidente. Francisco de Souza Paraizo succedeu-lhe a 16 de Maio de 1836, e teve por successor Francisco Gonçalves Martins (1848).

(34) O Presidente, em seu officio dirigido ao Chefe de Policia, dizia: « Neste instante me he dada a denuncia, de que esta manhã mui cêdo deve haver huma insurreição de escravos, a qual parece apresentar alguns indicios de verdadeiros.» Arch. Publ. « Officios », vol. 19, pag. 384. (Gonçalves Martins (10 de setembro de 1872) nasceu na Bahia, fez o curso de preparatorios no Seminario de Sarnache, em Portugal; cursou na Universidade de Coimbra. Tendo seguido o partido de D. Maria II, foi obrigado a fugir para a Hespanha, viajando de lá pela França e pela Inglaterra, donde voltou ao Brazil. Nomeado Chefe de Policia, foi successivamente deputado, senador e emfim Presidente da Provincia da Bahia, de 1848 a 1852 e de 1868 até 1871.

nando-lhe fizesse guardar todos os districtos por patrulhas dobradas, e detivesse todas as pessoas suspeitas ou que trouxessem armas. A's 11 horas e um quarto, o Presidente dirigiu um outro officio, sobre igual assumpto, aos juizes de paz dos varios districtos da cidade. O juiz de paz da Conceição da Praia, Innocencio José Cardoso de Mattos, apenas recebeu, tomou as medidas necessarias (35). O Prefeito de Policia, por sua vez, depois de dadas algumas instrucções, dirigiu-se á ladeira da Praça, onde encontrou os dois juizes de paz dos districtos da Sé, que, seguidos de soldados e paizanos armados até os dentes, andavam na pista de 60 africanos reunidos em uma casa daquella rua, junto ao Guadelupe.

Pelas 11 horas da noite, Gonçalves Martins reforçou-os com um troço de soldados; e, confiado na força que occupava o centro da cidade, dirigiu-se ao Bomfim, tendo o cuidado de fazer guardar por um destacamento o palacio do Presidente, o largo do Theatro e o Collegio.

Tendo chegado ao quartel de cavallaria, encontrou-o prompto para o ataque; tomou então um piquete de soldados e dirigiu-se ao Bomfim, a toda a pressa.

Os Malês, por seu turno, principiaram a movimentar-se, fugindo da casa dos « senhores », (36) armados de espadas, sabres, facas e pistolas (37), trajando

---

(35) Em sua resposta de 25 de Janeiro de 1835 ao Presidente, diz elle: « Immediatamente fiz todo o possivel para que o districto, de que sou juiz, fosse policiado vigilantemente »:

(36) B. 7; B. 4., Justiça.

(37) B. 13. id.

longas camisas brancas e calças igualmente brancas, toucados todos com « filas » (barretes) azues ou vermelhas.

Os centros principaes da agitação eram a Victoria, a Baixa dos Sapateiros, a ladeira do Carmo, o Pilar e o Taboão. (38)

Além do agrupamento acima citado na ladeira da Praça, reuniram-se tambem elles em casa de um rico brazileiro, na Conceição da Praia, e em differentes pontos da Victoria. Os revoltosos commetteram uma grande falta, esperando pela manhã, mesmo depois de saberem que a conspiração tinha sido descoberta.

Trahia-os, outrosim, o modo exotico de trajar, visto que os escravos, nessa época, sahiam á rua sem blusa, com o peito descoberto (39).

O troço de soldados que se postara á porta da casa, na ladeira da Praça, intimou ao dono que fizesse sahir os africanos. Por fim, o alferes Lazaro Ferreira do Amaral começou a forçar a porta com um forte circulo de soldados. Apenas põe elle o pé no limiar da porta, um tiro de bacamarte lançou-o por terra. Passa-se então uma scena horrorosa : sessenta a oitenta Malês lançam-se na rua com horriveis vociferações, matando e ferindo todos os que encontravam na passagem.

---

(38) B. 13, B. 4, A. 4, B. 8, Justiça.

(39) O regulamento de policia que prescreve a blusa é posterior. Segundo o Dr. Silva Lima (p. 17), os escravos tinham tão sómente por vestimenta uma calça de canhamaço ou uma simples tanga. « Andavam no trabalho, diz elle, semi-nús, vestindo apenas um calção curto de algodão grosso, ou de aniagem, ou simplesmente uma tanga, e com a cutis reluzente de suor ». (p. 17).

Os soldados, surpresos e aturdidos por tão inesperado ataque, e, nada distinguindo na escuridão da noite (40), dispersaram-se (41).

Dividem-se então os revoltosos em dous grupos; o primeiro ataca o Palacio, cuja guarda se recolhe, e mata a sentinella. Dirigem-se, depois, por Nossa Senhora da Ajuda, ao largo do Theatro, onde são recebidos á bala e, não obstante o intenso fogo, conseguem ferir cinco dos oito soldados que faziam a guarda.

A horda furiosa lança-se sobre o quartel de Permanentes de S. Bento; a guarnição recolhe-se immediatamente, e fecham-se todas as portas, como unico meio de se oppôr á invasão. Passam em seguida ao forte de S. Pedro, onde matam o sargento Tito, e ficam alli deante do Quartel de Artilharia, afim de se reunirem aos que estacionavam na Victoria.

Algumas pessoas que, nesta occasião, vinham das Mercês apenas tiveram tempo de se abrigar no forte.

Aconteceu, porém, que, não tendo sido avisado sobre o adiantamento da hora, o grupo da Victoria demorou em se reunir e preparar; pelo que foram obrigados a esperal-o no Campo Grande, que era ainda um profundo vallado.

Foi esta a segunda falta na execução do plano; pois que, em taes circumstancias, era demasiado precioso um só instante. As autoridades locaes souberam

(40) Nesta noite havia luar, porém um pouco tarde, pelas duas horas. Além disso, sabe-se que, nesta época, as ruas eram mal illuminadas por mesquinhas lampadas de oleo de baleia, que se apagavam ao menor sopro do vento.

(41) O soldado Francisco Joaquim de Castro foi assassinado.

aproveitar-se desse descuido, para melhor defenderem a cidade.

O Presidente da Provincia dava sempre novas ordens

A's duas horas da madrugada requisitou uma força de 30 homens, para guarnecer a praça do Palacio; no que foi immediatamente obedecido pelo juiz de paz da Conceição da Praia, que a enviou sob o commando do tenente José Francisco Gonçalves (42).

Por entre as ameias do forte de S. Pedro, os soldados seguiam as evoluções dos Malês. Reconheceram até alguns escravos, mórmente Jacintho que, de espada em punho, chefiava um grupo de revoltosos. Nesta occasião, tornaram elles a investir contra o quartel, mas, debalde.

Comquanto perdessem um avultado numero de combatentes (43), os Malês conseguiram ferir muitos soldados, nomeadamente Joaquim Amorim Vianna, furriel do 1° corpo; Marques de Oliveira, soldado do 3° corpo, e Angelo Custodio, do 8° corpo.

Apezar do seu grande valor e coragem, os revoltosos foram obrigados a fugir, depois de passarem audaciosamente a rua Nova do Forte, sob verdadeiras avalanches de balas.

Sem parar um só instante, o bando revolucionario assaltou o quartel dos Permanentes, na Mou-

---

(42) «E recebendo, outrosim, a Portaria de V. Ex., datada de hoje pelas duas horas da noite, para que fizesse marchar uma força de 30 homens para a Praça do Palacio, incontinenti dei cumprimento, fazendo seguir a dita força commandada pelo tenente João F. Gonçalves.»

Officio dirigido por Innocencio José Cardoso de Mattos, juiz de paz da Conceição da Praia.

(43) V. gr. Pedro, *nagô*, escravo de Dundas.

raria (44), defendido apenas por 12 homens, visto que o Chefe de Policia requisitara toda a guarnição. Houve alli uma escaramuça, em que os Malês perderam dous homens, além dos feridos.

Fechada a porta do quartel, desceram á Barroquinha e, mais uma vez por Nossa Senhora da Ajuda, encaminharam-se para o Collegio. O estabelecimento era defendido por 22 praças e um sargento, sob as ordens de Francisco Ignacio dos Santos Tourinho.

Um artilheiro, que por acaso passava pelo Terreiro, cahiu logo morto.

Depois de terem praticado desordens no Collegio, lançando os bancos e outros moveis á rua, enveredaram pelo Taboão, passando por detraz da Cadeia do Terreiro; dirigiram-se, em seguida, ao quartel de cavallaria, trucidando todos os transeuntes.

Logo que o Chefe de Policia, Francisco Gonçalves Martins, chegou ao Bomfim, uma patrulha de cavallaria, a todo galope, veio trazer-lhe a infausta noticia de que a revolta acabava de arrebentar na cidade. Recebida esta noticia, Gonçalves Martins deixou um destacamento de dezoito homens, com ordem expressa de fazer entrar na igreja do Bomfim todos os brancos, ao menor signal, e tornou ao quartel de cavallaria, para dirigir a defesa.

Eram tres horas da madrugada.

Em chegando, encontrou tudo prompto para o ataque.

---

(44) Era quartel da Policia. Até 1907 havia lá um esquadrão de Cavallaria; em 1835, a policia não tinha ainda esquadrão. Hoje este quartel está em ruinas.

As sentinellas tinham já dado aviso da approximação dos revoltosos, que acabavam de chegar aos Coqueiros; com effeito, os barbaros se approximavam cada vez mais.

Alguns minutos depois, 60 a 100 africanos, armados de espadas, lanças e pistolas, defrontavam com a ultima barreira que se oppunha ao bom exito da revolta.

A lucta foi então encarniçada e horrivel.

Rechassados á bala, lançaram-se os Malês, furiosos e aterradores, sobre o quartel.

A infantaria fazia fogo pelas janellas e a cavallaria circulava por fóra.

Logo no primeiro embate, o capitão Francisco Telles Carvalhal, commandante da cavallaria, foi ferido, sendo obrigado a retirar-se.

O Chefe de Policia assumiu então o commando e os repelliu em Agua de Meninos (45).

A força militar comprehendia um esquadrão de cavallaria e 500 infantes, além do batalhão de artilharia, que tambem acossava os Malês.

A despeito, porém, de sua inferioridade, os Malês resistiam com heroico valor. Afinal, depois de uma hora de renhido combate, começaram a recuar deante da cavallaria (46), que os impellia para o mar.

---

(45) Havia neste logar, ao norte da cidade, uma fonte de agua doce e abundante, que derivava parallela ao mar, e formava alli uma bacia remansada, onde as creanças costumavam banhar-se. Em 1594, Aguiar Daltro obteve este terreno do governador Thomé de Souza e estabeleceu um engenho de assucar, utilizando as aguas para mover as machinas.

(46) B. 7. Justiça.

Embrenharam-se uns pelas mattas e montanhas vizinhas; outros salvaram-se a nado; outros pereceram afogados; outros, emfim, foram mortos pelos marinheiros de um escaler da fragata *Bahiana*, que alli se achava postada por ordem do Presidente da Provincia

O Chefe de Policia, admirado de tanta coragem, rogou-lhes se rendessem. Nenhum, porém, annuiu á proposta; todos juraram morrer com as armas nas mãos.

D'entre os Malês, 50 pereceram, e grande foi o numero dos feridos e dos prisioneiros.

O combate que se travou em Agua de Meninos durou até ás quatro horas da madrugada.

Os romeiros do Bomfim ainda receiavam sahir pela manhã.

Cerca de sete horas, seis africanos fugiram da casa do rico brazileiro, João Francisco de Rates, depois de incendiarem a habitação, e dirigiram-se á Agua de Meninos; mas foram desbaratados em caminho.

Os grupos que deviam sahir pela manhã, tendo sido informados do máo exito da noite, desanimaram.

Os da Conceição da Praia não souberam da antecipação da revolta; o que é curioso, porquanto a vozeria infernal dos negros é proverbial no Brazil.

III — Depois da revolta

Graças ás denuncias, que chegaram ainda a tempo, a revolta abortara mais uma vez.

No dia seguinte era horrorosa a carnificina: as ruas estavam juncadas de cadaveres (47).

Os feridos foram levados ao Hospital de Marinha e á Santa Casa de Misericordia; os prisioneiros foram transportados ao forte do Mar (48). Muitos dos fugitivos foram capturados nas mattas circumjacentes.

Desde então a policia começou a pesquizar todos os casebres suspeitos, pois que muitos Malês tinham tido a incomprehensivel simplicidade de tornar á casa dos « Senhores », logo pela manhã (49). Ao vêl-os entrar, cobertos de pó e manchados de sangue e lama, não se descuidaram os « Senhores » de lhes mandar applicar algumas chicotadas (50).

Os mais astutos reuniram-se immediatamente, para deliberarem acerca do novo modo de proceder.

A policia não cessava de receber novas denuncias; pelo que teve de fazer innumeras prisões dentro de poucos dias. Detinham-se todos os que tinham no fato manchas de pó e salpicos de sangue ou de lama (51); recolhiam-se todas as armas encontradas e prendia-se, sem outra fórma de processo; todos conservavam papeis em arabe, trajos dos Malês, « tabuas de orações », etc. Por esta occasião, encontraram-se as insignias dos

---

(47) Os negros tinham praticado muitos assassinios na população. B. 2. Justiça.

(48) Até o dia 7 de fevereiro tinham sido presos cerca de 48 negros.

(49) Assim, B. 7 B. 2 (Cornelio, *nagô*, escravo de Firmino Caldeira).

(50) B. 7. Justiça.

(51) Nessa época as ruas da Bahia eram calçadas de um modo curioso: dois declives ou planos inclinados terminavam-se com uma poça no meio, onde certamente, na escuridão, teriam resvalado muitos negros que corriam á toa.

Chefes, saiotes enfeitados de plumas e guizos. Encontrou-se tambem, numa casa, uma corôa (52).

Os negros, por seu turno, reuniam-se em varios logares da cidade, principalmente na Çabeça Baixa dos Sapateiros, ladeira da Gamelleira, etc... Costumava reunir-se grande quantidade de negros, demorando-se até dez e onze horas da noite, o que de certo não deixava de ser perigoso ; e erão esses conciliabulos que provocavam os falsos alarmes que quasi todas as noites inquietavam os cidadãos pacificos.

Succedeu, na Bahia, o mesmo que se dá sempre em taes occurrencias. O panico apoderou-se dos espiritos. Cada noite, homens amedrontados percorriam as ruas, dando vozes aterradoras. O terror entrou em outras regiões. No Estado do Rio, a Assembléa Provincial, numa *Mensagem* (sic) solicitou do Ministro da Justiça medidas extraordinarias (17 de março de 1835).

Na sua resposta, Manoel Alves Branco declara que o governo não póde annuir a que os africanos apprehendidos sejam exportados para fóra da Provincia, (24 de março de 1835) ; outrosim, faz notar que a palavra *Representação* teria sido mais bem escolhida do que *Mensagem*, usada entre autoridades iguaes (53).

Havia mister empregar medidas rapidas para socegar os espiritos e impedir para o futuro a volta

---

(52) Justiça. Archivo Publico. A. 4, B. 2, B. 13. « Revista d Instituto Geographico e Historico da Bahia » Carlos Ferreira — p. 105.

(53) O Officio de Manoel Alves Branco foi publicado pelo *Correio Official*, e tambem pelo *Jornal do Commercio*, de 1º de abril de 1835.

das desgraçadas scenas de 24 de janeiro. O Presidente da Provincia, em 14 de fevereiro de 1835, solicitou do Governo Imperial as autorizações necessarias. O despacho, porém, foi datado de 4 de março do mesmo anno. A situação, entrementes, era pessima. Na Bahia, os jornaes reclamavam uma medida extrajudicial, sob o pretexto de que os negros eram escravos e não podiam ser julgados por cidadãos convocados para julgar os pares.

Em 1832, aliás, em Minas, em semelhante caso, tinham castigado os escravos sem julgamento algum. O *Correio Mercantil* (23 de fevereiro) afiançava que, no caso, as leis antigas deviam ser reapplicadas. Ora, um regulamento policial antigo exigia que fosse preso todo negro que se achasse na rua, depois das oito horas da noite, sem um bilhete de seu senhor.

Essa lei decahira em desuso, embora pretendesse o *Correio* ser então praticada (?) ainda no Rio «onde o escravo é preso immediatamente, e não é entregue a seu senhor senão depois de levar vinte e cinco ou cincoenta açoites; isto á custa do senhor para de algum modo o punir do seu deleixo em não vigiar seus escravos».

Enganava-se, porém, o redactor do *Correio Mercantil*; desde muito tinha desapparecido do Rio de Janeiro costume tal.

O Chefe Policia, Francisco Gonçalves Martins, não desprezou esse parecer, como se póde averiguar pelo seu edital, publicado no fim do presente trabalho.

Temendo a volta da insurreição, as autoridades continuavam a tomar medidas preventivas (54). Fran-

(54) «Officios», vol. 19, pag. 3.

cisco José Gomes, juiz de paz do 1º districto do Pilar, officiou ao juiz de paz da Conceição da Praia pedindo provisão de cartuchos.

O commandante das armas, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, com instancia pediu ao Presidente armas que fossem em boas condições «afim de não sermos insultados, e mesmo victimas de outra qualquer revolução, porque, com o pequeno tiroteio que houve, ficaram inutilizadas algumas armas, e, si o fogo continuasse, não sei onde estariamos hoje com semelhantes inimigos, que com tanta coragem avançaram ás baionetas, e, espetados nellas, ainda acutilavam aos soldados, como aconteceu na noite de sabbado para o domingo, em que houve tres cutiladas. . .» (55),

Outrosim, o mesmo Commandante exigiu a volta da expedição sahida da Bahia para S. Pedro do Rio Grande do Sul; e Manoel Antonio Galvão, vice-presidente, communicou (27 de abril de 1835) o pedido ao Barão de Itapicurú Mirim (56).

Emfim, o mesmo desabusado Commandante mostrou ao Presidente da Provincia que a ordem, emanada da Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, de diminuir de 400 praças cada um dos corpos da 1ª linha, se tornara impossivel.

Eis um trecho desta carta em estylo de um forte filho de Marte:

« V. Ex. acaba de testemunhar a insurreição dos

---

(55) Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro, 1ª Secção, 19ª classe, 11ª collecção.

(56) Officio de Manoel Galvão, no Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro.

escravos no recinto mesmo desta cidade, a aggressão por elles perpetrada contra as guardas e abarracamentos e a insufficiencia da força disponivel, para operar em opposição ás suas barbaras tentativas, quando, em prodigioso numero e em attitude hostil, já desenvolvidas, reappareçam e assoberbem esta cidade.

« Comquanto muito se deva, e possa contar com assombros de patriotismo, e denodo dos habitantes desta cidade, e com a fidelidade, bravura e disciplina á toda prova da tropa de 1ª linha, comtudo a escassez da força rarissimas vezes assegura um prospero resultado.

« Esta Provincia conta entre outros males, que sobre ella pesam, illimitado numero de escravatura, em desvantagem exiciosa para população livre, que quotidianamente vê ameaçada sua segurança e existencia. Que horrores e enormes atrocidades não concebem em seus tenebrosos planos desenfreados os furiosos escravos, que só respiram a mais barbara e sanguisedenta vingança contra seus senhores (57) ».

As apprehensões, porém, não obstavam o regozijo popular; todos davam-se os parabens, vendo-se livres de tão imminente perigo.

Innocencio José Cardoso de Mattos, juiz de paz, publicou, logo no dia 25 de janeiro, uma ordem que enaltecia o heroismo com que se houveram os soldados do seu districto, no encarniçado da lucta, com especialidade o capitão Felippe Duarte Vianna.

---

(57) O Presidente transmittio o officio á Secretaria dos Negocios da Guerra.

A victoria alcançada sobre os Malês exaltou de tal sorte os soldados, que chegaram a matar negros innocentes nas ruas, sendo até necessario reprimir o furor dos indisciplinados (58).

O unico meio de abafar, inteira e completamente, a revolta era castigar os cumplices.

No dia 26 de janeiro, o juiz de paz do 1° districto do curato da Sé recebeu ordens de apressar os processos (59). Outros officios sobre o mesmo assumpto foram enviados a todos os juizes de paz da cidade e dos arrabaldes (60).

A policia, no emtanto, procedia com actividade na captura dos culpados. A 26 de janeiro de 1835 effectuaram-se muitas prisões; d'entre estas é para notar a de André, de 15 annos, escravo do inglez Sharp. No Taboão, a 24 de março, capturaram-se muitos malfeitores, como Adão (B. 4, Justiça, Archivo Publico), e Joaquim, *nagô*, escravo de Antonio de Araujo (B. 8).

De toda parte affluiam denuncias, feitas assim pelo medo, como pelo desejo de vingança.

A boçalidade e estupidez dos negros foi-lhes fatal por varias vezes: uma negra, por nome Benta, chegou a

---

(58) Archivo Publico, «Commandante das Armas», vol. 12, p. 149.

(59) Archivo Pablco, Off. vol. 19. p, 384 — 385. O Presidente enviou o juiz de paz do 1° districto á fortaleza de S. Marcello — «Off.» p. 386.

(60) No dia 30 de novembro de 1880, a segunda vara civil foi suppressa e os districtos assim organizados: 1° districto; Freguezia da Sé, Rua do Passo e Conceição da Praia; 2° districto, S. Pedro e Victoria; 3° districto, Santo Antonio, Sant'Anna e Brotas; 4° districto, Mares, Penha e Pilar; 5° districto, Pirajá, Paripe, Passé, Cotegipe, Maré e Matoim. — Em 1835 havia um 1° districto da Sé (A 5, B. 1, Justiça), um 1° da Victoria (B, 10, B. 9, 13, Justiça), e um 1° de Brotas. Paripe era um districto separado.

denunciar o proprio amasio; outra, na propria noite do levantamento, teve a grosseira ingenuidade de pedir aos «senhores» permissão para sahir, porque deviam acclamal-a rainha!

Como acima dissemos, nem aos innocentes poupou a furia da soldadesca encolerizada. Haja vista o seguinte facto, bastante jocoso, porém desagradavel: Josepha, escrava de Maria Joaquina e Lopes, vendia legumes pelas ruas; passando um dia pelo Aljube, foi chamada pelos prisioneiros, a quem, por certo, as verduras deviam então saber agradavelmente; a sentinella não se fez rogar muito para deixal-a entrar, porém, o que foi peior, vedou-lhe a sahida. (C. 1, Justiça, Archivo Publico).

A proposito de Aljube (61), releva notar que os prisioneiros foram distribuidos pelas principaes cadeias da Cidade: o forte de São Marcello, o Aljube, a fortaleza do Barbalho, o forte de Santo Antonio e a Cadeia do Terreiro.

A principio, os processos fizeram-se com muita actividade, mas depois, os juizes, já fatigados talvez dos longos interrogatorios, foram negligenciando, com geral descontentamento dos «senhores», que careciam já de braços para o trabalho.

Todos reclamavam com impaciencia, o que não obstou a que certos processos se prolongassem até 1844 (C 1).

---

(61) Outr'ora o Aljube era a prisão dos Padres; mas, desde o dia 18 de novembro de 1833, tinha sido arrendado ao governo da Provincia, sendo pouco depois restituido á mitra metropolitana. Deriva do arabe «al djubb»: a prisão.

Até esta data eram ainda examinadas as causas de muitas pessoas suspeitas (62).

Fizeram-se muitos interrogatorios e pesquizas, mas não foi possivel desvendar o segredo ; e, quanto mais os juizes se mostravam solicitos em conhecer o sentido genuino dos documentos, tanto mais se obstinavam os africanos em seu silencio, recusando até confessar que, de facto, taes papeis lhes tivessem pertencido.

Uns traduziam como si fossem factos historicos ou lendas (63) ; outros affirmavam não saber ler.

Uma mulher de nome Maria Antonia disse ser a escripta inintelligivel, pelo que lhe retorquiu o juiz : « Deve, pois, conhecer e saber ler (64).

Muitos juizes nem siquer conseguiram saber a linguagem em que tinham sido rabiscados os taes documentos enigmaticos ; algunsn ão hesitaram em asseverar ser o hebraico ! (65).

Quasi todos os revolucionarios foram condemnados, quer porque conservavam papeis compromettedores, quer em nome do art. 413 do Codigo Penal, que já considerava conspiração a revolta de 20 pessoas.

O Archivo Publico da Bahia possue os processos de 234 revoltosos, sendo 165 nagôs, 3 grumas, 6 gêges, 21 haússas, ou ussás, 5 bornos, 6 tapas, 3 cabindas, 4

---

(62) Tito, *nagô*, foi julgado a 10 de abril de 1835 ; Necis esperou até 5 de novembro de 1836. (B. 13).

(63) B. 2, B. 4, B. 13.

(64) B. 2, B. 4, B. 13.

(65) C. 1 «Papeis escriptos em caracter que parece hebraico.» «Em caracteres africanos». — C. 1 «Em uma escripturação desconhecida» — B. 4 «Letras arabicas» — B. 8, cf. A. 5 «Caracteres arabicos. — A. 3 «Em lingua extranha» B. 13, etc.

conguezes, 1 camarão, 1 barba, 3 minas, 2 calabares, 1 jabú, 1 mondubi, 1 benin, 1 parda (mulata), 1 cabra, 14 mulheres ao todo.

No Archivo Publico ha poucas particularidades sobre a sorte dos infelizes condemnados. Sabe-se, todavia, que muitos foram punidos com pena de morte; outros condemnados aos açoites (200, 500 até 1.000 chicotadas); outros foram transportados para as galeras e para as prisões; outros, emfim, deportados para a Africa.

Alguns succumbiram á morte no Hospital da Marinha.

Os condemnados á pena capital deviam ser enforcados no Campo da Polvora, mas o madeiramento da forca estava completamente pôdre. Tendo sido construida uma nova forca, não se achou nas prisões uma só pessoa que quizesse servir de carrasco, nem mesmo mediante pagamento. Então, o Vice-Presidente Manoel Antonio Galvão ordenou que fossem fuzilados pelos soldados do corpo dos Permanentes (66).

CONCLUSÃO

A revolta teve, como acabamos de ver, um caracter de extrema gravidade, assim pelas perturbações publicas que motivou, como pelo seu movel religioso.

O plano fôra machinado com summa pericia.

O valor e a tenacidade, com que os Malês se houveram na lucta, provam exuberantemente que, mais

---

(66) «*Revista* do Instituto Geographico e Historico da Bahia», 1903, numero 29, pag. 118-119.

disciplinados, mais bem armados e dirigidos por chefes mais habeis, teriam conseguido estabelecer na Bahia um governo musulmano.

Graças aos meios de defesa tomados a tempo, não conseguiram os Malês a consummação do seu diabolico plano de carnificina.

E o Presidente Francisco de Souza Martins, deputado pelo Piauhy á Assembléa Legislativa Nacional, escreve do Rio (6 de março de 1835) a Joaquim Vieira da Silva e Souza que « Antonio Galvão lhe tomou a successão no cargo de vice-presidente, havendo cessado os receios de insurreição dos Africanos » (67).

A revolução, realmente, fôra suffocada ; não assim, porém, as suas consequencias.

Uma carta particular, de 31 de janeiro, vinda da Bahia e publicada no *Jornal do Commercio* (10 de fevereiro de 1835) noticiava : « O commercio está aniquilado por um levantamento de negros, que de repente perturbou a tranquillidade publica, domingo passado. Esta revolta, preparada ha muito tempo, apresentava um caracter mui serio, mas a força armada conseguiu suffocal-a em poucas horas, e não terá resultados sinistros sinão para os culpados, pois que ha 3 ou 4 dias que a paz se acha restabelecida. »

O paiz e, mórmente, o governo reflectiram no perigo corrido ; e, para evitar semelhantes aggravos á paz publica, foram tomadas medidas de segurança.

No dia 11 de maio de 1835, a Assembléa Legislativa decretou a suppressão da Guarda Muni-

(67) Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro.

cipal Permanente e estabeleceu a Policia em cada districto.

Sanccionou, além disso, a deportação de todos os africanos suspeitos do menor movimento sedicioso; e, finalmente, no dia 28 de agosto do mesmo anno, o Presidente publicou o « Plano de segurança publica em qualquer occasião de incendio, tumulto ou insurreição de escravos ».

E' dessa época que data, na Bahia, o costume de tocarem os sinos das diversas freguezias, em caso de incendio.

CAPITULO III

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

1° documento

RELATORIO DO CHEFE DE POLICIA DA BAHIA, DIRIGIDO AO PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA

(O texto original se encontra no Archivo Publico da Bahia; o «Jornal do Commercio» de 10 de fevereiro de 1835 publicou em sua integra tão valioso documento, copiando o «Diario da Bahia».)

« Illm. e Exm. Sr. — Apezar de estar V. Ex. scientificado dos acontecimentos que tiveram logar nesta cidade, da noite de 24 para 25 do corrente em deante, cumpre-me, comtudo, fazer uma succinta exposição do que tem chegado a meu conhecimento, para que em um só ponto de vista V. Ex. possa inteirar-se das providencias que cumpre adoptar a semelhante respeito, para tranquillidade da Provincia. Com as denuncias, mil vezes felizes, que V. Ex. recebeu na noite de 24 do corrente, de

que os africanos, particularmente os Nagôs, deviam insurgir-se ao toque de alvorada, lançando ao mesmo tempo fogo a diversos sitios da cidade e atacando os corpos de guarda, os Juizes de Paz se puzeram na rua, convocaram logo os cidadãos para a policia da cidade, e os corpos de guarda estiveram immediatamente debaixo de armas, destacando o corpo de Permanentes para diversos logares forças capazes de rebater qualquer principio de tentativa da parte dos ditos africanos.

« Tendo recebido o officio de V. Ex. pelas 11 horas da noite, depois de haver visitado alguns pontos, e ter dado algumas ordens, dirigi-me á ladeira da Praça, onde, segundo as denuncias, deviam estar reunidos em alguns casebres, grande parte dos insurgentes, e achei ahi os Juizes de Paz dos dois districtos da Sé, com alguns cidadãos e municipaes, a dar busca em alguns dos ditos logares. Então, em cumprimento das ordens de V. Ex., e achando que nenhum perigo poderia haver no centro da cidade, no meio dos quarteis e corpos de guardas, e principalmente estando todos prevenidos e o alarme dado, depois de fazer algumas requisições que achei importantes, fui em direitura á cavallaria, que achei preparada, e dando ordem para um piquete que me seguisse para o logar do Bomfim, immediatamente corri para o dito logar, emquanto montava o piquete, por temer que qualquer demora pudesse ser funesta a tantas familias desarmadas e collocadas talvez na peior posição para um semelhante ataque, pela proximidade dos engenhos e separação da grande força da povoação.

« Apenas tinha dado algumas ordens tendentes a acautelar o perigo, veio a todo galope uma patrulha de

cavallaria annunciar-me que os africanos haviam atacado algumas partes da cidade.

«Logo que recebi esta noticia, dei ordem a um destacamento municipal de 18 homens, que estava no logar do Bomfim, para que, em caso de perigo, fizesse entrar as familias para a igreja e ahi se encerrasse, defendendo-se de qualquer ataque até que eu os pudesse soccorrer.

«Voltando á cavallaria pelas tres horas da noite, achei-a em alarme, uma força montada e outra a pé, com alguns guardas nacionaes, e, recolhendo-se logo estes no mesmo quartel para defender a porta, e fazer sobre os africanos fogo, pelas janellas, a cavallaria esperou no logar para os atacar.

«Em poucos minutos, appareceram, com effeito, em numero de 50 a 60, armados de espadas, algumas lanças, e mesmo pistolas e outras armas.

«Recebidos a tiros de pistolas e de fuzil, das janellas do quartel, avançaram furiosos, o que deu causa á cavallaria se debandar, em seu seguimento, para que não se escapassem pelo caminho do Noviciado.

«A este tempo, o Commandante da cavallaria, o capitão Carvalhal, que os esperou a pé, foi ferido e se viu forçado a recolher-se. Voltando eu com alguns cavallos para a porta do quartel, a carregar sobre os africanos que ainda por alli estavam, estes se debandaram, seguindo-os essa porção de cavallaria, ao passo que a outra os continuava a perseguir.

«Entretanto, apparecendo ainda alguns africanos, e ausente o resto da cavallaria, entrei para o quartel, donde continuou o fogo por espaço de um quarto de hora, até que de todo succumbiram, devendo-se o prin-

cipal esforço á cavallaria montada, que os carregou com valor, forçando-os a se lançarem ao mar ou a se esconderem nos visinhos montes, cobertos de capoeiras, deixando alguns 17 mortos, outros feridos e presos, fóra muitos que se afogaram, ou, feridos, foram perder a vida entre as ondas, tendo-me constado que têm apparecido alguns em diversos sitios.

«Dissipado o perigo, e receiando eu algum ataque no logar do Bomfim, depois de saber que o restante da cidade estava livre dos ataques, fui com a cavallaria á Conceição da Praia, onde, tomando uma força de 40 homens, marchei pelo quartel da cavallaria, e ahi deixando alguns guardas nacionaes para reforçar a mesma, fui com a cavallaria e a força dita, já então unida a 30 nacionaes que V. Ex. me havia mandado, commandados pelo ajudante Mundim, ao logar do Bomfim, onde estive até que soube que nos engenhos visinhos não tinha havido movimento algum.

« Na volta, que era já bastante dia, encontrei no quartel da cavallaria 40 homens da fragata que V. Ex. mandava pôr ás minhas ordens, dos quaes mandei que 16 fossem embarcados para o sitio de Itapagipe, e alli permanecessem até se restabelecer a tranquillidade. Depois, pelas partes recebidas, soube que no acto da busca em uma casa junta de Guadelupe, á ladeira da Praça, por denuncia particular, quando quiz entrar o Juiz de Paz, não lhe quiz abrir a porta, uma parda, dizendo que alli não havia pessoa alguma ; e como se dispuzesse o Juiz a arrombal-a, abriu-a, ao passo que outra se fechou. Mas, crescendo a desconfiança, e entrando o Commandante da companhia dos Perma-

nentes, o tenente Lazaro Vieira do Amaral, repentinamente a um signal dado, dizem, pela referida parda, abriu-se a porta, sahindo de dentro um tiro de bacamarte, e após elle um grupo de 60 pretos, pouco mais ou menos, armados de differentes armas, principalmente de espadas, os quaes dispersaram a pequena força surprehendida, ferindo gravemente ao referido tenente Lazaro e a outros que foram encontrando em sua passagem.

« Este grupo se dirigiu para N. S. da Ajuda, ao largo do Theatro, onde foi recebido com uma descarga dada por oito guardas Permanentes, commandados pelo ajudante do mesmo corpo, os quaes foram dispersados pelos africanos, depois de ficarem feridos cinco : desse lugar correram, em altos gritos, pela rua abaixo, matando e ferindo os que encontravam; constando-me terem feito duas mortes em dous pardos, e foram direito ao quartel de artilharia, talvez com o fim de fazerem alguma juncção da parte da Victoria, como depois se verificou. Proximos ao quartel, mataram um sargento nacional do 2° Batalhão, chamado Tito, o qual, indo em companhia do seu Juiz de Paz, quando este procurou o amparo da fortaleza, ficou um pouco atraz para lhes dar um tiro. Tornando a atacar a artilharia, voltaram pelo mesmo caminho, e brevemente fizeram juncção com outro grupo vindo do lado da Victoria, e que atravessou a estrada nova do Forte, não obstante o fogo que lhe fizeram. Reunidos, foram atacar o quartel dos Permanentes, onde apenas existiam 12 soldados, por terem sido prestados os demais a diversas requisições. Ahi,

depois de algum fogo, fechado o portão do quartel e depois de terem perdido dous dos seus, tendo outros feridos, tomáram pelo lado da Barroquinha e vieram sahir segunda vez no sitio da Ajuda, donde seguiram para o Collegio, e atacaram a guarda, a qual se recolheu, fazendo fogo sobre o grupo um reforço Permanente que alli se achava. Nesse lugar, matáram um soldado de artilharia que vinha buscar o *santo*, o qual antes de cahir ferido, defendeu-se corajosamente e matou um com um tiro, ferindo a outros muitos. Na descida pela Baixa dos Sapateiros, matáram hum pardo, e dizem-me que ainda outro, seguindo depois para os Coqueiros, donde sahiram para atacar a cavallaria, como já referi a V. Ex. Depois do destroço que receberam nesta ultima paragem, unica que tomou a offensiva, nunca mais se reuniram.

« Esquecia-me dizer a V. Ex. que, na noite da insurreição, se me apresentou igualmente o tenente-coronel Manoel Antonio da Silva, Instructor Geral dos Guardas Nacionaes, a quem encarreguei de algumas commissões ; bem como devo communicar a V. Ex., que a parda da casa onde se achavam os pretos, e seu marido, estão presos, havendo motivo para suspeital-os conniventes ou sabedores.

« Desde o quartel da cavallaria, até o forte de S. Pedro, foram achados muitos africanos mortos ou feridos, e poucos presos no acto do ataque. Calcúlo o numero dos mortos achados em todos os lugares, e mesmo entre as ondas, em 50 ; havendo, porém, feridos, que de certo não escaparão, attenta a gravidade dos ferimentos e o tempo decorrido, primeiro que fossem

tratados ; existindo estes no Hospital, para onde os mandei conduzir, e os outros na fortaleza do Mar.

Pela manhã forão achados alguns pelos mattos visinhos, baleados e cutilados, dos quaes alguns procuravam escapar-se com disfarces. Ás seis para sete da manhã, da casa de João Francisco Rates, sahiram repentinamente seis pretos seus, armados de espadas, pistolas e punhaes, vestidos em trajes de guerra, á maneira sua ; e depois de lançarem fogo á casa do Senhor, correram em busca d'Água de Meninos, sendo logo mortos no caminho.

« E de presumir que estes estivessem no plano, porém ignorassem o resultado da madrugada, pois que foram forçados a romper antes do tempo os 60 da casa corrida em Guadelupe. Têm sido dadas por mim as providencias necessarias, para serem corridas todas as casas de africanos, sem distincção alguma, e o resultado será presente á V. Ex. em tempo competente, podendo desde já asseverar a V. Ex. que a insurreição estava tramada de muito tempo, com hum segredo inviolavel e debaixo de um plano superior ao que deviamos esperar de sua brutalidade e ignorancia. Em geral vão quasi todos sabendo ler e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao arabe, usado entre os *Ussàs*, que figuram terem hoje combinado com os *Nagôs*. Aquella nação em outro tempo foi a que se insurgiu nesta Provincia por varias vezes, sendo depois substituida pelos *Nagôs*. Existem mestres que dão lições, e tratam de organizar a insurreição, na qual entravam muitos forros africanos e até ricos.

« Têm sido encontrados muitos livros, alguns dos quaes, diz-se serem preceitos religiosos, tirados de misturas de seitas, principalmente do Alcorão. O certo é que a Religião tinha sua parte na sublevação, e os chefes faziam persuadir aos miseraveis, que certos papéis os livrariam da morte, d'onde vem encontrar-se nos corpos mortos grande porção dos ditos, e nas vestimentas ricas e exquisitas, que figuram pertencer aos chefes e que foram achados em algumas buscas. Tambem se notou que uma quantidade grande de insurgentes eram escravos dos Inglezes, e estavam melhor armados, devendo-se attribuir estas circumstancias á menor coacção em que são tidos por estes estrangeiros, habituados a viver com homens livres. Além da morte do sargento da Guarda Nacional, do soldado de artilharia, de quatro pardos, e dos dous Permanentes, segundo se me informa, houve muitos outros feridos, e alguns graves. Certamente, Exm. Sr., se as denuncias não nos tivessem prevenido, o resultado seria afinal, sem duvida o mesmo, porém os estragos muito superiores; pelo que, a bem da segurança nossa, convinha premiar as pretas denunciantes, dando-lhes a liberdade, se ellas a não tivessem, ou um premio razoavel. As providencias continuam a ser dadas com calor, e por todos os districtos se trata de um processo, por onde se possa descobrir os culpados ainda existentes, para em suas pessoas dar-se um exemplo efficaz a esses africanos; e para melhor o conseguir, tenho procurado encaminhar os processos de uma maneira uniforme e regular. Depois de taes successos, é bem notavel que haja abusos, e estes têm existido

a um ponto tal que, hoje, já dão motivos sufficientes a queixas bem fundadas, pois que os soldados prendem, espancam e ferem, e mesmo matam os escravos, que por mandado de seus Srs. vão á rua. Sobre este objecto tenho officiado a V. Ex. e tenho dado as providencias a meu alcance. Presentemente tudo mais está tranquillo, e teremos tempo de, por medidas Legislativas Provinciaes, providenciar de maneira que não seja segunda vez preciso lutar com tal gente, e muito menos com africanos forros, que quasi todos, no gozo da liberdade, trazem o ferrete da escravidão, e não utilizam nada o Paiz com sua estadia.

« Deus guarde a V. Ex. Bahia, 29 de janeiro de 1835.

« Illm. e Exm. Sr. Presidente da Provincia. — *Francisco Gonçalves Martins*, Juiz de Direito e Chefe de Policia. »

2° documento

Officio do ministro da justiça — Manoel Alves Branco

de 4 de março de 1835, ao Presidente da Provincia da Bahia

Illm. e Exm. Sr. — Levei ao conhecimento da Regencia, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, o conteúdo do officio de V. Exa. n. 7, datado de 14 de fevereiro passado, no qual expondo V. Ex. o terror que se tem apoderado da população dessa Cidade, em consequencia da revolta de africanos, na noite de 24 para 25 de janeiro ultimo, exige do Governo Imperial algumas medidas extraordinarias que, sem offensa das Leis, dos Tratados e principios geraes do Direito das

Gentes, se podem e devem quanto antes tomar para dar a maior segurança á Provincia, e socegar os espiritos receiosos da impunidade dos mesmos africanos, visto que, tendo sido commettido o crime nas trevas da noite, não era facil achar contra todos os criminosos provas bastantes para a condemnação ; e sobre este objecto, por ordem da mesma Regencia, tenho de responder a V. Ex. o seguinte :

1°. Que fica V. Ex. autorizado para fazer deportar ou desterrar, para fóra do Imperio, quantos africanos libertos forem suspeitos por indicios de terem tido parte naquella revolta, ainda quando pelo motivo acima apontado sejam absolvidos no Jury da cidade, ou das villas da Provincia, por deficiencia de prova para a condemnação.

2°. Que, quanto aos escravos constituidos nas mesmas circumstancias, não consinta V. Ex. que saiam das prisões, sem que por ordem de V. Ex. o Promotor Publico obrigue os senhores a assignarem termo de segurança, em que afiancem sua futura conducta, na fórma dos artigos 123, 124, 125 e seguintes do Codigo do Processo Criminal.

3°. Que V. Ex. dê as mais energicas providencias para que não saiam dessa Provincia para aqui, ou para outra qualquer, africanos envolvidos em tal revolta, e que o interesse individual, sempre inimigo do publico, tente subtrahir ás pesquizas das autoridades policiaes, ordenando que nenhum escravo embarque sem guia ou licença do Chefe da Policia, dada sobre folha corrida por todos os Escrivães de Paz do lugar.

4°. Finalmente, que, quanto á importação de no-

vos africanos, que continúa na Provincia, por ora nada mais se póde fazer senão cumprir e fazer cumprir as Leis e Tratados existentes com todo o rigor, emquanto se não podem obter meios mais fortes e decisivos, que o Governo não cessa de solicitar de todas as nações civilizadas da Europa e da America, e reclamará da Assembléa Geral.

A Regencia espera do reconhecido zelo e intelligencia de V. Ex. a mais prompta e rigorosa execução das providencias acima.

Deus guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro, em 4 de março de 1835 — *Manuel Alves Branco*. — Sr. Presidente da Provincia da Bahia».

3º documento

EDITAL LAVRADO PELO CHEFE DE POLICIA DA BAHIA

O Doutor Francisco Gonçalves Martins, Juiz de Direito da 1ª Vara do Crime da Comarca desta Cidade da Bahia, Chefe de Policia da Provincia.

Faço saber que sendo necessario pôr de uma vez termo aos continuados alarmes nocturnos que, depois da noite de 24 para 25 do passado, têm constantemente perturbado o socego das familias, bem como querendo providenciar a que um acontecimento semelhante ao daquella época não venha enluctar ainda uma vez os dias pacificos dos habitantes desta Cidade, dando motivo a sua repetição o deleixo indispensavel dos senhores de escravos, que os seus transitem continuada-

mente pelas ruas durante a noite, tenho providenciado o seguinte :

Art. I. Que depois de oito horas da noite, todo o escravo encontrado na rua sem escripto de seu senhor, declarando a que horas o fez sahir e para onde, e até que horas tem commissão de se demorar, bem como o lugar da moradia do mesmo senhor, será recolhido á cadêa e levará, na manhã seguinte, cincoenta açoutes, sendo além disto preciso, para ser solto, que seu senhor justifique nesta repartição, seu dominio, isenção do crime do dito escravo, e pague a carceragem competente. Os africanos forros, assim apprehendidos, terão um destino que se julgar conveniente.

Art. II. Todos os escravos apprehendidos da maneira acima indicada serão presos unicamente á ordem deste Juizo, a elle remettidos e só por elle soltos.

Art. III. Todo cidadão, guarda, ou encarregado de Policia poderá e deverá fazer conduzir presos a este Juizo todos os escravos que forem encontrados em numero de 4, sem que estejam empregados em algum serviço, principalmente nos contornos desta cidade.

Art. IV. Toda patrulha que encontrar outra correndo pelas ruas, como em alarma, ou mesmo cidadãos, dando vozes aterradoras, os prenderá d'ordem deste Juizo.

E para que chegue á noticia de todos o presente, se publique.

Bahia, 21 de fevereiro de 1835 — (assignado) *Francisco Gonçalves Martins.*»

UMA FAZENDA HISTORICA — BORDA DO CAMPO

PELO

DR. JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Uma fazenda historica — Borda do Campo

O INCONFIDENTE JOSÉ AYRES GOMES

Tem uma historia interessante a velha fazenda da Borda do Campo, situada a poucos kilometros da estação do Sitio, na Estrada de Ferro Central do Brazil, comarca de Barbacena, Estado de Minas Geraes.

Ella foi theatro de conversações patrioticas, assistiu a scenas de ardor civico, conferencias de inconfidentes, e lá se fez ouvir muitas vezes a voz sincera, enthusiasta e vibrante do proto-martyr Tiradentes.

Seu proprietario era, por esse tempo, o Coronel José Ayres Gomes, o qual possuia tambem a rica fazenda da Mantiqueira, com capella e officina de ferreiro, e as fazendas de Calheiros, Accacio e Passa Tres, bem como os sitios do Quilombo e do Confisco, onde plantava trigo, e do Engenho, com um alambique, tendo em todas 114 escravos.

Antes delle, em 1703, a fazenda da Borda do Campo pertencera ao coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, (1) distincto paulista, cujos serviços e mereci-

---

(1) Domingos Rodrigues da Fonseca Leme era natural da villa de Parnahyba, filho do Capitão João Rodrigues da Fonseca e D. Antonia Pinheiro Raposo Tavares.

Falleceu em seu sitio de Taguatinga, districto de S. Roque, em

mento são attestados na patente de Coronel da Nobreza da Capitania de S. Paulo, que lhe passou o Capitão General Rodrigo Cesar de Menezes, em 22 de outubro de 1724. Desse documento consta:

> « que succedendo entrar a Armada Franceza no porto do Rio de Janeiro (2) e baixando das Minas o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com um pé de exercito a soccorrel-o, se aquartellou na Borda do Campo, no sitio do Supplicante, onde lhe foi necessario demorar-se alguns dias para regular as tropas e as ir despedindo, de sorte que fizessem as marchas com mais facilidade, ás quaes assistiu o dito Domingos Rodrigues da Fonseca Leme com todos os mantimentos necessarios, e tudo o mais que lhe pediu, com a maior grandeza e liberalidade, offerecendo tudo sem estipendio nem paga...»

Depois do Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, as terras da Borda do Campo passaram ao do-

---

1738 e, de seu casamento com D. Izabel Bueno de Moraes, deixou os seguintes filhos:

I — Capitão mór João Raposo da Fonseca Leme.

II — D. Joanna Baptista Leme.

III — D. Lucrecia Leme, casada com Manoel Francisco Xavier Bueno.

IV — Francisco Corrêa de Lemos.

V — D. Antonia Pinheiro Raposo, casada com João da Cunha Franco.

VI — D. Barbara Bueno de Freitas.

(2) Foi a invasão dirigida por Duguay Trouin, em 1711, em que os Francezes, em 22 de setembro, tomaram o Rio de Janeiro, que não fôra convenientemente defendido pelo Governador Francisco de Castro. Antonio de Albuquerque chegára de Minas com esse reforço, que passára na Borda do Campo, mas encontrou firmado com Duguay Trouin um contracto deshonroso; foi convidado para assumir o Governo, o que fez em 1711, conservando-o até 1713.

minio de Manoel Lopes de Oliveira, que tambem obteve carta de scismaria, em 30 de outubro de 1749, e a elle succedeu seu genro José Ayres Gomes, casado com a sua filha D. Maria Ignacia de Oliveira, o qual requereu e obteve demarcação de suas scismarias, em novembro de 1790.

O proprio José Ayres Gomes, em seu livro de assentos, que conservo em meu archivo, assim como outros documentos referentes a esta narrativa, declara o seguinte:

> « Primeyro que declaro, hê que comprey a fazenda da Borda do Campo ao Cap^{m}. Fran^{co}. Gomes M^{iz}.
>
> A Fazenda hêra do Ten^{e}. Coronel Manoel Lopes de Oliveira que a vendeu ao d^{to}. Fran^{co}. Gomes M^{iz} para se pagar aos seus credores e erdeiros hêra e hê o Dr. José Lopes de Oliveira e a m^{a}. Molher D. Maria Ignacia de Oliveira dos bens do d^{to}. Manoel Lopes.
>
> Eu José Ayres Gomes só fiz pagamento do que constar da escritura que me passou D. Clara Maria viuva do d^{to}. Fran^{co}. Gomes M^{iz} salvo erro de trinta mil cruzados o que constar da mesma escritura.
>
> Para desencargo de m^{a} consciencia declaro que a Fazenda está por pagar, e o erdeiro a revindicará si quizer, e si rematar em prasa pode requerer a Sua Magestade para aver a si a fazenda porque Fran^{co} Gomes M^{iz} não pagou a primeyra escritura qu'eu sempre tive este receio que o d^{to} Dr. José Lopes como

erdeiro viesse contender comigo para tirar a fazenda e as sesmarias que tudo entrou na d[ta] compra ».

Era infundado o receio de José Ayres Gomes, quanto ao seu cunhado, o Dr. José Lopes de Oliveira, tanto que este, em seu testamento, feito no Porto, em 4 de janeiro de 1804, instituiu sua universal herdeira á sua irmã D. Maria Ignacia de Oliveira (3).

E na sua fazenda da Borda do Campo ia vivendo José Ayres Gomes na sua pacata e honesta profissão de lavrador. Situada á beira da estrada nova das Minas para o Rio de Janeiro, offerecia a fazenda optimo pouso e hospedagem a quantos se dirigiam a essa cidade.

Tiradentes por ahi passara e, ardente em sua propaganda, confiante no brilho e exito de sua causa, era incansavel no proposito de alliciar companheiros e proselytos; expandira-se com o velho fazendeiro da Borda, o qual depois indagava do que havia ou transmittia as suas impressões; dahi o ter sido colhido entre os conspiradores, sendo condemnado e confiscados os seus bens.

Assim por força da iniqua sentença da alçada, passava a fazenda da Borda do Campo ao Fisco e á

---

(3) O Bacharel José Lopes de Oliveira era natural da freguezia da Borda do Campo Lyde, villa de Barbacena, e filho do Tenente Coronel Manoel Lopes de Oliveira. Residia no Porto, Reino de Portugal, no bairro dos Ferradores, o que tudo consta de seu testamento, feito em janeiro de 1804, aberto em Barbacena, aos 29 de março de 1805, e no qual dispoz:

« Declaro que nam tenho erdeiros ascendentes nem decendentes e por isso instituo por minha universal Erdeira a minha Irman Dona Maria Ignacia de Oliveira, viuva de José Ayres Gomes, moradora na Borda do Campo, e sendo fallecida os seus filhos e netos.»

Camara Real, sendo sequestrada, em 1791, e levada á praça, para ser então, como o foram os demais bens, arrematada por D. Maria Ignacia de Oliveira, viuva do Inconfidente.

«Em 1800, aos 27 de setembro, essa senhora vende a João Ayres Gomes e José Rodrigues de Lima, filho e genro, os bens arrematados ; ao segundo «uma fazenda chamada da Borda do Campo, sita na Estrada Geral do Rio de Janeiro, que se compõe de casas de vivenda, paiol, engenho de Pilões, Moinho, Monjollo, Ranchos de passageiros e de Tropas, vendas, olarias, moradas de casas e todas as mais bemfeitorias, Capella, (1) com todos os seus pertences e tudo o mais que se acha edificado na mesma fazenda, que se compõe de campos de criar, capoeiras e mattas virgens:

« E assim mais um Rancho edificado na paragem

---

(1) A Capella ainda existe, perfeitamente zelada, celebrando-se ahi, durante o anno, muitas missas, e sempre as festas do Natal, Anno Bom e Reis.

O Padre Correia de Almeida foi, num periodo de 30 annos, o encarregado desses actos religiosos.

Nella estão sepultados, entre outros membros da familia, o Commendador Feliciano Coelho Duarte e sua mulher D. Constança Emygdia Duarte Lima, o Commendador Francisco de Paula Lima, o Capitão José Manoel de Miranda e sua mulher D. Maria Henriqueta, a Sra. D. Philomena de Castilho, o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Anterior a 1767, a velha capella está edificada em pequeno adro, onde se encontra a antiquissima pedra que marca regularmente as horas do dia (relogio do sol). Ahi se lê, hoje com difficuldade, a inscripção adiante transcripta, de caracteres antigos, em latim, e cuja observação e traducção devo á obsequiosa interferencia do Rev.mo Padre Arthur Mayer, da Congregação do Verbo Divino.

« Hœc duo horario delinavit Doctor Alexander a Silva Barros, scismarumque Judex Jubente Domino, equitum tenente-coronel Emmanuel Flopesio ab Oliva, hujus capellæ patronus. Fabricavit lapidum magister Joannes Maquiero 25 Julii MDCCLXVII—1767. »

« Estes dois relogios desenhou o Doutor Alexandre da Silva Barros, Juiz da Scismaria, por ordem do Sr. Tenente Coronel de Cavallaria Manoel Lopes de Oliveira, proprietario desta capella. João Maquiero, mestre de obras, construio-os em 25 de julho de 1767.»

chamada o Confisco, tudo coberto de telhas comprehendido nos tapumes das mesmas terras da fazenda da Borda do Campo que se compõe de duas seismarias de legua cada huma....

« E assim mais uma fazenda chamada Batalha, sita na mesma estrada geral, que se compõe de uma legua em quadra, com campos, mattas virgens e capoeiras...» E nessa mesma escriptura, Maria Ignacia de Oliveira «reserva para assistir e morar emquanto fosse viva a casa que está ao lado direito da capella da Borda, onde morou o fallecido Joan Fernandes Guimarães.»

Mas o destino não permittiu que José Rodrigues de Lima viesse a se tornar dono da Borda do Campo sem outros trabalhos e novas despezas.

E' assim que a fazenda e mais bens foram novamente penhorados em execução «por fiança que na Real Fazenda havia feito José Ayres Gomes ao contracto dos Dizimos que rematou João Rodrigues de Macedo», (5) de sorte que aquelle e seu cunhado João Ayres Gomes «na mesma execussam remataram de suciedade as ditas fazendas da Borda do Campo, Batalha e Engenho, com as suas scismarias anexas, Mantiqueira e mais cinco scismarias em diversos logares» tornando-se José Rodrigues de Lima e sua mulher, D. Maria Antonia de Oliveira, filha de José Ayres Gomes, donos da fazenda da Borda do Campo e Batalha, apartando para isso a

---

(5) João Rodrigues de Macedo residia em Villa Rica e era muito protegido pelas autoridades; passava por um dos felizes contractadores de entradas de dizimos e só num lance conseguiu os dois triennios de 1776 a 1781 por sommas favoraveis.—(J. Norberto, *Conjuração Mineira*, pag. 123.)

sociedade com João Ayres Gomes, o que tudo consta da escriptura de 27 de Março de 1805.

João Ayres Gomes, filho de José Ayres e D. Maria Ignacia de Oliveira, foi casado com D. Francisca Paula Rabello.

Nos termos da referida escriptura para a divisão dos bens, coube a João Ayres Gomes a fazenda do Engenho na Estrada Geral do Rio de Janeiro, com as quatro scismarias annexas, e mais a fazenda da Mantiqueira com seus pertences, e as cinco scismarias, a saber: tres na paragem chamada o Accacio, uma denominada o Sertão, e outra no Alto da Serra; a elle pertenceram os terrenos em que está edificada a estação de *João Ayres*, na Estrada de Ferro Central.

A José Rodrigues de Lima e sua mulher D. Maria Antonia de Oliveira, chamada a *Nhanhá do Campo*, succedeu no dominio das terras da Borda e Batalha, sua filha D. Constança Emygdia Duarte Lima, que se casou com o Commendador Feliciano Coelho Duarte, natural da Piranga.

Foi o periodo aureo da Borda do Campo. Ahi se reunia em determinada época do anno toda a numerosa familia e no mais louvavel dos affectos, passava os dias alegres e festivos do Natal, sob o tecto carinhoso, sincero e bom que pertencia a D. Constança, senhora de acrysoladas virtudes, alto criterio e grande coração.

A *Borda do Campo* era então um centro de attractivos e diversões, não só para as familias Lima Duarte, Leandro Barbosa, Penido, Andrada, Miranda Ribeiro, Miranda, como para os amigos ali recebidos com o mais franco acolhimento. De alguns recordo-me pessoal-

mente; de outros a tradição transmitte agradaveis impressões.

Dom Viçoso, o santo bispo de Marianna, Dom Benevides, que o substituiu, Monsenhor José Augusto, Monsenhor João Gonçalves, o Conde de Prados, os magistrados Trigo de Loureiro, Bernardino Ferreira, Aureliano Coutinho e Monteiro de Azevedo, o Commendador Antonio Ribeiro Queiroga, os Drs. Souza Costa, lente da Faculdade de Medicina, e Pires Ferreira, Octaviano Hudson, Padre Julio Maria, Alfredo Alexander, além de tantos e tantos outros, viram a velha casaria da Borda do Campo, sua modesta capella, as suas antiguidades; Affonso Arinos, distincto litterato, o Dr. João Pereira da Silva Continentino, ornamento da magistratura de Minas, pela sua integridade e illustração, eram companheiros prezadissimos; o Padre-Mestre Correia de Almeida, num periodo de trinta annos, alli comparecia a celebrar os actos religiosos, e inspirando-se ora nos folguedos dos rapazes, ora nas antigas muralhas do logar, ora nas arvores gigantescas e seculares, escrevêra muitas e apreciaveis poesias, com allusões constantes á memoravel fazenda.

Ainda recentemente alli esteve o joven poeta, Dr. Bastos Tigre, deixando em lembrança de seu passeio, inspirada e mimosa producção. Eil-a:

A Borda do Campo

Entro por estas salas seculares!
Como num Templo, um fervoroso Crente!
Reina uma paz dulcissima e silente
Por todos estes mysticos logares...

Velhos catres! lembranças salutares!
Raios mortos de luz dum sol no poente!
Aqui, a sombra de um Inconfidente
Parece estar pairando sobre os ares!

Vem, coração! mergulha no Passado.
Procura nelle o salutar conforto,
Que é como um doce balsamo sagrado!

Sonha, minh'alma! Cerebro, recorda!
Que resuscita todo um sec'lo morto
Esta fazenda secular, da Borda!

O Commendador Feliciano Coelho Duarte falleceu em 27 de julho de 1868 e D. Constança em 2 de fevereiro de 1885, continuando em poder de seus descendentes todo aquelle immovel cheio de tradições e das mais gratas recordações, o que constata em favor da denominada familia da Borda do Campo um periodo de perto de 160 annos (desde 1749) na posse e dominio da valiosa propriedade. E os actuaes herdeiros a conservam, ligando-lhe o mais alto apreço, em derredor de sua maior proprietaria D. Adelaide Duarte de Andrada, viuva do Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, filha de Feliciano Coelho Duarte, neta de José Rodrigues de Lima, bisneta de José Ayres Gomes.

A *Borda do Campo* de hoje, si não tem os attractivos dos outros tempos, dado o desapparecimento de entes queridos e inolvidaveis, é ainda um logar que conforta pelas saudades que desperta, faz viver do passado, rico de bellos exemplos, e tem encantos num mixto de alegria e tristeza que fortalecem o espirito e tranquillizam o coração.

*
* *

O inconfidente José Ayres Gomes, nascido em 1734, na freguezia de Assumpção do Engenho, comarca de São João d'El-Rei, era negociante e fazendeiro na Borda do Campo e Coronel da Cavallaria auxiliar.

Casou-se com D. Maria Ignacia de Oliveira, filha do Tenente Coronel Manoel Lopes de Oliveira, irman do fazendeiro Manoel Dias de Sá e do Padre Silvestre Dias de Sá, mais conhecido por *Padre Silvestre do Paraopeba*, porque ahi possuia uma fazenda.

Embora fosse um homem sem instrucção, esmerava-se José Ayres pela educação intellectual de seus filhos, para os quaes tinha um preceptor — José Ignacio de Siqueira.

Na sentença da alçada contra os Inconfidentes, lê-se com relação a José Ayres Gomes:

> « que sem embargo do réo estar persuadido de que havia levante, e devendo ainda persuadir-se mais por lhe dizer o Padre Manoel Rodrigues da Costa, contando-lhe o réo a pratica que tinha tido com o réo Tiradentes — que as cousas estavam mais adiantadas — o que o mesmo réo confessa á fls. 3 do App. n. 24, comtudo nem tendo por certo o perigo do Estado se resolveu a delatar ao General o que sabia... e que supposto o réo não soubesse especificadamente dos ajustes da conjuração e de quem eram os conjurados, comtudo que maliciosamente occultava o que sabia, para que não se embaraçasse a sublevação que satisfeito esperava.»

E foi José Ayres Gomes, em 20 de Abril de 1792, condemnado a *degredo para toda vida* em Ambaca, na

Angola, apprehendidos os seus bens para o Fisco e Camara Real, modificada depois a pena para oito annos de prisão em Inhambane.

Detido e immediatamente enviado para o Rio de Janeiro, nem foi permittido a esse martyr da Conjuração Mineira despedir-se de sua esposa e dos filhos, segundo reza a tradição; mas, dias antes do seu embarque, deixou em livro de notas as seguintes palavras:

> « Livro de José Ayres Gomes que deyxa nesta sidade do Ryo de Janeyro para se entregar a minha Molher D. Maria Ignacia de Oliveira e a meus filhos Joam Rybeiro, José Ayres, Joam Ayres Gomes e a meu Compadre o Revdmo. Pe Silvestre Dias de Sá para saberem das minhas dividas e pagar se as minhas dividas athe onde xegar o vallor dos meus bens para desencargo de minha conciencia.
>
> «Feyto este L° e asento neste livro em 6 de Mayo de 1792 que como vou degradado para Mosambique para o Presidio de Inhambane e poderey morrer para se saberem arrumar, e ainda que fiquem sem nada paguem a todos.— *José Ayres Gomes.*»

Em Inhambane, para onde seguira a 23 de maio de 1792, a bordo do navio *Nossa Senhora da Conceição Princeza do Brazil*, veio a fallecer, com pouco mais de 60 annos, o velho fazendeiro da Borda do Campo, que fôra envolvido na devassa mais pelas suas facilidades, commentando, numa época de prepotencia e

estreitos odios, o que ouvira de Tiradentes e outros inconfidentes, do que pela parte activa que houvesse tomado no movimento.

Foi, entretanto, um dos martyres da conjuração; soffreu, viu confiscados os seus bens, e certamente pesou as grandes difficuldades para seus filhos e sua esposa os rehaverem.

A elle ainda foram attribuidos uns versos contra os portuguezes, o que tambem concorreu para acirrar o odio e a prevenção dos juizes. Taes versos foram enviados ao governador Visconde de Barbacena, em 14 de outubro de 1789, n'uma carta anonyma, que dizia:

> « E' o dito Coronel José Ayres Gomes acerrimo inimigo dos filhos de Portugal, como consta do papel incluso da sua propria lettra e que costuma fallar delles com muita injuria, liberdade e soberba, fazendo-se poderoso com o senhorio que tem de mais de 40 e tantas scismarias nas Geraes da Mantiqueira e contestam até o Parahybuna, jatando-se que no Brazil ninguem tem maior ducado do que elle. »

José Ayres Gomes teve uma grande descendencia. Casado com D. Maria Ignacia de Oliveira, além dos filhos João Ribeiro, João Ayres e José Ayres, deixou duas filhas uma de nome Anna Perpetua de Oliveira, casada em primeiras nupcias com o Capitão Antonio de Miranda Magro, e em segundas com José Gomes de Azevedo; outra chamada Maria Antonia de Oliveira, casada com o Capitão José Rodrigues de Lima, natural de Paracatú.

São netos de José Ayres Gomes, filhos de José Rodrigues de Lima:

I — Maria Carlota de Lima, casada com Manoel Vidal, teve uma filha Maria Perpetua, casada com Leandro Barbosa, donde descendem o Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage e seus filhos, residentes no municipio de Juiz de Fóra.

II — Anna Candida de Lima, casada em primeiras nupcias com Joaquim Vidal, e em segundas com o Visconde de Uberaba (José Cesario de Miranda Ribeiro), que foi Senador do Imperio e Conselheiro de Estado. O Visconde de Uberaba foi um dos mais illustres estadistas do Brazil. Notavel pelo seu saber, a um caracter integro e purissimo, alliava extrema bondade de coração e delicadeza de sentimentos.

Em carta, que conservo com seu autographo, escripta, em 1853, á sua sogra, D. Maria Antonia de Oliveira, revela sua amenidade de trato, seu temperamento gentil, sua fina educação, assim como o affecto consagrado ao sitio « Monte Bello » no municipio de Juiz de Fóra, onde residia:

> « Minha prezada Mãe e Senhora do meu Coração». Monte Bello, 11 de abril de 1853.
>
> Pretendo sahir aos 20 do corrente para o Rio de Janeiro, e vou por este meio beijar-lhe a mão, e dizer-lhe adeus, muito pezaroso por me não ser possivel fazel-o pessoalmente.
>
> Alli ter-me-ha, minha Mãe, ás suas ordens, durante o tempo da Sessão Legislativa, depois da qual voltarei muito contente para

este meu Paraizo, donde nunca me separo sem muita saudade.

Estimarei que minha Mãe tenha passado mais alliviada, e viva longos annos para consolação de todos os seus, e peço-lhe, por amor de sua filha, que não se esqueça de encommendar-me a Deus em suas orações, afim de que elle me guarde e guie, assim na ida como na volta.

Queira acceitar a minha despedida, e dispor da boa vontade de

Seu Filho muito amante e obrigadissimo criado.—*José Cesario.* »

III — Francisca Candida de Lima, casada com Francisco Coelho Duarte Badaró, que residiam no Piranga, e alli constituiram numerosa familia, a que pertencem os Badarós, Vidigaes, o Dr. Francisco Bernardino Rodrigues Silva, deputado ao Congresso Nacional, o Dr. Francisco Coelho Duarte Badaró, que foi deputado á Assembléa Constituinte e hoje é magistrado em Minas Novas.

IV — Constança Emygdia Duarte Lima, casada com o Commendador Feliciano Coelho Duarte, que sempre moraram na Borda do Campo, dos quaes descendem os Lima Duarte, Penidos, Miranda Ribeiro, Mirandas e Andradas.

V — Francisco de Paula Lima, casado em primeiras nupcias com sua sobrinha Maria Candida de Lima, filha de Anna Candida, e em segundas com Francisca Benedicta Monteiro de Barros, filha do Visconde de Uberaba e D. Maria José Monteiro de Barros,

tendo como descendentes os Paula Lima, Miranda Lima e Vidal Barbosa Lage.

O Commendador Francisco de Paula Lima era um agricultor intelligente e adeantado, cidadão venerado por suas elevadas qualidades de caracter. Residia no municipio de Juiz de Fóra, ao qual prestou relevantes serviços, especialmente á antiga parochia de Chapéo d'Uvas, que hoje tem o seu nome. O Governo Provisorio do Estado de Minas Geraes reconheceu em acto official e solemne o muito que para ella cooperou o digno mineiro.

E' assim que em data de 24 de março de 1891 expediu o seguinte decreto:

> « O Dr. Governador do Estado de Minas Geraes, usando da attribuição conferida no § 1º, art. 2º do decreto n. 7, de 20 de novembro de 1889, e considerando que a freguezia de Chapéo d'Uvas, municipio de Juiz de Fóra, deve o seu grande desenvolvimento agricola e industrial a um de seus dignos fundadores, o finado Francisco de Paula Lima, resolve, em homenagem á memoria do dito cidadão, decretar:
>
> Artigo unico. A parochia de Chapéo d'Uvas, municipio de Juiz de Fóra, fica denominando-se de Paula Lima; revogadas as disposições em contrario.
>
> Palacio do Governo do Estado de Minas Geraes. Ouro Preto, 24 de Março de 1891.— *Antonio Augusto de Lima*.»

São bisnetos de José Ayres Gomes:

I — Filha de Maria Carlota:

Maria Perpetua, casada com o Coronel Leandro Barbosa, que teve um filho, o Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage.

II — Filhos de Francisca:

a) Constança Duarte, casada com Joaquim Pedro Vidigal de Barros, teve uma filha Philomena, casada com o Dr. Benjamin Rodrigues Pereira, antigo deputado geral, já fallecido.

b) José Coelho Duarte Badaró, pae do Dr. Washington Badaró.

c) Maria Adelaide Duarte, casada com o Coronel Fortunato Vidigal.

d) Olympia Duarte Vidigal, casada com Antonio Vidigal.

e) Henriqueta Duarte Portugal, que foi casada com o Dr. Affonso Portugal; é mãe do Dr. Henrique Portugal, medico e chefe executivo no Rio Preto.

f) Justiniano Coelho Duarte Badaró, pae dos Drs. Francisco Coelho Duarte Badaró e Eduardo Gê Badaró.

g) Elisa Duarte, casada com o senador Firmino Rodrigues Silva; são os paes dos Drs. Francisco Bernardino Rodrigues Silva, Alberto Rodrigues Silva e Firmino Rodrigues Silva. O senador Firmino, natural do Rio de Janeiro, antiga Côrte, fez sua carreira politica em Minas, onde exerceu durante muitos annos a magistratura; pertencia ao partido conservador, ao qual prestou valiosos serviços.

Foi juiz da vara commercial do Rio de Janeiro e

desembargador do Superior Tribunal dessa capital, desempenhando todos esses cargos com absoluta austeridade e notavel proficiencia. Era um valente polemista e teve na imprensa da época logar de destaque, rivalizando com Justiniano José da Rocha, então um dos mais afamados e brilhantes jornalistas.

Falleceu em Paris, no anno de 1879.

III — Filhos de Constança:

a) Feliciano Coelho Duarte, falleceu em S. Paulo, quando cursava o quinto anno de direito. Os contemporaneos attestam o seu grande talento e suas notaveis qualidades de caracter.

Nas « Tradições e Reminiscencias da Academia de S Paulo » pelo Dr. Almeida Nogueira, encontram-se as seguintes referencias a este desventurado mineiro:

> « Era Feliciano Coelho Duarte natural de Minas, e dotado de robusto talento e grande coração. Era a bondade e a dedicação personificadas. Gozava, por isso da maior estima, e o seu tragico fim prostrou de consternação toda a mocidade academica.
>
> . . . .
>
> . . . .
>
> Refere tradição veridica um tocante episodio, de cuja authenticidade cuidadosamente nos certificamos :
>
> Tinha Feliciano Duarte um gentil cordeiro, muito meigo, que em casa estava sempre ao seu lado e por vezes o acompanhava á rua e mesmo á Academia. Pois bem, o carinhoso animal acompanhou o feretro de seu desven-

turado amo, até a egreja de S. Francisco, em cujo cemiterio foi inhumado o cadaver.»

Bernardo Gavião dedicou-lhe o seguinte soneto, que tambem encontramos no livro do Sr. Almeida Nogueira:

A' morte do desventurado Feliciano Coelho Duarte

Eis o termo; eis a pedra; eis a verdade;
O desengano emfim; emfim a morte;
Eis o gume ante o qual se quebra a forte
E ampla, vasta, infinita eternidade.

Não é sonho, meu Deus, é realidade.
Harpa que estala em ultimo transporte,
A' cova revoltou-se, é lei da sorte,
Um mysterio talvez, fatalidade.

E o barro mortal, na triste lida,
Tombou sem força, e em campa regelada,
Lá foram-se illusões, lá foi-se a vida!

Morreste, Feliciano, e abrilhantada
Voou tua alma, lá nos céos perdida,
E findou-se o teu ser, findou teu nada.

Alvares de Azevedo, em artigo dos « Ensaios Litterarios », de 1850, em sentidas palavras, dá noticia da profunda magua que produziu o passamento desse desditoso barbacenense.

b) José Rodrigues de Lima Duarte. Natural de Barbacena, diplomou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Iniciou logo a sua carreira politica, sendo eleito deputado á assembléa provincial e depois á assembléa geral, tendo sempre a renovação de seu mandato.

Durante muitos annos foi presidente da Camara Municipal de sua cidade, prestando-lhe constantes e va-

bons serviços, que recommendaram seu nome á gratidão dos conterraneos.

Exerceu a presidencia da Camara dos Deputados e, em 1885, occupou a pasta da Marinha no gabinete Saraiva.

De genio affavel e prestimoso, de inexcedivel lealdade, estimado mesmo pelos adversarios politicos, que o respeitavam pelo seu caracter nobre, leal, generoso, foi uma das mais salientes e legitimas influencias da provincia de Minas Geraes, que repetidas vezes o incluiu na lista triplice submettida á escolha da Corôa.

Escolhido senador do Imperio, continuou a ser chefe liberal de incontestavel prestigio.

Falleceu em 3 de Dezembro de 1896, deixando de seu casamento com D. Carlota Baptista de Lima Duarte um filho, o Dr. Feliciano Lima Duarte, medico, commissario de hygiene no Districto Federal, ex-deputado federal, casado com D. Herminia Queiroga de Lima Duarte.

c) Josephina Candida, foi casada com Leandro Barbosa, teve uma filha Philomena, casada com o Dr. Leandro de Castilho, donde descendem D. Alice Castilho de Moura Costa que se casou com o Dr. José Alexandre de Moura Costa, já fallecido, e seus filhos.

d) Carlota Duarte de Miranda Ribeiro, casada com o Dr. Romualdo Cesar Monteiro de Miranda Ribeiro, são os paes do desembargador José Cesario de Miranda Ribeiro, juiz da Côrte de Appellação, fallecido em 25 de Abril de 1907, e suas irmãs D. Maria José de Miranda Ribeiro Lima e D. Carlota de Miranda Ribeiro.

O Dr. Romualdo era filho do Visconde de Uberaba, foi conceituado e humanitario clinico em Juiz de Fóra, deixando, em toda a zona da Matta, grande numero de amigos e admiradores de suas nobilissimas qualidades.

Inexcedivel na amenidade de trato, bondoso e integro, o seu nome é ainda hoje lembrado com muita saudade e apreço.

Desempenhou, como representante do partido conservador, o mandato de deputado provincial, correspondendo, com toda correcção e intelligencia, á confiança de seus amigos.

e) Maria Candida Duarte Penido, casada com o Dr. João Nogueira Penido. Deste casal descendem os Penidos (Drs. Feliciano, João, Antonio, Raul Penido, Capitão de Corveta José Maria Penido, Galileu Penido, este fallecido), a familia Penido Burnier (Drs. Henrique Burnier, João Penido Burnier, 1º Tenente Octavio Burnier), a familia Penido Monteiro da Silva e a familia Burnier de Assis.

O Dr. João Nogueira Penido, diplomado em Medicina pela Faculdade do Rio, exerceu a sua profissão durante muitos annos, em Juiz de Fóra e em toda Matta de Minas, adquirindo grande prestigio. Tornou-se chefe politico de legitima influencia, foi eleito em legislaturas successivas deputado á Assembléa Geral, onde se salientou pela sua integridade de caracter e a franqueza de suas opiniões.

Seu nome está ligado a muitos incidentes notaveis da vida parlamentar. Proclamada a Republica, a cuja propaganda prestou sempre importantes serviços, foi

ainda diversas vezes eleito deputado. Falleceu, em 1901, na cidade de Juiz de Fóra, rodeado do mais alto apreço e da mais sincera veneração em todo o Estado de Minas Geraes.

f) Constança E. Duarte de Miranda Ribeiro casou-se com o Dr. Romualdo Cesar Monteiro de Miranda Ribeiro, viuvo de D. Carlota.

g) Maria Henriqueta Duarte Miranda, casada com o Capitão José Manoel de Miranda, de que descendem os Mirandas (Dr. Feliciano Duarte Miranda, Capitão José Henrique Duarte Miranda), Miranda Jardim (Drs. José, Paulo, Viçoso Jardim e Luiz Jardim), Miranda Aquino e Castro.

h) Adelaide Duarte de Andrada, casada com o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, de que descendem os Andradas (ramo mineiro) Drs. Martim Francisco Duarte de Andrada, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e José Bonifacio de Andrada e Silva, João Evangelista Ribeiro de Andrada, José Rodrigues Duarte de Andrada, este já fallecido.

O Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada nasceu em Santos, aos 3 de Março de 1836, era filho do velho Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada e D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada. Formado em direito pela Faculdade de S. Paulo, foi juiz municipal, depois advogado em Barbacena, em Minas Geraes. Avesso á politica, sempre se conservou extranho a ella; mas, em 1884, foi obrigado a acceitar, por imposições de amigos, o mandato de deputado geral, e depois de proclamada a Republica, o de senador no Estado de Minas. Exerceu tambem a

presidencia da Camara do Municipio em que residia.

O que elle valia pela sua intelligencia, pelo seu caracter, pela grandeza de seu coração, na estima e no apreço de um povo, ainda o affirma hoje a população de Barbacena, como a de todo o Estado, no respeito e na veneração ao seu nome e á sua memoria.

IV — Filhos do Commendador Francisco de Paula Lima:

a) Capitão José Ayres de Miranda Lima.

b) Francisco de Paula Lima Filho, pae do Dr. Miguel de Paula Lima, medico em São Paulo, e de João Baptista de Paula Lima, empregado na E. F. Sorocabana.

c) José Cesario de Miranda Lima, residente no Rio de Janeiro.

d) Maria José Monteiro de Castro, casada com o Dr. Lucas Matheus Monteiro de Castro, que representou a antiga provincia de Minas na Assembléa Geral.

e) Dr. Theotonio de Miranda Lima, já fallecido, ex-deputado provincial em Minas.

f) Constança Vidal Barbosa Lage, viuva do Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage, mãe dos Drs. Francisco Izidoro e Oscar Vidal, e do Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage, sogra dos Drs. Francisco Bernardino Rodrigues Silva, deputado federal, e Francisco Valladares, deputado ao Congresso Mineiro.

g) José Rodrigues de Miranda Lima, que foi commerciante no Rio de Janeiro.

h) João Evangelista de Miranda Lima, pae do Dr. Armando de Miranda Lima e João Lima Filho,

sogro dos Drs. Joaquim Francisco de Paula, lente do Gymnasio Mineiro, Joaquim Gonçalves Ferreira, medico residente no Rio, e Coronel Alfredo Mendes, advogado em Juiz de Fóra.

i) Romualdo Cesar de Miranda Lima, lavrador em Tres Ilhas, municipio de Juiz de Fóra.

j) Marcos Antonio de Miranda Lima, residente no Rio.

k) Francisca de Paula Lima e Silva, viuva do Coronel Pedro Carlos da Silva, lavrador e chefe liberal em Valença, e mãe do Dr. Pedro Carlos da Silva, advogado em Juiz de Fóra.

l) Benjamin de Miranda Lima, advogado em Bello Horizonte, actualmente no Rio de Janeiro, pae do Dr. Benjamin Amaral de Paula Lima, promotor de Justiça em Queluz de Minas.

m) Lucas Antonio de Miranda Lima.

n) Antonio Carlos de Miranda Lima, ambos fallecidos quando academicos de medicina.

Barbacena (Borda do Campo), 1908.

JOSÉ BONIFACIO.

DESCAMINHOS DO OURO

POR

EDUARDO MARQUES PEIXOTO

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico
Brazileiro

Sobre os descaminhos do ouro

DEVASSA DO GOVERNADOR LUIZ VAHIA MONTEIRO

I

— 1730 —

Era publica a noticia de que na casa de fundição das minas não entrava ouro em pó, havia muitos mezes.

Attribuiu o Governador aquelle facto á deserção dos mineiros que tinham ido para as Minas Novas, em busca dos diamantes.

Soube, porém, aquella autoridade, em conversa que teve com o ouvidor geral, que na Casa da Moeda desta cidade havia muito ouro para lavrar, e isso deu motivo a se indagar da verdade sobre aquellas noticias.

Veio então o Governador a certificar-se que, de facto, havia descaminho da fazenda de Sua Magestade.

Entre muitos individuos, dous descobriram que nas minas e nesta cidade havia fundições, que fundiam e marcavam as barras com cunhos falsos, que depois eram introduzidos na Casa da Moeda, e com aquelle dinheiro tornavam a comprar ouro. Asseguraram ao Governador que na Casa da Moeda não havia quem

ignorasse da falsidade das barras, sendo denunciado como seu fabricante *Antonio Pereira de Souza*, official da Casa da Moeda de Minas.

A fabrica de *Pereira de Souza* ficava em uma roça, entre uns montes, distante desta cidade: ahi o Governador o mandou prender, ao anoitecer, pelo Dr. Roberto Car Ribeiro, nomeado adjunto da devassa, mandada abrir por Sua Magestade (1).

Naquella casa não se encontrou cousa alguma, além de uns chumbos embrulhados em papel, reconhecidos serem moldes das marcas que traziam as barras da casa da fundição.

Na mesma noite foi o Governador examinar a roça, onde estava situada a fabrica, buscou a casa, entrou nos mattos com indios e pessoas praticas; nada, porém, encontrou.

No dia seguinte visitou a Casa da Moeda. Fingiu que ia a outra diligencia, sobre a despeza do Solimão.

Viu as barras, mas não poude fazer juizo sobre ellas. Durante a visita observou o Governador que os officiaes fundiram acceleradamente sete barras de ouro, mettidas na Casa da Moeda por um José Borges Raymundo.

Disseram que o provedor da Moeda puzera duvidas sobre a entrada daquellas barras, e isto devido ao odio que votava a José Borges, que teve de assignar um termo.

Souberam do facto os infractores da lei, principalmente Ignacio de Almeida Jordão; foram á noite á casa

---

(1) C. R. de 8 de fevereiro de 1730.

do provedor e lhe mostraram que com a sua averiguação ficavam todos perdidos, inclusive os da Casa da Moeda.

No dia seguinte, o provedor fez que José Borges fizesse um outro termo affectado, mandou fundir as barras, sem participar ao Governador e ao superintendente da casa, para se averiguar da sua legitimidade.

Passado um dia, tornou á Casa da Moeda o Governador Vahia Monteiro para suspender o lavor, conferir as barras, mas o provedor, apressadamente, mandou fundir todas as barras durante o dia e noite, de sorte que só encontrou duas, que verificou serem falsas.

Depois de regulamentar, dar providencias, e tendo chegado a certidão do *ouro* que ás partes entregara em barras na casa da fundição das minas, depois de ter pedido ao provedor explicações, baixou diversas portarias sobre o assumpto, que constavam de ordens, entrada e sahida das barras por meio de um livro, observadas as relações que vinham mensalmente de Minas e de S. Paulo.

Mandou que o provedor separasse algumas barras, deu busca nas casas da cidade, ouviu em segredo os espias, dia e noite trabalhou, sempre só, porque os ministros longe de ajudal-o gastavam o tempo em discussões sobre contendas, disposições para atalhar a extracção do ouro das minas, que sahia em partidas de 40 a 70 arrobas de ouro, etc.

A Casa da Moeda desta cidade lavrou da sahida da ultima frota, 1729, até 11 de junho de 1730, 228 @ e 28 libras de ouro, não se tendo fundido nas casas reaes mais que 91 @.

O cabedal que o Governador mandou suspender na Casa da Moeda, até que as partes mostrassem a sua legitimidade, importava em 66:495$631.

O povo fez suas queixas, dizia que semelhante quantia fazia falta ao commercio.

A parte de José Borges Raymundo, que importava em onze contos e tantos mil réis, elle a houve de Joseph Roiz Ferreira, que, depois da prisão de Antonio Pereira, se occultou.

José Rodrigues tinha feito trato com Francisco Bravo, que foi mestre de ourives de Antonio Pereira, e que tambem fugiu.

* * *

Deante de tanta balburdia o Governador Vahia Monteiro aconselhou, em carta de 8 de julho de 1730 a Sua Magestade, que o melhor meio de se evitar a extracção nas minas era conservar nellas a Casa da Moeda, extinguindo a das Marinhas e estabelecendo uma em S. Paulo para reduzir o ouro de Cuyabá, Paranapanema e Goyaz, mas allegava que nenhum official ou serventes da Casa da Moeda desta cidade eram capazes de se conservar naquellas, porque todos sabiam do caso das barras falsas e evitaram, com frivolas difficuldades, o bom andamento da devassa.

* * *

O maior causador da passagem de tão grossas partidas de ouro foi o Provedor do Registro José Pereira de Oliveira, que foi rendido e foi em 1730 para o Reino.

Era interessado, e tanto que fazia negocios com @ de ouro que mandava comprar.

Na frota que partiu em 1730 foi para o Reino muita gente fugindo á devassa.

Em quasi todos os navios ia ouro em pó e em barras.

No navio *Bonança*, no dos *Sargentos* e no *Cavallinho* ia muito ouro em barris, em caixas de assucar. Era facil ser verificado em Lisboa, devendo lá ser feita a busca, despregando os forros das referidas caixas.

*
* *

Em a quarta-feira 5 de julho de 1730, declarou o commandante da frota, Luiz de Abreu Prego, aos capitães dos navios, que ia receber os quintos de S. Paulo e que se faria á vela no dia 8, sabbado.

Aquelle commandante teve noticia que nas casas ou quarteis dos officiaes das naus de guerra estava se pesando e repartindo ouro de uma partida de 64 @, que pela cerca e mosteiro de S. Bento se introduziam nos ditos quarteis.

Na noite de domingo mandou o governador quatro officiaes disfarçados impedir a sahida de quem quer que fosse dos quarteis, e foi, com a sua guarda, á casa do commandante da frota, afim de que elle assistisse á busca, juntamente com o Dr. Juiz do Fisco, o Procurador da Fazenda Real.

Dada a busca, nada se achou, porque os guardas do quartel, onde estava o Capitão de Mar e Guerra Antonio de Mello Callado, deixaram sahir os homens, que

estavam pesando, com mais de 2 @ de ouro, frustrando assim a diligencia.

Aborrecido, o commandante da frota embarcou com a sua gente ao romper do dia.

A frota devia sahir em 9 de julho.

As buscas dadas nos quarteis fizeram com que escapassem 3 @ de ouro dos cofres da *Almirante*, quartel do Capitão de Mar e Guerra Antonio de Mello Callado.

O commandante da frota fez ver que havia de defender os cofres até á ultima gotta de sangue, deante da busca do Dr. Car Ribeiro, cofres que foram muito cedo para bordo.

As 3 @ occultas no cofre eram do padre Christovam de Magalhães Porto, promotor da justiça ecclesiastica, que as remetteu para o Reino na fragata *Almirante*, entregues, diziam, ao seu capitão de mar e guerra.

Aquelle padre era socio de um outro chamado Marcos Gomes Ribeiro, antigo commerciante, sendo o seu principal negocio extrahir ouro em pó das minas.

Quando a frota chegou a este porto, elle lá se achava; vindo para esta cidade e sabendo das diligencias da devassa, suspendeu a jornada e voltou para as minas.

O padre Miguel Borges, que partiu na frota de 1730, tinha por costume ser o corruptor de pessoas que quizessem mandar *ouro* para esta cidade, por Manoel da Costa, que o trazia a 6 %.

Querendo Vahia Monteiro dar busca em casa daquelle padre, oppoz-se o Dr. Roberto Car Ribeiro, por ser ecclesiastico.

O mais culpado, como foi dito, era o Manoel da Costa. Foi elle o principal conductor de grande partida de ouro, que resistiu aos soldados no registo.

Trouxe ouro para o mosteiro de S. Bento, convento do Carmo, Quartel dos officiaes das Naus de Guerra; a outros não entregou, e embarcou na *Almirante*, dando 600$000 ao seu cabo, que mandou buscal-o na noite da partida por um escaler.

Tambem na *Almirante* fugira o Provedor do Registo, José Pereira de Oliveira, José Rodrigues Ferreira, que vendeu as barras e José Borges Raymundo, da fundição falsa desta cidade, de Antonio Pereira de Souza e Francisco Bravo, que foi para as minas, passou á Bahia e de lá ao Reino.

Todos os falsificadores eram naturaes de Braga.

Os descaminhos não se limitaram a esta cidade.

Haviam-os no commercio das Ilhas, em direitura ao Brazil, d'onde vinham muitos navios a Pernambuco, a este Porto, a Angola. Na costa da Mina se extrahiu muito ouro em pó, pelos portos da Bahia e Pernambuco.

* * *

Preso Antonio Pereira de Souza, voltando ao ponto principal da nossa narração, foi elle para a torre do palacio do Governador.

A sua prisão serviu de assumpto para muitas historias nesta capitania.

Pereira de Souza não esperou muito para fugir.

Fugiu pelos armazens da alfandega. Foi recolhido em casa do Juiz de orphãos Antonio Telles de Me-

nezes, cunhado de Ignacio de Almeida Jordão, contratador da Dizima da Alfandega, genro de Carlos Soares de Andrade.

Depois, foi para um engenho de Antonio Telles, onde se recolheu em um partido do Engenho que governava o Padre Manoel Carneiro Soares, filho do mesmo Carlos Soares.

*
* *

Nesta cidade deixou Antonio Pereira de Souza uma amante, de quem se fallava, de que se aproveitou o Dr. Ignacio José da Motta Leite. Chamava-se ella Brites Furtado de Mendonça, e a principio morava com outra rapariga, amante de um irmão de Pereira de Souza, que tambem se achava preso, pela mesma culpa.

Havendo sequestro na casa onde morava a segunda rapariga, de quem não sabemos o nome, embargou ella uma vestimenta, e com o despacho do Provedor da Fazenda Real foi buscal-a na casa em que estava depositada, em casa de um alfaiate, que morava na loja de Brites Furtado.

O alfaiate não entregou a vestimenta, por falta de escrivão.

A' noite voltou a queixosa, quando encontrou Brites Furtado, escoltada pelo doutor e um irmão clerigo e varios escravos.

Deram no alfaiate muita pancada, fugindo a mulher delle, que se achava gravida, pela porta da rua afóra.

Achava-se, então, o Governador Vahia Monteiro em uma ilha, distante desta cidade um quarto de legua, com o Reverendissimo Bispo, que a visitava.

Na ilha foi ter o alfaiate a queixar-se do insulto.

O Governador disse ao Bispo que era bem feito mandar aquella mulher povoar a *Colonia*, pelas suas extravagancias e continuas pendencias que armava, o que o Bispo approvou.

Recolhendo-se o Governador á cidade, achou que ella estava acautelada.

Uma noite mandou um alferes e um sargento buscal-a em differentes partes.

Foi presa pelo alferes. O sargento, na diligencia, encontrou-se com o Dr. Ignacio José da Motta Leite, que o ameaçou caso continuasse. Medroso, foi incontinente dar parte ao Governador, que mandou prender o doutor, e de facto esteve alguns dias preso.

Daquelle doutor era parcial amigo o Dr. Sebastião Dias da Silva Caldas, procurador da Corôa e Fazenda, que se assignalou a favor de Brites Furtado, com grande excesso, chegando a ir pessoalmente em companhia do escrivão da camara á cadêa, á noite, tirar uma certidão do carcereiro, com ordem do juiz de fóra, para provar que Brites se achava presa á ordem do Governador, fazendo todo o possivel para embaraçar a remessa de Brites para a Colonia.

A' bordo Brites fallou em voz alta do procedimento de Vahia Monteiro, que a mandara prender, mas que a Antonio Pereira de Souza, apezar de se achar distante desta cidade quatro leguas, elle nada tinha feito.

Um soldado da guarda correu a dar noticia ao Governador do que ouviu de Brites.

*
* *

Foi, então, que Vahia Monteiro, não desprezando a diligencia, fez diversas e secretas, afim de saber que individuo do reconcavo frequentara a casa de Brites.

Soube, que um soldado, a cavallo, todas as vezes que vinha á cidade ia á casa daquella mulher.

O soldado foi intimado a ir á casa do Governador, que com ameaças e depois com promessas, descobriu a verdade.

Confessou elle o que já sabemos, isto é, que foi recolhido em casa do Dr. Antonio Telles, Juiz dos orphãos, passando ao Engenho e que fôra para Minas pelo caminho novo, sempre em companhia de um outro soldado, chamado Christovam Cordeiro.

Vahia Monteiro despachou ordens para aquelle logar e para o caminho velho de Paraty. Por este fôra Pereira tambem em companhia de um Antonio da Costa Lage, creado do Padre Manoel Carneiro.

O creado foi á villa comprar cavallos e esperar Pereira. Foi, então, preso.

O amo, por ter desembarcado na praia e entrado no matto, escapou.

Preso Lage, no logar em que estivera o seu patrão, no palacio do Governador, enforcou-se na prisão, sendo a sua morte attribuida a Vahia Monteiro.

Eis como sobre este particular dizia elle, em carta de 23 de agosto de 1731 :

« Daqui se foi fugitivamente este anno o escrivão

da Camara Julião Rangel de Souza em direitura á Bahia para se embarcar para essa Côrte, fomentado pelos ministros passados, e mandado pela camara a capitular-me, e por varios incursos nos descaminhos do ouro, que fizeram finta para o seu fornecimento, e a solicitar outras dependencias della, dizendo-se-me agora, que levava a devassa, que o juiz de fóra tirou do dito enforcado, e supposto não creio este mexerico, digo a vossa Magestade que se quizessem provar, que eu o matei, não faltariam testemunhas, que o jurasse de vista; ainda que ninguem entrou no quarto mais que a pessoa que lhe assistia e dava de comer, nem eu o vi, depois que elle entrou, porque lhe não queria fallar sinão em companhia do ministro, como fiz com Antonio Pereira, e de tudo o que se disser de mim neste particular e em outro qualquer, respondo sómente com a honra com que sirvo a vossa Magestade e com o temor que sempre tive de offender ao seu Real serviço. »

*
* *

Immediatamente Vahia requereu ao Governador de S. Paulo a prisão de Antonio Pereira, Drs. Rodrigues Moreira, Antonio da Costa Lobo e Manoel Muniz Castro, ferreiro que foi assalariado por 400$ para servir na fabrica, e um Manoel de Albuquerque de Aguiar, todos pronunciados na devassa aberta pelo Governador.

*
* *

Quando se prendeu Brites Furtado, denunciou a amante do irmão que ella tinha tres escravos e que os

levava para a colonia, escravos que eram do dito Antonio Pereira. Por ordem do Governador, o Provedor da Fazenda Real embargou-os.

Brites oppoz-se aos embargos.

Vahia Monteiro teve noticia que o Procurador da Corôa aconselhava a Brites, fazendo cópias e petições em seu nome.

Por este motivo foi suspenso naquella causa e foi nomeado, em seu logar, por parte da Fazenda Real, o Dr. Quintino dos Santos.

Este encontrou nos autos duas petições, em nome de Brites Furtado, firmadas pelo punho do Dr. Sebastião Dias da Silva Caldas, procurador da Corôa, lettra que foi reconhecida pelo provedor da fazenda real, o escrivão dos contos, tres tabelliães do publico judicial e de notas.

O escrivão Jorge de Souza disse que tinha em sua casa papeis com a lettra do Dr. Ignacio José da Motta e de outro seu primo, com a qual aquella se parecia. Conferiu-se com as petições, reconheceu-se a lettra do procurador da Corôa, e se lavrou auto, que o Governador remetteu para a Côrte, com a carta de 7 de agosto de 1731, porque sabia que havia de ir queixa e elle não podia ficar indefeso.

*
* *

Ignoramos o resultado da fuga de Antonio Pereira de Souza.

E' certo que o Governador da Colonia, Antonio Pereira de Vasconcellos, communicou a Vahia Monteiro

ter chegado a Montevidéo um homem com bastante ouro, 11 escravos e duas escravas.

Vahia Monteiro desconfiou ser Antonio P. de Souza, amante de Brites.

Esta mulher, dizia o Governador Vahia áquelle outro Pereira de Vasconcellos, em sua carta de 13 de fevereiro de 1732, é digna de exemplar castigo, não pelo peccado da fraqueza, mas pelo da valentia, para que sempre se ajuda de birbantes peiores que ella, e por esta causa a mandará V. S. na primeira embarcação que se offerecer para a cidade da Bahia, onde talvez continuando os mesmos progressos lhe resulte um degredo para S. Thomé...

Esta mistura de acontecimentos dá idéa do criterio ambicioso dos individuos do tempo de Vahia Monteiro, no Rio de Janeiro; mostra que os acontecimentos acima narrados são reproduzidos em todas as épocas.

O historiador sensato, frio, desapaixonado, verá nos factos citados a semelhança dos que se reproduzem em todos os tempos.

II

OS OURIVES

1693-1827

Relatados os episodios que, por occasião da devassa aberta pelo Governador Luiz Vahia Monteiro, em 1730, foram observados nesta cidade do Rio de Janeiro, passemos aos ourives.

Os officiaes ourives foram sujeitos ás astuciosas e severas indagações nos processos ou devassas.

Precisamos provar que não foi Vahia Monteiro o unico governador que cumpriu ordens rigorosas da Côrte, apezar de que, severas embora como eram, nunca deixaram de existir aquelles officiaes. Para conseguir o que desejamos vamos, rapidamente, estudar a vida dos Ourives que, de facto, teem uma historia curiosa e de certo valor.

*
* *

Nos seculos XVII e XVIII, os officiaes de ourives, na então « Colonia-Brazil », soffreram atroz perseguição do governo da metropole, que andava avido dos rendimentos do quinto da extracção do ouro, e que conferia premios, graças honorificas, etc , áquelles que se aventuravam pelos sertões das capitanias, nas celebres bandeiras, a descobrir o precioso metal, de que enchiam os cofres reaes com o pesado imposto. (Carta regia de 27 de janeiro de 1696).

Foi, pois, pelo prejuizo que resultava á fazenda real com os descaminhos do quinto do ouro, conforme diz a carta regia de 27 de dezembro de 1693, que Sua Magestade prohibiu a assistencia dos ourives nos logares de minas, isto é, nos logares em que existissem minas.

Doze annos antes, o governador desta capitania do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, no bando de 6 de junho de 1682, tornara publicos os editaes para que nenhum ourives fundisse moeda do Reino e patacas, ou meias patacas de Castella, sob as penas da lei.

Mais tarde, em 1698, a carta regia de 28 de novembro ordenou que nesta cidade não podia haver

mais do que dous a tres ourives, *que seriam os que tivesse por maior verdade e melhor procedimento*, e que constando que desfaziam moeda para lavrarem, se procederia contra elles. . . . .

Mandando observar inviolavelmente esta lei, que prohibiu haver nesta cidade mais de dous ourives ou tres, veio da Côrte a carta regia de 26 de setembro de 1703.

Neste mesmo anno foi recommendado ao governador do Rio de Janeiro, pela carta de 7 de maio, que não désse licença a official algum mecanico, *principalmente ourives*, para se passar ás minas.

A lei de 11 de fevereiro de 1719 mandou estabelecer dentro dos districtos das minas uma ou mais casas de fundição e prohibiu que se levasse para fóra algum ouro em pó ou em barras que não fosse fundido em as ditas casas.

Em 1730, ordenou a Côrte que se praticasse com os ourives fundidores desta cidade a disposição do capitulo 21 do seu Regimento, que mandava exterminal-os, confiscando-lhes todo o ouro que lhes fosse achado, e com os que assistiam nas mais capitanias deste Estado (Resolução de 4 de maio de 1703), na qual se ordenava que nenhum ourives podia fundir ou fazer obras com ouro que não tivesse sido primeiramente reduzido a barras na casa de Fundição e nella marcado na fórma costumada, sob pena de pagar o noveado do valor do dito ouro para a Fazenda Real e a terça parte para o accusador. . . . .

O governador desta cidade, Luiz Vahia Monteiro, cumpriu a ordem regia, publicando o bando de 20 de maio do mesmo anno (1730).

A provisão de 15 de março de 1743 approvou a publicação do bando de 20 de maio, emquanto se não marcava o bairro em que deviam morar os ourives, devendo os que sahissem da zona determinada soffrer a pena de 3 annos de desterro em Angola.

Em 1742 appareceram nesta cidade muitas moedas falsas de ouro, de 4$000.

Acceitaram-nas os moradores e o thesoureiro da Alfandega que, em um só dia, recebeu 16 e que, desconfiando, as levou á Casa da Moeda, onde foram reconhecidas.

O Governador, mestre de Campo de Infantaria, Mathias Coelho de Souza, determinou que as pessoas que tivessem as referidas moedas ou outra qualquer as fizessem examinar, no prazo de um mez, findo o qual se procederia contra quem fosse achado com moedas falsas.

Havia, então, grande quantidade de officiaes de ourives de ouro e prata, que tinham concorrido para esta cidade e seu reconcavo.

Era para desconfiar que, vivendo elles em logares dispersos, pudessem cooperar para algumas desordens.

Ordenou o Governador que os taes ourives de ouro e prata que quizessem trabalhar pelo seu officio, seriam obrigados a morar da rua que principiava de *Santa Rita* direito ao *Parto*, voltando a de *S. José*, até a igreja do mesmo santo, e de *S. José* acima até a dos *Pescadores*, que ia á dita igreja de *Santa Rita*.

Ficava-lhes permittido escolher dentro do districto determinado qualquer rua que quizessem para se estabelecerem, o que fariam dentro de dous mezes da publicação do bando, que foi o de 14 de maio de 1742.

Os officiaes que residissem fóra da cidade e trabalhassem pelo seu officio de ourives, não se mudando para onde se lhes declarava no bando acima, seriam presos até a ordem de Sua Magestade, e pagariam logo á Metropole 100$, executivamente.

Havendo denunciante, se lhe daria metade da condemnação.

Mais tarde, o tenente-coronel Patricio de Figueiredo, então Governador desta capitania, achando que os ourives eram tolerados por trabalharem arruados na rua que do *Parto* vinha direito á *Santa Rita,* determinou que todo ourives que fosse achado fóra da mesma rua com officio, loja, taboleta ou qualquer instrumento que conseguisse fundição de ouro, ou usasse do officio por qualquer modo, incorreria na pena determinada pelo governo portuguez de Sua Magestade.

Todos os ourives deviam se apresentar na Intendencia Geral, de 6 em 6 mezes.

Estas determinações constaram do bando de 10 de abril de 1753.

Em 1766, mandou o Governo fechar as lojas de ourives desta cidade, demolir todas as forjas e sequestrar todos os instrumentos proprios daquelle officio, e prohibiu que por elle se trabalhasse afim de evitar-se o extravio do ouro (Carta Régia de 30 de julho).

Era então vice-rei do Brazil D. Antonio Alvares, Conde da Cunha.

O Conde da Cunha encarregou o intendente geral do ouro da execução da ordem régia, que teve principio pelo *termo* que assignaram os mestres daquelle *officio* para não usarem em tempo algum daquelle modo de

vida. sob as penas de confiscação e degredo para Angola, quando o violassem, em conformidade da expressa determinação régia.

Por terem ficado recolhidos os instrumentos e forjas na Casa da Moeda deixou o conde da Cunha de proseguir nas mais providencias (como bem disse o conde de Rezende, em sua carta de 24 de novembro de 1792), ou porque talvez se persuadisse ter cessado a causa que fazia produzir effeitos tão prejudiciaes aos Reaes interesses, ou porque contemplando o miseravel estado a que ficariam reduzidas as familias que dependessem dos mesmos mestres para a sua subsistencia, fizesse alguma representação, a que Sua Magestade pela sua real clemencia fosse servido attender, compadecendo-se da triste situação de tantos desgraçados.

Logo que chegou o Conde de Rezende a esta cidade viu com admiração arruado aquelle officio, e trabalhando os ourives com muitas lojas e muito escandalo.

Ordenou ao Intendente Geral do ouro que procedesse a repetidas devassas.

Das indagações soube o Conde de Rezende que o numero dos mestres daquelle officio era de 375.

Os officiaes chegavam a 1.500, e as familias a 1.125, montando o numero de todos os individuos a 3.000, que iam ficar sem abrigo, sem meios de subsistencia.

O Conde de Rezende, outro administrador que é apontado como cruel, terrivel, não quiz proceder deci-

sivamente, não só porque iria provocar admiração e clamor a esta cidade, como porque, devido á tolerancia dos seus antecessores e boa fé com que o consideravel corpo de artifices trabalhava por lhes ser desconhecida a Carta Régia, iria dar um grande incommodo áquelles homens e ao povo, ás diversas ordens, que tinham mandado fazer as suas obras e que, tendo pago, tinham direito a ellas, assim como aos que tinham trabalhado era justo que recebessem o dinheiro dos seus serviços.

O Conde de Rezende procurou vêr si, no caso de dar cumprimento á citada Carta Régia, podia incluir na Casa da Moeda aquelles mestres que fossem julgados homens serios. Infelizmente o regimento prohibia.

Foi, então, quando pediu á Côrte instrucções a respeito.

Em carta-officio de 11 de novembro de 1803, o vice-rei D. Fernando José de Portugal communicou á Côrte que havia determinado ao intendente geral do ouro que désse busca nas casas dos negociantes e ourives que commettessem extravios de ouro em pó e diamantes.

—

A' Real Junta do Commercio pediram em 1810 os ourives de ouro e prata Manoel Gomes Pereira, Manoel José da Piedade, Bernardo José Soares, Francisco Pereira do Espirito Santo, Joaquim Antonio de Azevedo, Euzebio Manoel Barreto, Joaquim Pereira Leitão, Antonio Joaquim Soares, João Alz de Souza, Francisco José de Souza Dias, Carlos José da Silva, Jeronymo Caetano dos Santos, José Maria de S. Anna, José Gomes

Ferreira, João Luiz do Espirito Santo, José Pinto Teixeira, Antonio Bernardo Corrêa, Francisco da S.ª Lemos, Antonio Victor da Silva, o arruamento, pois sempre se conservaram unidos, desde tempos antigos; tanto, que deram o nome á rua onde habitavam.

O requerimento foi excusado, por despacho da mesa de 10 de setembro daquelle anno.

—

Antonio da Cruz Torres, ourives do ouro e cravador nesta cidade, por falta de despacho da Camara a um seu requerimento, para ser 2° avaliador daquelle officio, representou á Mesa do Desembargo do Paço, afim de que mandasse deferir ou informar aquelle seu pedido.

A Camara, de facto, não deferiu o requerimento, por ter de leval-o á consulta a S. A. Real, e isto porque, sendo o assumpto posto em discussão, o procurador do Senado achou justo o requerimento, assim como era justo se nomeasse outro 2° avaliador no officio de ourives de prata, para melhor serviço do publico.

A' vista do recurso do Senado da Camara, mandou o Principe Regente por aviso expedido em 29 de julho de 1812 pela Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil, que á Mesa do Desembargo do Paço se consultasse sobre aquelle assumpto.

A Mesa não concordou no pedido em 27 de fevereiro de 1815, baseada que sendo applicadas as mesmas disposições ao Brazil, e não havendo neste paiz o desenvolvimento que havia em Portugal, na parte

manufactureira, o serviço era, por consequencia, muito menos.

Foi, pois, negada a creação do officio de 2° avaliador e contraste do ouro, que pretendia Antonio da Cruz Torres, por despacho de 6 de março de 1815.

Sobre o que era o officio de avaliador e contraste devemos dar uma ligeira idéa.

* * *

A lei de 4 de agosto de 1688 augmentou 20 % do valor da moeda que naquelle tempo corria, reduziu o marco de ouro de 22 ao valor de 96$, e o da prata de 11 dinheiros a 6$000. Regulou-se, então, o valor que deviam ter as peças de ouro e prata lavrada pelos ourives, que deviam ter 20 1/2 quilates, devendo se pagar a oitava a 1$400.

A prata lavrada tinha de lei 10 dinheiros e 6 grãos e se pagava a 5$600 o marco.

Para execução daquella lei se determinou ao Senado da Camara de Lisboa a sua inspecção.

Em cumprimento da citada lei e do decreto de 6 do mesmo mez e anno, foi deliberada pelo Senado a creação de 2 officiaes vitalicios de ensaiadores, um para as obras de ouro, outro para as de prata, afim de ficarem fiscalizadas e ensaiadas as peças lavradas com o verdadeiro quilate que deviam ter por lei.

A deliberação foi approvada pela real resolução de 20 de outubro do mesmo anno, e em seu cumprimento se fizeram os dous regimentos para os ditos officios, que são os de 13 de junho de 1689 e de 10 de março de 1693.

Pelos regimentos, a principal obrigação daquelles officios era o exame e ensaio de todas as obras de ouro e prata para conhecerem se tinham o verdadeiro toque e quilate dado por lei, fazerem marcar todas as obras que examinassem, tudo para evitar as falsificações.

Chamavam o official contraste. Elle podia ser substituido, no caso do seu impedimento, por outro; conforme o § 12 do seu regimento, tinha a obrigação de ensinar até 12 ourives nomeados pelo Senado.

* * *

Por aviso de 30 de dezembro daquelle anno (1812) mandou S. A. Real que se consultasse outro requerimento do referido Antonio da Cruz Torres e outros ourives, em que pediam a suspensão da prohibição daquelle officio.

A carta regia de 30 de julho de 1766, dirigida ao Conde da Cunha, prohibiu os officios de ourives de ouro e prata em todas as capitanias pela razão do extravio do ouro em pó e prata que se fazia em barras falsas e outras obras, em prejuizo do direito real do quinto, que se devia pagar, se o ouro extrahido entrasse nas casas das fundições.

Pelo alvará de 13 de maio de 1813, cap. 2° e 3°, cessara em parte o motivo daquella prohibição. Mas as disposições e estabelecimentos nelle decretados não chegaram a ter effeito e execução.

Pelo de 1 de abril de 1808, foi abolida e reduzida toda e qualquer prohibição que houvesse neste Estado do Brazil e Dominios Ultramarinos, para nelle se fa-

bricar todo o genero de manufacturas, derogando o alvará de 5 de janeiro de 1785.

Pelas disposições dos alvarás de 1 de setembro, 12 de outubro e 8 de novembro de 1808, ficaram sem effeito e observancia as providencias de 1766, isto é, cessara a prohibição daquelles officios.

Assim resolveu a Mesa na consulta de 27 de fevereiro e real resolução de 6 de março de 1815.

Finalmente, o alvará de 11 agosto de 1815 declarou comprehendida na real resolução de 1808, que permittia estabelecer manufacturas no Brazil, a faculdade de poderem-n'a gozar os ourives de ouro e prata da Corte do Rio de Janeiro, prohibição estabelecida na carta regia de 1766.

Por decreto de 17 de outubro de 1820 foi D. João VI servido crear nesta cidade os officios de contraste de ouro, prata e pedras preciosas.

Até então, só havia os avaliadoros de peças de ouro e prata, cargos providos pela Camara.

—

Nesta cidade Vicente Savy e outros ourives requereram em 1825 a D. Pedro I para ser approvado um *Regimento dos ourives de ouro e prata do Imperio.*

Foi remettido á Mesa do Desembargo do Paço, por portaria de maio daquelle anno.

Em outubro, os ourives por meio de um abaixo assignado, firmado pelos seguintes:

Daniel José Pereira, contraste do ouro e diamantes,

Antonio Joaquim de Azevedo, contraste da prata,
José Joaquim Raposo,
Antonio da Cruz,
Zeferino José da Silva,
José Ferreira Baptista,
Claudiano Manoel de Mello,
Manoel Joaquim da Costa,
José de França Amorim,
Benjamin Corrêa de Sá,
José Antonio Netto,
João Lopes da Silva,
Luiz José de Lacerda,
Domingos Roiz da Silveira,
Agostinho Joaquim da Costa Silveira,
Joaquim Francisco das Chagas,
Antonio Telles Pinheiro,
José Ignacio Albernaz,
Ricardo José da Silva,
Gaspar José Dias,
José Joaquim de Menezes,
Manoel José Coelho,
Joaquim Dias da Costa,
Joaquim José Esteves de Araujo,
Joaquim José da Veiga,

apresentaram a S. M. o Imperador as causas que davam logar ao clamor publico, em consequencia dos prejuizos que soffria o povo neste commercio, sendo a primeira a que influia immediatamente sobre as falsificações apontadas nas obras de ouro e prata, a que trazia a origem da livre introducção daquelles generos importados de paizes estrangeiros, a maior parte falsi-

ficados, e que comprados pelos negociantes, *que se achavam confundidos com os artistas*, expunham á venda, sem as necessarias marcas para differençar as que eram feitas nesta corte e as que vinham do estrangeiro.

Todos os papéis foram á consulta da Mesa do Desembargo do Paço, que resolveu que as providencias que deviam ser dadas importavam medidas legislativas, as quaes não deviam só dizer respeito ao caso em questão dos ourives desta Côrte e da supplica de Vicente Savy, mas sim devia referir-se a uma reforma geral em todos os ramos, assim nesta capital, como nas Provincias. Assim, todos os papeis, e mesmo o requerimento offerecido por Savy, deviam ser guardados para tempo opportuno, afim de ser tudo remettido á Assembléa Geral Legislativa na proxima sessão.

A Mesa resolveu de accôrdo com o parecer acima, de 23 de outubro de 1826, do Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional, Costa Aguiar, em 23 de novembro e imperial resolução de 5 de fevereiro de 1827.

E. M. PEIXOTO.

José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo)

PELO

DR. ANTONIO DA CUNHA BARBOSA

«A Commissão de Redação entendeu que devia aproveitar este trabalho do consocio Dr. Antonio da Cunha Barbosa, de saudosa memoria, pois encerra algumas informações não destituidas de interesse.»

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO

(VISCONDE DE S. LEOPOLDO)

PRIMEIRO PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Vou tratar de um illustre brazileiro, tão distincto e intelligente, quão benigno e virtuoso, cuja memoria será ainda e sempre abençoada por todos aquelles que tiveram a fortuna de conhecel-o.

O Visconde de S. Leopoldo, diz um dos seus biographos, o Sr. Barão Homem de Mello, percorreu brilhantemente o cyclo da carreira publica; como apostolo devotado á verdade, venceu as seducções, concentrando-se em retiro modesto, legando seu nome ás lettras, em magnificos escriptos.

Aos 9 de maio de 1774 nasceu na cidade de Santos, na então provincia de S. Paulo, José Feliciano Fernandes Pinheiro. Foram seus paes o coronel de milicias José Fernandes Martins e D. Thereza de Jesus Pinheiro.

Estudou o curso preparatorio com seu padrinho de chrisma, o vigario de Santos, José Xavier de Toledo, que tambem lhe deu lições da lingua franceza.

Terminados os estudos rudimentares da lingua nacional, aprendeu o latim com grande aproveitamento, com o mestre regio José Luiz de Mello.

Com 18 annos de edade, em 1792, partiu para Coimbra, para graduar-se em canones.

Lá se encontrou com os distinctos brazileiros, os sabios naturalistas José Bonifacio de Andrada e Silva e frei José Marianno da Conceição Velloso, o notavel orador e poeta Souza Caldas e o Conde de Linhares, que então occupava uma das pastas do governo portuguez.

A elles uniu-se Fernandes Pinheiro, com o seu conterraneo Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, e foi admittido na direcção do estabelecimento litterario *Arco do Cego*, que tinha á testa o sabio autor da *Flora Fluminense*.

Começa então o seu tirocinio litterario, tão a grado do governo, que em 1801, ao regressar ao Rio de Janeiro, foi encarregado de crear as alfandegas do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina. Por força da carta régia de 15 de janeiro de 1800 foi nomeado juiz daquelle primeiro estabelecimento aduaneiro.

Tomou posse a 1 de agosto de 1804 e serviu até 23 de maio de 1823, com algumas interrupções, em consequencia de diversas commissões que desempenhou.

Taes foram os serviços prestados, que não só mereceu elogios do corpo commercial, como, ao passar pelo Rio de Janeiro, apresentando-se ao vice-rei D. Fernando José de Portugal, futuro Marquez de Aguiar, para mostrar-lhe a carta-patente de auditor geral de todos os regimentos do Rio Grande do Sul, foi convidado para exercer o logar de auditor da esquadra da defesa do Brazil.

Com a elevação a capitania geral, gozou o Rio Grande do Sul das vantagens, de que estavam de posse as suas co-irmãs. Foi alli creada uma Junta de Fazenda

nella trabalhou Fernandes Pinheiro como Procurador da Corôa, accumulando os cargos de Juiz Conservador dos contractos do quinto e dizimo e o de inspector do papel sellado.

Na qualidade de auditor geral, prestou por espaço de vinte annos assignalados serviços, merecendo a graduação nos postos de tenente-coronel, por decreto de 13 de setembro de 1810, e de coronel pelo de 19 de outubro de 1811, vencendo soldo de capitão de infanteria.

Em 1812, nesse cargo, acompanhou o exercito pacificador em sua marcha até Montevidéo.

Muito proveito colheu do conhecimento adquirido nessas localidades, onde se passaram as scenas por elle narradas nos seus *Annaes da Provincia de S. Pedro.*

Tão bom conceito fazia do correcto auditor, o commandante e capitão general D. Diogo de Souza, que o propoz para vogal da commissão militar, installada pela carta regia de 17 de setembro de 1813.

Effectivamente, em virtude de uma outra Carta, datada de 19 de junho de 1816, foi distinguido com a nomeação de vogal permanente da Junta de Justiça, com o fim de organizar na capitania do Rio Grande do Sul os processos dos presos.

Para não interromper a sua carreira de magistratura, requereu ao governo uma compensação, que lhe foi concedida por decreto de 29 de junho de 1818, com o predicamento da correição ordinaria; e mais tarde, a 17 de dezembro de 1821, teve as honras de desembargador e o predicamento do primeiro banco.

Para galardoar seus meritos, D. Pedro I, em carta imperial de 13 de outubro de 1825, conferiu-lhe o titulo

de conselho e a 21 de novembro o escolheu para ministro do Imperio.

Já era casado, tendo-se realizado o seu enlace em 1819, com a Sr.ª D. Maria Elisa Julia de Lima.

Como administrador politico, foi designado, a 5 de novembro de 1823, para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, sendo o primeiro presidente nomeado para essa provincia. Tomou posse a 24 de março de 1824.

Esta sua administração foi assignalada pela fundação da colonia de S. Leopoldo, pelo estabelecimento da primeira typographia nessa provincia e pela inauguração da Casa de Caridade, effectuada solemnemente a 1 de janeiro de 1826.

Teve aquelle primeiro nucleo colonial grande desenvolvimento, prosperou rapidamente, de modo a tornar-se mais tarde um dos mais ricos municipios do Imperio.

Actualmente, nelle são dignos de menção dous importantissimos estabelecimentos de instrucção :

Collegio de N. S. da Conceição e de S. José, para educação de meninos e de meninas; o primeiro fundado e dirigido por sabios padres da Companhia de Jesus e o segundo por senhoras religiosas. Ambos elles são os mais bem organizados de todos os collegios, que tenho visitado, por quasi todo o Brazil.

Tive occasião de admiral-os e sahi com agradabilissima impressão.

Em meu trabalho, em elaboração — Viagem —, darei detalhada noticia delles.

Demorei-me dous dias nesse municipio: percorri a colonia e a cidade, vi tudo e fiquei convencido de que

o Rio Grande do Sul muito deve aos allemães, não só nessa colonia, como em varias outras por mim percorridas.

Convém não esquecer que os fundadores e directores daquelles dous estabelecimentos de educação são saxonios.

Disse que esse illustre presidente foi o fundador da imprensa na provincia. O Sr. Alfredo Rodrigues, porém, nos dá uma noticia historica, na qual declara que o primeiro jornal apparecido na sua terra natal, ou ao menos o mais antigo, foi o *Constitucional Rio-Grandense*, apparecido já em 1828, em Porto Alegre. Não nos diz, porém, este historiographo a época da sua fundação. Perguntarei: sahiria elle na presidencia de Fernandes Pinheiro?

O Sr. Tancredo de Mello, no *Almanack Popular Brazileiro*, de 1905, artigo — « Os primeiros jornaes do Rio Grande do Sul» —, alludindo ao engano de todos os biographos do Visconde de S. Leopoldo lhe attribuirem a fundação da primeira imprensa na provincia do Rio Grande do Sul, refere que a mais antiga typographia rio-grandense, cujos documentos são incontestaveis, foi a estabelecida em Porto Alegre (1827), sob os cuidados do Marquez de Barbacena.

(*Vide L'Echo de l'Amérique du Sud*, do Rio de Janeiro, n. 25, de 5 de outubro de 1827).

Essa typographia tomou o nome de *Rio Grandense*, e della sahiu o primeiro jornal da provincia, o *Diario de Porto Alegre*, apparecido antes de julho de 1827.

Imprimia actos officiaes e o presidente fiscalisava o que devia ser dado á publicidade.

Viveu um anno e tinha o formato 28×18. Custava 40 réis o exemplar e acima do titulo viam-se as armas imperiaes.

A Santa Casa de Misericordia de Porto Alegre está situada á praça S. Feliciano; foi iniciada em 1780 pelo piedoso José Antonio da Silva, appellidado: *Nabos a dez*.

No seu governo muito contribuiu o Visconde de São Leopoldo para abreviar a sua installação, de modo que, ainda hoje, o seu nome é lembrado e sua memoria venerada com gratidão.

Foi o primeiro provedor e enfermeiro-mór dessa pia instituição, eleito em 1825. Concorreu de seu bolso particular para as primeiras despezas delle e continuou este acto de piedade por muito tempo, mesmo quando já não era provedor.

Nesse anno de 1825, achando-se no Rio Grande do Sul, foi nomeado ministro do Imperio, a 24 de novembro, fazendo parte do quarto Gabinete, o de 21 de novembro de 1825.

Pouco depois foi agraciado com o titulo de Visconde de S. Leopoldo, com grandeza, e nomeado conselheiro de Estado, por decreto de 18 de maio de 1827.

Este Conselho foi extincto pela reforma constitucional de 12 de agosto de 1834, conservando, porém, os conselheiros existentes nessa época as respectivas honras e os effectivos vencimentos pecuniarios.

Requereu o nobre Visconde á Camara dos Deputados para ser contemplado em iguaes vantagens á de que ora gozavam os membros do extincto conselho de Estado, afim de as poder accumular á pequena gratificação percebida pela aposentadoria do emprego de juiz da

alfandega de Porto Alegre, juizado esse exercido por mais de trinta annos.

Em virtude do parecer da 3ª commissão de fazenda, que considerou valiosos os serviços prestados por esse illustre cidadão, nos differentes cargos que exerceu, pelo projecto n. 52, de 1839, ficou concedido ao Visconde de S. Leopoldo o ordenado de 1:800$, que percebia como membro do mencionado extincto Conselho de Fazenda.

Tem este decreto a data de 9 de julho de 1839 e foi assignado pelos deputados M. J. do Amaral, J. J. Pacheco e S. Martins.

O ministerio do Visconde foi glorioso por mais de um titulo: nelle abriram-se as portas da Academia das Bellas Artes, as das Faculdades de Direito, de S. Paulo e do Recife.

Não foram poucos os decretos lavrados pelo laborioso ministro. Entre outros mencionarei: o de 16 de abril de 1826, creando a Ordem de D. Pedro I, a carta de lei de 9 de setembro, do mesmo anno, mandando executar o decreto da Assembléa Legislativa, marcando os casos em que teria logar a unica excepção feita á plenitude do direito de propriedade, e mandando executar os novos estatutos da Academia das Bellas-Artes.

Continuou S. Leopoldo, como ministro da mesma pasta, no 5º gabinete — o de 21 de janeiro de 1826.

Nesse outro gabinete referendou os decretos de 11 de agosto, mandando pôr em execução a lei creando os dous mencionados cursos juridicos; o de 14 do mesmo mez, declarando cidadão brazileiro naturalizado, todo estrangeiro que, naturalizado portuguez, existisse no Brazil na época da independencia, e pela conti-

nuação da residencia a ella adherira; o de 15 de outubro, mandando executar a lei sobre a responsabilidade dos ministros, secretarios e conselheiros de Estado; da mesma data, sobre a creação de um observatorio astronomico e de escolas de primeiras letras, em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio.

No seu ministerio o partido liberal, em opposição systematica, tinha por inimigos ou por suspeitos os homens que o Imperador honrava e distinguia; não perdoava, pois, ao Visconde de S. Leopoldo a sua elevação a ministro, o titulo nobiliarchico, a posição e influencia de conselheiro de Estado, do qual era secretario. Seu caracter de ministro, o favor e a confiança de D. Pedro I foram os motivos de suspeição; e, no parlamento e na imprensa, o nobre Visconde era atacado, como reaccionario e favoravel a idéas absolutivas.

Não. S. Leopoldo não era absolutista. Foi sim partidario dedicado do Sr. D. Pedro I, antes de ser acclamado Imperador este principe, durante o tempo que elle occupou o throno brazileiro e ainda depois da sua abdicação. Poderia estar em erro, mas não era o interesse pessoal o movel de suas acções; nem se poderá dizer que essa dedicação era ainda uma lisonja ao filho, pois no 2° reinado, S. Leopoldo desappareceu quasi da scena politica, para figurar como historiador.

O Sr. D. Pedro I era bem digno da dedicação de um sincero servidor da causa do Brazil; e tanto assim, que a nação, que lhe deveu a independencia, trinta annos depois, sob o reinado pacifico e benefico de seu augusto filho, erigiu um soberbo monumento ao 1° Imperador, como galardão de seus serviços.

E os serviços que este magnanimo principe prestou ao Brazil são innumeros e gloriosos e contrabalançam, si é que não superam, os erros que os acompanharam; porque estes affectaram apenas os seus contemporaneos e com elles desappareceram; e os resultados daquelles perduram ainda e se hão de sempre fazer sentir.

Não foi, portanto, o nobre Visconde partidario de um principe vulgar e obscuro.

Desgostoso pelo modo por que era tratado o Imperador D. Pedro e seus conselheiros, pediu e obteve o ministro do Imperio a demissão do cargo que occupava, e a obteve por decreto de 20 de novembro de 1827.

Na qualidade de ministro, acompanhou o Imperador ao theatro da guerra do Sul, encarregando-se então do expediente de todas as secretarias.

Foi no seu ministerio, a 17 de agosto de 1827, assignado o tratado de amizade e commercio entre a Gran-Bretanha e o Brazil, referendado a 1 de novembro do mesmo anno, pelos plenipotenciarios brazileiros Marquez de Queluz, ministro de Estrangeiros, Marquez de Maceió, ministro da Marinha, e Visconde de S. Leopoldo, ministro do Imperio.

Como politico, fez parte da commissão, e, como relator, deu o parecer sobre os artigos addicionaes da Constituição para o Brazil, lido pelo deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, na sessão de 17 de junho de 1823. Mandado imprimir com urgencia, fizeram-se duas edições na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, naquelle mesmo anno.

O Imperador, para demonstrar a alta confiança que lhe merecia o ministro do Imperio, tendo se demittido

o 5° Gabinete, o 6° — de 15 de janeiro de 1827 —, conservou o Visconde de S. Leopoldo.

Foi, desse modo, o ministro do primeiro Imperador, que por mais tempo esteve no governo: de 21 de novembro de 1825 a 20 de novembro de 1827; durante cerca de dous annos.

Enfermo e aggravando-se os seus soffrimentos, pediu exoneração do Conselho de Estado; concedida por decreto de 9 de março de 1830, foram-lhe, comtudo, conservadas todas as honras e preeminencias annexas ao elevado cargo.

Partiu para Porto Alegre e ahi educava seus filhos e vigorava as forças perdidas, procurando recuperar a saude, quando a 20 de setembro de 1835 explodiu a revolução republicana.

No anno seguinte foi seu nome lembrado para dirigir a contra-revolução.

Por esse motivo foi tido por suspeito e vigiado pelos rebeldes, que o obrigaram a conservar-se recluso nove mezes em sua casa.

O desembargador Fernandes Pinheiro começou a sua carreira publica, como deputado ás Côrtes Portuguezas, de 1821 a 1822, representando a provincia de S. Paulo.

Por essa occasião quando se tratava da troca da praça de Montevidéo, na America pela de Olivença na Europa, impugnou-a energicamente o deputado paulista, com tanto conhecimento de causa que o illustre brazileiro e jornalista Hipolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, redactor proprietario do *Correio Braziliense*, referindo-se a esse assumpto, escreveu: « *o depu-*

tado Fernandes Pinheiro manejou este negocio com mão de mestre.»

Como sabemos, tempestuosos foram os debates, acrimoniosas as discussões, durante as sessões daquellas Côrtes, sobretudo da parte dos brazileiros que, energicamente, protestaram contra as medidas, para elles vexatorias, dos lusitanos que queriam recolonizar o Brazil.

Reconhecidos feridos os direitos dos brazileiros, alguns deputados indignados abandonaram o Congresso e retiraram-se de Lisboa.

Fernandes Pinheiro foi o unico representante da sua provincia que assignou as bases da Constituição portugueza, a 30 de setembro.

Procederia correctamente este eminente paulista?

Sobre esse assumpto tem havido varias interpretações. Eu me colloco ao lado dos que dizem que Fernandes Pinheiro, não faltando a seu dever de brazileiro, moderado, por indole e caracter, e fiel a principios severos de doutrina, não igualou a seus collegas dissidentes nos arrebatamentos e ardentes lavas de patriotismo; não os acompanhou na retirada das Côrtes e assignou a Constituição por convicção de que estava a isto obrigado pela explicita instrucção do mandato recebido, mas sempre defendendo os direitos do Brazil e só deixando Portugal apenas soube que a vontade nacional brazileira se manifestara pela independencia politica.

Não obstante ter dado a sua assignatura, formulou uma indicação, declarando que achando-se os seus constituintes em desaccordo com o governo de Lisboa,

não se deveria assignar e jurar um documento hostil a direitos brazileiros, sem ser seguido de protesto.

Antes da dissolução das Côrtes, foi eleita uma deputação especial incumbida de fiscalizar e superintender o governo, até a reunião da nova assembléa. A eleição recahiu tambem nos brazileiros: José Feliciano Fernandes Pinheiro, Villela Barbosa, bispo do Pará, D. Romualdo Coelho, Vieira Bedford e como supplente Domingos Borges de Barros.

Nas eleições para a Constituinte Brazileira, fôra Fernandes Pinheiro eleito deputado pelas provincias de S. Paulo e Minas Geraes.

Optou pela primeira, por ter nella nascido.

O deputado paulista não hombreou na oratoria com o seu collega Antonio Carlos, nem se salientou de modo a ser emulo de Lino Coutinho, Vergueiro, Bernardo de Vasconcellos, Ledo Vega, Costa Aguiar, Calmon e outros dos nossos notaveis tribunos parlamentares dessa época. As suas glorias teve-as no gabinete de sabio, no retiro seu, infatigavel, operoso e aproveitavel.

Nelle elevou-se ao pinaculo litterario, especialmente como historiador.

Fernandes Pinheiro não tinha arroubos de eloquencia em seus discursos. Si não exaltava, prendia a attenção pelo seu espirito doutrinario e dialectico, pelo assumpto, sempre aproveitavel.

Foi o predecessor do seu conterraneo, tambem santista e senador paulista, Dr. José Antonio Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente), o qual esperc igualmente estudar.

Ambos eram ouvidos com o mais profundo acatamento.

Li todos esses discursos, nos *Annaes da Constituinte*, que possuo, e posso affirmar, que como os do outro merecem ser colleccionados. Constituem uma ciosa fonte de consulta.

Ambos esses senadores foram mais argumentadores do que rhetoricos. Como que pareciam pertencer á escola moderna parlamentar.

Pela natureza deste meu modesto trabalho — *Traços biographicos* —, não me alongarei ; limitar-me-hei, tão sómente, a enumeral-os, occupando-me com os principaes, e delles reproduzindo certos trechos.

Entretanto, leu luminosos pareceres e offereceu importantes projectos, taes como o da creação de duas universidades no Imperio : uma em S. Paulo e outra no Recife.

Coube a este egregio deputado, iniciador dessa idéa, a gloria de, quando ministro, como acima disse, referendar as leis de 11 de agosto de 1827 e a de 1828, que creavam, não duas universidades, mas faculdades, nas capitaes de S. Paulo e de Pernambuco.

Um dos seus melhores discursos foi o proferido na sessão de 15 de setembro de 1823, relativo ás divisas do Brazil.

Houve calorosa discussão. Fernandes Pinheiro veio varias vezes á tribuna, para dizer, na sessão de 15 de setembro :

« Não se achando munido de mappas exactos, mas desconfiando que a linha de divisa do Imperio do Brazil, que a commissão traçou na latitude austral

de 84 1/2, é prejudicial e impolitica, porque, rastreando o cabo de Santa Maria, vae partir ou separar algumas das ilhas, que são propriamente accessões do territorio de Montevidéo, e tambem porque o rio da Prata vae da foz para cima fugindo para o Norte, e assim o parallelo designado cortará posições de Buenos Aires, dando por isso motivos a contestações e querelas; portanto, até para harmonizar e uniformizar os dois pontos da costa, que a commissão tomou para assignalar a extensão do Brazil, considerando que Montevidéo, como Estado federado, constitue, todavia, parte integrante deste Imperio, persuade-se que seria melhor estender-se desde o rio Oyapock, ao Norte, ao rio da Prata, ao Sul, e assim se resalva qualquer ambiguidade, ficando as ilhas pertencendo ao littoral, a que são mais proximas, além de que é o rio da Prata que banha e limita o Estado Cisplatino por aquelle lado meridional e perde esse nome logo que se confunde com as aguas do Uruguay, do Paraná e do Paraguay.»

Após certas considerações, mandou á Mesa a emenda, que foi approvada:

«O Imperio do Brazil é uno, indivisivel e estende-se desde rio Oyapock, ao Norte, até o rio da Prata, ao Sul.»

Respondendo ao deputado Camara, que lhe fizera uma objecção, disse o representante de S. Paulo:

« O tratado de 1778 foi puramente de amizade, garantia e commercio e nada tem com o nosso caso. O de limites foi de 1779; tinha-se em fito prevalecer-se da extrema que elle designou, deveria buscal-a no arroio Chuy, que entra no mar na latitude austral de 33°,45'; mas era excusado cital-o.

«Esse tratado caducou pela injusta aggressão da Hespanha em 1801. Nos ajustes de paz de Badajoz e Madrid, não cuidaram os plenipotenciarios em o reviver, conseguintemente, ha mais de vinte annos, estamos de posse dos terrenos que nossas armas, gloriosamente, então alcançaram.»

Persistindo na sua idéa, pede a palavra pela terceira vez e diz:

« Que não tendo a honra de pertencer á illustrada commissão, autora desse projecto, mostrará que elle não cahiu na contradicção, que sophismaticamente inculca o Sr. Vergueiro, comparando a primeira parte do artigo 1º com o art. 4º desse mesmo titulo; por essa mesma combinação é que se collige a verdadeira accepção e intelligencia em que se tomar a palavra — indivisivel — isto é, que o territorio do Imperio é inviolavel, salva a excepção do art. 10 do titulo 6º, cap. I.

«Quizera passar a demonstrar as bases falliveis em que o Sr. França assentou a segunda parte da sua emenda, mesmo como ella foi rejeitada, cede de fallar, a bem da ordem.»

Na mesma sessão de 15 de setembro, o illustre parlamentar, vem ainda dizer:

«Considerando que o interior do Brazil não estava ainda, proporcionalmente, habitado, e que as suas extensissimas raias não podiam ser bem guardadas e vigiadas, dando logar a que os nossos confinantes tivessem, por mais de uma vez, tentado intrusões furtivas, de que temos, além de outros, um exemplo na historia, quando pelos annos de 1743 se estabeleceram na margem oriental do rio *Guapary* e no alto de Santa Rosa,

tendo sido preciso tempo para desalojal-as, quando capitão general de Matto-Grosso, D. Antonio Rollim de Moura, conde de Azambuja, propoz que se recommendasse ao governo que excitasse a vigilancia e a attenção das autoridades empregadas naquella fronteira, e em outras deste Imperio, exigindo as informações e exames que mais possam elucidar a denuncia da carta inclusa, afim de obstar-se quanto antes que os hespanhóes com intrusões furtivas, das quaes mais de uma vez a historia nos fornece exemplos, não violem e usurpem o territorio deste Imperio.»

Resolveu-se que se officiasse ao governo.

Aquelle primeiro discurso, só por si, constitue uma bellissima lição de geographia e historia diplomatica.

Meu finado cunhado, o engenheiro e coronel F. A. Pimenta Bueno, muito auxilio tirou delle para a sua — Carta das fronteiras do Brazil.

Posso dizel-o, pois não só muito conversámos a esse respeito, como pelas minhas mãos passou o importante trabalho, inedito, daquelle illustre engenheiro, membro do nosso Instituto Historico.

Como se sabe, Pimenta Bueno foi um dos nossos mais profundos geographos.

Tão precioso é esse seu trabalho, que o governo imperial concedeu, após o seu fallecimento, uma pensão á sua viuva, pensão conservada pelo governo da Republica.

Fernandes Pinheiro seguia attentamente todos os debates da Camara e em quasi todos elles tomou parte.

Taes entre elles: sobre os meios de abreviar as decisões de projectos, pareceres e outros trabalhos da Camara.

Era um projecto quasi identico ao offerecido pelo general R. J. da Cunha Mattos, quando deputado em 1827, e ao qual já me referi, quando estudei a vida desse illustre parlamentar.

Outro projecto digno de menção, apresentado por Fernandes Pinheiro, foi o da lei marcial, de cuja commissão foi membro e relator.

Acompanhar *pari passu* todos os trabalhos do illustre santista me levaria longe. Parece ser sufficiente o que expuz, para tornar conhecido o labor e interesse do representante paulista, que muito cooperou para dotar a sua terra natal com uma boa organização.

A 22 de janeiro de 1826 escolheu o primeiro Imperador os primeiros senadores do nascente Imperio; entre elles obteve essa honra o desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, que veio representar a provincia de S. Paulo. Tomou posse a 4 de maio desse anno.

Adheso sincero ao principio monarchico e amigo pessoal do Senhor D. Pedro I, os successos politicos que determinaram a abdicação do Imperador o desgostaram sobremodo; profundamente entristecido, retirou-se, como referi, da scena politica para se dedicar á familia e nas horas vagas distrahir-se com a cultura de uma chacara, que possuia nos arredores de Porto Alegre, sita á rua Duque de Caxias, e actual propriedade de sua respeitavel parenta, a senhora Viscondessa de Pelotas. Para prestar homenagem ao varão

tão meu admirado, visitei essa chacara, que se estende até a actual rua do Riachuelo, outr'ora da Ponte.

Habil diplomata, o Visconde de S. Leopoldo era sempre lembrado para commissões internacionaes.

Como disse, foi um dos signatarios do nosso tratado com a Inglaterra, em 25 de agosto de 1826, para reconhecimento da nossa independencia politica.

Achando-se em 1827 o Brazil em guerra com a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, chegou ao Rio de Janeiro lord Ponsomby, nomeado ministro plenipotenciario da Inglaterra perante o governo daquella Republica. Recebido pelo Governo Imperial, communicou ao gabinete brazileiro achar-se munido de instrucções para promover as pazes entre o Imperio e a Republica, e aconselhou celebral-as, afim de pôr termo á guerra, que a uma e outra nação tanto prejudicava.

D. Pedro respondeu-lhe que desejava de todo o coração o fim da lucta e estava decidido a mostrar a sua boa fé e moderação, acceitando condições equitativas e razoaveis; com a declaração, porém, de que nunca desistiria da posse da Cisplatina, que formava parte importante do Imperio, cuja integridade elle se compromettera a sustentar a todo o transe.

O diplomata britannico regressou a Buenos Ayres e ahi insistiu com o governo da Republica para convencel-o do quanto lhe era conveniente terminar a guerra.

Estes conselhos convenceram a Rivadavia, que resolveu mandar ao Rio de Janeiro o ministro de Estrangeiros D. Manoel José Garcia, munido de poderes sufficientes para tratar com o governo de D. Pedro.

A 24 de maio de 1827 foi assignada pelo ministro do Imperio, o Visconde de S. Leopoldo, e os ministros de Estrangeiros e da Marinha Marquezes de Queluz e de Maceió e pelo Embaixador argentino D. Manoel José Garcia, uma Convenção preliminar, que não agradou ao governo de Buenos Ayres. Revogou-a, por lhe parecer ter o seu enviado ultrapassado as suas instrucções, contrariando a lettra e o espirito dellas, e que as estipulações que ellas continham destruiam a honra nacional e atacavam a independencia e todos os interesses da Republica.

Manifestando-se varias nações estrangeiras sobre o concerto e convenios de commercio com o Brazil afim de se desenvolverem as reciprocas industrias e trocarem-se productos respectivos, o governo do Imperador acquiesceu-lhes ás vontades, no intuito de alargar as transacções mercantis do Imperio e de não ser a França a unica que com o Brazil houvesse estipulado pactos de commercio e amizade.

A Austria assignou uma Convenção, fundada em condições favoraveis ; logo depois a Prussia e a Inglaterra concordavam igualmente com o Brazil, sendo identicos nos termos, nos favores e nas condições os tratados que com elles se firmaram e que se publicaram a 17 de agosto de 1827.

Foi negociador o Visconde de S. Leopoldo.

Vindo o representante de S. Paulo occupar a sua cadeira no Senado, em 25 de outubro de 1837, foi nomeado pelo ministro de Estrangeiros o Conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro para presidir uma commissão que deveria determinar quaes os limites

que podiam ser considerados como naturaes com relação ás cidades e á topographia do paiz.

Officiou aquelle Ministro :

«Desejando o governo imperial com a maior efficacia remover as duvidas, que ultimamente se tem suscitado em as nossas fronteiras e habilitar-se para opportunamente estabelecer com os Estados vizinhos Convenções e Tratados que, clara e invariavelmente, fixem os limites do Imperio, e por outro lado reconhecendo quanto importa em materia tão ardua e relevante ouvir a opinião de pessoas illustradas e entendidas nesta parte importante da estatistica do paiz, por este motivo tem o mesmo governo resolvido crear uma commissão composta de V. Ex. e dos senhores senador José Saturnino da Costa Pereira, marechaes Antonio José Rodrigues e Raymundo José da Cunha Mattos e major Luiz d'Alencourt, com o fim de averiguar:

«1.º Quaes os limites Sul e Oeste do Imperio, á vista dos Tratados e Convenções existentes ?

«2.º Quaes os limites que se podem considerar como naturaes, com relação ás localidades e topographia do paiz ?

« O governo imperial, apreciando devidamente o zelo que distingue a V. Ex. e certo de que se occupará do exame do programma que se acha acima exarado, com aquelle desvelo que a publica utilidade recommenda, e que o caracter mesmo de brazileiro parece aconselhar, e reservando para outra occasião a expedição de instrucções, que devem regular a marcha de tão interessantes trabalhos, põe desde já á disposição da commissão nomeada todos os documentos

e materiaes que porventura possam existir nas differentes secretarias de Estado, facilitando assim, quanto lhe cumpre, a inteira resolução do problema em questão ».

Desejoso de corresponder á confiança do governo imperial, escreveu S. Leopoldo uma luminosa *Memoria*, em alguns pontos contestada pelo Sr. Conselheiro José Maria da Costa e Sá; contestações essas replicadas pelo nobre Visconde, como adeante se lerá.

Mereceu esse trabalho a exaltação do Ministro, que em uma das sessões da Camara dos Deputados, em 1838, disse:

« Os trabalhos apresentados pelo benemerito estadista o Sr. Visconde de S. Leopoldo, lhe haviam sido muito uteis e proveitosos. »

Foi esse o melhor trabalho diplomatico da habil penna do nosso escolhido historiador. Apreciado pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, como o proprio diplomata portuguez, o Sr. Costa e Sá, declara em uma carta, cujo trecho o Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, sobrinho do nobre titular, reproduz no n. XIX—1856, da *Revista Trimensal* do nosso Instituto Historico, no artigo referente á biographia de seu egregio tio.

Em carta de 15 de setembro de 1846 diz o Visconde de S. Leopoldo:

« O Sr. Conselheiro Costa e Sá analysou com paixão a *Memoria sobre os limites do Brazil*, levado por ciume, por ter sido ella bem acolhida pela Academia de Sciencias de Lisboa, da qual o illustre Conselheiro é um dos mais distinctos membros.»

Mais adeante, quando estudar o publicista, darei detalhada noticia disto.

O Visconde de S. Leopoldo foi muito estudioso e trabalhador.

Não pequena é a lista dos seus escriptos, mencionados no *Diccionario Bibliographico* do Sr. Dr. Sacramento Blacke.

A sua joia mais preciosa são os *Annaes da Provincia de S. Pedro*, em dous volumes: o primeiro publicado no Rio de Janeiro, em 1819, e o segundo em Lisboa, em 1822.

Posteriormente modificados pelo historiador, sahiram em nova edição, tirada em Paris, em 1839.

Na elaboração desse livro lutou com mil difficuldades, pois teve de colleccionar documentos que andavam esparsos e interrogar o testemunho de pessoas fidedignas.

Tomou o douto historiador por modelo Tacito, procurando, quanto permittia a natureza dos objectos e a indole das duas linguas, seguir as pisadas do grande historiador romano.

Na *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tomo I, 1839, pag. 327, vem publicado o juizo sobre esse livro, assignado pela commissão composta dos socios R. de S. da Silva Pontes, C. J. de Araujo Vianna e J. S. de S. Pantoja, em 19 de dezembro daquelle anno.

Nesta edição, começam os *Annaes* pela dedicatoria a S. M. o Imperador, na qual, resumbram sentimentos de adhesão ao throno. Segue-se o *Prefacio*, onde são indicados os melhoramentos da nova edição; nelle o

autor annuncia desejos de estabelecer-se um collegio especial de litteratos escolhidos, incumbido de recolher e transmittir os feitos que constituem a vida das nações.

Effectivamente foi estabelecido esse collegio, ou já estava estabelecido: o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* do qual S. Leopoldo occupava com brilho o cargo de 1° Presidente Perpetuo.

Nelle reuniam-se e reunem-se os nossos mais escolhidos homens de lettras. Nelle continuam a ser recolhidos assumptos historicos que interessam ao Brazil.

Nelle, nos *Elogios historicos*, proferidos annualmente pelos seus eloquentes oradores, têm-nos sido transmittidos os feitos dos nossos consocios fallecidos, e desse modo a vida da nação brazileira.

O distincto homem de lettras Dr. Sylvio Romero, na sua *Historia da Litteratura Brazileira*, tratando do Visconde de S. Leopoldo, declara: « que a impressão que ficou da leitura de seu livro é que elle é dos nossos historiadores o que melhor sabia fazer um livro. S. Leopoldo construiu uma igrejinha de roça, em uma antiga fazenda, bem dividida e asseiada, de paredes bem alvas, fachada regular, com pretenções a estylo composito. Nos seus escriptos revela-se ordeiro, claro, sobrio, suas idéas, si não são profundas e originaes, mostram-se perfeitamente elaboradas, etc.»

Este juizo e o da abalisada commissão do Instituto, são sufficientes para recommendar este importante trabalho do nobre Visconde.

Entretanto, diz-se que muito mais poderia escrever o autor dos *Annaes*.

Responderei: O Presidente do Instituto Historico, além de historiador, fôra tambem diplomata, e como tal era de seu dever o silencio sobre certos factos.

Na diplomacia, como é sabido, a reserva, o sigillo são tudo.

Em 1838, indo á cidade de Santos, sua terra natal, para tratar de negocios de familia, aproveitou-se da opportunidade para colher documentos sobre dous illustres conterraneos:—Bartholomeu e Lourenço de Gusmão—, conhecido este por *Voador*, afim de escrever as suas biographias.

Estes dous trabalhos foram publicados na *Revista Trimensal* do nosso Instituto com o titulo: — Da vida e feitos de Bartholomeu de Gusmão e Alexandre de Gusmão.

Reconhecendo o Visconde de S. Leopoldo que Diogo Barbosa Machado havia tratado succintamente da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de seu irmão Bartholomeu de Gusmão, propoz-se a resgatal-os do olvido em que ficavam indignamente sepultados.

Para dar mais exactas e completas noticias, serviu-se da collecção de suas cartas, reputadas authenticas, e de uma representação ao Rei, na qual expunham os seus relevantes serviços, supplicando a remuneração delles; desse modo julgou o escolhido historiador dar um retrato mais parecido e deixar ver o verdadeiro espirito dos biographados, o progresso e o supplemento de seus projectos, ler, finalmente, toda a sua alma.

Estudou o distincto biographo, Alexandre de Gusmão, como diplomata, expor a relação de suas obras,

dos seus escriptos ineditos; e, sobretudo, fallou-nos do aerostato, que tanto celebrizou Bartholomeu.

S. Leopoldo completa a biographia, fazendo-a seguir de notas explicativas, divididas em duas secções, das quaes a primeira contém dous fragmentos poeticos do seu biographado; uma ecloga e uma decima de cançonetas, cuja integra lê-se no *Parnazo Brazileiro* do conego Januario da Cunha Barbosa. Na segunda dessas secções estão publicadas as decimas: *Ao novo inventor de andar pelos ares* — *Ao padre Bartholomeu sendo na Academia*. — E o soneto: *Ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, autor da navegação aerea*.

Foram impressas essas biographias em 1841, na *Revista Trimensal* do nosso Instituto, e no tomo LXV, parte I, 1902, da 2ª edição.

Na sessão de 16 de fevereiro de 1839, desse Instituto, leu o seu primeiro Presidente a memoria: Quaes os limites naturaes e pactuados do Imperio do Brazil ?

Esta *Memoria* é a resposta dada pela commissão, da qual foi elle o relator, quando incumbido pelo ministro dos Negocios Estrangeiros de elucidar essa questão, como acima foi dito.

Appareceu na mencionada *Revista* do nosso sabio Instituto, que, tomando em consideração a valiosa offerta do seu preclaro Presidente e julgando de grande interesse a sua publicação, determinou, em sessão de 16 de fevereiro daquelle anno, mandal-a imprimir á sua custa.

Impressa nas *Memorias* do Instituto, livro rarissimo e esgotado, reappareceu no tomo LXV, parte I, 1902, do orgão da nossa sabia Associação.

O escriptor e diplomata portuguez Sr. Conselheiro J. M. da Costa e Sá fez umas *Breves Annotações dessa memoria*, as quaes obrigaram o nobre Visconde a dar-lhe a *Resposta ás Breves Annotações feitas, etc.* trabalho esse publicado por ordem do Instituto, no tomo de 1843, da sua *Revista*.

Respondendo e desenvolvendo o assumpto, com a maxima clareza, dá uma resenha historico-diplomatica dos diversos tratados e convenções que o Brazil celebrou com a Republica Argentina.

Declara, outrosim, que não escapará á perspicacia dos futuros negociadores do augurado tratado de limites que os demarcados com tanta reflexão em virtude da Convenção de 1819, são pelo lado meridional, os mais naturaes e de mutua conveniencia, etc.

Esta *Memoria* é muito extensa e instructiva, e como já esteja publicada na mencionada *Revista*, não a reproduzirei; aconselhando, outrosim, a sua leitura, por me parecer de proveitoso ensinamento.

O Sr. Conselheiro J. M. da Costa e Sá, considerando digna de toda a estima a *Memoria* do Sr. Visconde de São Leopoldo, pelas muito eruditas noções que encerra sobre um assumpto importante, coordenou as breves notas que lhe suggeriu a leitura que fez, como novo testemunho do empenho que tomou pelos interesses do Brazil.

E' uma erudita apreciação feita á obra do consciente Presidente do nosso Instituto, na qual o illustre censor revela solidos conhecimentos das cousas do Brazil.

Não pretendeu este illustre censor escrever uma narrativa historica dos trabalhos geographicos acerca do Brazil; procurou limitar-se a addicionar á sua resposta

algumas criticas referentes aos mappas geographicos da região septentrional do Brazil.

As suas *Notas* só tiveram por fim subministrar algumas noções e breves apontamentos sobre este relevante assumpto.

Retorquiu o Visconde de S. Leopoldo, e na sua réplica, com intelligencia e profundo conhecimento da materia, rebateu todas as censuras do seu respeitavel censor.

Nada escapando-lhe á discussão, concluiu fazendo votos sinceros para que se tornem cada vez mais vivas e ternas as fraternaes sympathias e a mutua benevolencia entre os dois povos da mesma origem, da mesma linguagem, da mesma religião e dos mesmos costumes.

Na 5ª sessão, de 16 de fevereiro de 1839, do Instituto Historico, o desembargador Silva Pontes leu um parecer da Commissão de Historia acerca de uma *Memoria* do Visconde de S. Leopoldo, relativa a algumas sociedades litterarias do Brazil, existentes em tempos remotos.

A Commissão concluiu pela publicação desse trabalho, o que foi approvado.

Uma outra memoria versou sobre um ponto do programma: o Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestaram neste continente?

E' lida no tomo I, 1839, pags. 79 a 97 da mencionada *Revista Trimensal*.

Em uma outra sessão, a 16 de março, fez o Presidente do Instituto a leitura de mais um trabalho, no qual expoz as razões em que se baseava para classificar as épocas da historia brazileira.

Foi remettido á Commissão de Historia.

Não ha negar, o Visconde de S. Leopoldo foi um dos homens de seu tempo, que escreveu muito, e que muito contribuiu para enriquecer os primeiros volumes do orgão do nosso Instituto Historico.

Assim, no tomo 37—1874, pag. 5, 2ª parte, apparecem publicadas as suas *Memorias*, compiladas pelo Sr. Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, actualmente Barão Homem de Mello, trabalho esse lido pelo nobre Barão, nas sessões de 11 e 25 de julho e 3 de agosto de 1873.

Declara este illustre compilador e mestre:

«Deixou o finado Visconde de S. Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), e existe em poder de sua familia, em Porto Alegre, um livro todo de seu punho, em o qual escreveu a sua vida. Este livro está bem conservado em couro crú e folhas de papel almaço portuguez.

« Na capa exterior, sobre o couro, está escripto, por lettra do mesmo Visconde:

« *Diario de minha deputação ás Côrtes Geraes e Extraordinarias de Lisbôa, pela provincia de S. Paulo, e successos ulteriores.*

« Do lado opposto, ainda sobre couro crú, está escripto:

« *Segunda parte deste livro: encerra uma noticia chronologica desde o meu nascimento, despacho e épocas mais notaveis de minha vida.*

« Este livro, como diversos escriptos e varios documentos, guardados dentro do mesmo, me foi communicado em Porto Alegre, no dia 13 de março de 1867,

pelo filho do mesmo Visconde, e esteve por alguns mezes em meu poder.

« Por autorisação especial de sua familia, estas *Memorias* apparecem hoje á luz da publicidade, cabendo-me a honra de as offerecer á elevada consideração deste Instituto ».

Logo depois o Sr. Conselheiro Homem de Mello expoz o plano que seguiu, para ser transmittido ao conhecimento da posteridade.

Seguem-se as *Memorias*, precedidas por uma *Advertencia* do illustrado escriptor santista, e onde vem a *Explicação dos factos mais notaveis de sua vida politica, escripta no inverno de 1840*.

Incontestavelmente o Sr. Barão Homem de Mello prestou importante serviço ás lettras patrias, com a publicação dessas *Memorias*; pois assim tornou mais bem conhecida a vida de um dos nossos compatriotas, dos mais eminentes, desde os tempos coloniaes do Brazil.

Compõem-se as *Memorias* de XVI capitulos, escriptos em linguagem elegante e correcta e enriquecidos de interessantes e instructivas noticias.

Fel-as seguir o Sr. Barão Homem de Mello dos respectivos documentos.

O nobre Visconde de S. Leopoldo, desde cedo, começou a escrever.

Quando em Lisboa, publicou :

Discursos apresentados á Mesa de Agricultura, sobre varios objectos relativos á cultura e melhoramento interno do Reino e construcção de edificios ruraes, traduzido da lingua ingleza. Lisboa, 1800, in-4°.

Collecção de memorias sobre estabelecimentos de humanidades. Lisboa, 1801, in-4°.

Systema universal de historia natural, incluindo a historia natural do homem, dos orangotangos e toda a tribu de Mimia Mexia. Traduzido do inglez. Vol. I. Lisboa, 1807, 71 pags. in-8°.

Cultura americana, que contém uma relação do terreno, clima, producção e agricultura das colonias britannicas, ao norte da America e nas Indias Occidentaes, com observações sobre as vantagens de se estabelecer nellas, em comparação com a Grã-Bretanha e Irlanda. Traduzido da lingua ingleza. Lisboa, 1799, 2 tomos in-4°.

Foi publicada por Frei José Mariano da Conceição Velloso.

Historia nova completa da America, colligida de diversos autores, debaixo dos auspicios e ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente, etc.

Foi tambem publicada por Frei José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1800, 2 vols. in-8°.

Este sabio monge deu 2ª edição, em 1807, in-4°.

Relação circumstanciada sobre um estabelecimento formado em Munich a favor dos pobres. Traduzida do allemão. Lisboa, 1801, in-4°.

Não me foi dado ler estes trabalhos, deparei a noticia no *Diccionario Bibliographico* dos finados Srs. Innocencio da Silva e Sacramento Blacke.

Dedicou-se, especialmente, S. Leopoldo a assumptos nacionaes brazileiros, e em toda a sua obra se notam estylo facil, correcto, elegante, narração desenvolvida e linguagem de puro atticismo; por isso tem sido con-

siderado, merecidamente, um dos escriptôres mais conceituados da nossa litteratura.

Possuia todos os dotes de um perfeito historiador.

De caracter placido e sereno, não fôra talhado para as grandes lutas. Espirito pensador, profundo philosopho, dominava os acontecimentos na alta superioridade de sua razão; observava a marcha dos negocios publicos, com toda a sua reflexão poderosa, mas não se envolvia nas paixões do dia.

Collocado em uma elevada posição, diz um dos seus biographos e parente, trocou a farda de ministro pela mesa de trabalho de litterato, e deixou as agitações da politica pelo viver singelo do homem de sciencia.

Todos os seus trabalhos distinguem-se pela profunda investigação dos factos, por um espirito esclarecido e illustrado da imparcialidade.

Foi escriptor respeitavel, severo, culto e corajoso. Era poeta e artista, qualidades essas que o tornaram recommendavel historiador.

Em 1838, com o conego Januario da Cunha Barbosa e o marechal Raymundo José da Cunha Mattos, concorreu para a fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do qual foi eleito primeiro Presidente Perpetuo.

Na primeira sessão publica, em 3 de novembro de 1839, proferiu um eloquente e erudito discurso, de muito ensinamento e que poderá ser lido na *Revista Trimensal* desse anno.

Vulto eminente de seu tempo, o seu respeitavel nome foi além das nossas plagas. Os sabios europeus

o distinguiram, chamando-o ao gremio de variadas sociedades litterarias do velho mundo, taes como: Academia Real das Sciencias de Lisboa, Real Academia dos Amigos Naturalistas de Berlim, Sociedade de Agricultura de Carlsruhe, Sociedade Philomatica de Paris, Sociedade Ethnographica de Paris, etc., não falando do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Após a sua maioridade, o Senhor D. Pedro II deu uma prova de alta consideração e apreço ao velho estadista, confiando-lhe o honroso cargo de veador de suas augustas Irmãs.

O mesmo magnanimo soberano recompensou-lhe os serviços, agraciando-o com a dignitaria da ordem do Cruzeiro.

Com Antonio Carlos, seu irmão collaço, diz Araujo Porto Alegre, essas duas grandes entidades representaram os dous principaes elementos da época da nossa independencia; a sorte bipartiu entre estes dous homens o desenvolvimento das phases do drama politico.

Para o cantor do *Colombo*, Antonio Carlos era um amplo crystal que tudo reflectia e que tudo engrandecia e ondulava entre as sinuosidades do seu caracter vehemente, era um oceano que se agitava ao menor dos acontecimentos. O Visconde de S. Leopoldo era uma estatua tranquilla, sentada num gabinete. Era uma obra de marmore e Antonio Carlos um colosso fundido de um só jacto. Era uma concepção dantesca executada por Miguel Angelo.

O Visconde de S. Leopoldo tinha um coração bondoso, amava seus semelhantes. Poder-se-hia applicar-lhe o verso de Terencio:

Homo sum; humani nihil a me alienum puto.

A sua fidelidade como historiador é incontestavel. O seu escrupulo e amor da verdade era tal que preferia deixar a relação de alguns acontecimentos imperfeitos do que completal-os, quando não podia obter as noticias exactas dos que os tinham presenciado.

O Visconde de S. Leopoldo podia dizer que em cada um de seus póros palpitava um coração. A sua bondade era a vibração de seus nervos, as suas idéas vinham a ser outras tantas sensitivas.

A vida do nosso distincto biographado terminou pelo coração; que o tinha na cabeça, como pendula, agulha e machina que movia, indicava, e soava todas as idéas.

Orna o salão das sessões do nosso Instituto Historico, conjunctamente com os bustos do conego Januario da Cunha Barbosa, marechal Raymundo José da Cunha Mattos e com as de outros, como homenagem honrosa á memoria de grandes serviços e reconhecido devotamento á patria e ás lettras nacionaes, um outro, o do venerando e muito illustre 1° Presidente Perpetuo, o Visconde de S. Leopoldo. Vasado em marmore, foi elaborado pelo esculptor Joaquim José da Silva Guimarães.

Trabalhava o notavel publicista na composição de uma *Historia Geral do Brazil*, quando, com 73 annos de edade, falleceu a 6 de junho de 1847, na cidade de

Porto Alegre. Foi sepultado no cemiterio da Santa Casa da Misericordia.

O seu enterro foi muito concorrido e de toda parte partiram manifestações de pezar á sua respeitavel familia.

DIARIO DA VIAGEM AO ALTO NILO

FEITA PELO

IMPERADOR D. PEDRO II

Em 1876

Sempre, vivamente interessa, não só á critica, sinão tambem á massa geral dos leitores, tudo quanto se relaciona com a existencia intima das individualidades historicas, das que eminente lugar occuparam entre os seus contemporaneos. Merecem attenção e estudo quaesquer escriptos por ellas deixados; são documentos elucidativos de um caracter e de uma época, preciosos factores para a solução do problema humano.

Sobe de ponto esse interesse, em se tratando de quem durante meio seculo presidiu aos destinos da sua patria, accrescendo ainda, com relação ao *Instituto*, a circumstancia de que a excelsa personagem em questão lhe foi o summo protector, o inolvidavel amigo, de quem cumpre com veneração guardar as minimas reliquias.

O incompleto *Diario*, cuja impressão ora fazemos, não se destinava á publicidade. Notas rapidas, breves, sem a menor pretenção litteraria ou scientifica, traçou-as em francez o Sr. D. Pedro II, para conhecimento particular de alguns egyptologos europeus com quem mantinha relações.

Descobriu-as, casualmente quasi, o illustre finado consocio do *Instituto*, Visconde de Taunay, e traduziu-as o digno filho deste, Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

Quando menos, a titulo de curiosidade, competia á *Revista* inseril-as em suas paginas.

Testemunha, aliás, o *Diario* as qualidades primordiaes do magnanimo soberano, cujo nome o Governo da Republica tão ponderadamente resolveu restituir ao nosso primeiro instituto de instrucção secundaria: o amor á sciencia, a actividade inexcedivel, o escrupulo, o desejo de acertar, o devotamento a todas as cousas nobres e bellas, uma intelligencia e um caracter, em summa, dignos de perpetua veneração.

(A Commissão de Redacção.)

ADVERTENCIA

Raros são os que conhecem a existencia deste *Diario* da viagem do Imperador D. Pedro II ao Alto Nilo que, em cumprimento de paterno voto, tenho a honra de offerecer á *Revista* de uma das mais, se não a mais illustre corporação scientifica do Brazil, o Instituto Histori coe Geographico Brazileiro.

Sabem todos quanto apaixonava ao Monarcha o estudo das linguas orientaes e das civilisações primitivas.

Cultivou com afinco o hebraico e o arabe até os ultimos dias de existencia, levando-o o pendor á philologia comparada a instruir-se no sanscrito, syriaco e chaldaico.

Ainda de Vichy, a 15 de setembro de 1891, dois mezes antes da morte, escrevia a meu Pae que « se distrahia a traduzir a Biblia e as Mil e uma Noites, tendo mandado procurar em Paris alguns livros familiares para explicar aos companheiros um pouco de egyptologia ».

Segundo se deprehende de topicos deste *Diario*, iniciara o estudo da egyptologia, muito antes da sua primeira viagem fóra do Brazil, quer pela leitura de tratados e memorias quer pela communicação assidua com egyptologos illustres, d'entre os quaes Mariette Bey, Brugsch, Mr. de Rougé.

Correspondia-se affectuosamente com os dois primeiros, sobretudo com o segundo, *o seu amigo* Brugsch.

Foi, pois, verdadeiramente impressionado pela poesia do passado tão remoto e pelos conhecimentos adquiridos na sciencia descoberta por Champollion que D. Pedro II emprehendeu a primeira viagem ás ruinas do Egypto e tal a commoção recebida que não teve mão em si e, passados alguns annos, resolveu tornar a ver os colossaes destroços millenarios.

Dessa segunda estadia é que data o *Diario*.

Dia a dia, singelamente, sem a menor preoccupação estylistica, attento unicamente em anotar impressões, afim de as methodizar e não se embaraçar mais tarde com appellos á embora prodigiosa memoria, lançava o soberano nas paginas do canhenho as observações suggeridas pela minuciosa perscrutação dos gigantescos edificios pharaonicos.

Atravez do afan com que procurou fixar todas ellas resumbra a emoção que ao seu grande espirito causava o contacto com esses monumentos, mais antigos alguns do que as mais longinquas reminiscencias da humanidade.

O facto de traçar taes observações em francez, obedecia ao seguinte proposito: queria o Imperador leval-as ao conhecimento dos egyptologos seus amigos, dal-as a conhecer a Mariette, então director do museu de Bulaq e ao *amigo* Brugsch, tão reputado quanto o grande archeologo francez e igualmente residente no Egypto.

Ao regressar ao Brazil conservou D. Pedro II o seu *Diario* na bibliotheca de São Chistovam, entre diversos papeis intimos ; quando se deu a dispersão dos moveis

do palacio, após o leilão geral de 1890, alguem que adquirira pequena mesa, descobriu num canto de gaveta a *agenda* imperial levando o precioso achado ao conhecimento do Conde de Aljezur, o fidelissimo servidor do monarcha, quando este, após haver acompanhado o seu Soberano a S. Vicente de Fóra, voltara á patria.

Apressou-se elle em communicar o facto a meu Pae, que, immediatamente, tirou uma cópia integral de quanto continha o valioso caderninho, excepção feita de muitos dos numerosos esboços que lhe recheiavam as paginas.

Uma carta endereçada á Princeza D. Isabel, Condessa d'Eu, fornece interessantes pormenores sobre o caso:

Petropolis, 16 de março de 1893.

Imperial Senhora.—Tomo a liberdade de escrever a Vossa Alteza Imperial sobre o seguinte e importante facto:

Ha dias, o Sr. Conde de Aljezur levou-me á casa um livrosinho de 58 paginas escriptas de lado a lado, de lettra muito miúda, toda do punho do Immortal Senhor D. Pedro II.

A minha commoção foi enorme, no empenho em que vivo, na medida das minhas forças, de zelar a Memoria e a Gloria Immensa daquelle Soberano.

Era a viagem que, em 1876, fizera elle á região do Alto Nilo. Como tão precioso documento pertence hoje, ou melhor, está nas mãos de um Snr. Rangel, que o adquiriu não sei como, tomei a deliberação nos tres dias que me foram concedidos, de tirar uma cópia do ori-

ginal. O trabalho foi enorme e obrigou-me a muitas horas seguidas de labor, até alta noite, mas no prazo marcado pude entregar o manuscripto, tendo tambem reproduzido não poucos dos desenhos a lapis.

Com toda a reverencia indago de V. A. I. se, nos papeis do Imperador, se acha essa parte da viagem ao Egypto, de 17 de dezembro de 1876 a 23 daquelle mez, e onde existe a continuação, que devo fazer com essa cópia, se posso dal-a á publicidade.

Tenho toda a certeza de que dahi provirá ainda mais gloria para o ente excepcional que foi o Snr. Dom Pedro II.

Beijo respeitoso a mão de Vossa Alteza Imperial, a quem peço, com todo o acatamento, se digne apresentar os meus comprimentos a Sua Alteza o Senhor Conde d'Eu, assignando-me

De Vossa Alteza Imperial—Humilde subdito, *Visconde de Taunay*.

Não pôde a Princeza D. Isabel ministrar os esclarecimentos pedidos; absorto com os graves cuidados do Governo, nunca mais cogitara D. Pedro II em coordenar as notas recolhidas no Alto Egypto.

Quanto á parte que completa o *Diario* da jornada de dezembro de 1876, ninguem sabe onde esteja, talvez entre os innumeros volumes doados pelo Imperador á Bibliotheca Nacional, ou em mãos de algum herdeiro dos egyptologos que o leram, quiçá perdido para sempre... o que se salvou, porém, basta para reforçar a orientação dos futuros biographos de Pedro II, acerca de uma das mais notaveis faces da individualidade daquelle prohomem.

Offertando ao *Instituto Historico e Geographico do Brazil* a traducção do manuscripto imperial julgo prestar uma homenagem á illustre corporação a quem deve a Patria Brazileira serviços inestimaveis, trazendo á luz, por seu intermedio, documentos de subido valor, traçados pelo punho daquelle que durante cincoenta annos a presidiu, votando-lhe tão constante quanto acendrado amor, affeição essa que o *Instituto* retribue venerando-lhe de modo extraordinario a augusta memoria — *Affonso d'Escragnolle Taunay.*

S. Paulo, 25 de dezembro de 1908.

VIAGEM AO ALTO NILO

Dia 11 de dezembro de 1876—A's 2 3/4 partimos do porto de Gizeh no vapor Feruz (turqueza).

Occaso esplendoroso; as copas das tamareiras pareciam inflammar-se ao contacto dos raios do sol.

A' direita, notei em longinquo plano pyramides de tijolo formando as « fiadas de Sakkarah ».

A's 5 3/4, ancorámos em Marguna, havendo navegado 22 milhas inglezas.

Dia 12—6 horas da manhã—O sol levante toma o colorido de apagado arco-iris.

O Egypto, diz Herodoto, é um presente do Nilo, que vejo carregar turvas aguas sedimentosas vivificadoras da vegetação, adorno das margens.

A's 2 horas, passámos por Beni-Suef, tendo reparado, á direita, na pyramide de Meydum, a que chamam falsa e composta de dous troncos de pyramide de base a um terceiro.

Em suas immediações descobriu Mariette Bey as duas estatuas de homem e mulher assentados e com olhos de vidro.

Os cartuchos datam da terceira dynastia (mais de 4.000 annos antes de Christo).

As côres estão muito bem conservadas, sendo caracteristicos os traços physionomicos e differentes dos da estatua de Chephrem, o rei da segunda pyramide de Gizeh.

Quando vim ao Egypto pela primeira vez essas duas estatuas ainda não figuravam no museu de Bulaq.

Durante largo espaço de tempo avista-se a pyramide de Meydum.

Antes das tres horas, começaram a apparecer, á esquerda e além das collinas, as montanhas de alabastro.

Quasi ás 4 horas—Passámos por Bibbeh, onde a coxilha á margem esquerda adianta-se para o rio, formando um promontorio cujo perfil se assemelha a uma escada. Encalhámos esta manhã; sómente, porém, durante alguns minutos; o rio deve vasar alguns mezes ainda.

A todo instante, sulcam o Nilo os *dahabiehs* frequentemente ajoujados por taboas e transportando grandes medas de forragens. Duas dessas grandes embarcações arvoraram hoje a bandeira ingleza, a proteger

viajantes dessa nacionalidade, tanto quanto pude deduzir da apparencia dos passageiros.

Leio no guia de Mariette Bey que, com certo cunho de verdade, se attribue a pyramide de Meydum ao rei Senoferu, predecessor de Cheops (o da grande pyramide de Cheops, da 4ª dynastia, 4225 a J. C).

A's cinco, parámos perto de Fechu, onde as collinas da esquerda vêm morrer no rio, destacando-se-lhes perfeitamente a disposição das camadas horizontaes.

A certa distancia da barranca direita, percebo as altas chaminés de um dos engenhos centraes de assucar do Khediva. Já avistara outro do mesmo lado e em frente a Bibbeh. Pretende Mariette que a pyramide de Sakkarah, de que falei hontem, póde ser attribuida ao rei Uenephes da primeira dynastia (5000 a J. C.).

Dia 13—Não ha duvida! Estamos no oriente onde ninguem tem pressa. A custo partimos ás 6 1/2. As datas da historia do antigo Egypto ainda estão muito longe de se tornarem precisas. Para os egyptologos allemães ha uma divergencia de 2079 annos entre os limites da época do primeiro rei Mena (o estavel), o Menés dos gregos. Acha o meu amigo Brugsch que vivia em 4455, antes de Christo.

As montanhas de Ambia apresentam fórmas estrambotica; procurei desenhar-lhes os contornos.

A's 12 1/4 contrapunha o minarete de Samalut, sito á margem esquerda, a sua elegancia á das tamareiras. Pouco depois, mostraram-me o lugar onde virou, numa lufada, o *dahabieh* que transportara Campbell e outros inglezes, afogados por não terem conseguido sahir do camarote, completamente fechado.

Quasi em frente, no cume de um rochedo da margem direita chamado *Gebel Teil* (montanha dos passaros) ergue-se o *Deir-el-Bakarah*, convento da talha; nome proveniente do moutão que servia para suspender os que visitavam o mosteiro.

Habitam-no monges mendicantes que costumam, a nado, pedir o *backschisit* (esmola). Escapámos dessas visitas.

1.20.—As montanhas da margem direita afastam-se do Nilo em El Baikur, formando uma especie de amphitheatro.

A's 2 1/2 desembarquei em Minieh, pequena cidade, para visitar um dos engenhos do Khediva, grande usina provida de apparelhos Derosnes e Cail, e produzindo annualmente cincoenta mil quintaes de assucar e quatrocentos mil litros de alcool a 40 graus.

Nesse porto encontrámos uma *dahabieh* com bandeira ingleza e, um pouco a montante, outra que, segundo penso, levava Sir John Elliot e a familia.

Nas proximidades de Beni Hassan vê-se areia entre o rio e as montanhas, assim como sobre estas, cuja desaggregação é visivel.

O pôr do sol abrazava a margem opposta.

A's 5. 40 ancorámos.

Encanta-me esta viagem; uma cousa, porém, entristece-me: penso nos amigos que estão privados destes gozos.

Não posso repetir com o filho do Pharaó Aen: «Conserva-te alegre, durante toda a existencia. Acaso houve quem sahisse do tumulo?»

Dia 14—Desembarcando ás 6 1/2, parti montado

em burrico, de modo muito caracteristico — o cavallo e o camello só figuram nos monumentos egypcios depois da decima dynastia (3000 a J. C.).

Visitei quasi todas as grutas de Beni Hassan. Escavaram-nas nos rochedos da margem direita para servirem de tumulos (verdadeiros poços abertos no solo das grutas e tendo dos lados outros por onde passavam os sarcophagos.)

As duas grutas septentrionaes são as mais interessantes.

A primeira que visitei é a sepultura de *Xnumhotep*, monarcha do districto de Sah, durante o reinado de Usirtasen II (2400 a J. C.) e cujos cartuchos trazem o seu nome official e o da familia.

A face norte apresenta pinturas e hieroglyphos interessantissimos.

Trinta e sete individuos da tribu dos Ammon (nome semitico; do hebraico *am* povo, ou do copta, que tambem pode ser considerado como semitico, *amon* pastor, carreiro) offerecem ao monarcha do districto de Sah um mineral proprio para tingir os cilios e proveniente do paiz de Pit-Sa (Arabia).

Os companheiros do chefe dos immigrantes, chamado Abera (nome semitico) são homens barbudos, armados de lanças, arcos e clavas, mulheres e creanças, com jumentos carregados de trastes.

O chefe offerece ao monarcha um cabrito montez dos que se encontram na peninsula do Sinai.

A segunda gruta é o tumulo do monarcha do mesmo districto chamado Amenhi, contemporaneo de Usirtasen I, (cujos cartuchos já tive occasião de ver) e de

Amenemhait II, cujos cartuchos com o nome official tambem já li (2400 a J. C.)

A gruta tem uma triplice abobada no sentido do comprimento, com fiadas de quatro columnas doricas de dezeseis faces cannelladas, excepção feita das que symetricamente se acham no sentido perpendicular á porta da entrada; todas muito bellas.

Vi outras columnas doricas de oito e dezeseis faces, mas não cannelladas, numa gruta, onde formavam como que um vestibulo; é inadmissivel que tenham sido trabalhadas em época posterior á abertura da cava que deixaram incompleta e parece nunca ter servido de tumulo.

Nesse pequeno vestibulo ha hieroglyphos; avistei tambem muitas outras cavas assaz profundas e perpendiculares á parede.

Sobre as portas de entrada das duas grutas ha desenhos curiosissimos.

Alcancei o navio um pouco a montante, o caminho é melhor e bem bonito por causa das tamareiras.

Tambem percorri a gruta chamada Speos Artemidos (gruta de Diana, em grego) e que não passa de um tumulo aberto sob Sethos I, pae de Ramsés II, (1400 a J. C.) cujos cartuchos se destacam dentre innumeros hieroglyphos.

No fundo da lapa que está mais ao Norte em Beni Hassan vêm-se, num quarto, tres estatuas assentadas bastante conservadas, em baixo relevo, sendo que das tres a maior é a do meio.

Em uma das outras notei tambem, numa especie de nicho ao fundo, certa pedra saliente com ares de mumia em baixo relevo.

Uma das cousas que mais me interessaram nas grutas de Beni Hassan foram as columnas, que procurei esboçar.

Imitam quatro troncos de arvores amarrados pela parte superior por meio de cordas; nos intervallos dos troncos existem, no sentido do comprimento, peças de madeira destinadas a consolidar o conjuncto.

Pouco além de Beni Hassan, vimos Rodah, á margem esquerda, onde os edificios da usina de assucar do Khediva—ao todo quinze, iguaes á de Minieh—offerecem bella perspectiva.

Prefiro a vida da aldeia, á margem direita, sombreada por innumeras palmeiras.

A's 3 1/4 chegamos a Haggi Gandel, á margem direita.

Sinto não dispôr de tempo para visitar as grutas de Tel el Amarna, correspondentes á 18ª dynastia. (1700—1400; a J. C.); quasi todas servem de sepulchro aos cortezãos de Amenophis IV. Tanto sob esse monarcha como sob Ramses II, representavam os artistas as personagens com os traços physionomicos do soberano.

Nos tumulos de individuos ahi sepultados vêm-se figuras com cabeças de eunuco e torsos muito adiposos.

Na Russia, no reinado da Imperatriz Isabel, promulgou-se um ukase proclamando official certo retrato da soberana e condemnando outro que era muito feio.

Vi o original desse decreto na Bibliotheca Imperial de Petersburgo.

Amenophis IV deveria ter prohibido a reproducção de seus traços grosseiros. Tratem os egyptologos de achar algum ukase em hieroglyphos.

A's 4 1/2 passámos em frente ás montanhas de Gebel-abu-Fedra, á margem direita.

Quasi á extremidade meridional desses montes acham-se as grutas de Maubdet. Nellas penetrando por uma fenda encontram-se pelo que me contou Mariette Bey—milhares de mumias de crocodilos. No emtanto, quasi se não os vêm na viagem do Nilo; até agora não avistei um unico.

No tumulo de Ti (que vivia sob a quinta dynastia, 3000 a J. C.) estão gravadas imagens de crocodilos e hippopotamos que examinei, quando pela primeira vez vim ao Egypto. Este tumulo está no local de Memphis; pode-se, pois, concluir que nessa época os dous animaes eram frequentes nesta parte do Nilo.

A's 5 1/4 fiz um ligeiro esboço das montanhas, crivadas de grutas excavadas ou naturaes e depois encontrei uma das *dahabiehs* dos inglezes que procurava aproveitar a frescura do vento.

Teve porém de parar, pois, já estava escuro; ás 7 ancorámos perto da margem esquerda e um pouco a montante de Manfalout. Esteve admiravel o crepusculo com os seus matizes esverdeados e vermelho claro.

$7^h. 40^m$ — As estrellas brilham como diamantes no meio de carvão.

Antes de dormir, estudo a grammatica hioroglyphica de Brugsch. Confesso que muito se tem progredido em materia de interpretação de hieroglyphos, mas é preciso dizer que muita cousa tem sido quasi adivinhada. O meu amigo Brugsch parece-me mais sabio; Mariette, porém, fez descobertas mais bellas em ma-

teria de monumentos e revela-se mais pratico. Désde a minha primeira viagem é um dos meus affeiçoados. O aspecto das margens do Nilo suggere muitas considerações geologicas; julgo que o rio já desembocou no Mediterraneo em Beni Souef, a oitenta milhas do Cairo.

Assim pensava tambem o Dr. Gaillardot que conheci por occasião da minha primeira viagem e pessoa muito estimada pelo Conde Joubert, que a seu respeito a mim se manifestou com profundo pezar, ha alguns dias.

Sustentou pertinazmente no Instituto Egypcio a opinião de que este paiz existia na idade prehistorica da pedra; creio, porém, que Mariette o combateu com excellentes argumentos.

Dia 15 — A's $6^{h}.10^{m}$ partimos. O dia não foi dos mais interessantes; as paizagens, porém, continuam sempre muito bellas. A's 10 atracámos para receber carvão; visitei Siut que é bem populosa e não muito suja. Grandes accacias ensombram a estrada que a ella vai dar. A cidade tem um lindo minarete de pedra.

Fui fazer oração na pequena igreja catholica que um capuchinho do convento do Cairo guarda. Disse-me elle que no lugar ha uns cem catholicos. Parte do bazar de Siut é coberta de madeira.

A's 11 $^{1}/_{4}$ partimos novamente. A' 1 $^{1}/_{4}$ avistei no horizonte, á direita, o elegante minarete da aldeia de Abú Tig.

A' tarde, passámos perto do lugar onde o celebre El Mahdi tanto mal fez aos christãos que viajavam no rio, tendo chegado a commandar 20.000 sectarios que o consideravam como um grande santo.

As montanhas da margem direita apresentam numerosas grutas cavadas pela mão do homem e uma ponta de rochedo assemelha-se bastante a um individuo deitado de bruços.

A's 6½ parámos a dez milhas de Suhag. O commandante não quer navegar á noite embora o céo esteja muito claro. Isso demonstra sensatez da sua parte, porque ás vezes muda a corrente de direcção, acontecendo deslocarem-se os baixios após as inundações.

Notei hoje quanto o Nilo carregou grande extensão da margem direita, terreno plantado de bellas tamareiras.

Não ha pôr do sol em que os matizes não sejam differentes e sempre encantadores.

Antes de chegar a Siut, vi á direita a embocadura de um bello canal que leva a agua do Nilo ao Fayum] uma das partes mais ferteis do Egypto e que conto percorrer quando voltar.

Alli fez Amenemhait III, da 12ª dynastia (2000 a J. C.) excavar o lago do Moeris (Meri significa lago em egypcio) e construir o labyrintho que tem tres mil salas e quartos acima do solo e outros tantos abaixo. A palavra *labyrintho* provém das seguintes em egypcio: *rape-ro-hun-t* ou *lape-ro-hun-t* que significam: templo do orificio do vertedouro.

O nome moderno do logar é Ellahoun, o canal que provocou uma diminuição de minha ignorancia em egyptologia, é obra do Khediva que realmente tem feito muitos beneficios ao seu paiz.

Muito se desenvolveu, a instrucção publica depois da minha primeira viagem.

Dia 16 — Partimos um pouco antes das seis. Parámos em Suhag para tomar carvão. E' uma cidadesinha bonita, verdade é que a vi de bordo.

A's onze, chegámos a Bellianeh depois, de haver passado por diversas aldeias, das quaes a mais importante é Akhmin á direita. Alcunham-na *Um el Bacaur*, — mãe de todas as desgraças — pois gosa de má reputação sob todos os pontos de vista. E' a antiga Chemmis ou Panopolis e nella se acham inscripções da 12ª dynastia, pretendendo os gregos que alli nasceram Danaus e Lynceu.

Penso ter decifrado os hieroglyphos da entrada da gruta não acabada e o nome de Xnumhotep (12ª dynastia). No emtanto elle não está em cartucho algum, embora pense eu que estes sirvam sómente para a inscripção dos nomes de reis, principes e cidades.

Chamaram-me a attenção os pombaes sobre as casas com a apparencia de pequenas fortalezas ameiadas. Os pombos são mais numerosos e mais gordos aqui, no Alto Egypto.

Dentro em pouco, hei de desembarcar em Beleiut para visitar as notaveis ruinas de Abydos, a antiga Thenis, onde nasceu o primeiro rei do Egypto, Menès (dahi Meneston, lugar de Menés?). Noto a semelhança desse nome com os de Manú da India e Minos de Creta.

A's 11 e 25, passo em frente a Girgeh, a maior cidade do Alto Egypto, depois de Siut. Conto sete minaretes. Perto desta cidade, está o mais antigo dos conventos catholicos do Egypto.

Daqui a uma hora, aportarei a Bellianeh, devendo andar duas ou tres leguas a cavallo para attingir as

ruinas de Abydos. O resto do dia talvez não chegue para se vêr tudo.

A's 12 e 50 desembarquei em Bellianeh, a aldeia dos pombos, á margem esquerda.

Causaram-me sorpreza as casas cobertas de pombaes onde se implantam galhos, para que os pombos nelles se empoleirem.

O solo é bem cultivado e cheio de bellos palmeiraes.

Atravessei tres canaes de irrigação e quatro aldeias antes de chegar a Arabat-el-Matfun (Abydos; *Abtu* em linguagem hieroglyphica); comecei a visita pelo templo de Osiris, completamente desentulhado.

Após os pylonos da entrada, ha um grande pateo rodeado de 24 pilastras feitas de grandes blocos de pedra, onde se vêm destroços de cariatides (baixos relevos) logo depois surgem enomes pylonos de alabastro cahidos que formavam a entrada da *cella*. Ha um grande numero de quartos de ambos os lados do templo.

Nas paredes de um vi uma lage de dimensões avultadas cuja face inferior está coberta de estrellas em meio relevo, pintadas de uma côr fusca.

Em outro ha uma escada de dez degraus, em rampa, muito suave conduzindo á parte superior da parede externa que não devia ser muito alta.

Todos os muros estão cobertos de baixos relevos e de hieroglyphos (alguns dos quaes entalhados na pedra) e de pinturas cujas côres e linhas ainda hoje são muito salientes.

O templo foi construido e dedicado a Osiris pelo soberano Ramsés II, o Sesostris dos gregos (1400 a J. C.), e é contemporaneo do obelisco da praça da Concordia.

Foi neste templo que se encontrou a taboa chamada de Abydos e existente no *British Museum*.

Dahi fui ver o templo de Sethos, pae de Ramsés II, chamado Memnonniano — de Memnon, monumento em egypcio, — por Strabão.

E' um dos mais bellos que tenho visto. Após vasto pateo onde muito ha ainda que desentulhar, no perimetro e mesmo em frente a uma fieira de pilastras — pateo precedido por degráos e por uma especie de escadaria com columnata — entra-se pelo intervallo de duas pilastras para o centro de segunda fieira cujos espaçamentos estão tomados por um portico — no sentido da largura do templo — com doze columnas de cada lado, estylo egypcio. Atravessa-se segundo renque de pilastras, segundo portico identico ao primeiro, nova fiada de doze columnas como a dos porticos e afinal se chega a sete quartos cuja entrada está ao lado das columnas.

A primeira da direita era dedicada a Horus, a segunda a Isis, a terceira a Osiris, a quarta a Ammon, a quinta a Harmachon, a sexta a Phtá e a setima ao proprio Sethos. Em todos os quartos ha baixos relevos muito bem acabados. Uma imagem de braços alçados na capella de Isis e duas ajoelhadas na de Armachon têm bastante vida e elegancia.

Creio que se não fosse o *canon* a que se deviam cingir os artistas teriamos encontrado verdadeiras preciosidades artisticas no Egypto.

A' esquerda, na direcção do renque simples de columnas, ha um corredor, onde na parede da direita foi achada uma taboa de reis mais completa (76) do que a do *British Museum*.

Alli se vêm as imagens de Sethos e de seu filho Ramsés, ainda menino, com os cabellos annellados, contemplando os cartuchos de todos esses soberanos desde Menés até Sethos. Segundo as idéas modernas dir-se-ia que o pae dava ao filho uma lição de historia.

Na parede opposta lêm-se os nomes de 260 divindades e os dos lugares onde eram veneradas.

Uma lição de mythologia e de geographia.

As duas imagens de Sethos e de Ramsés alli se acham; o cartucho do ultimo destaca-se-lhe visivelmente sobre as roupas.

Nas cellas do fundo do templo, atraz das capellas dedicadas aos diversos deuses, ha pinturas de côres muito bem conservadas.

Na fiada simples das columnas e em varios aposentos — não nos sete principaes, que chamarei capellas — alguns dos quaes quasi enterrados na areia, vi columnas, com fuste cylindrico e plintho, sobre pedestal redondo e atarracado, legitimo estylo proto-dorico.

Sua existencia não me causou tanta surpreza, porquanto já admirara a elegancia de algumas outras em uma gruta de Beni Hassan, correspondente á época, muito anterior, em que se póde suppor que as regras do canon impostas aos artistas devessem ser observadas com muito maior rigor.

Cobrem este templo grandes lages extrahidas de diversos logares, em fórma de abobada e cheias de hieroglyphos em meio relevo.

Cahia a noite rapidamente; pude, porém, attingir *Kom-es-sul-tan*, mais distante do *Memnomnium*, para o lado do Norte, do que este do templo de Ramsés II—

ainda a tempo para poder ver os immensos destroços de tumulos das pessoas que, segundo conta Plutarco, queriam enterrar-se em Abydos, perto do tumulo de Osiris.

Já alli se tem feito excavações; vi pedaços de columna que me pareceram do estylo egypcio, e um busto de pedra verde, sem cabeça, com as mãos cruzadas ao peito, semi-enterrado na areia.

Os tumulos encontrados nesta necropole pertencem, sobretudo, á sexta, duodecima e decima terceira dynastias (3700 — 2800 a. J. C.).

Talvez ainda achem os de Menés e Osiris.

Mariette diz que certos indicios fazem acreditar que o ultimo fosse aberto na rocha, sob os montões de destroços, a que me referi.

Do alto de *Kom-es-sul-tan* estende-se a vista sobre dilatada planicie de um verde avelludado, com ligeira cercadura de brumas, limitada pelos tons nacarados da cadeia lybica.

O céo, onde já transparecia o brilho das estrellas, encantava-me de modo tal que quasi me esqueci da distancia que me separava do navio.

A volta, durante a noite, foi, sob todos os aspectos, deliciosa, graças, sobretudo, aos sonhos que me embalavam, deixando-me carregar pelo excellente burrico.

Cheguei a bordo antes das oito, encantado com a excursão.

Para acabar com o *Memnomnium*, resta-me interpretar as palavras do grande texto hieroglyphico da fachada do templo, em que Ramsés II allude á bondade do pae: «Assim obrava elle para commigo: era para mim o que era para si».

Melhor se poderá exprimir a affeição ?

Dia 17 — A's 9 e meia passámos por Farchut á margem esquerda, logar industrioso; ás 9 3/4 por Hou, do mesmo lado, onde com o binoculo avistei famoso fellah santarrão.

Acocorado sobre um monte de palhas, só lhe pude ver a cabeça branca e o tronco.

Rodeavam-n'o diversas pessoas , o nosso piloto tentou atirar-lhe no sacco algumas offerendas, pois, segundo crença geral, succedem desastres ás embarcações que não lhe tributam respeito.

Contaram-me que o Khediva costuma visital-o quando viaja e que pela imposição das mãos faz cessar a esterilidade das mulheres fellahs.

Hou está no local da antiga *Diospolis parva*.

Em frente ergue-se *Lasr-es-sayad*, a antiga Chenoboscion, onde se encontram tumulos da sexta dynastia ; desejo, porém, chegar á Denderah, quanto antes.

A's 12 3/4 passámos pela ilha de Tabenneh, á esquerda.

Ahi fundou S. Pacomio um mosteiro, no VI seculo.

A ilha está cheia de tamareiras e de outras palmeiras, menos, da chamada *dun*, que eu já avistara nos dias anteriores.

Li os Evangelhos ; occupação que reservo para os domingos desta viagem ; assim fixarei as idéas com vistas á minha proxima excursão á Terra Santa.

A's duas, desembarcámos em Denderah, á esquerda. Como os burricos ainda estivessem do outro lado do rio, em Keneh, e para não perder tempo, parti a pé.

Em tres quartos de hora, cheguei ao pylono onde está o cartucho de Domiciano.

O templo é notavel pelo estado de conservação e informações colligidas do seu exame, acerca do culto e dos mythos egypcios.

A principal deusa é Hathor, a Aphrodite dos gregos e a Venus dos romanos.

Consideravam-na, sobretudo, como pupilla do sol, collocando os egypcios a belleza, sobretudo nos olhos.

Symbolizava ella, tambem, a harmonia geral do mundo, e um dos attributos que mais se lhe nota no templo é o que diz respeito ao rejuvenescimento, ao desabrochamento e á resurreição.

O rei, fundador do templo, representam-no offerecendo a Hathos uma estatueta da Verdade.

Essa deusa tambem se transforma em Iris que se prende a Osiris, o qual, segundo Plutarco, symbolísa o principio do bem, encarnando Hathor, deusa da harmonia e do amor, e da verdade.

Os baixos relevos e os hieroglyphos não são tão bem feitos quanto os de Abydos.

Penetra-se em um vestibulo de vinte e quatro columnas de estylo egypcio que, pelas dimensões, produzem real sensação.

No tecto se destaca, a grande altura, um zodiaco, que differe do que se acha em Paris occupando uma das cellas sobre o terraço do alto do templo.

Nenhum delles tem o valor astronomico que a principio lhes attribuiram, pois época alguma indicam pela posição dos astros.

Entra-se, depois, em um segundo compartimento do edificio, com seis columnas no meio e tres de cada lado, e duas portas para o Norte e para o Sul, para onde eram introduzidas as offerendas do Baixo e do Alto Egypto.

Passa-se a outra sala, por onde se sobe a um terraço, após haver atravessado pequeno corredor em rampa, com degraus á esquerda e uma escada de cinco lances á direita, junto á parede.

Continuando a visita do andar inferior chega-se a uma grande sala que encerra outra morada e com uma unica abertura, tudo isso cercado de quatorze commodos, dos quaes um tem dous andares.

Todos esses quartos communicam, directa ou indirectamente, com a sala grande.

Percorri um dos corredores, espantando uma nuvem de morcegos. Em outra passagem do lado do Norte, descobriram-se inscripções comprobatorias da existencia, naquelle local, de um sanctuario erecto por Thoutmosis III, da 18ª dynastia (1700 a. J. C.) e igual ao outro do tempo de Choufou, (4ª dynastia, 4000 a J. C.) cuja descripção foi achada na época do rei Papi (6ª dynastia, 3700 a J. C.)

Nos baixos relevos dessas camaras, acham-se muitas indicações acerca das cerimonias do templo.

O quarto do fundo era o sanctuario de Hathor. A procissão princípal sahia por occasião do anno novo que começava a 21 de julho, dia em que Sothis (Sirio) nascia com o Sol, coincidindo com a cheia do Nilo.

Subia o cortejo pela escada do Norte (a dos diversos lances), tendo á testa o rei e treze sacerdotes, empu-

nhando bastões encimados por emblemas dos diversos deuses (segundo a descripção pormenorisada encontrada nas paredes da escada) e attingia o terraço para estacar em frente a um pequeno templo de doze columnas, cada qual consagrada a um dos mezes do anno — voltando depois pela escada do Sul, a de rampa.

Este pequeno templo é consagrado a Osiris. Ha ainda seis quartos dando para o terraço, tres do lado do norte e tres do sul. Os diversos Osiris dos septentrionaes estavam nos primeiros e os dos meridionaes nos outros.

Os nomes são quarenta e dous e desse modo soube-se quaes eram as quatorze invocações de Osiris.

Vêm-se tambem longas procissões de deuses trazendo em vasos os membros de Osiris pertencentes a cada cidade e os quarenta e dous esquifes do deus; apparecem depois as doze horas do dia e da noite com as pedras de cada uma dessas horas, tudo dividido com o templo, em Norte e Sul, Baixo e Alto Egypto.

Um calendario regulamenta as festas processionaes em que tomam parte sacerdotes de todo o Egypto e insere receitas para oleos e perfumes, existindo tambem calendarios resumidos para as festas de Osiris em outras cidades.

Os prestitos iam até o recinto exterior de que restam montões de tijolos.

O *dromos* (avenida) que vae do templo até o pylono já mencionado e onde se vê tambem o cartucho de Trajano, tem cento e dez passos de largo.

No templo só entravam o rei e os sacerdotes mas talvez admittissem no recinto exterior, pelo menos, alguns privilegiados.

As cryptas, corredores, serviam de deposito para os objectos mais preciosos; os hieroglyphos das paredes falam apenas da natureza desses objectos e das substancias de que eram fabricados.

Na parede exterior de oeste, perto de dous angulos, vêm-se as imagens de Cleopatra e do filho.

A physionomia da rainha é bem cruel.

Infelizmente degradaram as imagens, de modo a parecerem marcadas de bexigas.

Tanto em Denderah como em Abydos são flagrantes os vestigios de incrivel vandalismo. O Khediva bem poderia gastar uma parte da somma, que prodigalisa com os seus palacios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egypto.

O templo de Denderah foi começado sob Ptolomeu XI, terminando a sua construcção sob Tiberio e ornamentação no tempo de Nero.

Muito proximo do templo, atraz do angulo S. O., ha um pequeno sanctuario de Isis, ou antes de Hathor Isis, datando a porta monumental do trigesimo primeiro anno de Augusto, segundo rezam as inscripções gregas existentes no fim de um *dromos* de cento e setenta passos.

A noventa passos do grande templo acha-se um edificio conhecido sob o nome de Typhonum, porque nelle existe a imagem de Typhon.

Os hieroglyphos apresentam os cartuchos de Trajano, Adriano e Antonino.

Em torno das construcções vê-se a cercadura de tijolos crús com 240 passos; cada face tem duas entradas, uma fronteira ao pylono do grande templo e outra em frente á porta monumental de Isis.

A quinhentos passos desta ha outra muralha de tijolos crús que, segundo me parece, cerca uma área de 155 passos sobre 265, devendo ter encerrado monumentos em seu recinto.

No portal de cantaria lêm-se inscripções funerarias ao lado do cartucho de Antonino. A cidade estendia-se entre este muro e os templos, cercando assim o perimetro sagrado. Della restam, quando muito, fragmentos de destroços soterrados.

Dia 18 — Hontem á noitinha o vapor atravessou o rio para receber carvão em Keneh.

Partimos hoje ás seis horas. Até Luqsor nada de notavel ha.

Nakadah, á esquerda e a 35 kilometros de Luqsor, apresenta um aspecto pittoresco, projectando-se com as suas tamareiras sobre a cadeia lybica.

A's 11 1/2 chegámos a Luqsor.

Fui immediatamente ver o templo.

Amenophis III, da 18ª dynastia (1500 a. J. C.) construiu o sanctuario e a parte principal.

A alta columna que domina o rio data do reinado de Horus (1480 a. J. C.), tendo Ramsés II feito os dous obeliscos, o da esquerda, companheiro do da Praça da Concordia e o pylono que os acompanha.

As casas construidas em grande parte da área occupada pelo templo e em torno delle tornam o seu estudo muito difficil.

Innumeras inscripções louvam as riquezas e a grandeza desse Amenophis.

Os reis e os povos tributarios vinham de paizes tão remotos que antes de serem conquistados pelo rei nem sequer conheciam o caminho e o nome do Egypto.

Procurei com afinco e segundo indicações precisas a decoração mural que representa o nascimento do rei Amenophis, dado á luz pela rainha Motemua, e recebido pelas divindades que presidem aos partos; mas apezar de archotes e do emprego de escadas duvido muito que o pudesse encontrar.

Acham-se tambem no interior do templo os cartuchos de Taharqu — um dos reis ethiopes (25ª dynastia — 600 a. J. C.), de Psammetico e de Alexandre, a quem se deve, pelo menos, parte da ornamentação do sanctuario.

Observei os vestigios de um grande bloco de gres construido n'uma extensão de 65 metros, para proteger o templo do extravasamento do rio, sob os ultimos Ptolomeus ou sob os Cesares.

Por elle se nota a direcção diversa seguida pelo Nilo.

Vi tambem o canal aberto para o transporte do Obelisco da Praça da Concordia em 1836.

Montado em burrico, visitei depois Karnak.

Nota Mariette: —Karnak é o mais admiravel ajuntamento de ruinas do mundo. Nunca se vê Karnak bastante e mais se visita, mais avulta a ideia della formada.

Não ha exageração no que diz Mariette.

Lá volto amanhã.

E' impossivel fazer comprehensivel descripção dessa Babylonia em ruinas.

Basta dizer que o contorno geral de tijolos crús mede talvez 2400 metros.

O grande templo, desde o portal exterior do grande pylono até o ponto extremo do edificio, tem 365 metros, sendo a sua largura, a do primeiro pylono, 113 metros. O perimetro total é de 950 metros.

A sala das columnas, ou hypostylo, construida sob o reinado de Sethos I, pai de Ramsés II é o mais vasto de todos os monumentos do Egypto, medindo 102 metros de largura e 53 de profundidade, com 134 columnas de grandes dimensões que supportam o tecto em uma altura de 23 metros na parte central.

Doze dessas columnas que formam uma avenida central igualam em diametro a da praça Vendôme e todas pertencem ao estylo egypcio.

O lado sul — entra-se pelo de leste — foi o que mais soffreu com os seculos.

Varias columnas bojam e uma cahiu sobre a que lhe fica fronteira.

Sobre a face exterior da muralha septentrional do templo e correspondente a esta sala, reportam-se baixos relevos muito notaveis ás expedições de Sethos I.

O rei está no seu carro. Os cavallos (o primeiro chama-se *Poder*) arrastam-no para a peleja.

Os inimigos são os Shashú, Arabes do deserto. Ao lado, segunda batalha com os povos do paiz de *Kharú* e ainda outra campanha contra os Rutennú (Assyrios) « que não conheceram o Egypto».

Os prisioneiros, acorrentados, são arrastados para serem offerecidos aos deuses de Thebas.

O rei victorioso volta para o Egypto, indicando-se diversos logares onde se demorou.

Perto de um rio, cheio de crocodilos, recebe as homenagens dos principaes funccionarios do paiz.

Grande scena. O rei brande a clava sobre as cabeças de um grupo de prisioneiros que segura pelos cabellos e vai immolar perante o deus de Thebas.

Novas scenas de guerra etc.— Os baixos relevos da face exterior, lado sul da muralha, correspondente á sala hypostyla, commemoram a campanha do primeiro rei da 22ª dynastia (980 a. J. C.), que a Biblia chama Sesac, contra a Palestina.

O rei é representado de braço erguido a desfechar golpes sobre um grupo de prisioneiros, cujo craneo é tudo quanto a areia permitte descobrir. São mais ou menos cento e cincoenta personagens cujas cabeças, unicamente, apparecem nos cartuchos serrilhados.

Nos hieroglyphos estão os nomes das cidades que Sethos tomou na Palestina.

Esses individuos têm os traços e o modo de cobrir a cabeça que percebi na Judéa. Desenhei ligeiro esboço de um delles.

Champollion pensa que o nome *Judat-meleh* (rei de Judá) encontrado num dos cartuchos revelava em uma das cabeças a figura de Jeroboão ; Brugsch, porém, demonstrou que se trata do nome de uma localidade da Palestina.

Aliás é inteiramente identico o typo de todas essas cabeças. Sobre a mesma parede, do lado de leste está a

copia do famoso poema *Penta ur*, do nome do poeta que pretendeu eternisar um feito de armas de Ramsés II, na campanha do quinto anno de seu reinado, contra os Khetas.

Tendo sido victima de uma emboscada bate-se só; as queixas contra Ammon, que elle sempre venerou e que parece querer abandonal-o, lembram as de David, revelando o grande estro de *Penta ur*.

As exprobrações do rei ao seu exercito que não o acompanhou são muito bellas; a ultima phrase é a seguinte: « Tive de luctar só! »

Antes desta sala atravessa-se o segundo pylono onde ha duas estatuas de Ramsés III (da 20ª dynastia, creio, 1288 a. J. C.), tambem constructor de um templo.

Uma dessas estatuas está erecta, tendo ambas sido esculpidas em monolithos de granito vermelho, de sete metros de alto.

Segue-se á sala hypostyla o terceiro pylono, precedido por dous obeliscos, em frente ao pateo de Tuthmosis I (da 12ª dynastia, 1655 a. J. C.).

Seguem-se ainda o quarto pylono e dous obeliscos, dos quaes o da esquerda é o maior até hoje descoberto, pois mede 33^{m},20 de alto (o de Heliopolis tem 20^{m},27, o de Luqsor, em Paris, 22^{m},80, o de S. Pedro, em Roma, 25^{m},13 e o de S. João de Latrão, tambem em Roma, 32^{m},15).

Passa-se depois á sala das cariatides ou pilastras osiricas, que deveria ter sido muito bella antes de cahir no estado de ruina em que está, penetrando-se no sanctuario ou appartamento de granito, que actualmente não passa de um amontoado de blocos de granito e onde

é quasi impossivel reconstituir a planta primitiva; nesse mesmo logar a commissão franceza de 1798 percebeu vibrações sonoras ao alvorecer.

Vem depois o grande pateo posterior onde se encontram columnas como as das grutas de Beni Hassan, embora não caneladas, datando do reinado de Usirtasen cujo cartucho apresentam, e o palacio de Thutmosis III (18ª dynastia, creio, 1600 ou 1500 a. J. C.).

Nesse palacio havia preciosos baixos relevos, hoje no Louvre, representando Thutmosis a fazer offerendas a cincoenta e sete dos seus predecessores, documento tão importante para a historia pharaonica quanto a taboa de Abydos.

Ao sahir do grande templo, pude do primeiro pylono, apreciar o admiravel occaso; o sol esbrazeava como ferro fundido, illuminando através de delgado véu de brumas a cadeia lybica e a verdura magnifica que cerca o Nilo.

Do alto desse pylono adorei a Deus, creador de tudo quanto é bello, voltando-me para as minhas duas patrias, o Brazil e a França, esta, patria de minha intelligencia e aquelle patria de meu coração.

. . . .

No interior do pylono, no alto, lêm-se os nomes das localidades do Egypto onde se acham os principaes monumentos, com a indicação de suas coordenadas geographicas, tudo aberto na pedra pela commissão franceza de 1798. As recordações scientificas prendem-se, por toda parte, ao nome da França.

Não devo deixar de mencionar as inscripções de Thoutmosis IV (18ª dynastia, 1500 a. J. C.), Minephtah I

(19ª dynastia, 1300 a. J. C.), Takelothes (22ª dynastia, 900 a. J. C.), Philippe Arrhideu (320) ? e Ptolomeu Alexandre (106-80, a. J. C.).

Ha outros monumentos no recinto que hei de ver amanhã.

Estudarei melhor o grande templo.

Diodoro aponta este recinto como o mais antigo dos quatro templos de Thebas. Faltam-me os livros para poder fazer um diario menos defeituoso; apezar de tudo preciso de bastante tempo para coordenar estas lembranças.

Se não as methodisar, arrisco-me a vel-as perturbadas por outras mais recentes. Emfim vou fazendo o que posso.

Ora, justamente esquecia-me de dizer que Hathson foi uma regente celebre da 19ª dynastia. Seu obelisco é de grande belleza e as inscripções da base nos informam que as suas extremidades estavam cobertas de ouro puro tomado dos *chefes das nações*.

Se não se tratava de uma mesa *pyramidion* ou de cobre dourado, como deveria ter sido o obelisco de Heliopolis, talvez se refiram as inscripções áquella esphera que se vê nos baixos relevos de Sakkarah.

O obelisco era dourado, de alto a baixo, sem duvida, notando-se que o fundo dos hieroglyphos é polido com cuidado, sendo rugosa a superficie plana, tal como se tivesse de receber um reboco branco, facto que se repete em todos os monumentos egypcios.

Era alli que se dourava.

Emfim diz a inscripção que esse obelisco, assim como o companheiro derrubado, foram acabados em sete mezes, desde o começo da extracção na pedreira.

O embasamento é perfeito e o seu eixo, o do templo; seu peso consideravel explica o emprego de meios mecanicos muito aperfeiçoados.

Dia 19 — A's 5 $^1/_2$, parti para Karnak. A impressão de hoje ainda foi mais forte que a de hontem.

Até as 8 estive no sanctuario e nas camaras graniticas, só, ouvindo o canto dos passaros. Desenhei um *croquis* do logar onde me installara. Tudo observei em Karnak com a maxima attenção. As columnas polygonaes de Usirtasen I estão derrubadas; ha porém, outras, do mesmo estylo, ainda erectas.

Almocei na sala hypostyla e durante a refeição desenhei novo esboceto. Não comprehendo nem pude saber o que vem a ser a grade de pedra que se vê nesse *croquis*.

As columnas dessa sala colossal são em parte pintadas.

Examinei novamente muitos cartuchos e os baixos relevos da parede exterior do Sul da sala hypostyla, pagina de historia realmente interessantissima.

Ao redor do grande templo, ha ruinas curiosas do mais alto interesse; apenas me referirei, porém, a um pequeno templo onde se vêm imagens pintadas de vermelho.

Os hieroglyphos dizem que se trata de uma embaixada phenicia; quasi todas as imagens abraçamse de tal modo que designarei o monumento pelo nome de templo dos amplexos.

A's pressas procurei reproduzir um desses amplexos.

Perto do grande templo ha um pequeno lago, além de outro mais longe, semi-circular, no fim de uma

alameda onde, de cada lado, havia numerosas es. phynges. Ambos estão um pouco salobros; da vizinhança extrahe-se salitre. A' direita e á esquerda de outra alameda pude contar 54 esphynges mais ou menos arruinadas; esta avenida ligava-se á primeira por uma terceira, perpendicular a ambas e devia prolongar-se até Luqsor.

Essas avenidas, antes da destruição, deviam produzir maravilhoso effeito, embora estejam as esphynges muito proximas umas das outras.

Vi tambem as ruinas de dous templos, um cheio de imagens de Typhon e o outro de estatuas da deusa Piht, em cuja cabeça abriram pequeno rego.

Seria para fazer algum accrescimo á essa cabeça ou para escoamento das aguas, servindo de gorgulhas essas estatuas? Estão de pé e em parte enterradas.

Notei uma bella cabeça, igual á de uma esphynge, cujo corpo está enterrado na areia. Sua expressão é realmente notavel e pareceu-me terem deitado a estatua de proposito, e isso com verdadeira arte.

A direcção da alameda das esphynges que vai ter ao lago semi-circular atravessa quatro pylonos muito curiosos, cujos eixos não estão em prolongamento, e voltados para a parte leste da muralha meridional da sala hypostyla.

Do lado exterior desses pylonos havia uma serie de colossos em frente ao grande templo, excepto no quarto onde existem dos dous lados. Assentei-me sobre a mão energica de um delles descobrindo o cartucho de Amenophis.

Ao chegar a Luqsor (do arabe El-luq-sor, os palacios) encontrei-a muito movimentada, por ser dia de feira.

Camellos e jumentos havia-os em profusão, achando-se a praça da aldeia juncada de verdes cannas de assucar.

A's duas horas estava a bordo, transportando-me o vapor á margem opposta.

Desembarquei num logar onde extravasara o Nilo recentemente, de modo que o terreno não tinha recuperado a consistencia primitiva.

Fomos ao templo de Gurnah, erigido como monumento funerario em honra a Ramsés I, por seu filho Sethos I, cuja imagem em baixo relevo, numa das camaras, é muito bem feita, apresentando notavel caracter de altivez e energia.

Todos esses baixos relevos do reinado de Sethos I são muito melhores do que os que já avistei. O templo está bem deteriorado.

Visitei depois o *Ramsseion* erecto pelo rei Ramsés II. Começa por dous pylonos, dos quaes o mais afastado representa scena identica á do *Penta-ur*.

Percebi distinctamente os mesmos episodios que se deram nas margens do Arunta (o Orontes).

Vêm-se soldados egypcios arrastando prisioneiros, sovando-os com varapaus e procurando arrancar-lhes a barba.

No assalto de uma fortaleza distinguem-se soldados com escudos subindo em escadas ; alguns vêm-se precipitados do alto das muralhas.

Observa-se tambem o exercito egypcio em ordem

de batalha, destacando-se um grupo que felicita o rei por suas façanhas.

O outro pylono está quasi arruinado, desde o tempo da expedição franceza de 1798.

Perto deste, do lado de leste, acham-se os destroços do bloco de onde extrahiram o colosso de Ramsés II, que media 17^{m},50 de alto, pesando nada menos de 1.217.872 kilogrammas — quatro vezes tanto quanto o obelisco da praça da Concordia. E' a obra de um rei que mandou erigir um templo á propria pessoa e, segundo Diodoro, fez inscrever sobre o colosso, que o autor grego chama de Osymandias, as seguintes palavras: «Sou o Rei, o rei Osymandias. Se alguem pretende saber quanto fui grande e onde jazo procure primeiro exceder uma de minhas obras.»

Como a noite cahisse, apenas pude percorrer o templo. Amanhã, de manhã, conto estudal-o. Os colossos de Memnon destacavam-se ao longe na planicie verde, para o poente inflammado.

Voltei por outra estrada mais curta e, em grande extensão, toda cheia de buracos, que me disseram serem tumulos. A cadeia arabica tambem apresenta innumeras entradas de sepulchros excavados na rocha.

Seria da maior importancia conservar todos esses templos tão curiosos, sobretudo os de Karnak, cujo calcareo está corroido pelo salitre. Acho que se devia limpar os baixos relevos com cuidado porque actualmente o pó, a fuligem e as immundicies quasi que os tornam invisiveis.

Dia 20 — A's 5 1/2 da manhã deixei o vapor para tornar a ver os colossos de Memnon. Antes do

sol nascer já os distinguia, na planicie, distantes de meia legua.

Representam Amenophis III ; as estatuas encostadas ao throno e as que estão de pé são : á direita, a de sua mulher Tüet e á esquerda a de sua mãe Motemua, que não lhe attingem a altura dos joelhos.

Após o terremoto do anno 29 a. J. C. a que se refere Eusebio *Thebœ et Egypti usque ad solum dirutœ sunt*, o colosso do Norte (o da direita para os que os contemplam de frente) começou a emittir sons semelhantes á voz humana, ao nascer do sol.

Dous seculos mais tarde, Septimio Severo mandou refazel-o e completar com grandes blocos ; dahi em deante calou-se.

Subi até a parte superior do sólo, procurando ler as inscripções que se acham sobretudo sobre o pé esquerdo e as pernas.

Transcrevo as que me pareceram mais curiosas. As outras copiei-as do livro de Mariette Bey.

Tenax Primipilaris leg. XII fulminatie et C. Valerius Priscus Leg. XII et L. Quentius Viator decurio andimus Memnona Anno XI.

Φγιανιανος Φιιππος ελλνος Μερνσν Ζονδ ιοτπτο νΑδειανοσ αντο ρατορς α οπ οντος εντος ννρας

(Floriano Philippe ouvia Memnon emquanto o divino autocrata Adriano o escutava á hora...)

Senti não haver encontrado a inscripção citada por Mariette: « Sabina Augusta, esposa do Imperador Cesar Augusto, ouviu duas vezes a Memnon durante a hora primeira».

Da poesia tambem lançaram mão: por exemplo, diz Patumanus: « Quanto a elle, sentado no throno e privado da cabeça, resôa suspirando para queixar-se á sua mãe dos ultrajes de Cambyses, quando o brilhante sol lança os primeiros raios e annuncia o dia aos mortaes aqui presentes ».

Outro assim se exprime: « Tua mãe de dedos de rosa, ó celebre Memnon, deu-te a voz, para mim, que queria ouvir-te... (o trecho é longo demais para que se transcreva).

Gemella, por sua vez, escreveu uma poesia aqui, tendo sido acompanhado da cara esposa Rufella e filhos.

Os dois colossos estavam á entrada da longa avenida de esphynges, cujo traçado ainda se divisa no solo, devendo dirigir-se a um templo.

Um pouco á frente dos colossos ha outro, deitado do lado esquerdo e quebrado em diversos logares. Todos eram disformes monolithos. Existem ainda outros destroços desse grande templo de Amenophis III.

Tendo um arabe subido ao hombro de um dos colossos, pude melhor avaliar-lhe o tamanho.

Fui depois ver o pequeno templo de *Dur-el-Medineh*, occulto numa dobra de terreno, atraz da parte da necropole de Thebas, hoje chamada *Lurnat-Murai*.

Começou-o Ptolomeu Philopator, acabando-o seus successores.

A fachada é muito elegante e de um typo de que o templo é o exemplar mais bem conservado. Nella se vê uma janellinha muito curiosa de que tirei máo desenho, que apenas valeu para que a olhasse com mais attenção.

Visitei depois os tumulos excavados nas collinas rochosas; o de Haui, da 18ª dymnastia, tem pinturas que o representam tomando posse, sob o titulo de principe de Kush, do governo geral de Sudão. Distinguem-se imagens de povos de todas as côres, os negros com os traços ethnicos caracteristicos, embora de narizes arrebitados, girafas, bois, anneis de ouro, barras de cobre, leques de comprido cabo, pennas de avestruz que lhe trazem, etc.

Houi lá está tambem a voltar de uma missão no paiz de *Rutennû* (Assyria). Apresenta ao rei os embaixadores dessa nação, que se destacam pelas grandes tunicas de côres vivas em que se envolvem varias vezes.

Os escravos, nús até a cintura, são de côr branca e vermelha, e trazem, como presentes, cavallos, leões, barras de metaes preciosos, vasos de ouro e prata curiosamente lavrados. Notam-se ainda dois macacos, um a saltar numa corda e outro do genero dos cynocephalos.

Os tumulos de *Scheik-abd-el-Gurnah* são tambem dignos de interesse. Examinei alguns, tendo de escalar collinas de accesso bastante difficil.

Em caminho assisti a uma scena tocante: um homem idoso acompanhado por um rapaz e um menino chorava ruidosamente á porta de sua cabana. Acabavam de ver morrer a mulher e mãe.

Notei, nesses tumulos, baixos relevos referentes a scenas da vida desses tempos, como, por exemplo, o arroteamento dos campos, o estabelecimento de uma eclusa, etc.

Uma figura de mulher, com ar melancolico e a mão ao peito, pareceu-me bem notavel. Alguns dos tectos tinham pinturas de traços graciosos, cujas côres conservavam o frescor primitivo.

Ao descer as collinas, perto da casa onde residiu o celebre egyptologo Wilkinson, que estudou e catalogou todas essas grutas, entrei numa dellas, onde notei columnas doricas identicas ás de Beni-Hassan.

Uma dessas columnas tem hieroglyphos muito visiveis. Dahi fui ao templo de *Deir-el-Bahari*, mas, antes de fallar delle, devo dizer que, no tumulo, perto da casa de Wilkinson, encontrei pela primeira vez um corredor subterraneo fazendo um cotovello que ia ter ao buraco por onde descia a mumia.

O templo de *Deir-el-Bahari* está num canto formado pelas collinas. Embora de uma aridez absoluta, o aspecto do local é assaz pittoresco.

O templo tem tres andares, a que vão ter outras tantas rampas. Precediam-no uma alameda de esphynges inteiramente destruidas e dois obeliscos de que restam apenas as bases. Nelle se vêem baixos relevos e pinturas muito curiosas, sobretudo as que se referem á expedição maritima, enviada á Arabia (paiz de Punt) pela rainha Hutason, irmã de Thutmosis II e de Thutmosis III, cujos cartuchos são muito diversos, quando associada ao throno, do tempo dos irmãos, regente em nome do ultimo, ou quando reinou por si.

Notei cartuchos dessa princeza junto de outro dos Thutmosis e ainda muito legiveis, embora destruidos. Provavelmente fizeram como outros monarchas que

martellaram os cartuchos dos predecessores, cujo nome os offuscava.

No baixo relevo pintado, de que fallei, apparecem peixes perfeitamente desenhados, perfeitamente reconheciveis, para os que estão familiarisados com a ichtyologia do Mar Vermelho.

Mariette descrevendo esses baixos relevos falla de choupanas cobertas por cupulas. Não as vi; amanhã hei de voltar a esse templo tão interessante.

De ambos os lados de uma escada do fundo vê-se a effigie real bebendo o leite divino nas tetas de Hator, representada sob a figura de uma vacca de notavel realismo. O menino mama com um appetite que me fez sorrir. Desde a 22ª dynastia começaram a utilisar-se deste templo como necropole; vi num dos quartos muitos restos de mumias, cujo cheiro rivalisava com o dos vestigios dos morcegos.

Indo d'ahi para El Assasif encontrei grandes construcções de tijolos crús, arruinadas e apresentando verdadeiros arcos abobadados. Entrei depois no grande tumulo pertencente, provavelmente, á 26ª dynastia (600 antes de J. C.). E' um immenso corredor em rampa. Além do orificio tumular, vêm-se de ambos os lados nichos com duas estatuetas, algumas das quaes bem conservadas. Todas as paredes estão cheias de hieroglyphos em baixo relevo, sendo isso extraordinario, quando se reflecte que esses tumulos deveriam estar, em quasi todo o comprimento, escondidos para sempre, pela grande pedra que os fechava.

O tumulo que percorri, nos seus corredores principaes e lateraes e nas camaras, continha mi-

lhares de morcegos que me tocavam no rosto com as azas.

Ao sahir voltei ao *Ramesseion* para melhor examinal-o.

E' na fachada do pylono menos afastado do templo que se acha a scena do *Penta-ur*. O outro pylono apresenta no frontespicio, em frente ao templo, um episodio de batalha contra os Khetas e dá accesso ao pateo cercado de pilastras, onde se apoiam grandes imagens de Ramsés, revestido de attributos de Osiris, como convem a um monumento de caracter funerario.

Deante desse pylono, isto é, do lado do templo, está o colosso. Examinei com attenção o tecto do unico quarto coberto que deu motivo a trabalhos astronomicos de Biot; não pude, porém, reconhecer senão a natureza astronomica das imagens, das quaes 13, inclusive uma estrella, parecem representar os primeiros mezes lunares e o complementar.

As columnas da sala com os seus capiteis ornados de palmas são menos desgraciosas do que as da sala hypostyla de Karnak.

Voltando ao vapor entrei num tumulo da necropole de *Droh-Abul-Neggat*, a mais antiga de Thebas e correspondente ás dynastias 11ª, 17ª e começo da 18ª. Os sarcophagos dos reis Entefs (11ª) que estão em Paris e Londres e o da rainha Ash-Hotep com a sua collecção de joias, do museu do Bulaq, provêm dessa necropole.

Na gruta nada vi de notavel.

Dia 21—O vapor foi atracar mais perto de *Medinet Abû*; por causa de uma ilha tivemos de passar por um canal que nos levou ao logar do desembarque.

Medinet-Abú compõe-se do templo de *Thutmosis III*, cujos cartuchos mais antigos são de *Thutmosis II*, do templo magnifico de *Ramsés III* e de uma parte com duas torres quadradas, que não se sabe se era palacio real ou fortaleza. Em que edificios habitaram os Pharaós? E' difficil dizel-o.

As duas ultimas partes estão separadas por um pateo.

As janellas das torres apresentam exteriormente ornatos muito originaes; consolos supportados por imagens de prisioneiros ajoelhados parecem ter servido nos pisos superiores para prender o *velarium* destinado a amortecer os ardores solares.

Desde a porta da entrada do edificio que denominarei palacio, vê-se Ramsés levando prisioneiros aos deuses.

Seu typo está muito bem caracterisado. Do lado direito, Norte—os asiaticos, os da Lybia e do paiz de Kaushú á esquerda, do lado Sul. Todos os nomes estão em hieroglyphos.

No palacio não ha senão cartuchos de Ramsés III. O primeiro pylono do templo desse rei menciona em estelas figurativas as expedições contra os lybios, os *maschauscha* e outros povos oriundos da Lybia, Syria e ilhas do Mediterraneo, colligados contra o Egypto. Na fachada norte do pylono o rei prostra com uma clava prisioneiros ajoelhados.

O deus Ammon-Harmachon apresenta-lhe o machado de guerra e faz-lhe esta pratica: «Volto o rosto para o Norte e quero que os Phenicios estejam a teus pés. Quero que as nações que não reconhecem o Egypto

tragam para a tua casa todo o seu ouro, e prata........
Volto o rosto para o oeste e quero que a Arabia te forneça em perfumes, essencias e madeiras preciosas todos os seus productos. Volto o rosto para leste, e quero que os habitantes do paiz dos Tekennon te prestem homenagem. »

O pateo, logo após o primeiro pylono, é notavel pelos colossos de Ramsés III e Osiris encostados aos pilares e revestidos do caracter funerario do monumento. Nesse segundo pateo avista-se, de frente, a face anterior do segundo pylono. Do lado meridional, vê-se grande quadro,cujo grupo inferior representa diversos povos do Mediterraneo colligados contra Ramsés e formando uma confederação com os povos da Asia Occidental. O lado septentrional contém a longa inscripção que o Sr. de Rougé interpretou. Atravessando a porta de granito desse pylono, penetra-se num vasto e interessante pateo, cujos quatro lados apresentam galerias cobertas de esculpturas de cores vivissimas.

A Este e a Oeste essas galerias repousam sobre pilares, onde se encontram estatuas do rei; as duas outras começam por columnas massiças cujos capiteis representam flores de lotus ainda por desabrochar.

No meio notei fustes de columnas de uma antiga igreja copta. Nessas galerias ha tambem scenas de batalha. Vêm-se mãos decepadas de prisioneiro cuja virilidade tambem foi mutilada, exactamente como succedeu nestes ultimos tempos na Abyssinia com os egypcios aprisionados. Nas «Cartas escriptas do Egypto» de Champollion, encontra-se a descripção — que verifiquei « in loco »—de um desses quadros, em que se pinta a sahida do rei para adorar Horus.

O muro exterior contém dez quadros de uma campanha.

Um representa renhida batalha naval em que se nota um navio com o casco virado.

Na oitava falla-se da esquadra dos «Scherdina» e tambem da colligação contra Ramsés; lê-se o nome de « Puliste » que o Sr. de Rougé acredita serem os Philisteus; segundo um trabalho que Brugsch deve publicar, todos esses nomes de povos, ou quasi todos, são os de cidades de Chypre, o que é muito mais aceitavel para explicar-se a confederação, nessa época, de nações tão distantes umas das outras.

Nas paredes interiores do palacio notam-se baixos relevos, dos quaes um representa o rei jogando damas com uma mocinha.

Distinguem-se-lhes as mãos, a segurarem peças iguaes a onze outras, sobre uma especie de mesa.

Em frente ao templo de Thutmosis III, vê-se um pateo sem importancia, cujo tecto mostra, pela architectura, ser contemporaneo do resto, como aliás tambem o pylono a meio construido após tal pateo.

Voltei ainda a *Deir-el-Bakari*. Creio ter emfim encontrado a choupana de cupula, cuja fórma e entrada e a vizinhança de pombos fazem-me acreditar que se trate de um pombal.

Nesse templo as columnas são todas do estylo dorico de Beni Hassan.

Como amostra do estylo de Ramsés III, reproduzo o hymno que se lê no primeiro quadro, e que representa a sua volta a Thebas. «Estou sentado sobre o throno de Horus: a deusa Hurkekaú reside sobre a minha cabeça.

Rival do sól, protegi com o meu braço os paizes estrangeiros e as fronteiras do Egypto para repellir os nove povos. Apoderei-me de seu territorio e suas fronteiras são hoje as minhas. Cumpro os designios do senhor absoluto de meu veneravel pae divino, o senhor dos deuses. Soltai clamores de alegria, habitantes do Egypto, até as alturas dos ceus. Sou o rei do alto e do baixo Egypto, sobre o throno de Tum, que me deu o sceptro do Egypto, para vencer em terra e no mar e em todos os paizes».

Voltei aos tumulos dos reis em *Biban el Moluk*; já é muito tarde, delles falarei amanhã.

Cheguei a bordo ás 7 1[4. A vapor, voltarei a Luqsor.

Esqueci-me de dizer que vi em uma parte do templo de Luqsor pinturas de uma igreja da idade média. As tapeçarias e as pernas de um cavallo estão soffrivelmente desenhadas.

Vi tambem no meio das ruinas interessantes antiguidades descobertas pelo Sr. Mounier.

Dia 22 — Parto hoje para Esneh; antes, porém, devo falar dos tumulos reaes. O valle que lá vae ter é de uma aridez absoluta, verdadeiro caminho de mortos cujo comprimento, a partir do Nilo, regula seis kilometros. Todos os tumulos foram excavados na rocha e as camaras interiores que se encontram nos outros e onde se reuniam os que honravam os mortos deviam ser grandes edificios commemorativos construidos á entrada da necropole, como por exemplo, no *Ramesseium*, o grande templo de *Medinet-Abu*; o numero dos tumulos é de 25.

Estrabão fala de 40, mas, embora suppondo que nesse computo não se incluam as sepulturas das rainhas, é preciso notar que os primeiros reis da 18ª dynastia não se acham em *Biban el Moluk.*

Aquem da serie iniciada por Amenophis III, póde dizer-se que não ha um unico monarcha, um pouco conhecido, até o ultimo da 20ª dynastia, com excepção de Horus, cujo tumulo falte em *Biban el Moluk*.

Horus tem um logar chronologico até hoje incerto, e como foi o ultimo da 20ª dynastia, ha quem pense encontrar-lhe o tumulo no valle de oeste, ao lado dos contemporaneos.

Comecei visitando o tumulo de Sethos I, cuja descoberta se deve a Belzoni. No genero, é digno de figurar ao par dos mais notaveis monumentos do Egypto.

E' immenso e para percorrel-o deve-se descer por tres rampas de degraus muito suaves. As scenas dos baixos relevos e as pinturas differem inteiramente das dos tumulos communs. Tudo alli é fantastico, chimerico; os deuses têm fórmas exoticas.

Enormes serpentes, quasi todas com tres cabeças, rastejam pelos quartos e põe-se de pé, apoiadas ás portas.

Ha condemnados que estão sendo decapitados e outros lançados ás chammas. São as provas que o morto póde arrostar quando virtuoso. O tumulo não é senão a imagem figurada da alma até á morada eterna.

A grande sala do fundo mostra a definitiva admissão á segunda vida «que a morte não póde attingir», reza a inscripção.

Quando Belzoni, o grande viajante cujo busto visitei na immensa sala do paço municipal de Bolonha ou

de Padua, descobriu o tumulo, jazia, no quarto do fundo, então entaipado por uma muralha, bello sarcophago de alabastro.

Belzoni mandou derrubar a parede por causa do som que emittia, quando perscrutada, indicando vasio.

No meio do quarto ha um corredor que penetra no solo até certa distancia e que mostra ter sido interrompido..

Como em todos os monumentos que se referem a Sethos I, os baixos relevos, sobretudo os das differentes divindades que rodeiam um dos quartos do fundo, são feitos com muita elegancia e finura, embora ainda submettidas ao canon tão constrangedor para o artista.

Vê-se uma sala inteiramente rodeada por uma especie de altar cuja frente está cheia de pinturas.

Em certo logar a côr amarella é vivissima, como aliás acontece em quasi todo o tumulo.

Ha tectos abobadados cujas linhas e pinturas são bellissimas. Em parte alguma, porém, pude observar nas côres, no vermelho sobretudo, um polido luzidio parecendo verniz, tão perfeito quanto o dos tumulos visitados ante-hontem.

Um dos baixos relevos pintados mais curiosos são os grupos, que se reproduzem, de quatro imagens cada um, representando as quatro raças conhecidas: egypcios, semitas, negros e brancos, com a pelle, physionomia e trajos caracteristicos.

Vi depois o tumulo n. XI. (Wilkinson, numerado com tinta vermelha e algarismos gravados) o de Breio, chamado o dos *harpistas*.

Lá estava a mumia de Ramsés III, o tumulo, porém, não corresponde á camara exterior, magnifica, do grande templo de Medinet-Abú.

Ha tambem quartos notaveis, onde foram reproduzidos o mobiliario do rei, seus trajos de cerimonias, os productos de seus jardins e hortas, o trabalho das herdades, suas armas e chicotes, as iguarias dos banquetes, etc., etc.

Num desses quartos se acham as famosas harpistas tão populares, graças ao desenho que dellas tiraram. Em outro, as paredes estão cobertas de imagens da deusa, numa especie de armario.

Afinal entrei nos ns. 9 e 6 de Ramsés VI e IX. Nada contêm de notavel, a não ser no primeiro, immenso sarcophago de granito, quebrado, e no outro (acho que Mariette se engana no numero que indica) certas imagens que me obrigam a dizer que o viajante deve vel-as, lembrando-se sempre de que o symbolismo religioso do Egypto presta-se a extravagancias que mal se podem referir.

No tumulo de Sethos vê-se uma barca arrastada por planos de nivel diverso, indicando a passagem das cataractas do Nilo; no de Bruche observei planos inclinados por onde deslisa uma caixa, parecendo reproduzir o modo pelo qual o cofre da mumia chegava ao seu logar no tumulo.

A noite estava estrellada, havendo lua que augmentava o effeito produzido pelo aspecto do valle dos mortos. Minhas recordações dalli serão profundas.

«Os monumentos do Egypto, escrevi num livro dado pelo celebre egyptologo Lepsius ao consul allemão

de Luqsor, serão em todos os seculos uma das maiores fontes de prazer para os pensadores.»

A's seis da manhã sahi de Luqsor. A's 8 1/4 passávamos em frente a Ersut, á margem esquerda, a antiga Hermonthis. Entre o rio e a aldeia o solo está juncado de destroços. Alli se encontram os cartuchos de Thutmosis II, da 23ª dynastia (800 a. J. C.). A' esquerda das ruinas existe um templo da época de Ptolomeu Alexandre e de sua mãe Cleopatra (100 a. J. C.) onde ha cartuchos de Cesarião, o filho de Cleopatra e Julio Cesar.

Esse templo era dedicado a Harpekhruti (Harpocrates dos Gregos), Horus creança, symbolo do sol nascente.

Sinto bastante não ter visto a taboa geographica, recentemente descoberta por Mariette, em Thebas.

A 20 telegraphei-lhe de Gurnah pedindo indicações precisas do local onde se acha.

Não me respondeu ainda. Talvez sobre-me tempo de vel-a ao voltar.

Antes de chegar, vi á direita *Djebel Gebelein* (as duas montanhas) que apresentam contornos notaveis. Fiz um *croquis* dessas rochas.

Cheguei a Esneh ás 10 e 40 minutos. Resposta de Mariette com as indicações. Na volta, hei de parar em Luqsor. Visitei o templo de Esneh. A sala hypostyla—fachada e columnas—é da época romana. Vi cartuchos de Septimio Severo, Caracalla e Geta. O fundo é da época grega e mostra que parte, pelo menos, foi construida por Ptolomeu Philopater.

Os capiteis das columnas demonstram trabalho delicado e cuidadoso.

A architectura, menos sujeita á influencia hieratica, póde emanicipar-se sob os gregos e romanos, ao passo que a gravura e a esculptura cahiram em decadencia.

Mariette disse-me que a redacção dos textos da sala é tão má, tão recheiada de trocadilhos e de lettras empregadas a esmo, que se torna preciso uma aptidão especial para adivinhar-se o sentido das phrases.

Apezar da ascenção das muralhas nada se descobriu que esclarecesse a reconstituição da planta geral.

Encostada ao muro, onde se encontra a unica porta visivel, ha uma especie de grande nicho com baixos relevos que não parece mais recente do que a construcção.

Contam que Champollion pôde ver o sanctuario onde conseguiu ler o nome de Thutmosis III.

Dizem que as outras partes do templo jazem sob as casas da cidade, no meio das quaes está encravada a parte que se póde visitar. Percorri as ruas onde existem restos da muralha exterior e de um caes feito com grandes blocos, que pertencia a uma antiga barragem do rio.

A's 12 1/4 desatracámos. Desembarcarei em *El Kab* para visitar os tumulos, entre outros o de Ankmés, chefe dos barqueiros, que serviu de assumpto para uma memoria de Mr. de Rougé.

Quando por occasião da Exposição Universal de Paris pedi-lhe algumas obras, mandou-m'a com as suas demais producções. Foi das primeiras que estudei na época em que comecei a occupar-me com a egyptologia.

Conheci Mr. de Rougé em 1872 e foi, talvez, para attender a um pedido meu que reabriu o curso do collegio de França, nesse anno, sentindo-se já bem doente.

Morreu pouco após o meu regresso ao Brazil. Será, pois, com vivo interesse que hei de visitar esse tumulo.

Esneh era a Latopolis de Estrabão (do peixe *latus*, venerado na cidade). Entretanto o nome hieroglyphico é Chemma ou Seui.

Sete kilometros a montante de Esneh, está *El Kenon*, onde começa a região do gres calcareo que os egypcios tanto empregaram nos seus monumentos do Alto Egypto. Este logar é o *chiubés* dos Ptolomeus.

A's 3 horas desembarquei em El Kab, a antiga Eileithyas.

A' margem direita, em face de Hieraconpolis, encontrou-se o nome do rei Usitarsen em uma pedra das ruinas.

Em meia hora attingi as collinas onde se acham os tumulos. Comecei pelo do monarcha Phére, cujas paredes do quarto têm baixos relevos representando scenas da agricultura, cultura da vinha, fabricação do vinho, caça e pesca, criação de gado, assim como de embalsamamentos e preparação de mumias.

E' curiosissimo e contemporaneo da 18ª dynastia, assim como os demais.

Procurei detidamente o de Ankmés, e entretanto está a 30 passos do outro, á direita de quem sahe.

Li na inscripção os cartuchos do rei Aahmés (Amasis dos Gregos) e os de seu predecessor Ápries. Não achei o de Thutmosis I.

Aahmés distinguiu-se como chefe dos barqueiros, almirante contra os pastores, os Hyksos. A inscripção é muito conhecida. Observei no primeiro tumulo *dahabiehs*, cujas vergas tinham uma roda virando no convez para facilitar a manobra da vela.

Voltando a bordo, percorri durante 10 minutos, em passo rapido de burrico, os dous lados de um recinto de tijolos crús, que me pareceu antigo. Hà no interior fragmentos de columnas doricas como as que já descrevi, cheios de hieroglyphos da decadencia ou talvez mesmo da epoca romana. Tambem vi os restos de uma estátua ajoelhada — de pedra negra — com hieroglyphos que me pareceram melhores como feitura.

Essas ribanceiras do Nilo estavam cobertos de monumentos; Thebas, porém, merecia bem o nome de cidade de cem portas.

Pelo que vi, a cidade e as duas margens do rio deviam occupar extensões de mais de 12 kilometros, de cada lado do Nilo. Segundo alguns papyros havia com o nome de *Rua Real*, uma communicação directa entre o grande templo de *Ramsés III*, de Medinet Abú, e o templo meridional da margem opposta, perto do Luqsor actual, que eu acredito ser o que percorri, embora encravado na aldeia actual.

Esqueci-me de dizer que tambem visitei, no dia de Medinet-Abú, um templo minusculo, ao sul e proximo ao de Thutmosis, da época dos ultimos Ptolomeus.

Só pude avistar, de longe, (aliás nada alli interessa) o local dos lagos que serviam aos templos de

Medinet-Abú. Cada qual tinha o seu para a passagem das barcas sagradas.

O logar chama-se hoje Bisket-Abú.

Logo que cheguei a bordo, o vapor partiu para Edfú.

Desde hontem, encontro-me com o barco da companhia Cook para o transporte de passageiros até Assuan, de onde os que querem continuar até a 2ª cataracta vão a cavallo até Philœ, para apanhar o outro vapor da mesma companhia.

Não tive ainda occasião de dizer que observei na muralha septentrional do grande templo de Medinet Abú tres gorgulhas que parecem indicar que outr'ora alli chovia bem mais que hoje. No tecto do templo d'Esneh ha um zodiaco; verificou-se, porém, que essa representação não tem a minima importancia para a chronologia.

Dia 23 — A's 7 desembarquei. Atravessei lavouras não tão bellas quanto as de hontem, embora quasi me cobrissem, a cavallo, verdade é que num burrico. Não cheguei a gastar meia hora para chegar ao pylono que se vê de longe, e está muito bem conservado.

Na fachada exterior, de cada lado da porta, vêm-se duas cavidades prismaticas, cujo fundo é vertical.

Attingem ellas grande altura do pylono, que se eleva a 35 metros (dez menos que a columna Vendôme) e parecem servir de apoio aos mastros de bandeirolas que o ornamentavam.

As camaras interiores do monumento cujas janellas quadradas se vêm de fóra no alinhamento vertical

das corrediças, serviam provavelmente para o levantamento dos mastros.

O templo de Edfú foi fundado por Ptolomeu IV Philopater.

O santuario e os quartos que o envolvem, a capella e toda a parte posterior, pertencem ao reinado desse Ptolomeu.

A decoração de algumas salas do centro é devida a Ptolomeu VI Philometor. A sala hypostyla que forma uma especie de fachada, á frente do edificio, é de Ptolomeu Philometor e de Ptolomeu IX e Evergeto II.

O corredor exterior tem de um lado os nomes desse Evergeto II e do outro os de Ptolomeu XI e de Alexandre.

O pylono foi decorado ou talvez mesmo construido sob o reinado de Ptolomeu XIII, Dionysios.

Entrando pela primeira porta do templo em frente ao pylono, tem-se á esquerda um quartinho de pedra encostado á muralha e chamado o quarto das estrellas, segundo os hieroglyphos que nos attestam que o rei alli se purificava antes de penetrar no santuario.

A' direita, ha uma outra, onde existe, em hieroglyphos, a lista dos livros da bibliotheca, chamada a *bibliotheca*.

Na parede interna da muralha exterior do templo, do lado sul, em frente á parte central, com que forma o corredor exterior, notam-se baixos relevos curiosos, representando caçadas de hippopotamo por meio do harpão, com uma corda destinada a puxal-o. O bruto tem, aliás, as patas trazeiras amarradas por meio de cordas e correntes.

Vi ainda um crocodilo atravessado por um lançasso, e comprida rêde puxada por muitos homens e envolvendo passaros, peixes, cabritos montezes, um bello veado e até homens prisioneiros.

Na parede exterior do templo, li o cartucho de Cleopatra. Baixos relevos relativos a assumptos religiosos acham-se espalhados nos quartos que rodeiam o santuario, como em Denderah, cujo templo lembra muito a disposição deste.

A capella de Hor-hut, filho de Hator, e o Horut de Edfú, contêm baixos relevos de figuras mais bem feitas, e é o unico onde se nota a imagem da barca do deus.

Numa parte do embasamento exterior do templo, hieroglyphos que mostram que cada quarto tinha um nome, mencionando-se-lhes além disso as dimensões em covados e meios covados egypcios, de modo que pela medição dos aposentos, conhecem-se hoje as relações entre as medidas do antigo Egypto e os metros.

O architecto do templo deixou a assignatura; chamava-se *Ei-em-hotep-der-si-Phtá* (Imhotep, o grande filho de Phtá).

No canto de um dos quartos, ha um monolitho de granito cinzento, malhado em fórma de nicho, onde pude ter-me de pé e que foi deslocado do santuario, onde devia estar como em Denderah.

Póde-se affirmar que o monolitho foi lavrado por Nectanebo I (30ª dynastia) — li o seu cartucho no interior — para servir de *naos* (santuario) do templo, no local onde construiram o que existe.

No corredor exterior, do lado Norte, desci por uma escada que vae ter a um reservatorio communicando

com um poço, fóra do templo, para receber a agua do rio, cujo nivel póde-se avaliar pelo do poço.

Ha gorgulhas, pelo menos, pela fórma, como em Medinet Abú ; mas essas não têm abertura. Seriam consolos como os do palacio de Medinet-Abú?

O pateo, vastissimo, rodeado de columnas entre o pylono e a primeira porta do templo, é muito bello, assim como os capiteis das columnas, em estylo egypcio, alguns com palmas muito elegantes.

Nem todos são semelhantes e sim dois a dois, occupando cada columna um dos grandes alinhamentos do pateo.

Do lado do templo não ha columnas, existindo duas salas, em continuação uma da outra, logo após a porta da entrada.

O templo tem ainda cryptas em corredor e duas escadas para os terraços; a do Sul conta varias rampas (seis ou sete) e a do Norte uma unica continua. Nas paredes desta os baixos relevos têm a face voltada para o lado da descida.

Nos terraços não ha templo pequeno e sim, apenas, dois quartos.

Subi do lado do norte do pylono. Que vista!

Li gravado numa pedra, no alto, o nome de Caillaud (1816), o celebre explorador da Abyssinia e das nascentes do Nilo.

Voltando até quasi a metade do caminho, passei para o lado sul do pylono, em cuja entrada li e copiei o nome do engenheiro Legentil com a seguinte data: *Frimaire, an VIII*, com o metro que elle traçara acima e á esquerda do nome.

Visitei depois, junto ao grande templo, outro, minusculo, de Typhon, cuja imagem se repete nas frisas e acha-se tambem na parede do fundo.

Ouvindo ao guia Isambert, que acho excellente, embora um tanto atrazado, fui ás collinas de grês ver as grutas que alli ha, trabalho totalmente infructifero.

As 2 1/2 estava a bordo e a caminho de Guebel Selsesah. Desde hontem á tarde o vapor encalhou diversas vezes, durante momentos, porém.

Ao passar por algumas cabanas de fellahs, noto que ainda não falei de certas construcções ou antes fornos de terra annexos a essas cabanas que ellas emmolduram algum tanto e ás vezes de modo bem original, segundo o gosto egypcio, inspirado pelos monumentos.

Os pombaes, por exemplo, têm a fórma exterior dos pylonos. Abertos por baixo, nelles guardam grãos e fructas para seccar. Servem tambem de quarto de dormir no verão.

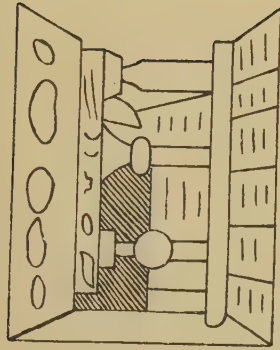
Brugsch emittiu a opinião de que as rainuras de que falei poderiam ser o ponto de apoio não de mastros de bandeirolas propriamente ditos, e sim primitivos para-raios.

Lembra-me isso o que imaginaram a principio das hastes pontudas que coroavam o templo de Salomão para depois chegarem á conclusão de que serviam para impedir que os passaros pousassem nas açoteas do templo, sujando-as.

O luar, hoje, não está tão bello como hontem.

Passei, no emtanto, algumas horas deliciosas, deixando a imaginação divagar.

Acreditei a principio que os templos eram orientados, mas penso agora, que suas fachadas se voltavam para o Nilo, o rio sagrado, que alimentava os lugares onde as barcas levavam as imagens das divindades e onde se representava a passagem das almas para o *amenti* (o inferno egypcio). Lá impunham-lhes provas... (O manuscripto imperial aqui se interrompe). (1).

(1) Varios dos nomes proprios citados neste *Diario* devem ter sido incorrectamente graphados devido á difficuldade de interpretação da calligraphia de D. Pedro II, muito apagada, quasi sempre, e com os caracteres confusos de quem escreve ás pressas. Procurou o traductor identifical-os todos com os nomes inscriptos nos mappas do Egypto e nos livros de egyptologia de que pôde lançar mão; alguns houve, porém, cujos equivalentes não foram encontrados; é bom notar, aliás, que ha fundas divergencias na graphia de grande numero dos termos e appellidos egypcios, segundo os diversos autores, como por exemplo *Usitarseu*, *Urutersen*, *Usitersen*, etc., etc.

Djebel Gebelein (les deux montagnes) 22 Décembre 8 $^{1}/_{2}$ du matin

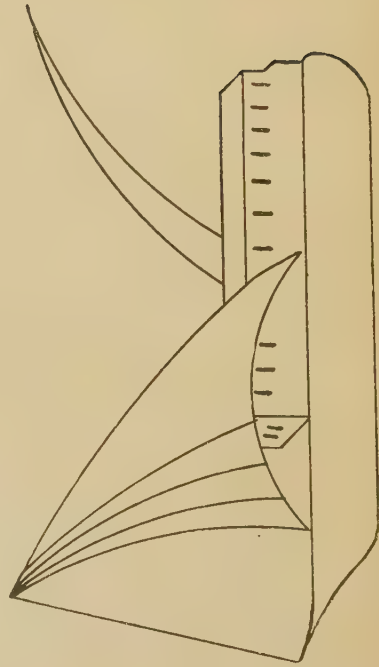
Karnak (temple des phéniciens) 19 Décembre 1876

21 Décembre

Duhabieh des Anglais, soir du 14 Décembre

Métre LEGENTIL

INGÉNIEUR FRANÇAIS

Frimaire An 8

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIA

OLIVEIRA LIMA, D. JOÃO VI NO BRAZIL. 1808—1821; 2 vols. Rio de Janeiro, 1908.

Um resumo indicativo das principaes divisões dessa ainda recente obra proporcionará idéa cabal do vasto plano que a presidiu e da amplitude com que nella foram submettidos á analyse os successos tratados.

O periodo é dos mais interessantes da nossa existencia social: fechou a éra de um regimen e inaugurou outra, tão diversa, que pareceria a criticos menos observadores equivaler a um salto na Historia. Como foi que, no meio das perturbações incessantes de toda a America hespanhola, com sua gloriosa luta pela independencia, e da britannica, entre as inevitaveis incertezas da difficil organização federativa, poude o dominio portuguez manter-se illeso, offerecendo, todavia, larga arena a ferozes antagonismos das quatro raças, que povoavam seu sólo?

Não é que elle se conservasse refractario ao movimento reformador que agitava todos os espiritos cultos no principio do seculo XIX. Em 1817, explodiu na capital de Pernambuco uma revolução, que, suffocada no ponto de vista militar, exerceu influencia fecundissima sobre as aspirações da naciona-

lidade nascente, tornando impossivel, mais do que o fizeram, pouco depois, os enthusiasmos por uma desconhecida constituição hespanhola, a permanencia do absolutismo como fórma de governo.

Não foi, portanto, um factor de anarchia, compromettendo a phase pacifica, reclamada pelos interesses da ordem, como não o foram as duas expedições conquistadoras da Cayenna e da Cisplatina, condemnadas a uma duração ephemera e a uma renuncia honrosa.

O problema naquelle momento era a emancipação politica.

Para resolvel-o, sem abalos retrogrados, concorreu, em muito, a presença do rei portuguez na sua colonia. Esta acção, exercida involuntariamente e de máo grado, obriga a qualquer acto de reconhecimento? Transformou um soberano apathico, fraquissimo, digno collega dos incapazes que a revolução franceza encontrou occupando os thronos da Europa, em um agente do progresso, em um emulo dos grandes typos humanos?

E' a these que se deprehende da obra do Sr. Oliveira Lima.

Diplomata, o autor dá manifesta preferencia ás informações de representantes estrangeiros, ás narrativas de viagens, ás correspondencias para fóra do paiz, aliás abundantissimas na época, e, na sua generalidade, traduzindo impressões sinceras. Parece mesmo que, por ter a physionomia exotica, que lhe communicava a residencia de seu redactor, o *Correio Braziliense* forneceu aos dous volumes largo subsidio de

commentarios, sendo até indicado, apezar da precipitação inherente aos juizos do jornalismo, guia indispensavel a quem quizer conhecer a historia desse tempo.

A philosophia que se extrahe da somma consideravel de dados que o Sr. Oliveira Lima condensou, annulla, apezar da personalização bibliographica do erudito e consciencioso trabalho, falsas legendas e reivindica para a dignidade civica do povo brazileiro a quota de glorias, cuja privação o amesquinha.

Familiarizado com esse genero de pesquizas, o autor assemelha-se a um nadador habil, escolhendo, com discernimento, sobre as ondas, certos e determinados productos da flora aquatica, mais ou menos bellos, cujo merecimento, porém, só fica evidente pelo valor que lhes communica a fibra que os une em conjuncto. Esse liame será no caso, aquillo que se convencionou chamar o genio de um povo, desenvolvendo a trajectoria de sua evolução.

A rapida e simples enumeração dos capitulos dará idéa sufficiente das proporções pouco vulgares da obra, em varios pontos filiada á classe das chronicas.

Ella começa, como era logico, por um esboço da situação internacional do velho reino em 1807, seguindo-se a descripção da partida precipitada da Côrte, recurso, aliás, desde muito suggerido.

A «illusão da chegada», nome do capitulo I, traduz, em synthese, a influencia da transmigração real sobre os destinos de ambas as partes da monarchia.

« No Rio de Janeiro impressões mais lisongeiras
« sobrepunham-se na alma sensivel do principe ás

« recordações pungentes da partida... Conta-se que, ao
« passo que D. Carlota chorava convulsa, magoado o
« seu orgulho com essa degradação para rainha colo-
« nial, D. João caminhava sereno, deixando fundir-se
« sua melancolia ao calor da sympathia que o estava
« acolhendo. »

Expressivo é o conceito do abbade de Pradt, citado na pag. 950 do 2º volume:

« Vassallo ou inferior de todos na Europa, El-
« Rey do Brazil, pisando a terra da America, adquiriu
« um campo immenso; entrou na politica do universo,
« em que lhe cabia tão pequena partilha, pelos seus
« territorios europeus. Subdito, em sua antiga habi-
« tação, na nova é de todo independente e participa no
« systema de emancipação, que é a nova vida dos paizes
« que o cercam. »

Os capitulos seguintes tratam da impressão causada pela nova terra, descrevendo, physica e ethnicamente, todas as capitanias, e dos primeiros actos governamentaes, que são com imparcialidade examinados, ficando bem saliente o valor politico dos que para elles concorreram.

Como era de justiça, figuram em primeiro plano os typos de Lisboa, o futuro visconde de Cayrú, a quem o autor attribue a inspiração das duas leis magnas, a da liberdade de industria e a da abertura dos portos, e o conde de Linhares, *dotado de febril actividade reformadora*.

A emancipação intellectual da colonia, assumpto do capitulo 5º, é o quadro do estado em que se achava a instrucção das diversas classes do povo e

do progresso que recebeu esse elemento civilisador, quer directamente, quer pelo inicio decisivo da imprensa, pela possivel expansão do pensamento, pelos ensaios da cultura esthetica, notando-se que a Escola de Bellas-Artes, na idéa de seu fundador, o conde da Barca, o era tambem de officios, « tendo sido estabe-
« lecida para diffundir os conhecimentos indispensaveis
« aos homens destinados, tanto aos empregos publicos
« da administração do Estado, como ao progresso da
« agricultura, mineralogia, industria e commercio, para
« o aproveitamento dos productos, cujo valor e precio-
« sidade podem vir a formar do Brazil o mais rico e
« opulento dos reinos conhecidos, fazendo-se, portanto,
« necessario aos habitantes os exercicios mecanicos,
« cuja pratica, perfeição e utilidade dependem das theo-
« rias ministradas por aquellas artes e luzes das scien-
« cias naturaes, physicas e exactas. »

Desse conjuncto de reformas, qual o resultado?

« Foi como si houvesse começado uma éra nova
« na existencia politica do Brazil. Principiou desde
« então o paiz a ter, não mais a supposição, mas a con-
« sciencia da sua importancia... Podia a atmosphera
« palaciana ser carregada de desprezo pelos nacionaes,
« excepção feita do principe; a educação ia, dia a dia,
« dilatando a perspectiva intellectual e emprestando
« ambição e dignidade aos subditos americanos da mo-
« narchia... Alguma da gente que nascera na ex-colo-
« nia e por esse tempo nella vivia, illustraria qual-
« quer nação independente... constituindo productos
« mais ou menos puramente, mais ou menos genuina-
« mente coloniaes... A emancipação intellectual de

« uma minoria restricta, póde mesmo dizer-se, infima,
« estava feita antes da chegada da Côrte ; restava pro-
« pagal-a, quando não entre a grande massa, refractaria
« a estudos mais serios e cuja situação material não
« comportava cultura, pelo menos entre as camadas de
« cima, ás quaes competia a funcção directiva : esta
« foi a obra, em tal dominio, dos treze annos do reinado
« de D. João VI. »

A rainha D. Carlota, vulto vigorosamente delineado no capitulo 6°, tornou-se alvo dos mais indiscretos commentarios nas narrativas escandalosas da época.

A passagem do seculo XVIII para o XIX offerece essa triste coincidencia da transmutação de indoles, correspondendo á fraqueza moral dos reis o caracter pouco escrupuloso das rainhas. O que soffria a dignidade feminina nos thronos da Hespanha, de Napoles, da Russia, da Prussia e da Inglaterra, observava-se tambem no de Portugal.

A' inferioridade dos sentimentos dessa mãe, o autor attribue os defeitos moraes dos principes, seus filhos.

Nos dous capitulos que se seguem trata-se das negociações secretas provocadas ou consentidas pela rainha, para, abandonando o esposo, tornar-se unica soberana, ou nas ex-colonias do Prata, ou na propria Hespanha.

O aspecto economico, as relações commerciaes do Brazil, depois do advento do novo regimen, os tratados desse genero com a Inglaterra e com a França, o trafico de escravos, formam a parte economica do 1° volume.

Foi no art. 10 do tratado que celebrou então com Portugal que a Inglaterra iniciou a sua campanha abolicionista.

Aliás as observações e referencias dessa especie são frequentissimas em toda a obra, sendo raro o capitulo em que não apparecem curiosos dados estatisticos, calculos de população, etc.

Fazendo retroagir o emprego de um vocabulo moderno, o autor applica o epitheto de imperialismo á conquista da Cayenna e do territorio que mais tarde constituiu a Republica do Uruguay.

A restituição da primeira daquellas annexações, clausula do tratado de pazes de 1814, proporcionou occasião para ficarem firmados os valiosos argumentos com que, muito mais tarde, o Brazil reclamou e obteve a linha do Oyapock como seu limite septentrional maritimo.

No capitulo 12, que se occupa do congresso de Vienna e no capitulo 14, que tem por objecto a discussão sobre a Guyana, a materia vem largamente exposta.

A elevação do Brazil a reino, ponto que parecia de exgotado debate, é um dos mais instructivos do livro, segundo o qual « esse acontecimento não foi « mais do que a consagração de um facto consummado, « legitimando uma situação a que não havia fugir. »

O volume 2°, abrangendo os capitulos 15 a 30, trata primeiramente e com o maior desenvolvimento das questões suscitadas pela incorporação da Cisplatina, quer no terreno das armas, quer no campo da diplomacia, sobresahindo naquelle a figura de Artigas e neste a do conde de Palmella.

No trecho em que subordinou a uma unica epigraphe os negocios de ordem administrativa, judiciaria, agricola e industrial, o autor traça o perfil de Hypolito, o infatigavel critico de todos os actos officiaes de que tinha conhecimento.

« Não se tratava de um vil pamphletario merce-
« nario, sim de um temperamento bilioso, de um espi-
« rito irrequieto e fogoso, de uma intelligencia illustrada
« e perfeitamente convencida das suas preferencias re-
« formadoras...

« E' no *Correio* que devemos ir buscar o mais se-
« guro esteio de um juizo franco sobre a adminis tração
« e a justiça do Brazil, no tempo d'El-Rei Dom João VI. »

Por exemplo :

« Entre muitas outras cousas excellentes, tentou
« o governo de D. João VI implantar no Brazil a im-
« migração estrangeira, que espiritos desannuviados,
« como o de Hypolito, preconizavam, com vista em
« adeantar a agricultura e as artes, povoar o vastissimo
« paiz, quasi deserto, melhorar, tanto no physico como
« no moral, innoculando-lhe sangue europeu e idéas
« européas, a especie humana que nelle habitava, e
« preparar por fim a abolição da escravatura. Linhares
« tivera um projecto de colonização chineza, com o fito
« sobretudo de ir substituindo o braço servil, cuja fonte
« a Inglaterra ameaçava estancar, pela suppressão do
« trafego. »

Um succinto estudo contém esse capitulo sobre o systema tributario nos ultimos annos da colonia, mencionando todas as fontes da receita publica e seu valor productivo.

A simples approximação dos algarismos desenha bem a situação financeira dos dous extremos do periodo

	1808	1820
Receita . . .	2.258:172$499	9.715:628$699
Despeza . . .	2.297:904$099	9.771:110$875

De onde se reconhece a respeitavel antiguidade dos nossos *deficits* orçamentarios. Em uma nota, é transcripta a ennumeração, que se lê na obra de Freycinet, de todas as verbas componentes daquelles totaes.

Quanto a estabelecimentos de credito, não são menos importantes as citações :

« Segundo referem Spix e Martius, antes mesmo « da chegada da côrte portugueza funccionava no Rio « um banco nascido da união de alguns dos principaes « negociantes e capitalistas da praça, effectuado com o « fim de contribuirem para um fundo commum em « porporção com as notas por elles emittidas debaixo « de sua garantia conjuncta, visto a moeda de ouro e « prata em circulação não ser sufficiente para repre- « sentar o grande volume do capital em acção.... Foi « elle o embryião do Banco do Brazil, o qual se esta- « beleceu, por acções (em 1808), ficando cada subscri- « ptor obrigado a adeantar a somma por que se inscrevia, « afim de fazer circular papel pagavel á vista, e com o « capital, assim levantado, descontarem-se letras paga- « veis á prazo...

« Em 1814, augmentou-se o capital, por meio de « novas acções e deu-se preferencia legal nas fallencias « aos creditos do Banco sobre a massa fallida... Pelas

« criticas constantes de Hypolito, sabe-se que a legação
« em Londres funccionava como verdadeira agencia
« financial do governo do Rio, constando, de outra banda,
« pela correspondencia de Funchal, que o erario sacava
« a cada momento sobre a legação, sem saber si ahi
« existiam ou não sobras dos fundos realizados com a
« venda dos bens de monopolio da Corôa... A côrte,
« com o seu mecanismo obsoleto de producção de ri-
« queza e o seu apparelho de sucção da energia nacio-
« nal, em beneficio das classes privilegiadas, era, na
« verdade, o cancro roedor da vitalidade economica do
« paiz. »

O povo, na phrase de Jay, soffria todos os incommodos da miseria, tendo todos os recursos da opulencia.

Condescendendo em achar o governo de Dom João VI brando e humano, e mais intelligente e progressivo do que o colonial, reconhece o autor que « elle esteve longe de ser uma dictadura energica e « revolucionaria, como em muitos sentidos se exerceu « a do marquez de Pombal. »

Póde-se reputar materia connexa a do capitulo seguinte, relativo ao tratamento dos indios. Sabe-se que depois dos jesuitas, nenhum systema racional de catechese foi empregado no Brazil para o aproveitamento desse notavel factor da população brazileira. O autor não é apologista delle.

« Toda a catechese, religiosa ou leiga, tem sido « inhabil para elevar-lhe marcadamente o nivel moral. »

Quanto á colonização do interior do Brazil :

« Dom João VI a encontrou e a deixou sob a « fórma de um desbravar empirico, exercido a ferro e

« a fogo, sem o apparelho apropriado nem sombra de
« fundamento scientifico... Essa falta de todo preparo
« industrial, junto ao inteiro desconhecimento da hy-
« giene e da prophylaxia, palavras vasias, de significa-
« ção em semelhante meio, mas não em semelhante
« época, continuando, portanto, a operar-se o antigo
« espraiar-se dos bandeirantes sobre uma terra fecunda,
« susceptivel, porém, de deteriorar-se em sua excellencia
« e tornar-se safara, e de outro lado a subsistencia dos
« latifundios, dos terrenos doados, das sesmarias da
« conquista... redundavam no aspecto desolador da
« nossa lavoura, mesquinha, arrancada aos braços dos
« escravos, sem real correspondencia entre o capital e
« os esforços empregados e os resultados obtidos. »

Entretanto, até no congresso de Vienna « se quiz
« fazer valer a conveniencia da expansão colonial de
« Portugal, como augmentando as vantagens possiveis
« para a immigração européa nos territorios brazileiros,
« dilatados pelas armas da velha metropole. »

A insolubilidade do problema, tal como tem sido elle encarado pelos diversos governos, possue uma historia bem antiga, como se vê.

Sempre foi grande o prestigio de que se revestiu aos olhos de todos os pensadores no Brazil a revolução pernambucana de 1817. O autor, sem exagerar-lhe as proporções, torna evidente o motivo dessa espontanea sympathia.

« Tanto foi a insurreição de 1817 um movimento
« muito mais de principios do que de interesse, que Tol-
« lenare, espectador e chronista insuspeito delle, não
« aponta sequer entre as suas causas razão alguma

« economica : apenas lhe descobriu razões moraes : a
« ambição positiva de uns e a imaginosa chimera de
« outros, as duas bolindo com os sentimentos nativistas,
« aggravando os despeitos e humanamente acirrando a
« cupidez.

« Teve, portanto, a revolução pernambucana, e bem
« saliente, a sua formosa feição, pois que captiva e fas-
« cina quanto representa nobre aspiração de liberdade,
« a qual, sabemos, não vicejara no Brazil, nem mesmo
« depois que a transplantação da Côrte determinara uma
« mudança climaterica. »

E mais adeante :

« Póde dizer-se que os actos da joven republica
« foram todos impressos de moderação e até de espirito
« conservador, o que não é para admirar si a encabe-
« çavam e dirigiam a gente de bem e a gente de illus-
« tração. Os actos propriamente politicos tambem foram
« repassados de moral jacobina — a revolução foi para-
« doxalmente honesta — e de affectada confiança...
« Apezar da basofia presagiar intransigencia, a tolerancia
« republicana foi tanta, que os empregados foram todos
« conservados em seus officios, mediante uma adhesão,
« não em extremo difficil de obter. »

Os capitulos immediatos contam diversos episodios occorridos com representantes estrangeiros e o casamento do Principe Real, em breve Pedro I, facto igualmente de natureza diplomatica.

Associada á data (1818) da coroação de D. João VI, a culminancia do seu reinado, veio de molde um retrospecto de toda a acção governamental exercida no periodo e um estudo das condições do paiz, acompa-

nhado de amplas informações, extrahidas de notas e memorias do tempo, sobre o espectaculo das ruas e as solemnidades da côrte.

Um trecho especial é consagrado á personalidade do rei e á do seu ultimo ministro preferido, Thomaz Antonio, e contém pormenores, não muito vulgarizados, de uma tentativa de conspiração no reino afim de fazer subir ao throno o duque de Cadaval, por se achar demasiadamente longa a ausencia do chefe da dymnastia, « indo-se por esse motivo em certos meios, « até ao extremo de despedir toda susceptibilidade de « independencia e encarar sem reluctancia a União « Iberica, de ordinario tão antipathica... Parecia mais « digno esse casamento de conveniencia dos dous povos « rivaes, pondo côbro a uma tensão sete vezes se- « cular, do que o prolongamento da subalternisação ao « Brazil. »

A conclusão dessa parte é formulada nos seguintes termos :

« Tal foi o aspecto material da realeza brazileira ; « pelo que toca ao moral, facil é imaginar o tom predo- « minante na côrte do Rio de Janeiro, nos tempos do « Reino-Unido, para quem conserva presente na memo- « ria ou conhece de tradição a feição geral da fidalguia « portugueza, antes que o cosmopolitismo e a educação « correlativa, transformando a apparencia do paiz, a « fossem, tambem muito recentemente, transformando. « Dessa nobreza, carecteristicamente nacional, inculta, « illetrada, toureira, fadista, dissipada, arruaceira foram « D. Pedro, até a luta e o infortunio o depurarem, e « D. Miguel, até o exilio e a pobreza o ennobrecerem,

« dous representantes genuinos e completos. Não des-
« mentiam, um e outro, nem a filiação materna, nem
« o meio aristocratico a que pertenciam, na pouca ele-
« vação das inclinações, na grosseria das maneiras, na
« curteza de vistas, na sensualidade dos appetites, na
« animalidade dos gostos. »

Os ultimos capitulos do livro são dedicados, como era logico, á revolução constitucional que teve inicio no Porto, em 1820, e ás suas consequencias lá e aqui.

« Foi uma revolução anti-brazileira... Para Por-
« tugal a questão era principalmente de amor-proprio,
« antes mesmo que de conveniencia. O antigo reino
« sentia-se completamente abandonado, decahido de seus
« fóros tradicionaes, sem mais uma politica sua, quasi
« reduzido a não constituir, sequer, uma expressão geo-
« graphica européa...

Em contradicção com a sua indole moderada e clemente, o rei tinha aversão aos regimens liberaes. Neste ponto, como observava Maler, deixava de raciocinar com o seu bom senso do costume. A expressão constitucional soava odiosamente aos seus ouvidos, talvez porque « imbuido de certos principios, quiçá « fortalecido pela sua consciencia, não formava sequer « idéa clara e precisa de uma monarchia que não fosse a « absoluta, em cujas maximas fôra educado. »

As dubiedades e vacillações do governo durante essa crise, realmente difficil, ficaram celebres. De um lado, os portuguezes reclamavam o seu rei, e do outro os brazileiros queriam geralmente que o rei ficasse, mas não mais os satisfazia o velho estado de cousas.

Afinal, já em 1820, foi chamado ao ministerio Sylvestre Pinheiro, de conhecidas opiniões constitucionalistas e a quem se devem as derradeiras resoluções, tomadas atravez dos tumultuarios accidentes, que o Rio de Janeiro presenciou naquelle anno.

« Sylvestre, penetrando no jogo do partido por-
« tuguez, chegou por isso a considerar plenamente
« dissolvida a monarchia brazileira. Proclamando cada
« qual, de per si, sua submissão ao governo revolucio-
« nario de Portugal, as provincias ultramarinas iam
« virtualmente sacudindo o *jugo* do Rio, mas para se
« encaminharem á recolonização e de antemão justifica-
« vam o esforço consideravel dos Andradas e outros pa-
« triotas para unificarem de novo o paiz, fornecendo-lhe
« um centro de acção e uma orientação conjuncta e
« harmonica. »

O capitulo denominado « Desillusão do regresso », estabelecendo simile com o 1°, finaliza o livro :

« D. João VI veio crear e realmente fundou na
« America um imperio, pois merece ser assim classifi-
« cado o ter dado fóros de nacionalidade a uma immensa
« colonia amorpha, para que o filho, porém, lhe desfru-
« ctasse a obra.

« Elle proprio regressava menos rei do que chegara,
« porquanto sua autoridade era agora contrastada sem
« pejo. Deixava, comtudo, o Brazil maior do que o en-
« contrara. »

Tal é, em summario bosquejo, o profundo trabalho do Sr. Oliveira Lima. Como se procurou mostrar, embora imperfeitamente, ha nelle, antes de tudo, um admiravel esforço de collecionador, não a esmo,

nem de juizo preconcebido, mas com imparcialidade e criterio: preferindo a documentação historica aos processos inductivos, soube condensar em um repositorio homogeneo as opiniões complexas dos contemporaneos, sanccionadas pelos posteros.

(*A Commissão de Redacção.*)

Relatorio da viagem de circumnavegação do navio escola «Benjamin Constant», em 1908. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1909

Foi bom que se editasse em volume o relatorio que sobre essa viagem elaborou o distincto commandante, capitão de fragata A. C. Gomes Pereira; torna-se assim mais facil a sua leitura e consulta.

Antes approximando do que desunindo as nações, os mares offerecem ás obras litterarias inexgottavel fonte inspiradora, que participa de mysterioso attractivo, onde se póde ver uma constante no mutavel aspecto do elemento.

Modernamente, a oceanographia os trouxe para campo de uma especialidade scientifica, sabendo-se quão profundos, variados e de amplos horizontes são esses novos estudos.

A prôa do barco maritimo hoje não abre sómente sulco ás guerras e ás explorações commerciaes. Já na infancia da arte de navegar, o velho Homero notava que uma primeira travessia era uma especie de iniciação, infundindo coragem e dissipando todos os vestigios da timidez. E, de facto, quem viaja sobre as ondas caminha sobre a morte.

A marinha brazileira tem fornecido não pequeno contingente á litteratura naval.

Os que acompanham o movimento das nossas lettras, não podem desconhecer o valioso subsidio que

lhe tem advindo daquella origem, quer no terreno pratico, quer, em numero mais limitado, no puramente esthetico.

Trabalhos da ordem desse relatorio constituem uma coordenação de factos e observações que podem revestir-se de ambos os caracteres, satisfazendo o ponto de vista technico e attrahindo a attenção dos estranhos á carreira.

Em estylo correcto, elegante e ao mesmo tempo despretencioso, essa narrativa subordina-se a uma e a outra condição.

Partindo do nosso porto, em 22 de Janeiro e regressando a elle, em 16 de Dezembro de 1908, o *Benjamin Constant* foi, durante o seu giro circular, de uma felicidade, que dir-se-hia completa se não perdesse, por fallecimento, dez praças da guarnição. Nas trinta mil quatrocentas e sessenta e cinco milhas percorridas em 329 dias, só em 15 dias deixou de encontrar mar chão e tranquillo, havendo um só de grossas vagas.

De uma carta planispherica com o traçado do roteiro, constam as datas da navegação. Quando attingiu o parallelo de 180° de longitude, oeste de Greenwich, no Pacifico, quasi em uma recta entre Honolúlú e a ilha de Wakes, o diario de bordo passou do dia 17 para o de 19 de maio, por causa das vinte e quatro horas a subtrahir da derrota de quem circumnavega o planeta de éste para oeste.

O navio na costa americana tocou successivamente em Montevidéo, Punta Arenas, Talcahuano, Valparaiso e Calláo.

São descriptas, e com gratidão rememoradas, as obsequiosas recepções que nesses portos, principal-

mente nos chilenos, teve a nossa bandeira, e numerosas referencias nauticas se lêm nessa parte do livro.

Descrevendo a bahia de Calláo, consigna a existencia das emanações sulphurosas que se sentem naquelle porto, designadas nos roteiros inglezes pelo nome de *Calláo Barber* ou *Painter*, porque mancha as pinturas brancas, dando-lhes uma côr de chocolate, phenomeno attribuido por alguns á constituição do fundo, que quando agitado por ligeiros tremores da terra, determina certo desprendimento de gazes.

O illustre commandante não partilha desta opinião. Ha, de certo, alli logares em que materias organicas trazidas com a argilla calcarea, pelos rios, ao encontrarem a agua salgada, precipitam, e reagindo sobre os sulphatos contidos na vaza do leito ou na propria agua, occasionam a formação de sulphuretos com desprendimento de hydrogenio sulphuretado; mas a explicação daquella anormalidade lhe parece ser outra: — existir no fundo da bahia uma ou varias sulphataras, isto é, aberturas no sólo, permittindo um escapamento de gazes, de fórma mais ou menos continua nas regiões vulcanicas, sendo ás vezes vestigios de vulcões extinctos.

De Calláo a Honolulú, gastou o *Benjamin Constant* 27 dias. E' interessante a descripção que faz o relatorio do progresso da industria do assucar na capital das Sandwichs, obtendo-se alli 96 °/₀ da materia saccharina, revelada por analyses chimicas rigorosas.

Foi depois de deixar este porto, no rumo de Yokoama, em 22 de maio, que poude o *Benjamin Constant* recolher 20 naufragos sobreviventes de uma escuna japoneza que, havia um anno, se perdera naquelle

ponto, tendo fallecido 16. Por essa occasião, rectificou-se a bordo a posição astronomica da longitude da ilha, verificando-se estar certa a latitude marcada nas cartas do Almirantado, mas encontrando-se uma differença longitudinal, de oito milhas para léste, proxima em minutos da calculada, pouco antes, por um cruzador allemão.

Em Yokoama o navio teve o acolhimento que era de esperar, porque ás amabilidades do estylo, nas relações maritimas, accresciam os deveres de gratidão pelo recente episodio. Os nossos officiaes tiveram a convivencia do celebre almirante Togo, mais de uma occasião.

Costeando o litoral chinez, tocou o *Benjamin Constant* em Nagasaki, Sasebo, Shangai, Hong-Kong e Singapura. O relatorio constata o desenvolvimento que vae tendo na peninsula de Malaca o cultivo da *symphonia elastica*. Em 1906 o numero de pés plantados ascendia alli a treze milhões, abrangendo uma área calculada em cem mil acres, e produzindo 385 toneladas de borracha.

Aliás, essa industria extractiva está sendo explorada na região do Oceano Indico, em 443 mil acres. Dahi a possibilidade de uma concurrencia para o principal producto amazonico, salientando o relatorio como principaes elementos na nossa desvantagem, o preço infimo do trabalho indigena malaio e o aperfeiçoamento constante dos processos e machinas, de que lá se faz uso.

O navio tocou ainda em Colombo, Aden, atravessando o canal de Suez, em Ismailia, Alexandria, Napoles, Spezia, Toulon, Gibraltar e Recife, tendo navegado um largo periodo á vela.

Um dos trechos mais interessantes do relatorio é o que se refere aos accidentes sanitarios da viagem. O beri-beri, que tanto dizima a nossa marinhagem, começou a fazer victimas justamente na volta, de Gibraltar para Pernambuco.

A sciencia medica de bordo filiava essa coincidencia ao cansaço physico. O commandante Gomes Pereira pondera que, outr'ora, com trabalhos muito mais fatigantes e expostos, a par de uma alimentação menos nutriente, a estatistica nosocomica naval registrava menor coefficiencia de enfermidades denunciativas de fraqueza organica; eram então as guarnições mais robustas e mais resistentes, supprindo o ar maritimo a falta de precauções prophyllacticas; mas sendo o navio de guerra moderno menos hygienico do que o antigo, o seu serviço demanda um pessoal mais vigoroso.

A conclusão dessas reflexões impõe-se : — é preciso não continuar, com prejuizo dos deveres profissionaes, o sacrificio dos jovens marinheiros, de grandes turmas de menores, sahidos das escolas de aprendizes para, atrophiados, enfraquecidos, irem povoar hospitaes, convertendo-os em campo de batalha, em que o medico e a molestia lutam, sendo preciso crear um periodo de adaptação entre aquelle tirocinio preparatorio e o rude labor de bordo.

Concisa, mas sufficiente é a parte do relatorio relativa á instrucção dada aos officiaes e ás praças durante o longo percurso.

Completam o volume 16 quadros contendo as datas e os algarismos das latitudes e longitudes, rumos, direcção e força dos ventos e das correntes, observações

meteorologicas, etc., e a demonstração da despeza effectuada.

Do que fica exposto, póde se concluir do valor desse relatorio, a que a competencia do então illustre director da *Revista Maritima,* capitão de fragata Henrique Adalberto Thedim Costa deu o preciso realce, fazendo imprimir em avulso tão substancioso e util trabalho.

(*A Commissão de Redacção.*)

ACTAS DAS SESSÕES DE 1909

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE MAIO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão do Rio-Branco

A's 8 horas da noite na séde social, foi aberta a sessão com a presença dos Srs. Barão do Rio-Branco, Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Commendador Arthur Guimarães, Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, Marquez de Paranaguá, Generaes Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e Emygdio Dantas Barreto, Monsenhor Vicente Lustoza, Coroneis Ernesto Senna, Jesuino da Silva Mello, Honorio Lima, Eduardo Marques Peixoto, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, José Francisco da Rocha Pombo, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Dr. Norival Soares de Freitas, Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, Dr. Arthur Orlando, Dr. Rodrigo Octavio, Dr. Bernardo Horta, Major Belisario Pernambuco, Dr. Alexandre José Barbosa Lima, Dr. Antonio Jansen do Paço e Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) communica que no intervallo de suas sessões o Instituto perdeu os seguintes consocios: D. Miguel Juarez Celman, Presidente Honorario, fallecido a 15 de Abril; General Francisco Maria da Cunha e Conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro, socios honorarios, fallecidos a 13 e 31 de janeiro, e Dr. João Barbosa Rodri-

gues, socio effectivo, fallecido a 6 de março. Na occasião opportuna, isto é, na sessão magna anniversaria, o orador do Instituto fará o elogio dos illustres consocios, constatando-se na acta da sessão de hoje um voto de pezar.

Communica em seguida o Sr. Presidente que, havendo o Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro renunciado os cargos de 2° Secretario e de membro da Commissão de Admissão de Socios, nomeara, na fórma dos Estatutos, para o primeiro de taes cargos, o Dr. Gastão Ruch, e, para o segundo, o Dr. Alexandre José Barbosa Lima.

Disse ainda o Sr. Presidente que a vaga de socio effectivo, aberta pelo fallecimento do Dr. Barbosa Rodrigues, foi preenchida pelo socio correspondente Dr. Gastão Ruch Sturzenecker.

O Sr. Gastão Ruch (*2° Secretario*) procede á leitura do expediente, constante do seguinte:

Officio do Sr. José Luiz Ararigboia Cardoso, pedindo a intervenção do Instituto para que o retrato de Martim Affonso, feito pelo pintor Antonio Parreiras, por autorização da Camara Municipal de Nictheroy, não tenha, pelos motivos que expõe, a allegoria constante do contracto firmado entre o pintor e o Prefeito da mesma cidade, em 24 de agosto de 1907.—Vae á Commissão de Historia, com os documentos que o acompanham, afim de que emitta parecer o Sr. Dr. Jansen do Paço.

O Sr. Fleiuss (*1° Secretario Perpetuo*) justifica a ausencia dos Srs. Barão de Alencar e Dr. José Pereira Rego Filho.

Os Srs. General Dantas Barreto e Coronel Jesuino de Mello justificam tambem a ausencia dos Srs. Euclydes da Cunha e desembargador Souza Pitanga.

O Sr. Gastão Ruch (*2° Secretario*) faz a leitura do parecer unanime da Commissão de Fundos e Orçamento de que foi relator o Sr. Visconde de Ouro Preto, opinando pela approvação do balanço de receita e despeza do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no exercicio social de 1908.

O referido parecer é approvado sem debate.

Logo após, o mesmo Sr. 2º Secretario lê os seguintes pareceres da Commissão de Admissão de socios:

« De accôrdo com o art. 39, § 1º, dos Estatutos, a Commissão de Admissão de Socios examinou a proposta relativa ao Dr. João Coelho Gomes Ribeiro e, tendo verificado que o mesmo doutor preenche as condições exigidas, é de parecer que póde ser acceito como socio correspondente, classe para que foi proposto.

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1909.— *Barão de Alencar*, relator.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.— *Xavier da Silveira Junior*. »

« A Commissão de Admissão de Socios examinou, de conformidade com o art. 39, § 1º, dos Estatutos, a proposta relativa ao Sr. Fernando Augusto Georlette, indicado para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e, tendo verificado que o proposto satisfaz as condições exigidas, é de parecer que o mesmo Sr. Fernando Augusto Georlette seja acceito na classe para que é indicado.

Sala das Sessões do Instituto Historico, 27 de abril de 1909. —*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*, relator.— *Barão de Alencar*.—*Xavier da Silveira Junior*.»

Estes pareceres ficam sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Pareceres da Commissão de Historia:

«Dous trabalhos do Exm. e Rev. D. João Baptista Corrêa Nery foram apresentados como bastantes para justificarem sua admissão no Instituto Historico.

« São elles:

a) Carta Pastoral, despedindo-se da Diocese do Espirito Santo ;

b) Carta Pastoral, despedindo-se das Dioceses de Pouso Alegre e Campanha.

« A Commissão deixa de apreciar a parte puramente religiosa desses trabalhos e emittirá parecer buscando o que nelles houver de assumpto historico.

« No opusculo primeiro ha um appendice relativo ao historico, posição. limites. extensão, freguezias, população e aspecto

de toda a zona que constitue a Diocese do Espirito Santo. Ha em seguida uma narração das visitas pastoraes feitas e autorizadas pelos antecessores de D. João Nery, os prelados do Rio de Janeiro. Estes prelados exerciam jurisdicção na Diocese do Espirito Santo até que Leão XIII, pela Bulla *Santissimo Domino Nostro*, de 15 de novembro de 1895, instituiu o Bispado independente do de Nictheroy. A descripção de D. João Nery, baseada em documentos e obras importantes, revela um espirito culto. Lembrando as do conhecido Monsenhor Pizarro, as narrações de D. João Nery apresentam a vantagem de serem mais minuciosas e de trazerem informações historicas modernas.

« Verifica-se que o autor viu e observou os logares que descreve, compulsou documentos recolhidos aos archivos e soube resumir a historia, não só religiosa, mas civil, da antiga capitania em que passou os ultimos dias e falleceu o venerando jesuita José de Anchieta.

« Tratando dos Botucudos, cuja tribu *Nak-Nhampman* ou *Chop Chop*, D. João Nery visitou a 6 e 7 de julho de 1900, descreve o estado em que a encontrou e apresenta uma especie de vocabulario usado por estes selvicolas.

«Descreve tambem uma seita mysteriosa de origem africana, *A Cabúla*, de que encontrou adeptos em tres freguezias.

« Muitos desses fanaticos voltaram ao gremio da religião christã pelos conselhos de S. Ex. Revma.

« Ha ainda um interessante capitulo referente á Companhia de Jesus. Para discorrer sobre esse assumpto, louvou-se em trabalho inedito do Padre Pires Martins, no livro do Tombo de Itapemirim.

« Em summa, o trabalho de D. João Nery é um repertorio de valor, que encerra subsidios para a historia da Capitania de Vasco Fernandes Coutinho, hoje Estado do Espirito Santo.

« No 2º opusculo, o autor discorre sobre a historia, descripção physica, hydrographia, meteorologia, mineraes e aguas medicinaes, vegetaes, animaes, agricultura do sul de Minas, bem como sobre varias cidades, revelando sempre profundos conhecimentos e escrevendo com o que os antigos chamavam *visum et repertum*.

« De tudo, resulta a certeza de que a entrada de D. João Baptista Corrêa Nery em nossa associação representará uma excellente acquisição.

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1909.—*B. T. de Moraes Leite Velho*, relator.— *Ouro Preto.* —*Pedro Lessa.*— *Jansen do Paço.*»

E' approvado e vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. barão de Alencar.

« A Commissão, abaixo assignada, tendo lido a monographia sobre a *Revolução de 1842*, publicada pelo Dr. João Baptista de Moraes e por elle offerecida ao Instituto, vem propôr-vos a eleição do autor desse livro para socio correspondente.

« Sente-se na Memoria do Dr. Moraes uma certa eiva partidaria. Sob a sua penna, a *Revolução de 1842* se reduz e quasi se amesquinha, nos intuitos, ou motivos que a determinaram, nos meios empregados e nos fins que alcançou.

« Mas, ao lado dessa manifesta parcialidade politica, bem explicavel em quem, durante os ultimos annos do Imperio, com tanto devotamento militou no partido conservador, o que impressiona a quem o lê é o interesse, o carinho com que se occupa o autor dos assumptos da historia patria. e a abundancia de documentos, especialmente cartas de personagens da época, de que está recheiado o livro.

« Sabe o relator deste parecer que o Dr. Moraes é possuidor de uma riquissima collecção de documentos ineditos, notavelmente escriptos de estadistas do Imperio, com que muito ainda ha de contribuir para o conhecimento das verdades no que respeita aos factos da historia patria.

« A eleição do Dr. João Baptista de Moraes importará uma bôa acquisição para o Instituto.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1909.— *Pedro Lessa*, relator. —*B. T. de Moraes Leite Velho.*— *Antonio Jansen do Paço.*— *Ouro Preto.*— Vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Dr. Miguel de Carvalho.

Parecer da Commissão de Geographia :

« A obra do Dr. Ernesto Antonio Lassance da Cunha, intitulada *O Rio Grande do Sul*, é, conforme indica o seu sub-ti-

tulo, «Contribuição para o estudo de suas condições economicas», um trabalho de caracter antes economico e technico do que historico e geographico. Entretanto, terá para o futuro importancia historica, por ter sido elaborado na vespera da grande transformação economica e social, que será determinada pela execução dos importantes serviços publicos actualmente em andamento, visando dotar aquelle Estado com um porto de primeira ordem e uma rêde relativamente completa de viação ferrea. Os futuros historiadores do Estado terão de versal-a para avaliar devidamente o impulso dado por estes melhoramentos, e para poder confrontar o Rio Grande do Sul antigo com o novo, que está prestes a surgir.

« Assim considerando, julgamos que a obra merece o acolhimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1908.— *Orville A. Derby*, relator.— *Homem de Mello*.— *Gastão Ruch*.»— Vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Dr. Xavier da Silveira Junior.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretrio Perpetuo*) lê as seguintes propostas:

«Considerando que o Exm. Sr. Conde de Affonso Celso, illustre consocio que ha tres annos exerce, com rara distincção, o cargo de Orador deste Instituto, está nas condições exigidas na letra *a* do art. 9º dos Estatutos, por isso que, admittido a 2 de dezembro de 1892 tem sempre prestado assignalados serviços, já na Directoria, já fazendo parte de varias Commissões, propomos seja o mesmo consocio elevado á classe dos honorarios, prestando-lhe assim o Instituto uma homenagem de que é merecedor por todos os titulos.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1909.—*Max Fleiuss*.—*Pedro Lessa*.— *Thaumaturgo de Azevedo*. —Monsenhor *Vicente Lustoza*. — *Ernesto Senna*. — *Honorio Lima*. — *Eduardo M. Peixoto*. — *Figueira de Mello*. — *Rocha Pombo*. — *Dr. Antonio M. A. Pimentel*. — *Norival Soares de Freitas*. — *Jesuino da Silva Mello*.— *Candido de Oliveira*. — *Arthur Orlando*. —*Rodrigo Octavio*. — *Bernardo Horta*. —*Belisario Pernambuco*. — *Antonio Jansen do Paço*. — *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*.»

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Felix Pacheco, natural do Piauhy, homem de lettras, redactor secretario do *Jornal do Commercio*.

« Servem de titulo á sua admissão os trabalhos referentes a Evaristo da Veiga e ao Marquez de Paranaguá, reunidos a esta proposta, com dedicatoria autographa ao Instituto, juntamente com a carta de candidatura, tudo de accôrdo com o § 2º, art. 6º dos Estatutos.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1909.— *Marquez de Paranaguá.— Dantas Barreto.—Ernesto Senna.—Max Fleiuss —Arthur Guimarães.—Pedro Lessa.— Euclydes da Cunha.*» —Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão.

O Sr. Conselheiro Candido de Oliveira reclama contra o facto de ainda não haverem obtido parecer as propostas relativas aos Drs. Lacerda de Almeida e Carlos de Laet, apresentadas em sessões de 1 de outubro de 1906 e 12 de agosto de 1907.

O Sr. Dr. Pedro Lessa pede a palavra e diz que, limitando-se a presente sessão á leitura de pareceres, porquanto outro é o assumpto principal da reunião de hoje, pede que seja adiada qualquer discussão a respeito da reclamação do Sr. Conselheiro Candido de Oliveira.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) declara que a Mesa do Instituto providenciará relativamente ao assumpto da reclamação do illustre consocio.

O Sr. Fleiuss (1º *Secretario Perpetuo*) communica que o Dr. Fritz Krause, assistente do Museu de Leipzig, entregou ao Instituto as impressões de sua excursão investigadora á região central do Araguaya.

O mesmo Sr. Secretario Perpetuo adeanta ter mandado traduzir o referido trabalho afim de ser publicado na *Revista* do Instituto.

O Sr. Rocha Pombo pede a palavra e diz o seguinte:

« Peço licença, Sr. Presidente, para submetter ao juizo dos illustres collegas uma proposta, que supponho não será contraria á indole do Instituto, e com a qual não é meu intuito melindrar

os sentimentos de V. Ex., a quem mais directamente cabe a gloria do acto a que a dita proposta se refere. Está no espirito de todos nós a parte da mensagem do Sr. Presidente da Republica ao Congresso Federal, relativa á nossa fronteira com o Uruguay. E' um grande acto de justiça internacional o que se indica ao Poder Legislativo, e acto tanto mais louvavel quanto é espontaneamente offerecido a uma nação vizinha e amiga que, sem duvida, não estaria no caso de nol-o impôr pela força. Entre os individuos é, Sr. Presidente, muito mais simples a justiça do que entre as nações; e isto pela distincção, que é preciso admittir, na propria natureza da responsabilidade moral quando se passa do homem para a sociedade politica. E é a justiça entre as nações que o Governo da Republica vem proclamar com uma coragem, realmente, até agora, estranha nos annaes da historia diplomatica.

« Além da indicação escripta que vou mandar á Mesa, proponho ainda, Sr. Presidente, que se intercale na acta da presente sessão ou que a ella appensos sejam insertos na *Revista* do Instituto, os documentos que se relacionam com o objecto desta moção: isto é, o capitulo da mensagem presidencial que trata do assumpto e a correspondencia telegraphica a proposito do condominio da lagôa Mirim e do Jaguarão, trocada entre o Governo Oriental e o nosso Governo. Taes documentos pertencem á nossa historia, e eu não dissimulo a minha ufania, ao pedir que os recolhamos desvanecidos ao nosso Archivo.

« E' esta a indicação:

« O Instituto Historico, ante as declarações de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, em sua mensagem do dia 3 do corrente, ao Congresso Federal, sobre a fronteira do Brazil com o Uruguay, congratula-se com o Governo e a Nação pela prova que acabamos de dar á America e ao mundo, de hombridade moral na affirmação do direito entre as nações.

Sala das sessões, 6 de maio de 1909.— *Rocha Pombo.*»

Consultada a Casa pelo Sr. Presidente, é, por unanimidade, approvada a proposta do Sr. Rocha Pombo.

DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. ROCHA POMBO

I

Topico da *Mensagem* apresentada ao Congresso Nacional em 3 de maio de 1909 pelo Exm. Sr. Presidente da Republica:

« Desde 1801, como é sabido, ficámos senhores da nave-
« gação privativa do rio Jaguarão e lagôa Mirim, e mantivemos
« ininterruptamente essa posse. Tratados solemnes que cele-
« brámos com a Republica Oriental do Uruguay, em 1851 e pos-
« teriormente, baseados no *ut possidetis*, estabeleceram como
« limites entre os dous paizes a margem direita do Jaguarão e a
« occidental da lagôa Mirim, da confluencia do Jaguarão para o
« sul. A continuada agitação politica e as guerras civis que en-
« sanguentaram a Republica Oriental, desde a sua independencia
« até 1851, explicavam a precaução, que pareceu conveniente
« tomarmos então, de evitar frequentes contactos entre as po-
« pulações confinantes, naquella região em que um extenso
« lençol de agua, em nosso poder, tornava facil evitar isso. Mas
« o proprio illustre estadista brazileiro que dirigiu as negocia-
« ções de 1851 deu desde logo a comprehender que, mais tarde,
« o Brazil poderia fazer concessões ao paiz vizinho e amigo.

« A situação actual não é identica á de mais de meio seculo
« atrás. A Republica Oriental do Uruguay é, desde muito tempo,
« um paiz prospero, cujo povo se não mostra menos pacifico, or-
« deiro e progressista que o das mais adeantadas porções desta
« nossa America. As idéas de concordia e confraternidade, em
« que nos inspiramos todos, e os sentimentos de justiça e equi-
« dade aconselham-nos a, espontaneamente, — sem solicitação
« alguma, que não houve — fazer mais do que se esperava de
« nós, e isso, desinteressadamente, sem buscar compensações
« que outros poderiam pretender, dada a perfeita situação ju-
« ridica em que nos achamos.

« Entendo que é chegada a occasião de rectificar a linha
« divisoria naquellas partes, estabelecendo-a pelo *thalweg* do
« Jaguarão e por varias rectas, mais ou menos medianas, que

« da embocadura desse rio sigam até ao extremo sul da lagôa
« Mirim. Procedendo assim, trataremos aquella Republica
« vizinha e amiga como temos tratado todas as outras na deter-
« minação das nossas fronteiras fluviaes e nos conformaremos
« com as regras de demarcação observadas por todos os demais
« paizes, na America e na Europa, no tocante a rios e lagos
« fronteiriços.

« Autorizei, portanto, a abertura de negociações para um
« tratado em que taes regras sejam attendidas, convencido
« de que esse acto merecerá a vossa approvação e o consenso e
« geral applauso de toda a Nação Brazileira.»

II

Telegramma do Sr. Dr. Claudio Williman, Presidente da Republica Oriental do Uruguay :

« De Montevidéo, 4 de maio, ás 10 horas da manhã.

« A Sua Excellencia o Dr. Affonso Penna, Presidente dos Estados Unidos do Brazil—Rio.

« As manifestações que V. Ex. fez em sua mensagem de
« abertura das Camaras sobre as modificações do regimen
« actual na navegação do rio Jaguarão e da lagôa Mirim, pela
« significação especial que revestem traduzindo nesse documento
« official um pensamento espontaneo e desinteressado, de justiça
« e equidade internacional por parte do Governo do Brazil,
« impellem-me a transmittir directamente a V. Ex. a satisfação
« com que ellas foram recebidas pelo meu Governo e pelo paiz
« inteiro.

« Si bem que taes manifestações fossem aqui esperadas por
« todos sem desconfianças e sem impaciencias, a sua divulgação
« foi um novo testemunho publico dos laços de amizade que
« felizmente vinculam o Brazil e o Uruguay e produziram
« em todos os espiritos esse sentimento de congratulação colle-
« ctiva com que as nações celebram os seus grandes aconteci-
« mentos.

« E' para mim altamente grato assignalar nesse momento
« ao meu Governo um acto de tal transcendencia em nossas re-
« lações internacionaes, e tenho a certeza de estar muito longe
« da exaggeração que costumam produzir as alegrias na vida
« publica, persuadindo-me de que o dia em que o nosso tratado
« de limites for assignado poderá ser tido como uma grande data
« historica no desenvolvimento politico de ambos os paizes.

« Agradeço tambem a V. Ex. a justiceira referencia que
« fez á situação de ordem e progresso do meu paiz, e, ao re-
« novar os meus votos pelo constante adeantamento e grandeza
« do Brazil, compraz-me apresentar a V. Ex. os sinceros senti-
« mentos da minha amizade e sympathia, que torno extensivos
« ao Sr. Barão do Rio Branco, collaborador efficiente de V. Ex.
« nesta grande obra de confraternidade internacional.—*Claudio*
« *Williman.*»

Resposta do Exm. Sr. Presidente da Republica:

« Muito me desvaneceu o telegramma de V. Ex., escripto
« ao ter conhecimento das declarações por mim feitas em do-
« cumento solemne, sobre a nossa fronteira do Jaguarão e lagôa
« Mirim. Estou persuadido de que o Congresso Brazileiro ha de
« com o maior prazer sanccionar o acto que, desde bastante
« tempo, o Governo do Brazil deseja realizar e tanta honra fará
« ao povo brazileiro. Agradeço e retribuo os sentimentos de
« amizade e sympathia que V. Ex. me manifesta, assim como
« os que professa pelo meu Ministro das Relações Exteriores e,
« como todos os Brazileiros, faço os mais vivos e cordiaes votos
« pela felicidade de V. Ex., do seu Governo e da Nação Oriental.
« —*Affonso Penna*, Presidente dos Estados Unidos do Brazil.»

III

Telegramma dirigido ao Exm. Sr. Barão do Rio-Branco pelo Dr. Antonio Bachini, Ministro das Relações Exteriores da Republica do Uruguay:

« MONTEVIDÉO, 4 de maio, ás 4 h. 5 m. da tarde—Ainda que
« o Ministro do Uruguay no Brazil, Sr. Dominguez, haja rece-

« bido instrucções para exprimir a V. Ex. os sentimentos de « satisfação e reconhecimento deste Governo pelas declarações « que o Exm. Sr. Presidente Dr. Affonso Penna fez ao Congresso « Brazileiro a respeito do rio Jaguarão e da lagôa Mirim, desejo « accrescentar o testemunho da minha gratidão pessoal em « presença dessas manifestações que confirmam as promessas « formuladas espontaneamente por V. Ex., ha um anno. Com « o acto annunciado, o Brazil não só reconhece ao Uruguay um « direito dentro das codificações e praticas internacionaes, como « tambem lh'o devolve ao renunciar vantagens legaes creadas « por tratados. Se os actos de desprendimento augmentam de « valor quando espontaneos, neste caso a nobre espontaneidade « singulariza-se, porque procede de uma nação grande e forte « e é em favor de um paiz menor e menos forte, accentuando-se « assim a grandeza moral do Brazil, o seu amor exemplar « á justiça, o seu alto respeito ao direito das nações e a sua « sincera sympathia e leal amizade para com o povo uruguayo. « Creia V. Ex. que este procedimento da nação brazileira nos « compraz pelo que concede a uma aspiração e a um interesse « legitimo do nosso paiz, porém mais ainda nos satisfaz pelo que « tem de honroso para a civilização, a cultura e a sociabilidade « internacional da America. Queira V. Ex. acceitar o teste- « munho da minha particular estima e os protestos de reconhe- « cimento que, estou certo, comparte neste momento todo o « nosso povo, apaixonado do Direito e admirador das sancções « justas e cavalheirescas.—*Antonio Bachini*.»

Resposta do Sr. Barão do Rio-Branco:

«Mui cordialmente agradeço a V. Ex. o telegramma com « que me honrou, ao inteirar-se das declarações do Presidente « dos Estados Unidos do Brazil a respeito da rectificação de « fronteiras, que ha annos, este Governo deseja fazer e que, « devidamente autorizado, tive a honra de communicar ao « Governo Oriental, em 15 de junho ultimo. Certas difficuldades « de natureza politica, felizmente removidas, nos fizeram de- « morar a realização do acto que vamos agora praticar com a « maior satisfação, de accôrdo com o sentimento geral do povo

« brazileiro, não para merecer agradecimentos, mas para nos
« conformarmos com a regra que o Brazil tem observado sempre
« na demarcação de todas as suas outras fronteiras fluviaes.
« Esperamos que o projectado accôrdo internacional receba em
« tempo a approvação do Congresso Nacional para que possa
« ser levado a termo.

« Conservando as mais gratas recordações dos annos da
« minha infancia e mocidade que passei no Rio da Prata e
« Paraguay, ao lado de um Brazileiro que foi sempre, e em
« tempos difficeis, amigo sincero dos povos dessa região, continúo
« fazendo votos pela prosperidade de todos elles, entre os quaes
« o da Republica Oriental do Uruguay, e a V. Ex. apresento,
« com especial prazer neste momento, as seguranças da minha
« mais alta estima e consideração.—*Rio-Branco.* »

O Sr. Fleiuss (1° *Secretario Perpetuo*) diz que estão terminados os trabalhos desta primeira sessão e, por isso, pede ao Sr. Presidente para convidar aos Srs. socios e pessoas presentes para assistirem na Secretaria á solennidade da inauguração do retrato do mesmo Sr. Presidente.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) levanta a sessão ás 9 horas da noite.

Gastão Ruch,
2° Secretario.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE MAIO DE 1909

Presidencia do Sr. Visconde de Ouro Preto (1° Vice-Presidente)

A's 8 horas da noite, na séde social, foi aberta a sessão com a presença dos Srs. Visconde de Ouro Preto, Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. José Pereira Rego Filho, coronel Ernesto Senna, José Francisco da Rocha Pombo, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, Drs. Antonio Martins de Azevedo

Pimentel, Norival Soares de Freitas, Bernardo Horta de Araujo, Orville Adalbert Derby, Alfredo Rocha, Coronel Jesuino da Silva Mello, Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, Major Belisario Pernambuco, Dr. Rodrigo Octavio, Dr. Antonio Jansen do Paço e General Emygdio Dantas Barreto.

O Sr. Gastão Ruch (*2º Secretario*) procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Visconde de Ouro Preto (*1º Vice-Presidente, servindo de Presidente*), diz o seguinte:

« Para preenchimento do intuito primordial da presente sessão, que tenho a honra de presidir, em consequencia de inesperado e irremovivel impedimento do Exm. Sr. Barão do Rio Branco, cuja ausencia o Instituto deplora, vou dar a palavra ao nosso illustrado consocio Sr. General Dantas Barreto, o qual, como todo o paiz não ignora, é um dos ornamentos do Exercito Nacional e, a notavel merito militar, reune não menos valiosos dotes de homem de lettras.

« Fará S. Ex., de modo brilhante sem duvida, reviver a nossos olhos os gloriosos episodios da mais renhida batalha campal ferida na America do Sul, e onde combatêmos ao lado dos nossos valentes alliados, em desaggravo de gratuitas e gravissimas offensas e para libertação de um povo tão nobre quanto infeliz.

« Os patrioticos exemplos legados pela geração de 1861 a 1870, hoje quasi completamente extincta, serão sempre poderoso incentivo para que os brazileiros os reproduzam com energia inquebrantavel, mantendo a honra da bandeira auri-verde, si, porventura, ainda nos está reservado o dever imperioso de ir desaffrontal-a a ferro e fogo.

« Preserve-nos a Divina Providencia de semelhante provação e em sua suprema justiça nos abençôe, concedendo-nos sempre as victorias mais apreciaveis e incruentas da paz, alcançadas pela observancia constante de uma politica internacional de lealdade, desinteresse e cavalheirismo, como a que caracteriza e enaltece a dos Governos Brazileiros em todas as épocas da nossa historia.

« Commemoramos a grande data que hoje solennizamos, saudando não sómente o nosso Exercito, mas tambem o da Argentina e o do Uruguay, que ao nosso lado pelejaram, assim como a valente nação vencida — o Paraguay. » (*Palmas.*)

O Sr. General Dantas Barreto, logo após, lê o seguinte :

« Não foi sem fundados receios, minhas senhoras e meus senhores, que obedeci ao gentilissimo convite da directoria deste Instituto para esta palestra, a respeito da batalha que hoje, ha 43 annos, se feriu em terras do Paraguay, onde se encontraram muitos milhares de homens valorosos de quatro nações americanas. E si não declinei positivamente de tamanha distincção, dada a minha incompetencia nestas questões que exigem attenta observação, exame concentrado e um talento de escól, foi porque me lembrei do auditorio que me teria de ouvir, por certo o mais generoso de quantos hei conhecido.

« O assumpto é vasto e ao mesmo tempo difficil para mim, que não tenho outro valor além do que me resulta do vosso convivio. Não se trata, portanto, de uma conferencia em cujo desenvolvimento resaltem idéas que já não tenham sido muitas vezes repetidas. São, evidentemente, palavras incolores, sem pretenção de estylo ou de fórma, que vos trago, e sómente para ficarmos durante alguns minutos mais, nesta approximação que me envaidece e encanta.

« Isto feito, vou arriscar a minha vacillante peregrinação através de longinquas regiões e de acontecimentos, a que outros dariam os relêvos dos grandes factos sociaes.

I

«Desmembrado da monarchia hespanhola, muito a contragosto do seu então Governador Bernardo de Velasco, constituiu se o Paraguay, em 1811, dos proprios elementos ethnicos já numerosos, nação independente, depois de haver repellido as pretenções de Buenos-Aires, que julgava poder annexal-o á Republica Argentina.

« Segregado, entretanto, do mundo civilizado por suas condições de vida quasi primitiva e pelas difficuldades de communicação, até mesmo com as nações sul-americanas; apertado entre dous grandes rios que constringiam sua população nas terras altas do interior, em épocas de alagamento, achou-se bem esse povo resignado sob a direcção tyrannica do Dr. José Gaspar Francia, que o presidiu dictatorialmente, de 1814 a 1840. Educado nas maiores restricções de commercio e de liberdade, porque o dictador monopolizava a propriedade das terras, da agricultura e da industria, o exercicio da justiça e as praticas da religião, habituou-se o povo paraguayo ao soffrimento, á obediencia passiva e, apezar disso, foi se desenvolvendo e formando a nacionalidade poderosa que assombrou as nações americanas, quando o dictador Lopez julgou opportuno dar a medida da sua organização, trabalhada em segredo durante muitos annos, dos seus recursos materiaes abundantes, dos seus elementos bellicos formidaveis e, finalmente, do seu valor indominavel na guerra. Mas para isso, nem ao menos fôra o dictador provocado! Lêra, talvez, a historia dos grandes capitães; tivera aspiração de conquista, com todos os lances aventurosos de situações romanescas, e eil-o affrontando simultaneamente as nações vizinhas com quem se teve de haver.

« Accumulando todo o poder que vinha de Gaspar Francia e de seu pae, o tyranno Francisco Solano Lopez encontrou-se, desde o primeiro momento da sua investidura no governo absoluto do Paraguay, deante de um povo perfeitamente apparelhado para a sujeição, disciplinado civica e militarmente, comprehendendo até ao exaggero os deveres de honra militar; capaz dos maiores commettimentos pelo fanatismo e pela bravura; sentiu a vertigem das grandes ambições; examinou attentamente o poder dos Estados limitrophes mais evidenciados por sua grandeza territorial, e acreditou que pudesse dilatar suas fronteiras, e, por fim, tornar-se o arbitro supremo de todos os delicados negocios politicos internacionaes, nesta parte do continente americano. Dahi o fundamento para a guerra com que nos surprehendeu em fins de 1864 e cujo desfecho um

official de alguma educação militar desde logo determinaria, taes foram os erros das suas operações iniciadas.

« A invasão da Republica Oriental e o immediato cerco de Paysandú por tropas do exercito brazileiro foi o pretexto impacientemente esperado para a mobilização dos exercitos paraguayos sobre as nossas fronteiras que, dentro de poucos dias, se viram forçadas ao sul e a oéste por numerosas columnas, desaggregadas da massa principal.

« No emtanto, sem uma systematização, mediocre siquer, de reservistas no paiz, para o serviço activo obrigatorio, sem o sentimento de Patria, que a educação fórma e aperfeiçôa, o nosso poder militar, então, era nullo e isso tinha-o percebido o dictador do Paraguay no momento da sua audaciosa aggressão. Limitado a um numero insignificante de corpos de linha, o nosso Exercito não passava, nessa época, de uns doze mil homens, mais ou menos instruidos, armados á feição do tempo, quasi todo em actividade no Estado Oriental, para repressão das violencias com que os naturaes desse paiz tratavam os Brazileiros domiciliados em seu territorio e cuja prosperidade os impressionava mal. Em semelhante estado de fraqueza militar, era preciso, assoberbado pela imminencia do perigo evidente, que o Brazil organizasse forças destinadas ao theatro das operações, afim de attenderem ás provincias do Rio Grande do Sul e Matto Grosso, invadidas pelo inimigo no primeiro momento dos successos em effervescencia.

« Dahi a nossa desvantagem em relação aos paraguayos, que, desde os tempos de Francia, mantinham um perfeito serviço obrigatorio, achando-se, por isso, o paiz cuidadosamente militarizado, em condições de prompta mobilização, ao passo que nós tinhamos de conseguir pessoal por meio do recrutamento forçado, na população mais baixa do paiz, ignorante dos seus deveres para com a Patria, cuja collectividade lhe era indifferente; um pessoal bisonho por condição de meio e de lugar, ás vezes, muito distantes.

«Foi por este processo, ainda primitivo, de um povo que vivia da sua ingenua confiança, que o Brazil conseguiu, na pri-

meira phase dessa guerra injusta e traiçoeira, elevar os seu-effectivos de campanha. Eis, portanto, os elementos que tivemos de oppôr á vigilante nação paraguaya, cujo exercito se compunha de 12.000 homens, que já tinham seis annos de serviço activo; de 6.000 reservistas, que haviam servido nas fileiras da primeira linha; de 22.000 guardas nacionaes mobilizados e arregimentados com soldados veteranos, confiados a excellentes officiaes do exercito, e por fim o accrescimo de mais 20.000 homens recrutados de 16 a 60 annos, que foram postos em campo de instrucção, formando batalhões de deposito para os devidos supprimentos.

«Segundo Fixe, de onde extrahi estas ultimas informações, o exercito assim discriminado compunha-se de 45.000 homens de infantaria, 10.000 de cavallaria e 5.000 de artilharia; total, 60.000.

«Uma politica orientada de accôrdo com os altos interesses do momento, a respeito dos argentinos, inimigos irreconciliaveis de qualquer fórma monarchica, no dizer de Fixe; adversarios por systema dos brazileiros, de cuja nação differem em sua origem e cujos odios seculares entre as nações de onde procedem atravessaram o Atlantico para se agazalharem no coração dos nossos vizinhos do Prata; com uma politica de conciliação, dirigida no momento com habilidade, o dictador do Paraguay conseguiria todos os favores dos argentinos e até a passagem dos seus exercitos pelos territorios da grande Republica sul-americana. E, só neste caso, poderia ter-se aventurado a lançar sobre as nossas fronteiras meridionaes o corpo de tropas que inutilizaramos em Uruguayana, depois de uma resistencia formidavel, e cujo successo tanto vigor deu aos nossos sentimentos de patriotismo e ao moral das nossas tropas, ainda mal orientadas nas operações em começo. Apezar de instruidos na arte da guerra, que cultivavam com enthusiasmo e decidida vocação, não viram os generaes de Lopez, não viu o proprio Dictador que a subdivisão de forças em pontos distanciados por centenas de leguas, sem apoio, onde não poderiam chegar auxilios nas vesperas de um combate imminente, de resultados duvidosos, era um erro

sem attenuantes na guerra moderna, depois das campanhas de Napoleão ? O que no primeiro instante viu o ambicioso chefe da desditosa nação paraguaya foi um povo fraco, sem os habitos da guerra, confiante na sua diplomacia, devéras conhecedora de todos os meandros por onde certamente chegaria a grandes resultados praticos, si tivesse ao lado vigoroso apoio de força armada ; foi um povo entregue aos descuidos das suas intenções pacificas, quasi satisfeito do seu progresso vagaroso por defeito de educação e de raça.

«E, desorientado, no estonteamento da idéa de conquista com que povoara a sua imaginação abrazada, atirou-se a essa aventura, que deu em resultado a extincção quasi definitiva de semelhante nacionalidade, que só então revelara a sua capacidade de trabalho, os recursos da sua economia e o valor com que se defendia na luta. Não procedendo com as cautelas que o momento politico-militar exigia, acreditaram desde logo os observadores que o baque do tyranno seria estrondoso e fatal.

«Desembaraçado, depois, o governo brazileiro da sua intervenção armada no Uruguay, para repressão das desordens provocadas pelos partidarios do presidente Aguirre, os quaes levaram a sua audacia ao ponto de pisar e arrastar a nossa bandeira pelas ruas enlameadas de cidades populosas, seguida de vaias e injurias as mais grosseiras ; empossado o general Flores do governo de sua terra, após a capitulação de Montevidéo, sem que o Ministro Silva Paranhos, mais tarde visconde do Rio Branco, exigisse a menor indemnização pelas despezas de guerra que fizera o Brazil e pelos damnos causados aos brazileiros proprietarios naquelle paiz; desembaraçado assim de tamanhas complicações, nas quaes se encontrara muito a seu pezar, lançou então o Governo Imperial suas vistas para os successos do Paraguay, cujo estandarte victorioso já tremulava nos plainos do Rio Grande do Sul e nas remotas povoações de Matto-Grosso.

«Amigo do general Flores, cuja investidura no poder publico de seu paiz foi legalizada pelo voto nacional, revestido de todas as fórmas legaes; espectador attento do perigo que ameaçava a integridade da Republica Argentina, pela invasão

inopinada da provincia de Corrientes, o Brazil percebeu naturalmente as vantagens que lhe adviriam de semelhante situação determinada por um movimento impulsivo, e as difficuldades que o assoberbavam na politica do Rio da Prata tiveram a solução mais favoravel, com que era dado contar no momento.

«Dahi a formação da triplice alliança, negociada pelos representantes diplomaticos das tres nações concertantes, firmando o respectivo tratado, pelo Brazil, o Conselheiro Octaviano Rosa, talvez com desvantagens para nós, em vista das condições de subalternidade que envolveram os nossos generaes com suas tropas, aliás preponderantes, no theatro das operações e por outras causas que a critica explanou em tempo. Foi quando, por assim dizer, começou a movimentação das forças brazileiras sobre as fronteiras inimigas, já então relativamente numerosas por grandes levas de voluntarios, que affluiram de toda parte, estimulados pelos mais nobres sentimentos de patriotismo e avidos de uma desforra na altura das affrontas infligidas á nossa dignidade.

«Vencida a columna de Estigarribia que penetrou em Uruguayana, onde soffreu os horrores dos sitios apertados, era preciso activar os trabalhos de campanha, e foi o que fez o general Osorio á frente do 1º corpo do Exercito, em longa travessia pela Republica Argentina, de Concordia a Corrientes, bella cidade esta á margem esquerda do Paraná, e que os paraguayos haviam occupado na primeira phase da sua furia invasora, então já em poder da Confederação Argentina.

«Taes foram os successos que se desenrolaram, desde a declaração da guerra, com que nos surprehendeu o marechal Francisco Solano Lopez, até a entrada do nosso exercito naquella remota cidade, de onde se olhava, cheio de espanto, interrogando a sorte, para o grande obstaculo de um dos maiores rios do mundo, que devia ser transposto irremediavelmente por tropas resolutas de tres nações injuriadas.

«Como vêdes, meus senhores, tudo que nas linhas anteriores fica dito é leve, superficial e descorado, porque os trabalhos do meu cargo, aliás complexos por vezes, nem me deram tempo

para uma leitura de autores que se occuparam de tão demorada guerra, provocada por um homem allucinado, que, em todo caso, teve o merito de morrer na luta, como promettera, ao lado do ultimo combatente, como elle arrastado pela fatalidade para a ultima valla commum aberta pelos alliados em terras do Paraguay.

« Daquelles defeitos, agora insanaveis, resulta seguramente uma certa falta de ligação no desenvolvimento dos factos abordados, que a nenhum de nós passará despercebida. Eis por que vacillei sobre a incumbencia desta palestra, tanto mais quanto era de presumir que tivessemos aqui hoje os brilhantes estadistas do passado e do presente regimens politicos, Visconde de Ouro Preto e Barão do Rio Branco, dous dos nossos compatriotas que mais se apaixonaram pelos successos daquella campanha de horrores, onde começámos a dar ao mundo as melhores provas da nossa pericia militar, do nosso valor na guerra e cujas tradições gloriosas nos dispensariam muito legitimamente dos mestres que um zeloso representante do norte nos pretende mandar de muito longe talvez, quando é verdade que nunca deixámos provas evidenciadas de incapacidade profissional.

« Vou agora, meus senhores, abordar em suas linhas geraes o facto principal desta já fatigante exposição militar, começando pela passagem do Paraná e terminando com a mortifera batalha de 24 de maio de 1866, nos campos de Tuyuty, notavel feito de armas, que tem, para muitos de nós, o mesmo valor que os francezes dão, por exemplo, á batalha de Borodino em 1812 e cujo desfecho tremendo resume Thiers nestas poucas linhas:

« Ao clarear do dia, testemunhou-se um espectaculo terrivel
« e póde-se fazer idéa do tremendo sacrificio de seres humanos
« que se havia consummado. O campo de batalha estava coberto
« de mortos e moribundos, como jámais se vira. Facto cruel de re-
« ferir, numero espantoso de pronunciar, 85.000 homens, mais ou
« menos, isto é, a população inteira de uma grande cidade, estava
« estendida sobre a terra, mortos ou feridos, principalmente nas
« ravinas, onde, por uma sorte de instincto, os feridos se tinham

« lançado, afim de se pòrem ao abrigo de novos golpes. Ahi elles « estavam accumulados sem distincção de nacionalidade.».

E foi assim que se viu, em proporções, de certo mais restrictas, a 24 de maio, o campo de batalha de Tuyuty, no fim de pavorosa tarde, ainda nublada do fumo produzido pelos disparos de todos os canhões e de todas as carabinas com que 62.000 homens se duellaram por espaço de cinco horas.

« O exercito principal dos alliados, ao mando do marechal de campo Manoel Luiz Osorio, compunha-se de duas divisões brazileiras, com 31 batalhões de infantaria, 11 regimentos de cavallaria, 42 boccas de fogo e mais 14 batalhões de argentinos com alguma cavallaria de tropa irregular. Depois de um estudo attento e definitivo sobre os meios de passagem do Paraná, decidiram-se por fim os alliados a tentar semelhante operação e, a 15 de abril, o general Osorio dirigia ás suas tropas, mostrando-lhes o territorio paraguayo, uma proclamação, que terminava por estas phrases, já bastante conhecidas: « Soldados ! E' « facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar- « lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli em frente... « Avante, soldados !...»

« A' noite, o general e seu estado-maior, com mais 60 pessoas do corpo de saude, o piquete composto de 12 homens ao mando de um capitão, 50 atiradores a cavallo, 100 praças de engenharia, 150 do 1º batalhão de artilharia com oito boccas de fogo, ao mando do commandante Mallet, a 1ª divisão do general Argollo, composta de 4.700 homens, bem como a 3ª do general Antonio Sampaio, com 4.400 praças, embarcaram em quatro couraçados, duas corvetas, 11 canhoneiras e duas chatas. « A's 8 1/2 horas do « dia 16, diz o tenente-coronel Jourdan, estando a esquadra for- « mada em linha, os transportes de guerra largaram a margem « esquerda do Paraná, aproando para o Itapirú e começou o fogo, « ficando por alguns momentos a costa paraguaya envolvida em « densa fumaça». A's 9 horas da manhã á frente de poucos companheiros e, como Napoleão, dirigindo em pessoa a vanguarda do seu exercito quando foi preciso atravessar o Pó em Placencia, o general Osorio pisou o sólo do paiz inimigo, dando o mais

bello exemplo de audacioso valor. Seu nome, desde logo, encheu o Brazil de norte a sul, e quanto mais o viam impavido na peleja, ora dirigindo os batalhões que, por fim, se tornavam invenciveis a seu lado, ora se confundindo com os seus lanceiros no mais renhido do combate, mais avultava na gloria, mais se encaminhava para a immortalidade!

« Logo, ao saltar, foi o invicto general fuzilado pelas forças inimigas que vigiavam essa posição, onde Lopez e seus generaes nunca pensaram que pudessem desembarcar forças numerosas, taes eram as condições do terreno, envolvido de pantanos, apenas com alguns firmes em ilhotas. O primeiro a correr com duas companhias de infantaria, em soccorro do illustre brazileiro, foi o major Manoel Deodoro da Fonseca. Outras unidades foram depois desembarcando e tomando posição, onde era possivel estabelecel-as, e em breve o nosso poder nessa ponta de terra inimiga teve o valor dos melhores elementos militares concentrados. Durante o resto desse dia e o seguinte, desembarcaram as outras forças brazileiras e as alliadas que se haviam approximado, e, todas unidas, foram ganhando terreno, debaixo de opposição tenaz que offerecera o adversario, até se apoderarem do Itapirú, que Lopez havia mandado desguarnecer, desde que julgara impossivel a resistencia, retirando a melhor artilharia e deixando apenas dous canhões muito pesados no forte.

« Em todos esses feitos memoraveis secundaram o general Osorio os generaes Argollo, Flores e Paunero, com suas tropas e tambem os officiaes mais illustres dos exercitos em operações.

« Estava aberta a grande porta por onde teriam de seguir os alliados a sua derrota em direcção á capital da Republica e ao termo da guerra. Sabeis, entretanto, meus senhores, quanto custara, principalmente ao Brazil, esse penoso trajecto, em cujo caminho, a cada passo, ia ficando um vasto cemiterio e um profundo lago de sangue. Mas de todas as necropoles abandonadas pelos campos, pelos valles e até pelas asperezas das montanhas fragosas, nenhuma teve as proporções sinistras, nenhuma avultou mais tristemente em nossa imaginação, do que essa em que ficaram para sempre os bravos de quatro nações,

por assim dizer, ainda em formação. E' por isso que o grande pleito militar de 24 de maio perdura em nossa historia, como o facto mais culminante do heroismo nacional, é por isso tambem que hoje nos encontramos nesta Casa para rememoral-o, principalmente como justa homenagem aos que alli terminaram o curso da existencia e mais aos que sobreviveram á catastrophe.

« Arrojadas e difficeis foram as operações posteriores, desde que as tropas alliadas pisaram o sólo paraguayo até á occupação das terras altas e adjacencias de Tuyuty. Muitos combates sangrentos se travaram, muitas vidas se extinguiram, mas de victoria em victoria foram todos os obstaculos removidos pelo canhão, numa investida resoluta e firme. E, apezar das grandes fadigas consequentes de terrenos desconhecidos e bravios que percorreram nas ultimas jornadas, do Itapirú a Tuyuty, nunca os nossos soldados se mostraram mais convencidos da sua missão patriotica do que nessa luta repentina, em que foram apanhados, quasi sem preoccupações da vida de campanha.

« Uma ligeira idéa das condições topographicas do terreno onde se desenrolou a batalha póde conduzir melhor o pensamento para as disposições da força nesse dia. Espessa orla de matto, aliás desigual, sempre verde e abundante pela frescura das terras ahi, parecia servir de impenetravel cortina ás posições inimigas, encobrindo ao mesmo tempo volumes de agua, ás vezes represada, de canaes estreitos e profundos, como no Sauce, e outras vezes favorecendo parte dos enganosos tremedaes do Estero Rojas ao norte, e que terminam onde começavam as linhas paraguayas. A parte central da posição é, entretanto, bastante elevada, mas vae se alongando em declive muito suave para o Estero Bellaco, que o interrompe ao sul e mais sensivel para a mattaria que occultava o Sauce.

« Tal é a impressão que ainda me resta da configuração topographica da zona onde se pelejou a batalha de 24 de maio. Os desastres successivos de Lopez no mez de abril tinham-no reduzido a uma defensiva mais ou menos vigilante, até que, na vespera daquelle dia, resolveu levar um ataque decisivo aos

exercitos alliados, que mal acabavam de occupar a posição de Tuyuty. « Na tarde de 23, refere Schneider, Lopez percorreu a « linha de suas tropas, dirigindo-lhes enthusiasticas expressões e « asseverando que a victoria era certa, porquanto si no combate « do dia 2 de maio apenas alguns milhares de soldados haviam « levado de rójo toda a vanguarda dos alliados, agora que todas « as tropas avançavam, seria todo o exercito inimigo desbara« tado.»

« Entro, por fim, na disposição das tropas que se chocaram nesse dia de sangue e de lagrimas para quatro nações deste continente.

« Segundo o Barão do Rio-Branco, Lopez dividiu o seu exercito em quatro columnas de ataque. O general Barrios com dez batalhões de infantaria e dous regimentos de cavallaria recebeu ordem de, atravessando os bosques da direita paraguaya, atacar o flanco esquerdo (Brazileiros) e penetrar pela sua retaguarda para fazer ahi juncção com o general Resquin.

« Este, partindo de Jataity-Cará com tres batalhões de infantaria e oito regimentos de cavallaria, devia romper por entre o exercito argentino que formava o flanco direito da linha dos alliados. O general Dias (então coronel), com cinco batalhões de infantaria, dous regimentos de cavallaria e quatro, obuzes, devia atacar a esquerda alliada, de combinação com Barrios; e o coronel Hilario Marcó, com quatro batalhões de infantaria e dous regimentos de cavallaria, foi destinado a accommetter o nosso centro (Orientaes e Brazileiros), contra o qual se dirigiram tambem parte das tropas de Resquin.

« O general Brugues, á frente da artilharia e da reserva, devia dar o signal de ataque.

« Calculando em 750 homens cada batalhão paraguayo, o que não é muito exaggerado, porque alguns delles tinham 800 até 900 homens, em 600 praças cada regimento de cavallaria, era a força das quatro divisões paraguayas de 24.230 homens.»

« Ao que refere o general Osorio, o exercito argentino apoiava a extrema direita da posição e ahi operou durante a batalha. Os Orientaes, com quem se achavam a 6ª divisão, ao mando do

brigadeiro Victorino Monteiro, e o 1º regimento de artilharia, sob a direcção do tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, constituiam a linha da frente, onde combateram, recebendo os primeiros choques e eram apoiados pela 3ª divisão, commandada pelo brigadeiro Antonio Sampaio, e mais tarde pela primeira, que obedecia ás ordens do brigadeiro Argollo Ferrão. Pela extrema esquerda operavam as 2ª, 3ª e 4ª divisões á disposição dos brigadeiros José Luiz M. Barreto, Guilherme Xavier de Souza e coronel Tristão Pinto, bem como a brigada ligeira do general honorario Antonio de Souza Netto. As alternativas do momento tactico tornaram preciso attender á extrema esquerda, para onde convergiram os cuidados da 8ª brigada do batalhão 13 de infantaria e parte do 26, assim como duas baterias de artilharia, cujo commandante geral da arma era o brigadeiro Soares Andréa.

« Nessa disposição, aliás de accôrdo com a discriminada pelo Barão do Rio-Branco, foram as tropas brazileiras, argentinas e uruguayas, calculadas em 28.000 homens, atacadas pelo exercito paraguayo ás 11 $^1/_2$ horas da manhã daquelle dia, ferindo-se a batalha, cujos fogos desde logo se generalizaram com a maxima intensidade.

«Apezar da movimentação de viaturas e cavalhadas, de gente que ia e voltava apressadamente, no atropello de ordens urgentes, de toques repetidos por toda parte, durante o dia e a noite de 23, e que as nossas avançadas aperceberam do lado contrario, ninguem acreditara que se tratasse de aprestos para a grande tragedia, em cujo desdobramento sinistro entraram as forças de quatro nações com os seus odios inflammados e candentes.

« No primeiro momento do ataque, o general Barrios conduzindo sua columna impetuosamente sobre a nossa esquerda, que mal se dispunha para o combate, fel-a recuar alguns metros do terreno. Comprehendendo, porém, a gravidade da situação, as nossas forças, que se achavam em bôa ordem, investiram contra os valentes adversarios, já radiantes dessa vantagem, os quaes foram por sua vez recuando, sempre debaixo de violento fogo, até alcançarem os bosques de onde haviam sahido. E, sem que perdessem a sua formação rija, mais empenhados por

um desforço na razão da fé que os conduzia, voltaram ainda, para serem mais uma vez repellidos com apavorantes claros em suas fileiras, agora desconcertadas e frageis.

« As forças paraguayas entraram em acção quasi simultaneamente, a um signal convencionado e, assim, a batalha tomou, desde o primeiro instante, as proporções solennes do grande pleito militar. O espectaculo era emocionante e soberbo: lembrava as batalhas das Pyramides e do monte Thabor, de 1798 a 1799, nas longinquas planuras do Egypto ou da Syria, a cujas terras memoraveis fòra o exercito francez levar a civilização do occidente e o seu proprio genio.

«Disputavam-se as posições,de parte á parte,em toda a zona da peleja, com a mesma flamma do patriotismo, com o mesmo pensamento do triumpho immediato.

« No centro, o general Flores, atacado pelo general Dias, tinha suas tropas nas melhores disposições de espirito, e logo a divisão Victorino, que formava á direita e á esquerda da unica bateria oriental, rompeu o mais vivo dos fogos, em cujo concerto horrivel entravam as peças do 1º regimento brazileiro e mais as seis daquella bateria. Dous regimentos uruguayos que brigavam ahi, portaram-se com a valentia que caracteriza os soldados dessa nação amiga, e muito concorreram para os desastres do inimigo que, apezar de forte pelos seus batalhões completos e de tres regimentos de cavallaria muito agil, de um valor indomavel, tiveram que ceder á bravura das nossas tropas, bem dirigidas, deixando o terreno juncado de cadaveres e moribundos.

« E' facil de imaginar o encarniçamento dessas massas colossaes, animadas do veneno que produz as grandes destruições na guerra.

« De longe começa o contacto sinistro pela voz do canhão e pelos exploradores contrarios. Approximam-se até se observarem distinctamente e até se falarem muitas vezes, mas se falarem com a linguagem do odio a extravasar-se em blasphemias que parecem chicotadas em plena face. Esses pelotões desenvolvidos em rija formatura afastam-se apavorados; fogem quando já não podem supportar o vasio que lhes vae pelas

fileiras; voltam de novo por instincto de feroz destruição; chocam-se mais uma vez, *até* que uns cedem aniquilados e os outros desfecham-lhes o golpe de morte.

« Taes são, em proporções colossaes, os duellos dos exercitos que se encontram para desafogo das nações que representam.

« Era assim que se desenhava a batalha de 24 de maio, cujo aspecto se revestia da maior solennidade, cada vez mais destruidora pela ideia da victoria, disputada com igual empenho por cada um dos contendores. Mas, si a esquerda e o centro dos alliados podiam-se considerar triumphantes, a direita, onde pelejavam os argentinos, ainda soffria os estragos de cargas successivas da cavallaria dirigida pelo general Resquin, em cujos impetos de violento furor, tudo levara de rôjo no primeiro *élan*, pondo em fuga e acutilando a cavallaria argentina. As forças desse general constavam de oito regimentos de cavallaria, dous batalhões de infantaria apenas e uma bateria de foguetes a *Congrève*, segundo o Barão do Rio-Branco. « No mo-
« mento mais agudo um troço de paraguayos, conta Schneider,
« carregou sobre a artilharia da direita e, apezar de succumbir a
« metade no caminho, puderam os outros tomar 20 bocas de fogo,
« que trataram de conduzir para os seus arraiaes. Estavam,
« entretanto, no trabalho de remoção ali, ás difficil pela natureza
« do terreno ahi, quando, faltando-lhes apoio, chegaram tropas
« frescas argentinas que sobre elles cahiram para escaparem
« muito poucos da sua audaciosa empreza. Vindo, comtudo, em
« auxilio de seus bravos companheiros, mais tarde, e empenhan-
« do-se em luta, que de novo se feriu, a infantaria de Resquin foi
« completamente destruida por fogos activissimos de artilharia
« e infantaria, dirigidos com a precisão de uma distancia quasi
« nulla. Foi a ultima nota desse concerto brutal.»

« Tinhamos rechassado o inimigo em toda a zona do combate; a sorte manifestara-se em favor da nossa causa, os nossos valentes adversarios recolhiam-se ás suas posições mascaradas.

« Estava tudo acabado e ahi ficavam os destroços do grande cataclysmo.

III

« Durante muito tempo, meus senhores, contaram-se desse feito de armas façanhas que se repetiram no Brazil inteiro, com a mesma intensidade patriotica das que encheram a Grecia, depois da famosa guerra de Troya e que os rhapsodistas levaram, de cidade em cidade, nos versos heroicos de Homero.

« O General Osorio, depois dessa mortifera batalha, tomou proporções singularmente fantasticas, porque, segundo referem, tinham-no por toda parte, quasi ao mesmo tempo, onde quer que houvesse força brazileira e a peleja se tornasse mais encarniçada. Vel-o galopar por entre os esquadrões e as baterias, que levavam a destruição e a morte a todos os pontos de combate, era sentir as grandes fascinações do heroismo, era ter no general americano os marechaes de Napoleão em Marengo ou Austerlitz. Quando elle passava, sereno e confiante, junto aos pelotões que ainda se batiam contra os esquadrões inimigos que tentavam desarticulal-os para enfraquecel-os e matarem-nos friamente dispersos, vencidos; quando elle se mostrava nesses momentos desesperados de uma solennidade cruel, dizem que os moribundos ainda se erguiam da terra ensanguentada, onde pouco a pouco se finavam, para vel-o mais uma vez e morrerem contentes.

« Isso deve ser exacto, meus senhores, porque, achando-me sob a pressão de alta e consumidora febre, entrevado, cahido para o fundo de uma barraca, estragado pelo rheumatismo que me abatia as forças e a coragem, ao ouvir o signal do heróe, um dia, no meu acampamento, levantei-me como que tangido por uma força extranha, tambem para vel-o passar, tambem para ver nesse homem, quasi desconhecido havia pouco, todo o heroismo da minha nacionalidade, todo o orgulho de um grande paiz, naquelle momento historico.

« Diversos chefes ainda se revelaram por actos de temeraria bravura, nessa batalha que se iniciara, de lado a lado, com toda a impetuosidade da força, da paixão e do patriotismo. Todos elles, porém, se resumem no vulto épico do general Osorio.

« Argollo, Sampaio, os irmãos Fonseca, Mallet e tantos outros são individualidades que avultam na historia militar do Brazil, como exemplos de abnegação e de valor e nunca será de mais revivel-os na lembrança da mocidade nacional.

« Quando, extenuados da luta, começaram os vencedores a recompôr suas fileiras rareadas pelos estragos da morte, eram 4 1/2 horas da tarde. Nos plainos de Tuyuty e suas proximidades já não havia inimigo em armas.

« Desorientado, enfurecido pelo desastre de seu exercito, nessa jornada infeliz, só no outro dia poude o tyranno do Paraguay calcular bem o vasio das suas fileiras, nunca abaladas assim, apezar da sua cavallaria em nada inferior á nossa e apezar dos seus batalhões indifferentes á morte. Essa derrota devia ter-lhe causado as maiores torturas, dada a confiança com que se dirigiu ás suas tropas na vespera da batalha. Então verificou Solano Lopez que, entre mortos e feridos graves, havia em suas fileiras um claro de 13.000 homens approximadamente, isto é, mais da metade das suas tropas que pelejaram nesse dia, ao passo que do nosso lado apenas subiam a 3.913 os prejuizos causados no correr da acção ; ao todo 16.913 homens ou, evocando Thiers, a população de uma cidade regular.

« Taes são, minhas senhoras e meus senhores, os effeitos da guerra ; taes são os resultados de interesses muitas vezes injustos, contrariados, ou de paixões que irrompem das grandes collectividades humanas com a violencia dos vulcões em actividade sinistra. E' uma nevrose horrivel, empolgante e allucinadora, de que se deviam curar os homens para socego da humanidade.

« Depois da batalha do Campo Grande, no dia 16 de agosto de 1869, meu batalhão foi encarregado de acompanhar prisioneiros á estação de Pirajú, na estrada de ferro de Assumpção á Villa Rica. Atravessámos, de extremo a extremo, o terreno onde se travara o grande duello e o quadro que, a pequenos intervallos, resaltava da planicie, era dos mais dolorosos, dos mais pungentes que a imaginação póde crear !

« Não era sómente o amontoamento de corpos mutilados, deformes, juncando a terra, onde o sangue de homens e cavallos,

confundidos na arena, formara uma especie de lama pastosa, revolvida e sulcada por milhares de viaturas que por alli transitaram no momento e depois do combate, eram mulheres e creanças abandonadas á margem do caminho, na pressa do adversario batido, que receiava ser alcançado e ferido com o ultimo golpe; eram creaturas horriveis, cujo aspecto nos faria recuar de espanto si já não tivessemos o coração endurecido por quadros semelhantes, nesta mesma guerra exterminadora. E, ao lado dos mortos em decomposição, de feridos agonizantes, estavam esses infelizes sem mais os traços que a vida imprime: tinham a fórma de mumias engelhadas. Os olhos, mettidos lá para o fundo das orbitas amarelladas, ainda sentiam as derradeiras sensações da vida, mas haviam perdido o fluido quente que lhes fazia refulgir o esmalte globular. Succumbiam aos estragos da fome, que se tornara a calamidade final desse povo resistente; iam servir de pasto aos abutres repellentes que voejavam em bandos, attrahidos por tanta carniça accumulada.

« Agora, minhas senhoras,um appello aos vossos sentimentos de brazileiras illustres, de mães e irmãs carinhosas : despertae no coração dos vossos filhos e irmãos ainda novos o mais intenso e casto amor da Patria, o mais vigoroso enthusiasmo pelo serviço das armas para nos tornarmos fortes, para evitarmos o flagello da guerra. Só por esta fórma elevada seremos dignos de nós mesmos e dignos do mundo.

« E quando vos disserem que os exercitos e as marinhas de guerra são instituições que retardam a civilização e a prosperidade dos povos, recorrei á historia da Roma antiga, olhae para o estado actual da Inglaterra, da Allemanha e da França, e respondei com a energia da mulher espartana: «— E' mentira !»

O Sr. Coronel Ernesto Senna pede a palavra e justifica a seguinte proposta :

« Proponho que se lance em acta um voto de intima satisfação do Instituto pela presença no recinto do Sr. general Olympio da Silveira, illustre official do Exercito, encanecido no serviço da Patria e um dos bravos sobreviventes do glorioso combate a que se referiu a brilhante prelecção do Sr. general Dantas Barreto.»

A proposta foi unanimemente approvada, entre prolongadas salvas de palmas.

O Sr. Visconde de Ouro Preto (*1º Vice-Presidente, servindo de Presidente*) declàra que se vae proceder á votação do parecer da Commissão de Admissão de Socios, relativo ao Sr. Fernando Augusto Georlette, já lido na ultima sessão.

«Deixa de ser votado o parecer referente ao Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, por isso que só ha uma vaga na classe dos socios correspondentes.

«Na classe dos honorarios, segundo informa a Secretaria, ha duas vagas, estando completa a dos effectivos.»

Procedida a votação, é o parecer approvado por unanimidade; em seguida o Sr. Presidente proclama socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Fernando Augusto Georlette.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) communica que os Srs. general Thaumaturgo de Azevedo e Barão de Alencar faltaram por motivo justificado.

O Sr. Gastão Ruch (*2º Secretario*) lê os seguintes pareceres da Commissão de Admissão de Socios:

«Merece approvação do Instituto Historico a proposta indicando para socio correspondente o Dr. João Baptista de Moraes. Foi esta a conclusão a que chegou a Commissão de Admissão de Socios, desobrigando-se do dever de examinar os respectivos papeis, consoante o disposto no art. 39, § 1º dos Estatutos.

« Sala das sessões, 24 de maio de 1909. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Xavier da Silveira Junior*. — *Leopoldo de Bulhões*.»

«Provada, como se acha, pelo parecer da Commissão de Historia sobre os trabalhos historicos do Exm. Rev. Sr. Dom João Baptista Corrêa Nery sua competencia para socio correspondente do Instituto, a Commissão de Admissão de Socios nada tem a oppôr á sua entrada em nossa associação.

« A idoneidade de S. Ex. Revma. e a conveniencia de sua acquisição, de cujos requisitos é que tem de dizer esta Commissão —, estão fóra de toda a duvida, já por sua elevada

posição ecclesiastica e o nome respeitavel de que é portador, já pela merecida reputação, que o acompanha, de sacerdote conspicuo e illustrado.

«A Commissão de Admissão de Socios é, portanto, de parecer que seja approvada a proposta que o apresenta para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Rio de Janeiro, 21 de maio de 1909. — *Barão de Alencar*, relator. — *Miguel de Carvalho*. — *Xavier da Silveira Junior*.»

Ficam sobre a mesa para serem votados quando houver vaga.

O Sr. Conselheiro Candido de Oliveira pede a palavra e diz que vem entregar o volume do Dr. Lacerda de Almeida, intitulado *Das pessoas juridicas*, e o 2º volume da *Decada Republicana*, onde se encontra um capitulo escripto pelo Dr. Carlos de Laet, referente á imprensa.

O Sr. Presidente manda os referidos volumes ao Sr. Dr. Leite Velho, relator do primeiro parecer e revisor do segundo.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) lê a seguinte proposta:

«Propomos seja elevado á classe dos socios honorarios, o effectivo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

«S. Ex. preenche todos os requisitos exigidos para semelhante promoção, porquanto tem sempre se distinguido por seu valor intellectual e é, innegavelmente, consummado mestre nos dominios da historia e da geographia.

« A proposta importa, assim, no reconhecimento de um legitimo direito.

« Sala das sessões, 24 de maio de 1909. — *Max Fleiuss*. — *Gastão Ruch*. — *Arthur Guimarães*. — *Norival Soares de Freitas*. — *Bernardo Horta*. — *Antonio Martins de Azevedo Pimentel*. — *Rocha Pombo*. — *Ernesto Senna*. — *José Pereira Rego Filho*. — *Dantas Barreto*. — *Rodrigo Octavio*. — *Jansen do Paço*. — *Belisario Pernambuco*. — *Alfredo Rocha*. — *Jesuino da Silva Mello*. — *Orville A. Derby*. — *Figueira de Mello*. — *Visconde de Ouro Preto*.»

O Sr. Presidente manda á Commissão de Admissão de Socios, nomeando relator o Sr. Dr. Manoel Cicero.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) pede para serem publicados, como annexos da acta da sessão de hoje, os discursos pronunciados por occasião da inauguração do retrato do Sr. Barão do Rio-Branco, nosso inclyto Presidente, pelo intemerato estadista e nosso illustre consocio Dr. Barbosa Lima e pelo mesmo Sr. Barão do Rio-Branco.

A indicação é approvada unanimemente.

Levanta-se em seguida a sessão ás 10 horas da noite.

DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. MAX FLEIUSS

Inauguração do retrato do Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente do Instituto Historico, no gabinete do Primeiro Secretario Perpetuo, em 6 de maio de 1909.

I

Allocução do Sr. Max Fleiuss, ao retirar a bandeira nacional que encobria o retrato

« Exm. Sr. Barão do Rio-Branco — Quiz a Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro associar-se ás grandes e justas demonstrações de apreço que o paiz inteiro vos tributou no anniversario do vosso natal.

« Não vos era, porém, possivel comparecer a esta Casa naquelle dia, que a Patria consagrou, e, pois, resolvêmos realizar a ceremonia quando se iniciassem os nossos trabalhos annuaes.

« A palavra autorizada do illustre consocio Barbosa Lima interpretará os nossos sentimentos, com a segurança de um espirito que sabe medir o alcance das victorias obtidas pelo benemerito ampliador do solo patrio. Elle dirá quanto vos admiramos pelos vossos serviços, quanto vos queremos pelo vosso incessante e leal empenho no engrandecimento nacional e na restituição historica de nossos gloriosos feitos, quanto vos pre-

zamos aqui, no Instituto, como dedicado Presidente. E dará a essa solennidade o caracter augusto que o talento, fortalecido pela sinceridade, sabe imprimir.

« Não concluirei, porém, sem vos advertir de que a esta prova de estima se liga o nome de um dos mais distinctos e futurosos artistas brazileiros, o Sr. Rodolpho Chambelland, a quem obsequiosamente devemos o bello trabalho neste momento inaugurado.» (*Palmas.*)

II

Discurso do Sr. Dr. Barbosa Lima

« Nesta tradicional officina de paciente erudição laboriosa, inspirada no amor da Patria, ao inaugurar-se, como ora fazemos, o retrato do eminente Presidente do Instituto Historico, nenhumas palavras de sympathia e sinceridade me pareceram melhores, nem mais opportunas, do que aquellas que o menos autorizado interprete do sentir e do pensar communs houve de pedir á opulenta fé de officio do historiador patriota.

« As idéas de concordia e confraternidade, em que nos inspiramos todos, e os sentimentos de justiça e equidade aconselham-nos a, espontaneamente, sem solicitação alguma, fazer mais do que se espereva de nós, e isso desinteressadamente, sem buscar compensações, que outros poderiam pretender, dada a perfeita situação juridica em que nos achamos.

« Bastará lembrar que o seu profundo e esclarecido amor á terra natal grangeou para o Brazil incomparaveis triumphos incruentos, unanimemente applaudidos e visceralmente consubstanciados no coração dos seus patricios, para todo o sempre lembrados, do Amapá e Missões.

« Enthesourando factos cuidadosamente escoimados de suspeições quaesquer e conjugando documentos de não vulgar valia com a sagacidade critica em penetrante visão profissional de um Freret e de um Thierry, não sómente instruiu o nosso insigne consocio, com surprehendente sabedoria, momentosos processos monumentaes, senão que, ao demais, consolidou dados

rigorosos, de cuja concatenação implicita derivarão, á luz de poderosa inducção genial, nas mãos do sociologo de amanhã, as leis peculiares á estructura e aos rythmos da civilização brazileira.

« Desse cabedal magnifico extremará o philosopho o que ao nosso evolver como proprio pertencer e lhe fôr peculiar, daquillo que se ha de attribuir ás influições ancestraes e mesologicas, defluentes do secular convivio, cada vez mais intimo, com mais antigos povos de outros continentes. Para o estudo systematico dessas componentes, na entrançada estirpe e maravilhosa floração americanas, fecundos materiaes ministram os admiraveis trabalhos historicos do nosso egregio consocio.

«Pelo que tem feito de bem á Patria, *indefessus agendo* no dominio das investigações uteis á solução dos problemas que entendem com a segurança e a grandeza do Brazil e pelo muito que á sciencia social e á arte politica promettem os elementos que por muitos annos vem colhendo, conjugando, esclarecendo, aqui estamos contentes a patentear a sinceridade do nosso profundo reconhecimento nessa singela homenagem.

« E, si ao politico militante, por não ser indiscreto ou inconsequente, dado não é remmorar os multiplos aspectos que tão extraordinario destaque e relêvo dão á sympathica personalidade, toda e sempre abrazada em um illimitado amor da Patria — de uma Patria grande, forte, acatada e querida — bem poderemos resumir e fixar as gratas impressões deste momento, dizendo, os que aqui estamos, que este retrato, como certas obras de arte, por engenhosa combinação, visto do lado do coração, identifica, em uma só imagem idealizada e evocada para nos commover, o generoso redemptor augusto do desditoso ventre da brazileira escrava e o cavalheiresco lidador daquelles dias aureos na immorredoura campanha libertadora.

« Assim é que eu os vejo invocados, sob um mesmo nome legendario — Rio-Branco.

« Assim é que nós esperamos vêr definitivamente fixadas no bronze das estatuas, que a Posteridade ratifica e applaude, as

feições que o altruismo terá aprimorado, accentuando-as, segundo o seu ingenito destino atavico, no exercicio consciente da generosidade generalizada e da sympathia precavida a desarmar prevenções e derruir preconceitos no trato com todas as nações.

« As memoraveis palavras que a um nobre documento official pedimos, valendo por um compromisso sagrado em um bem inspirado rasgo de raro cavalheirismo diplomatico, os antecedentes moraes do magnanimo legislador de 28 de setembro, enternecidamente identificados com os soffrimentos de uma raça opprimida e com os protestos dos grandes corações que o interesse não lográra ennegrecer, a doce disciplina, que a campanha abolicionista afervorou, tudo constitue invencivel cadeia de penhores preciosos, mercê dos quaes nesta formosa moldura jámais se poderá enquadrar outro que não este, tal qual quero crer que o estamos vendo, desvanecidos e esperançados, o fiel retrato de um decidido propugnador da Paz e da Concordia, de um estadista que desdenhe e recuse as funestas glorias do torvo e duro «Junker» do Brandeburgo, porque prefere os eternos ideaes republicanos do incomparavel Washington, evangelizados para a mocidade de hoje, pelo bom e sabio Benjamin Constant.

«Sim, na tela que contemplamos, ao contrario do arrogante confidente de Tiedemann, a confessar que «passára a noite inteira a odiar», desenhou o artista as feições do estadista que, um dia, aureolado e abençoado, dormirá tranquillo o eterno somno do justo, burilando no coração dos Brazileiros, em vez do sinistro *ferro et igne* atrozmente symbolico, o consolador e humano *per transit benefaciendo*.

« Tal é, senhores, o excepcional appello que um obscuro patricio dirige ao prestigioso estadista, para que não tarde muito se generalize por toda a America, pela opulenta Argentina, como na valente patria de Diaz e Caballero, o mesmo desafogado côro de applausos que desperta o nobre gesto de desinteresse e concordia para com a sympathica Republica do Uruguay. (*Calorosos applausos.*)»

II

Resposta do Sr. Barão do Rio-Branco

«Grande é a nova honra que me faz hoje o Instituto, honra realçada pelo facto de haver escolhido para interprete dos seus sentimentos o brilhante orador e academico que acabamos de ouvir, digno emulo do que usualmente abrilhanta as nossas festas, na nobreza de caracter, sinceridade de convicções e talento de bem as exprimir.

«Desta vez, porém, a benevolencia para commigo, do illustre orgam do Instituto, benevolencia de que tive a inesquecivel prova ao ler longe da patria as palavras que proferira na Camara dos Deputados, em 1 de dezembro de 1900, levou-o a encarecer por demais os meus serviços e qualidades.

«Nunca aspirei senão a servir modesta e obscuramente a nossa terra, como a servi durante muito tempo na mocidade e mesmo no vigor dos annos, vivendo quasi no isolamento, na solidão do meu gabinete de trabalho. Não me sentia feito para as posições de realce, para as lutas da vida publica, e só desejava que de mim se pudesse dizer um dia, neste recinto, que amei a minha terra e como de meu pae, quando elle desappareceu, foi dito da tribuna do Senado, que nunca abriguei contra ninguem, no meu coração, uma particula de malquerença ou odio.

«Instado para occupar o posto em que me acho, só o acceitei a contragosto, após longa e respeitosa resistencia, porque ia interromper trabalhos de minha predilecção e para que os nossos compatriotas de todos os partidos, que me haviam enchido de distincções e honras, me não tomassem por um ingrato e egoista, só desejoso de posições, mais ou menos commodas, no estrangeiro.

«Alguns me receberam com desconfiança, acreditando-me um ambicioso de grandezas e um partidario de soluções violentas nos pleitos internacionaes com os mais fracos.

«O meu passado já então protestava contra taes supposições. Creio poder affirmar hoje que estes quasi sete annos passados,

como membro do Governo, inteiramente estranho ás competições da politica interna, e todo consagrado á da concordia internacional e ás soluções amigaveis das nossas divergencias occasionaes com os demais povos, puzeram bem a claro os verdadeiros sentimentos pacifistas que sempre me animaram. E folgo de vêr que todos me fazem hoje justiça neste particular.

«Alegra-me sobremodo ver que o illustre parlamentar, nosso consocio, applaude, como eu esperava, as palavras da recente mensagem presidencial no tocante á concessão que o Governo promove em favor de uma das nações nossas vizinhas. Essa concessão, que a equidade e a justiça reclamam, só poderá ser feita com o consentimento dos dignos representantes da Nação no Congresso Federal. E estou firmemente convencido de que ao projectado accôrdo entre o Brazil e a Republica Oriental não faltará essa indispensavel sancção.

«Ha muito que, nos conselhos do Governo, esse acto, que concorrerá para mais engrandecer o nome do Brazil no estrangeiro, estava resolvido. Por motivos de delicadeza politica, demoramol-o bastante; mas não podiamos esperar indefinidamente que melhor opportunidade se offerecesse e a melhor que se nos deparou foi a occasião solenne em que o primeiro magistrado da Republica se dirige annualmente aos representantes do povo reunidos em Camaras.

«Não houve da nossa parte o minimo pensamento de melindrar nenhum outro governo ou de influir sobre a solução de alguma outra questão pendente. Quando o Governo Brazileiro deliberou, ha annos, submetter, em tempo, esse projecto á decisão soberana do Congresso Nacional, nenhuma questão sobre jurisdicção em aguas fluviaes tinha surgido em parte alguma do mundo.

«Todos reconheciam nos ribeirinhos o condominio nas aguas dos rios e lagos lindeiros, salvo quando tratados solennes estabeleciam o regimen de excepção como o que ainda temos na Lagôa Mirim e no rio Jaguarão.

«Si desejamos remover a excepção, que não é para o nosso tempo, nem para o nosso continente, não é com a idéa de merecer

agradecimentos e conquistar a gratidão dos nossos amigos do Uruguay. O sentimento da gratidão raros homens o possuem e mais raro ainda ou menos duradouro é elle nas collectividades humanas que se chamam Nações. Isto nos ensina eloquentemente a historia da sempre tão limpa e generosa politica internacional do Brazil, paiz que, na phrase de um illustre estadista argentino, já foi libertador de povos opprimidos.

«Si queremos hoje corrigir uma parte da nossa fronteira meridional em proveito de um povo vizinho e amigo, é principalmente porque esse testemunho do nosso amor ao direito fica bem ao Brazil e é uma acção digna do povo brazileiro.

«Agradeço ao Instituto a honra de fazer collocar nesta sala mais uma effigie minha, obra de um joven artista de talento que tão obsequiosamente nol-a offereceu ; agradeço ao nosso 1º Secretario Perpetuo e ao Orador do Instituto, neste dia, as palavras de bondade com que me distinguiram. (*Prolongada salva de palmas.*)»

Gastão Ruch,

2º Secretario.

TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE JUNHO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão do Rio-Branco

A's 8 horas da noite, na séde social, presentes os Srs. Barão do Rio-Branco, desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, Dr. José Francisco da Rocha Pombo, José Pereira Rego Filho, Alfredo Rocha, J. M. Cardoso de Oliveira, Norival Soares de Freitas, Jesuino da Silva Mello, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Joaquim Xavier da Silveira Junior, Jansen do Paço, Euclides da Cunha, general Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Belisario Pernambuco, Ernesto Senna, André Werneck e commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, abre-se a sessão.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (2º *Secretario*) lê a acta da sessão anterior a qual é, sem debate, approvada.

O mesmo Sr. Dr. 2º Secretario lê o expediente que consta do seguinte officio dirigido em 30 de maio ultimo ao Sr. Presidente pelo 1º Secretario Perpetuo:

« Rio de Janeiro, 30 de maio de 1909 — Illm. e Exm. Sr. Barão do Rio-Branco, Benemerito Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Em virtude da reclamação offerecida pelo illustrado consocio Sr. Conselheiro Candido de Oliveira, na sessão do 6 deste mez, quanto á demora dos pareceres relativos ás propostas que apresentaram os Srs, Drs. Lacerda de Almeida e Carlos de Laet para membros deste Instituto, devo a V. Ex. e á nossa illustre companhia as explicações que se seguem:

« Effectivamente, em sessão de 1 de outubro de 1906, foi pelo Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira submettida uma proposta, tambem assignada por outros distinctos consocios, indicando o Dr. Lacerda de Almeida para membro effectivo desta associação. Tal proposta, porém, não teve o devido andamento por isso que á mesma não acompanharam as obras do proposto. Declarando na referida sessão o Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira que as havia entregue ao Instituto, perguntei ao nosso honrado e provecto Bibliothecario si as recebera, ao que informou negativamente.

« Igual resposta foi-me fornecida pelo zeloso Chefe da Secretaria.

« Na sessão de 24 deste mez, o Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira offereceu a obra — *Das Pessoas Juridicas* —, da lavra do Sr. Dr. Lacerda de Almeida e o eminente Sr. Visconde de Ouro Preto, que presidia os nossos trabalhos, mandou fosse a citada obra enviada ao venerando consocio Dr. Leite Velho, a quem designou para relator da proposta.

« Sem demora cumpri as ordens, sempre respeitaveis, do nosso mui prezado 1º Vice-Presidente.

« Quanto ao Sr. Dr. Carlos de Laet, o que houve foi o seguinte:

« Em sessão de 12 de agosto de 1907, foi o Sr. Dr. Laet pro-

posto para socio effectivo e immediatamente mandei cópia da proposta ao nosso illustre consocio Dr. Jesuino da Silva Mello, então membro da Commissão de Historia, designado pelo Presidente (Marquez de Paranaguá) para dar parecer.

« O Sr. Dr. Jesuino de Mello pediu-me as obras do Sr. Dr. Laet e, como não tivessem acompanhado á proposta, depois de solicital-as de S. Ex. o Sr. Conselheiro Candido de Oliveira, dirigi ao Sr. Dr. Carlos de Laet a carta de que reuno cópia (doc. n. 1).

« O Sr. Dr. Laet (doc. n. 2) respondeu declarando que a proposta era devida á benevolencia de alguns de seus amigos e correligionarios politicos, entendendo por isso que se devia manter estranho aos tramites de sua admissão e accrescentou que os Estatutos não cogitavam dessa exigencia por mim formulada.

« Respondi ao Sr. Dr. Laet (doc. n. 3) e a essa minha ultima carta, reiterando com a maior delicadeza o pedido das obras ; o Sr. Dr. Laet não se dignou dar a menor solução.

« Devo ponderar a V. Ex. que á proposta apresentada na sessão de 12 de agosto acompanharam 12 tiras de papel almasso, todas do punho do Sr. Dr. Laet, subordinadas á seguinte epigraphe : *Apontamentos bibliographicos*. E a referida proposta diz a respeito : « Condensada no livro essa obra de tantos dias seria representada por dezenas de volumes. *Foram-nos della fornecidos os apontamentos bibliographicos juntos e que deverão fazer parte integrante desta proposta.* »

« Dahi se conclue que o Sr. Dr. Laet não é estranho á proposta que, aliás, diz textualmente o seguinte : « ... fazia aqui « falta a presença de Carlos de Laet, *que agora concorda em collaborar comnosco no exame dos variados problemas que formam o objectivo do Instituto.* »

« Não obstante a falta de resposta á minha segunda carta endereçada ao Sr. Dr. Carlos de Laet, pedi, com empenho, ao Dr. Jesuino de Mello que procurasse dar o parecer com a possivel brevidade. Acquiescendo a esses desejos, o Dr. Mello conseguiu uma das obras do Sr. Dr. Laet e emittiu juizo favoravel.

Seguiram logo os papeis para outro membro da Commissão de Historia, o integro Sr. Dr. Leite Velho, que me declarou positivamente, estando mesmo disposto a fazel-o por escripto, precisar ler pelo menos algumas das obras do Sr. Dr. Laet, cujos meritos impunham meditado estudo.

« A' vista do modo por que o Sr. Dr. Laet acolhera a minha segunda carta, não me julguei na obrigação de dirigir-lhe novo pedido das obras.

« Na ultima sessão, de 24 deste, o Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira offereceu o 2º volume da *Decada Republicana*, em que vem um trabalho do Sr. Dr. Laet sobre a « Imprensa ».

« No dia 25 remetti, de ordem do Exm. Sr. 1º Vice-Presidente, esse volume ao Sr. Dr. Leite Velho (doc. n. 4), que, a 27, me respondeu por officio de que remetto cópia (doc. n. 5).

« Cumpre-me ponderar a V. Ex. que a exigencia na apresentação das obras dos candidatos vem desde os Estatutos de 1851, cujo art. 6º diz :

« Para ser admittido na qualidade de socio effectivo deverá « o candidato apresentar trabalho proprio acerca da historia, « geographia ou ethnographia do Brazil ».

« Essa disposição foi mantida nos Estatutos de 1890, art. 7º, nos de 16 de abril de 1906 e confirmada nas alterações approvadas pela Assembléa Geral de 17 de outubro de 1907, art. 6º.

« A' vista do exposto, creio não me caber a mais ligeira culpa pela demora dos alludidos pareceres, só dependentes de terminantes exigencias dos Estatutos.

«Não concluirei, porém, sem pedir licença a V. Ex. e ao Instituto para dizer que o obscuro socio, elevado por excessiva bondade de seus pares ao posto de Secretario Perpetuo, tem no exercicio do cargo uma unica preoccupação : o cumprimento exactissimo dos deveres que lhe estabelecem os Estatutos. E dessa directriz nada, absolutamente nada, o tem demovido, nem o demoverá.

«Reitero a V. Ex. meus protestos muito sinceros de elevadissimo apreço. — O 1º Secretario Perpetuo, *Max Fleiuss*. »

DOCUMENTO N. 1

«Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1907— Exm. Sr. Dr. Carlos de Laet—Na penultima sessão deste Instituto, o Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira e outros distinctos consocios apresentaram uma proposta do nome de V. Ex. para socio desta associação. A proposta foi pelo Sr. Presidente distribuida ao Sr. Dr. Jesuino da Silva Mello, membro da Commissão de Historia, para emittir o necessario parecer. O Sr. Dr. Jesuino de Mello deseja sem demora desobrigar-se dessa tarefa, mas disse-me, tratando-se de um homem do valor intellectual de V. Ex., não póde deixar de ler pelo menos algumas das obras indicadas na proposta do Sr. Conselheiro Candido de Oliveira. Neste sentido já me dirigi ao Sr. Conselheiro que hontem me declarou não as possuir. Assim, tomo a liberdade de pedil-as directamente a V. Ex., pois neste momento acabo de receber do Sr. Dr. Jesuino uma carta a respeito, mostrando-se interessado em dar quanto antes o alludido parecer. Aguardando a resposta de V. Ex. subscrevo-me, com o mais elevado apreço, de V. Ex. muito attento venerador e creado, *Max Fleiuss.*»

DOCUMENTO N. 2

«Illm. Sr. Max Fleiuss.— Attenciosas saudações. Recebi a carta em que V. S. me determina que lhe envie exemplares de opusculos meus, que, segundo me informa, foram indicados em uma proposta para socio do Instituto Historico Geographico Brazileiro, do qual é V. S. Secretario Perpetuo.

« Não tendo absolutamente concorrido para a apresentação dessa proposta, unicamente devida á exaggerada benevolencia de alguns dos nossos amigos e correligionarios politicos, bem comprehenderá V. S. que de todo me devo manter extranho aos tramites para a minha duvidosa admissão, e que, portanto, me excuso a nisto obdecer a V. S., cujas attenções agradeço. Outrosim, me informam de que a exigencia agora formulada,

nem é dos Estatutos, nem tem sido feita em relação a outras propostas. Aproveito o ensejo para significar a V. S. os protestos de apreço com que sou de V. S.— Confrade obrigadissimo, *Carlos de Laet.*— S. C. 12 de setembro de 1907. »

DOCUMENTO N. 3

« Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1907.— Illm. Sr. Dr. Carlos de Laet.— Accuso, agradecido, o recebimento da carta de V. S., datada de hoje.

« A solicitação que a V. S. fiz da remessa das obras publicadas por V. S. foi motivada pela requisição reiterada do socio incumbido de lavrar parecer sobre a proposta apresentada.

« Quanto á informação que a V. S. foi ministrada de que tal exigencia não tem sido feita em relação a outras propostas, asseguro-a ser inteiramente destituida de fundamento, como poderão confirmar a V. S. entre muitos outros os eminentes Srs. Visconde de Ouro Preto e Conselheiro Candido de Oliveira, que, indicados para socios, remetteram ao Instituto respectivamente a *Marinha de Outr'ora* e o *Curso de Legislação Comparada*, livros sobre os quaes foi calcado o parecer das Commissões respectivas.

« Quanto a não ser dos Estatutos a mesma exigencia, verificará V. S., pela remessa que faço de um exemplar dos mesmos, que ainda nesse ponto não foi veridica a informação prestada.

Assim, como especial favor, reitero o pedido feito a V. S. Sou att. e ven.— *Max Fleiuss.* »

DOCUMENTO N. 4

« Rio de Janeiro, 25 de maio de 1909.— Exmo. Sr. Dr. B. T. de Moraes Leite Velho.— Tendo o Exm. Sr. Conselheiro Candido de Oliveira feito entrega, em sessão de hontem, de dous volumes constantes do trabalho do Dr. F. P. Lacerda de Almeida, intitulado «Das Pessoas Juridicas» e do 2º tomo da «Dé-

cada Republicana», onde se encontra um capitulo referente á Imprensa, escripto pelo Exmo. Sr. Dr. Carlos de Laet, na mesma occasião, declarando serem taes volumes justificativos das propostas relativas á admissão dos mesmos Drs., nos termos precisos dos artigos 6 e 7 dos Estatutos, remetto a V. Ex. taes volumes, visto ter sido V. Ex. nomeado relator para a primeira proposta e não ter ainda assignado o parecer lavrado, quanto á segunda.

«Sirvo-me da opportunidade para reiterar a V. Ex. os protestos de minha perfeita estima e da mais alta consideração. — O 1º Secreterio Perpetuo, *Max Fleiuss.* »

DOCUMENTO N. 5

« Rio de Janeiro, 27 de maio de 1909.— Illm. Sr. 1º Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — Accuso recebido o officio com que V. S. me remetteu as obras «Pessoas Juridicas» do Sr. Dr. Lacerda de Almeida, e o volume da « Década Republicana» em que vem um trabalho da lavra do Sr. Dr. Carlos de Laet sobre a Imprensa.

« Esses trabalhos foram-me enviados, de ordem do Sr. Presidente do Instituto, para emittir o parecer respectivo como relator da proposta que apresentou o nome do Dr. Lacerda de Almeida, e como membro da Commissão de Historia que tem de julgar a relativa ao Dr. Carlos de Laet.

« Em resposta, declaro a V. S., e peço fazer sciente ao Sr. Presidente que, de conformidade com o art. 11 dos Estatutos, emittirei o meu juizo depois de examinar conscienciosamente, como sempre faço, os alludidos trabalhos.

« Saudações cordeaes.— Dr. *B. T. Moraes Leite Velho.* »

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) diz que o Instituto fica inteirado.

O Sr. Gastão Ruch (2º *Secretario*) diz que ha uma rectificação a fazer na relação das offertas publicada nos ultimos volumes.

« Assim é que em 1906 os *Annaes da Bibliotheca do Pará*, a collecção de leis do mesmo Estado, de 1901 a 1905, o escudo

das armas do referido Estado e o trabalho intitulado «A Villa do Pinheiro» foram offerecidos pelo socio correspondente coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, que em 1907 offereceu tambem os trabalhos «Os Campos de Marajó» e o volume 5º dos *Annaes da Bibliotheca*.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) pronuncia, em seguida, este discurso:

«Meus Senhores.— Depois da nossa ultima sessão sobreveiu, como sabeis, fatal acontecimento que enlutando a nação inteira, repercutiu dolorosamente no seio deste Instituto.

«A morte tão imprevista do Dr. Affonso Penna representa para nós, ao mesmo tempo, a perda lamentada de um Chefe de Estado que o contará sempre entre os que mais dignamente houverem occupado tão alto e difficil posto, e a de um Presidente Honorario do Instituto, cujos trabalhos elle acompanhava com particular interesse e sympathia.

«O que esta Casa lhe deve cada um de nós o sabe e guardará sempre na memoria agradecida. Mais consideravel, porém é o seu haver no balanço da vida nacional em que, por mais de tres décadas e em varios ramos e posições na administração e na politica, elle exerceu sua infatigavel actividade de cidadão e homem publico, cordial e honestamente consagrado aos interesses da terra do seu nascimento. Cahiu no seu posto de trabalho e de honra, sorprehendido pela morte, quasi fulminado por ella, mas cheio de serenidade e fortaleza de animo, repetindo a divisa —Deus, Patria e Liberdade—, do antigo Atheneu Paulistano, onde na mocidade se ensaiára nos torneios da intelligencia. Como ás vezes succede ao varão justo, poude elle ter nos seus ultimos momentos um desses relances supremos da consciencia que abrangem e resumem uma vida inteira e que permittem que os que se vão deste mundo possam recapitular toda a sua obra e partir satisfeitos comsigo mesmos.

« A nós não cabe, com repouso e inteira isenção de animo, apreciar agora a sua vasta e fecunda obra, que para a Historia, este recinto requer maior recúo no passado. Ha, porém, na vida do illustre estadista traços de caracter e actos de politica

que desde logo podémos assignalar e já foram apontados ao reconhecimento dos nossos compatricios. A dedicação e energia com que serviu sempre a nação provinham nelle do mais acendrado patriotismo. Não tinha falhas o seu amor ao Brazil, nem desmaio algum o invencivel optimismo que desse sentimento resultava. E' por isso que o seu tempo de governo presidencial na Republica, demasiado breve para o que elle se propunha fazer, mas sufficiente para a nossa mui sentida saudade, póde ser considerado como um dos mais proveitosos para o progresso material da nossa terra e seu desenvolvimento economico, em todas as suas multiplas consequencias sociaes e politicas.

« Todos os que o conhecemos de perto, amigos e collaboradores que elle escolhera para a tarefa de bem encaminhar o futuro nacional, todos fomos tocados por esse enthusiasmo vivaz, por esse nobre e generoso alento de um coração juvenil, como a propria esperança.

« O Presidente Affonso Penna tinha sido Deputado ao Parlamento Brazileiro, Presidente de Provincia, Ministro da Guerra e Ministro da Agricultura, no passado regimen ; Presidente no Estado de Minas Geraes, lente e Director de uma Faculdade de Direito, Presidente do Banco do Brazil e Vice-Presidente da Republica no regimen actual ; conhecia theorica e praticamente a administração e a legislação no Imperio parlamentar e na Republica presidencial. Percorrera todo o paiz, inspeccionando-o previdentemente, para inteirar-se das suas necessidades mais urgentes, antes de vir assumir a magistratura suprema da Republica a que o elevára o voto unanime dos seus concidadãos. Tinha, pois, a preparação necessaria para formar um grande programma de governo e tinha incontestavel capacidade para iniciar e promover a sua realização dentro do quatriennio que lhe fôra designado pela vontade popular, de accôrdo com a nossa lei constitucional.

« Não lhe coube preencher este periodo governativo ; mas o forte impulso applicado por elle á construcção dos nossos caminhos de ferro de penetração, que em menos de um anno vão

pôr o Rio de Janeiro em communicação directa com a extrema oéste e a extrema sul do Brazil e com varios pontos remotos dos nossos Estados interiores, desenvolvendo assim o commercio, creando novos e fortalecendo antigos vinculos de união nacional, e o grande cuidado com que proseguiu na execução do liberal programma da anterior presidencia, bastariam para conferir-lhe a benemerencia entre nós, se lhe não fossemos devedores de outros serviços de tanta ou superior valia. Foram esses, no exterior, a nobre attitude que o Brazil poude assumir na Segunda Conferencia Internacional da Paz na Haya, pelo orgam do seu grande Embaixador, elevando o nosso bom nome na estima e respeito de todo o mundo civilisado; e, no interior, o intelligente e energico esforço que fez para a restauração dos nossos meios de defesa nacional, em terra e no mar, descuidados durante largos annos e quasi inteiramente destruidos pelas nossas dissenções e lutas civis. Do proseguimento, nas mesmas linhas, desta sabia, previdente e digna politica, que virilizando a nação, sem espirito nenhum aggressivo, lhe dá a tranquillidade e confiança cordial que sóe faltar aos fracos deante dos fortes; da acquisição gradual e avisada dos elementos de sancção da soberania de um povo depende grandemente o seu progresso material e moral. Assim o tinha comprehendido o Presidente Penna, no empenho patriotico de tambem imprimir ao direito e á honra dos brazileiros a força material que lhes pudesse valer em qualquer subita e grave emergencia da vida internacional.

« O Brazil inteiro, que igualmente o acompanhou nesse empenho, fez-lhe a justiça de acreditar na pureza das suas intenções, e viu nelle um verdadeiro estadista desejoso de assegurar-nos a paz, de que tanto precisamos e precisam todos os povos.

« Esta Casa, onde se guardam e zelam os annaes patrios, deve um voto de affecto e gratidão á memoria de quem tanto contribuiu para que nelles se não escrevam em nosso tempo paginas ingratas, das que registam humilhações e fallencias, como sementeira de odios e de vindictas entre as nações.

« Peço que com esta intenção piedosa, levantemos a sessão em homenagem ao illustre e benemerito Presidente que perdemos.» (*Muito bem ; muito bem.*)

Levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

QUARTA SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE AGOSTO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão Homem de Mello (2º Vice-Presidente)

A's 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão, com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Conde de Affonso Celso, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, coronel Ernesto Senna, general Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Orville Derby, Eduardo Marques Peixoto, general Dantas Barreto, Drs. Jansen do Paço, José Francisco da Rocha Pombo, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Joaquim Xavier da Silveira Junior, Norival Soares de Freitas, major Belisario Pernambuco, coronel Honorio Lima e conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

O Sr. Barão Homem de Mello (*2º Vice-Presidente*) communica que o Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente, e Visconde de Ouro Preto, 1º Vice-Presidente, deixam de comparecer por motivos justificados.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) justifica tambem a ausencia dos Srs. Drs. Ramiz Galvão, Pereira Rego Filho e coronel Jesuino de Mello.

O Sr. Gastão Ruch (*2º Secretario*) procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é sem debate approvada.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) lê o expediente constante do seguinte: — Officios dos Srs. Barão Homem de Mello, 2º Vice-Presidente, e F. Briguiet & Comp., offerecendo um ex-

emplar do «Atlas do Brazil», organizado pelo primeiro offertante e pelo Dr. Francisco Homem de Mello ;

Officio do consocio Dr. Rodrigo Octavio, communicando a sua partida para a Europa ;

Carta do secretario da *Société des Bollandistes*, da Belgica, agradecendo a remessa de exemplares da *Revista*.

O Sr. Conde de Affonso Celso offerece ao Instituto um valioso trabalho inedito do conego Joaquim Antunes de Oliveira, sobre historia patria, acompanhado das seguintes notas biographicas, relativas ao autor:

«Conego Joaquim Antunes de Oliveira, filho legitimo de Raymundo Antunes de Oliveira e D. Francisca Joanna de Barros Antunes, nasceu na cidade de Aracaty, então provincia do Ceará, em 21 de outubro de 1847.

«Em outubro de 1864, recolheu-se ao Seminario Episcopal da Fortaleza, recebendo a ultima ordem de Presbytero, em ordenação geral a 30 de novembro de 1870.

«Em janeiro de 1871, foi nomeado parocho da freguezia de Soure, daquella Provincia, e depois exonerado a pedido.

«Em novembro de 1871, foi provisionado capellão de Gequi, freguezia da União, tambem do Ceará, onde serviu até 1876. Em junho de 1872, foi nomeado socio agente da sociedade de instrucção religiosa, installada na capital do Ceará.

«Em maio de 1878, o respectivo Governo acceitou e agradeceu-lhe os serviços por elle prestados, em beneficio dos emigrantes que seguiram para Bahia, no vapor *Marquez de Caxias*.

«Por carta imperial, de 5 de abril de 1869, lhe foram concedidas as honras de conego da Capella Imperial. Em 28 de abril do mesmo anno de 1879, entrou em concurso da cadeira de philosophia do Atheneu Rio-Grandense, na cidade do Natal, sendo escolhido e nomeado professor da dita cadeira, em maio do mesmo anno, pelo presidente Dr. Rodrigo Lobato Marcondes Machado.

«Por titulo de 20 de fevereiro de 1880, foi nomeado socio correspondente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

«Em 6 de maio de 1890, foi distinguido pelo bispo D. Pedro

Maria de Lacerda com a nomeação de vigario da matriz de Santa Rita, desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até 31 de maio de 1901. Publicou em livro, em 1897, por sua conta, a vida da bemaventurada Rita de Cassia, da Ordem Eremitica de Santo Agostinho, dividida em tres partes: — No Seculo, no Claustro e na Gloria — escripta pelo padre M. Lourenço Tardi, da mesma Ordem, e do italiano vertida para o portuguez, pelo catholico brazileiro Sr. Dr. Carlos de Laet, a seu pedido. Exerceu, finalmente, a vigararia de Santa Rita, durante 11 annos, e cumulativamente a de Nossa Senhora da Candelaria, por duas vezes, sendo a primeira em 1892, quando bispo D. José Pereira da S. Barros, e a segunda em 1894, quando arcebispo D. João Esberard.

«Falleceu em 31 de maio de 1901, nesta Capital, em casa de seu irmão Dr. Benjamin Antunes de Oliveira, á rua Haddock Lobo n. 78.»

O Instituto muito agradece a preciosa offerta e fica sciente das communicações.

O Sr. Gastão Ruch (*2º Secretario*) faz a leitura dos seguintes pareceres da Commissão de Admissão de Socios, os quaes ficam sobre a mesa, nos termos dos Estatutos, para serem votados na proxima sessão:

«A Commissão de Admissão de Socios acolhe com a maior sympathia a proposta que, para ser elevado á classe de socio honorario o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, foi apresentada por 18 membros do Instituto, entre os quaes a maioria dos que compõem a sua directoria.

«Está a commissão convencida de que, por mais de um titulo, merece do Instituto essa distincção o egregio consocio, agora indicado para subir de posto entre os que se honram de pertencer a este gremio.

«Figura proeminente no nosso meio intellectual, onde se destaca pelo seu vasto saber, quer no tocante á historia e á geographia, quer em outros dominios dos conhecimentos humanos, a acceitação do Dr. Ramiz Galvão como socio honorario tem ainda em seu favor a circumstancia de haver elle servido

effectivamente em varias commissões, durante 14 annos consecutivos, de 1873 a 1887, periodo que ultrapassa o que é exigido pelos Estatutos, art. 9, letra *a*.

«Plenamente satisfeita a exigencia do artigo citado, letra *c*, assim como a do art. 10, na parte relativa aos socios proponentes, pensa a Commissão de Admissão de Socios que a proposta deve ser approvada como o «reconhecimento de um legitimo direito» e como uma homenagem devida ao eminente homem de letras.

«Sala das commissões, 19 de julho de 1909.—*Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva*, relator.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.*—*Joaquim Xavier da Silveira Junior.*—*Leopoldo de Bulhões.*»

«A honrosa distincção que se consubstancia no pensamento da proposta dos Srs. Max Fleiuss, Pedro Lessa, Thaumaturgo de Azevedo e outros, com referencia á pessoa do benemerito consocio deste Instituto, que, ha tres annos, exerce com raro zelo e tamanho brilho o cargo de orador, é uma justa e irrecusavel homenagem de reconhecimento e de admiração a quem tem prestado serviços de tão alta relevancia a esta instituição, já occupando importantes cargos na administração social, já desempenhando varias commissões de responsabilidade, com a mais esclarecida proficiencia, com a maior dedicação e com tal proveito para o exito dos trabalhos executados na ultima e mais recente phase da vida da nossa associação, que ninguem, em sã consciencia, os póde desconhecer e menos ainda deixar de applaudir e louvar.

« Accresce que o illustre consocio proposto para a graduação de membro honorario do Instituto é portador de um nome ha muitos annos consagrado nas letras patrias e aureolado por inestimaveis serviços á causa publica, não só no extincto regimen, onde refulgiu em posições eminentes da politica, representando efficaz e poderosa collaboração na obra das conquistas da liberdade e da ordem, qual, entre outras, a que teve,

gloriosa, na santa obra da redempção dos captivos ; como, no vigente regimen republicano, em que, assignalando-se na sua nobre profissão de advogado, salientando-se no magisterio superior, cooperando, na esphera da iniciativa extra-official, em graves trabalhos de interesse publico, e desenvolvendo ininterrupta actividade jornalistica, tem effectivamente exercido larga, benefica e fecunda influencia na obra do bem commum e na direcção dos successos da vida nacional.

« A proposta que o indica para a classe dos socios honorarios deste Instituto mais não é, portanto, do que a expressão do reconhecimento a tão elevados serviços a esta associação, ás letras nacionaes e á Patria Brazileira ; e a respectiva adopção pelo Instituto constituirá tributo rigorosamente devido, á mingoa de outros mais altos, a quem tanto se ha distinguido no seio de nossa cultura por tão relevantes e primorosas virtudes de espirito e de caracter, affirmadas de continuo por um immenso poder de trabalho e de talento e por um nobre e nunca desmentido patriotismo, digno de apontar-se como exemplo ás porvindouras gerações.

« Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1909 — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*, relator.— *Manoel Cicero Peregrino da Silva.*— *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.*— *Leopoldo de Bulhões.*»

O Sr. Barão Homem de Mello (2° *Vice-Presidente*) diz que, havendo uma vaga na classe dos socios correspondentes, vae mandar proceder á votação do parecer, lido em sessão de 6 de maio ultimo, relativo ao Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, proposto para socio correspondente. Corrido o escrutinio, verifica-se que o referido parecer foi approvado por unanimidade.

Em seguida, o Sr. Presidente proclama socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

O Sr. Barão Homem de Mello (2° *Vice-Presidente*) communica em sentidas palavras a morte do consocio Dr. Euclydes

da Cunha e declara que a sua vaga de socio effectivo é preenchida pelo socio correspondente coronel Ernesto Senna.

Tem, em seguida, a palavra o orador do Instituto Sr. Conde de Affonso Celso, que profere o seguinte discurso:

« O Instituto Historico, profundamente sensivel a tudo quanto impressiona o Brazil, comparte a affiicção por este soffrida, ante o fim prematuro e tragico de Euclydes da Cunha.

« Aggrava a magua do Instituto a circumstancia de que o desapparecido lhe era socio fiel, tão admirado como querido, frequentador das sessões, collaborador da *Revista*, amigo da Casa, ufano de seu diploma, excellente companheiro, que deixa em quantos com elle aqui estiveram, affectuosa, imperecivel, inconsolavel saudade.

« Estupenda, acabrunhadora a catrastrophe que o victimou, — porventura a mais estupenda e acabrunhadora ainda registrada pelo Instituto, com relação a um dos seus membros!

« Extraordinario em tudo foi o destino de Euclydes : a cerebração, a cultura, a sensibilidade, os trabalhos, as peripecias da vida, o desfecho...

« Passou pela terra como um ser excepcional, superior, por varios titulos, ao commum dos mortaes — sobretudo pelo soffrimento.

« Triste superioridade esta ultima, mas superioridade, sem duvida, e superioridade sublime! Dizem que as almas mais flagelladas são as predilectas de Deus! Ninguem, em verdade, soffreu tanto como o proprio filho de Deus, feito Homem.

« Curva-se conturbado o Instituto perante o ensanguentado, misero, venerando cadaver que representa semelhante primazia.

« Bastava este motivo; outros igualmente ponderosos impõem ao Instituto o dever de, mediante as mais solemnes maneiras, significar o seu desgosto.

« Entre ellas, occorre o levantamento immediato da sessão, em homenagem ao morto.

« O orador tem a honra de propôl-o. Certo se acha de que assim acode a um tacito, porém unanime e imperioso appello

dos corações alli arrebatados por onda immensa de consternação.»

O Sr. Barão Homem de Mello (*2º Vice-Presidente*) declara que antes de submetter a votos a proposta do Sr. Conde de Affonso Celso tem a communicar ao Instituto, que a proxima sessão será realizada no dia 31 do corrente, tomando por essa occasião posse o Sr. Dr. Adolpho Augusto Pinto e realizando o professor Orville Derby uma prelecção sobre: *A Expedição de Spinoza, 1553.*

Posta a votos a proposta do Sr. Conde de Affonso Celso, foi a mesma approvada por unanimidade e em seguida encerrada a sessão, ás 9 1/2 da noite.— *Gastão Ruch*, 2º Secretario.

QUINTA SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE AGOSTO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão Homem de Mello (*2º Vice-Presidente*).

A's 8 horas da noite na séde social abre-se a sessão com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, Desembargador Souza Pitanga, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Arthur Guimarães, Conde de Affonso Celso, Dr. Pedro Lessa, General Dantas Barreto, Dr. Orville Derby, General Thaumaturgo de Azevedo, Major Belisario Pernambuco, Dr. Bernardo Horta, Coroneis Jesuino da Silva Mello e Ernesto Senna, Drs. Alfredo Rocha, Jansen do Paço, Pereira Rego Filho, Miguel de Carvalho, Norival de Freitas, Coronel Honorio Lima e Eduardo Marques Peixoto.

O Sr. Barão Homem de Mello (2º *Vice-Presidente*) justifica a ausencia do Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente, e do Sr. Visconde de Ouro Preto, 1º Vice-Presidente. Communica em seguida, em sentidas phrases, o fallecimento do consocio corre-

spondente Visconde de Sanches de Baena, occorrido na cidade do Porto, a 7 de agosto ultimo.

E' depois annunciada a votação dos pareceres da Commissão de Admissão de Socios, elevando a honorarios os socios effectivos Conde de Affonso Celso e Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Corrido o escrutinio, verifica-se que ambos os pareceres foram approvados por unanimidade.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*2° Vice-Presidente*) proclama socios honorarios do Instituto os Srs. Conde de Affonso Celso e Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão e communica que em virtude dessa elevação passam a socios effectivos os correspondentes Dr. Antonio Jansen do Paço e general Emygdio Dantas Barreto.

Procede-se depois á votação dos pareceres da Commissão de Admissão de Socios, relativos aos Srs. D. João Baptista Corrêa Nery, bispo de Campinas, e Dr. João Baptista de Moraes. Os pareceres são approvados por unanimidade, e o Sr. Barão Homem de Mello, 2° Vice-Presidente, proclama os mesmos senhores socios correspondentes do Instituto.

O SR. FLEIUSS (*1° Secretario Perpetuo*) communica que se acha na Secretaria o socio correspondente Dr. Adolpho Augusto Pinto, que vem tomar posse.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*2° Vice-Presidente*) designa os Srs. 1° e 2° Secretarios para acompanharem até o recinto o novo socio.

Dá entrada e toma assento o Dr. Adolpho Augusto Pinto.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*2° Vice-Presidente*) dirige-lhe a seguinte saudação:

« O Instituto vos recebe com o maior jubilo no seu gremio, onde, está certo, continuareis o brilho da vossa carreira. Ha muito conhece os vossos trabalhos e os acompanha com o mais vivo interesse; hoje, com satisfação, vos acolhe, porque sois daquelles de que elle precisa para cumprir o seu programma de registrar imparcialmente os factos do Passado.

«Exprimindo o jubilo do Instituto, eu vos saúdo com effusão, confiante na cooperação efficaz que lhe haveis de prestar.»

Tem depois a palavra o Sr. Dr. Adolpho Augusto Pinto, que pronuncia o seguinte discurso :

«Exm. Presidente. Meus Senhores. Ao entrar neste recinto patriarchal, em cujo tranquillo ambiente, como diria Fénélon, tudo respira essa boa e amoravel simplicidade que devia ser a da infancia do mundo, em accentuado contraste com as complicadas lidas da vida moderna, tão salteada de accidentes como opprimida de artificios ; neste calmo remanso, collocado no meio da eterna revolução que torvelinha lá fóra, como sagrado Aventino em que o sentimento do amor patrio se recolhe em retiro espiritual, a recompôr as grandes verdades do nosso destino historico ; neste edificante asylo, onde, relanceando o olhar em derredor, como eu me sinto mais brazileiro, em communhão mais intima com a alma de minha patria, conversando em espirito com a memoria dos factos e dos homens que a vitalizaram na successão dos tempos ; ao ter a honra insigne de ser acolhido neste preclaro cenaculo, em que teem assento tantas representações da mais erudita cultura literaria do meu paiz, ao lado de outros tantos vultos em cujas nobres personalidades resplendem exemplos viventes das bellas e eminentes virtudes que é de uso se chamarem antigas, porque nos acostumámos a veneral-as nos heróes de Herodoto e de Plutarcho : em tão assignalado instante de minha vida, eu sinto, Senhores, sinto em minha alma e consciencia que, para corresponder á carinhosa benevolencia com que me chamastes para a vossa egregia companhia, esteja em clamoroso alcance o desvalor da minha pobre individualidade.

«Entretanto, ainda que sem credenciaes para merecer a investidura da vossa tão generosa quão espontanea eleição, desvaneço-me de ser aqui recebido e rejubilo-me de ficar, pois, ainda que sem azas para librar-me em regiões alcandoradas, apraz-me o convivio das summidades : é sempre gozo e festa para meus olhos verem de perto as culminancias da orographia intellectual de minha terra.

«Conta-se que, jornadeando pelo deserto, os Israelitas, de quando em quando, levantavam os olhos ao céo, como para se

lembrarem de que acampavam, mas não habitavam nos sitios do desterro.

«A' semelhança do povo predestinado, todos nós do paiz do Cruzeiro como que nascêmos para fitar as alturas — *altiora semper* !... Sim, Senhores, como que nascêmos com os olhos levantados para esse ideal sublimado, que é a patria, grande, prospera e feliz, qual nol-a asseguram os altos designios providenciaes que se revelam em notabilissimos factos da existencia nacional.

«Nos armoriaes de sua nobreza historica, é certo, o Brazil não vê refulgirem as glorias da epopéa hellenica, duas vezes immortalizada pela musa épica da Grecia e pela musa épica latina.

«O povo brazileiro não possue o senso esthetico da bella Italia, seu velho tronco latino, berço de Raphael, de Leonardo e de Miguel Angelo, o que vale dizer—da gloriosa encarnação do genio do Renascimento. Sua alma não tem as fortes arrancadas da paixão idealista da França, cellula matriz do pensamento universal. No escrinio de sua intellectualidade ninguem dirá que fulgurem thesouros, como os que conseguiu accumular a profunda cultura scientifica da Allemanha. Não lhe estúa nas veias o sangue ardoroso da nação cavalheiresca por excellencia, patria do Cid e das heroinas de Saragossa, como tambem de Ignacio de Loyola e Thereza de Jesus — em seu tempo, dois allucinados, dois possessos da loucura da Cruz, depois, seculos em fóra, dois exercitos em férvida campanha mundial para a dilatação do immortal imperio do Christo, Senhor Nosso.

« Na organização economica nacional, nada existe que se compare á possante enfibratura mercantil da Inglaterra, a Veneza do Occidente, que nas aperturas do seu territorio insular parece ter o segredo da alta pressão com que propulsa o seu admiravel apparelho de permutas internacionaes, pontilhando a intermina superficie dos mares, como antigamente a rainha do Adriatico, com o numero incontavel de suas naves, blocos erraticos desse incommensuravel territorio fluctuante que é ao mesmo tempo a melhor riqueza e o maior prestigio da poderosa Albion.

« Nem o genio inventivo, nem a operosidade industrial do povo brazileiro póde supportar confronto com o que vale em taes provincias do trabalho o seu grande irmão norte-americano, o campeão universal no moderno desporto do technicismo applicado ás industrias e ás artes liberaes.

« Finalmente, ninguem dirá que as faculdades assimiladoras do Japão e a extraordinaria permeabilidade do seu plasma ao influxo de extranhas correntes civilizadoras, sejam condições susceptiveis de actuar no Brazil tão intensamente como actuaram no famoso imperio do Sol Nascente, refundindo-lhe em algumas dezenas de annos toda a obra politica, social e economica de algumas dezenas de seculos !...

« Mas, em compensação, magnifica, extraordinaria, incomparavel mercê recebeu o nosso povo da eterna Omnipotencia nesse maravilhoso concerto de harmonias, nesse tão completo como aprimorado conjuncto de qualidades que o sagram, apezar da extrema divergencia de suas nascentes ethnicas, o maior bloco irreductivel, a mais homogenea das grandes unidades politicas do globo.

« O poder, a riqueza, a gloria, os varios bens, em summa, que concretizam o ideal commum das nações, sempre hão de ter, não ha duvida, subida cotação no estendal da vaidade dos povos ; ainda quando, porém, todos esses dons possam florescer mergulhando suas raizes em um mesmo vaso de vida, certo é que ás mãos que o teem empunhado um dia, não raro ha acontecido empunharem no dia seguinte a urna funeraria das mais amargas desillusões.

« De tão aspero contraste, nas differentes quadras de sua existencia nacional, felizmente não tem sido passivel o povo brazileiro, graças sobretudo ao modo por que se fundiram e cristallizaram os elementos de sua formação.

« Em verdade, qual a nação que, possuindo territorio tão vasto como um continente, se tenha constituido e represente um bloco inteiriço como o nosso, pelo que diz respeito aos elementos de raça, religião, lingua, usos e costumes, sentimentos e aspirações, legislação e idéas ?

« Com esta inegualavel riqueza na ordem subjectiva e com os maravilhosos dons de que o cumulou o Creador no dominio objectivo, realmente de uma só cousa precisa o Brazil para realizar a plenitude de seus excelsos destinos—é de fazer-se conhecido e amado : conhecido e amado no poema triumphal de sua natureza physica, na paschoa perennemente rediviva da sua flora sem par, eterno sorriso a florir nos labios da mais fecunda, da mais generosa das mães ; conhecido e amado em sua rica e brilhante tradição ; conhecido e amado em suas cousas e em seus homens, o que, em summa, quer dizer—conhecido e amado na estructura que o corporifica e na alma que o vem espiritualizando através dos seculos, e, pois, em sua geographia e em sua historia.

« Não sendo outro o programma que aggremia os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, podeis contar, Senhores, que assentando praça em vossas luzidas fileiras, ainda que dos ultimos em predicados da intelligencia e de cultura, não serei dos menos dedicados á nobilissima causa que aqui vos congrega, ha mais de setenta annos, no empenho perseverante de cultuar o passado, illustrar o presente e edificar o futuro da nossa grande e querida Patria.

« Realmente eu não vejo, Senhores, que haja proposito mais dignificante, missão que affirme mais entranhadamente a solidariedade do individuo para com a especie, empreza mais visceralmente patriotica, do que esta permanente homenagem do que é ao que foi.

« O passado é um morto ; entretanto não ha fonte mais exuberante de vida, mais forte estimulo do progresso, melhor escola de aperfeiçoamento do que este glorioso campo santo — o reino dos mortos ! Desamal-o seria desamar as nossas proprias raizes, o ambiente e o processo da nossa formação, a maior porção do nosso ser ; seria, em resumo, desamarmo-nos a nós mesmos.

« Ao imaginar que tão extraordinario coefficiente de vida, luz da verdade, phanal da civilização, vinculo a prender os élos da intermina cadeia humana, ao imaginar que esta força inegua-

lavel poderia ser condemnada a enfraquecer-se, a aniquillar-se talvez, si não fôra a continua acção revivescente de quantos, como vós, benedictinos do culto da tradição, se propuzeram o nobre ministerio de tornal-a imperecivel, de fazel-a viver permanentemente, flagrantemente, na immortalidade dos tempos, sente-se bem, Senhores, toda a belleza da vossa obra, seu profundo patriotismo, sua idealidade sublime, toda a poesia e grandeza de sua acção, o immenso e formoso relêvo de seus thesouros, documentos clamantes, perpetuos, da cultura e da energia civilizadora da nossa raça.

« E, pois, que sobre obra de tão insigne benemerencia de ha muito chovem copiosas as bençãos do Brazil, consenti, Senhores, que, ao iniciar-me em vosso apostolado, com o enthusiasmo do noviço que pela primeira vez entra em fórma na brava caravana missionaria, tambem eu desfolho a minha braçada de flores sobre este chão sagrado, o chão da augusta basilica que vindes erguendo ao culto do amor patrio... *Salve Magna Virum! Salve Magna Parens!...* »

O Sr. Presidente dá a palavra ao orador do Instituto, o Sr. Conde de Affonso Celso.

O Sr. Conde de Affonso Celso começa agradecendo a generosa distincção com que os seus benevolos collegas lhe acabam de prender o aliás já irresgatavel reconhecimento.

« Tratando do recipiendario, diz que o bello, nobre, conceituoso discurso que o Instituto ouviu, premiando-o com a sua deleitada attenção e o seu caloroso applauso, dispensaria qualquer recommendação em prol de quem o pronunciou.

« E' desses trabalhos que, embora de infelizmente reduzidas proporções, bastam a definir um talento e a estereotypar um caracter.

« Os ouvintes, que ainda não conheciam e apreciavam o Dr. Adolpho Augusto Pinto, descobriram nelle, através a sua oração, tão singela quão empolgantemente proferida, uma individualidade superior, por varios motivos.

« Foi-lhe, em verdade, cabal, genuinamente distincta a carreira collegial e academica.

« E' autor de dous livros notaveis: a *Provincia de São Paulo*, consciencioso repositorio estatistico e critico da vida industrial, agricola e economica da grande região a que competem tantas primazias na communhão brazileira; e *Historia da Viação Publica em S. Paulo*, volume igualmente de alto merito e que provocou caloroso encomio, não só dos profissionaes, como de quantos se preoccupam com os progressos da Patria.

« Mereceu o primeiro dos indicados trabalhos a approvação do magnanimo soberano Sr. D. Pedro II, cujo nome o actual Governo, em um acto de justiça historica e politica, restituiu, embora apenas em parte, ao nosso estabelecimento federal de instrucção secundaria.

« Sua Magestade, depois de ler a obra, agraciou o Dr. Adolpho Pinto com as insignias da Ordem da Rosa, cujo formoso e significativo distico era — *Amor e Fidelidade*.

« A Ordem da Rosa gosava de geral consideração.

« Espiritos, como o de Luiz Pasteur, prezavam n'a mais do que as melhores dos grandes paizes.

« Aboliu a Republica Brazileira as condecorações, conservadas pelos mais adeantados e democraticos governos.

« Refere-se o orador ao culto professado em França com relação á Legião de Honra, da qual affirmava Napoleão I: « Não «ha ideia tão genial e fecunda como a de obrigar um homem a «dar a sua fortuna, o seu sangue, a sua vida, a praticar façanhas «e acções sublimes de desinteresse, heroismo, caridade, protecção «ás artes, a troco unicamente do direito de trazer ao peito um «pedacinho de fita vermelha!»

« E' que esse pedacinho de fita vermelha constitue um diploma visivel, um attestado vivo, um signal externo de serviços, primazia, destaque.

« De todas estas benemerencias, apresenta credenciaes o Dr. Adolpho Augusto Pinto.

« Conhece, sem duvida, o Instituto a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, uma das mais importantes, si não a mais importante empreza de seu genero no Brazil.

« Organizada por iniciativa particular, admiravelmente ge-

rida por brazileiros, destinada a esplendido futuro, é um dos efficazes factores do progresso de S. Paulo.

« A ninguem deve mais a Paulista do que ao Dr. Adolpho Pinto, cujo nome tem direito de ser inscripto no Pantheon da engenharia nacional, essa engenharia que, sem auxilio de technicos estrangeiros, tem feito as locomotivas galgarem montanhas reputadas outr'ora inaccessiveis, aterrado pantanos medonhos, perfurado tunneis audaciosissimos, transposto rios formidaveis, construido maravilhosas obras de arte, attestadoras da capacidade, energia e coragem dos brazileiros, a que a natureza depara difficuldades mil vezes peiores do que as de alhures.

« Galhardo, intemerato paladino da Igreja Romana, o Dr. Adolpho Augusto Pinto fundou na capital paulistana o obulo de S. Paulo, a Liga de S. Pedro e a obra da Boa Imprensa, dedicando zeloso e perseverante empenho á realização pratica do programma social christão preconizado por Leão XIII e desenvolvido por Pio X, programma tão vasto quão efficaz e que ministra remedios salvadores á sociedade contemporanea, tão combalida de elementos anarchicos e dissolventes.

« Ao Dr. Adolpho Pinto cabe sem lisonja o grande epitheto de virtuoso.

« A sua virtude é a lidima virtude que encontra em si propria a sua recompensa ; que desdenha o respeito humano ; que faz caridade, evitando ao necessitado o vexame de estender a mão ; que confere inalteravel serenidade de animo ; que nada receia e nada ambiciona, sempre esperançada, a confiar em Deus, quer na fartura, quer na adversidade.

«Diz-se de alguem: é um poço de sciencia, ponderou um tribuno.

«Por que um poço, si a agua do poço costuma ser turva e corrupta ?

«Mais vale um pequeno vaso cheio de agua clara e sã, cahida directamente do céu. Eis ahi a alma dos humildes christãos, cuja sciencia unica é a Fé.

«Mas, a par desta sciencia divina, dispõe o Dr. Augusto Pinto de larga provisão de sciencia humana, a qual, longe de

se mostrar incompativel com a Fé, a robustece e confirma, quando não desvairada pelo preconceito, pelo orgulho, ou pelo odio.

«Homem de sciencia, homem de acção, homem de Fé, escriptor, pensador, emprehendedor, alma de apostolo, vida modelar, caracter incontaminado, um util e um bom, um, sob qualquer aspecto, dignissimo brazileiro— eis, em deficiente resumo, a physionomia moral do recemvindo, a quem o orador, em seu nome e no do Instituto, apresenta cordiaes saudações. (*Palmas.*)

O SR. DR. PEREIRA REGO FILHO justifica um voto de louvor ao consocio Dr. Oliveira Lima, pelo trabalho publicado sobre o Governo de D. João VI no Brazil.

Vem á Mesa e é lida, em seguida, a indicação concebida nestes termos :

«Proponho que na acta da sessão de hoje se consigne um voto de grande louvor ao nosso eminente consocio Dr. Manoel de Oliveira Lima, pelo real serviço prestado ás letras patrias com a publicação do seu trabalho *Dom João VI no Brazil.*

Sala das Sessões, 31 de agosto de 1909.— *Dr. José Pereira Rego Filho.*»

Posta a votos, é approvada unanimemente.

O SR. GENERAL THAUMATURGO DE AZEVEDO justifica a ausencia do Sr. Marquez de Paranaguá.

Em seguida o Dr. Orville Derby lê um trabalho sobre o itinerario da EXPEDIÇÃO DE SPINOSA EM 1553.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite.

Gastão Ruch, 2º Secretario.

SEXTA SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE SETEMBRO DE 1909

Presidencia do Sr. Visconde de Ouro Preto (1º Vice-Presidente)

A's 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos Srs. Visconde de Ouro Preto, Barão Homem de Mello, Desembargador Souza Pitanga, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch, Conde de Affonso Celso, Marquez de Paranaguá, Drs. José

Pereira Rego Filho, Bernardo Horta, Orville Derby, Norival Soares de Freitas, Jesuino da Silva Mello, Eduardo Marques Peixoto, Generaes Dantas Barreto e Thaumaturgo de Azevedo, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello e Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

O Sr. Fleiuss (*1° Secretario Perpetuo*) justifica a ausencia do Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente, que por justo motivo deixa de comparecer.

O Sr. Dr. Gastão Ruch (*2° Secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem discussão.

O Sr. Fleiuss (*1° Secretario Perpetuo*) lê o seguinte expediente :

Telegramma do consocio Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, concebido nestes termos: « Max Fleiuss, Secretario Perpetuo do Instituto Historico. Infelizmente não posso comparecer sessão, mas cordialmente me associo homenagens que naturalmente serão prestadas aos dous preclaros estadistas que immortalizaram nome Rio-Branco, homenagens que serão realçadas pela eloquencia arrebatadora do nosso insubstituivel orador. Affectuosos cumprimentos. — *Viveiros de Castro.*— Inteirado, agradece-se.

Officio do General Thaumatargo de Azevedo, communicando ter assumido o commando da Força Policial.—Inteirado ; agradece-se.

Carta do consocio Dr. Alberto de Carvalho, datada de Lisboa, offerecendo alli os seus prestimos.—Agradece-se.

Carta do consocio Dr. B. F. Ramiz Galvão, nos seguintes termos :

« Rio, 28 de setembro de 1909.— Exmo. Sr. Secretario. Não permitte insistente enfermidade que eu hoje compareça, como tencionava e era de meu dever, á sessão do Instituto. Assim impedido e contrariado no meu mais intimo desejo, venho por este meio testemunhar á douta e illustre corporação o meu profundo reconhecimento pela distincção que acaba de conferir-me, elevando o seu velho socio de 1872 á categoria de honorario.

«Deante de tão grande generosidade dos nossos dignos companheiros de trabalho só me cabe dizer-lhes que, na medida de minhas forças, dedicarei sempre ao Instituto o mesmo amor com que na mocidade o servi, pugnando pelo seu engrandecimento e levando-lhe o modesto, mas ardoroso, contingente do meu esforço para que a nobre instituição mantenha o altissimo posto a que se elevou no nosso paiz.

«Soldado da velha guarda, não posso aspirar ás laureas da victoria, que caberão aos mais fortes, mas protesto fidelidade á bandeira, que abracei ha muito mais de um quarto de seculo, e não abandonarei o campo da luta senão quando me faltar o alento.

«Com estes sentimentos, espero de alguma fórma corresponder á summa gentileza dos membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, aos quaes V. Ex. fará o particular obsequio de os communicar com a segurança da minha eterna gratidão.

«Com a maior consideração, de V. Ex. etc.. — *B. F. Ramiz Galvão* — Inteirado.»

O Sr. Dr. Gastão Ruch (*2º Secretario*) lê as seguintes propostas:

«Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. Goran Bjorkman, do Instituto Nobel, da Academia Sueca e Representante do Brazil e Portugal; protestamos apresentar trabalhos seus á commissão a que for distribuida esta proposta, se o entender a mesma commissão. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909. — *Eduardo Marques Peixoto. — Candido Luiz Maria de Oliveira. — Norival Soares de Freitas*». — A' Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Leite Velho.

«Propomos para socio correspondente deste Instituto o Sr. Ramón J. Cárcano, natural da Republica Argentina, autor de varios trabalhos apreciaveis, dos quaes offereceu os seguintes ao Instituto: *Prefiles Contemporaneos y Historia de los medios de comunicacion y transporte en la Republica Argentina*, em dous volumes. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909. — *Conde de*

Affonso Celso.— Max Fleiuss.— Dr. José Pereira Rego Filho.» — A' Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Jansen do Paço.

«Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Dr. Eurico de Góes, natural da Bahia e residente em S. Paulo, autor do trabalho denominado *Os Symbolos Nacionaes*, por elle offerecido ao Instituto, com a declaração de que deseja fazer parte da nossa companhia. Rio, 23 de setembro de 1909. — *Conde de Affonso Celso.— Max Fleiuss.—Barão Homem de Mello. — A. F. de Souza Pitanga.— Dr. José Pereira Rego Filho»*. — A' Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão.

«Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Dr. Justo Jansen Ferreira, natural do Maranhão, lente de geographia do Lyceu daquelle Estado, autor dos trabalhos: *A proposito da Carta Geographica do Maranhão* e *A Barra de Tutoya*, por elle offerecidos ao Instituto, com a declaração de que deseja fazer parte da nossa associação. Rio, 28 de setembro de 1909.— *Visconde de Ouro Preto. — Max Fleiuss. — Conde de Affonso Celso.— Barão Homem de Mello.— A. F. de Souza Pitanga.— Dr. José Pereira Rego Filho* ».— A' Commissão de Geographia, relator o Sr. Dr. Indio do Brazil.

« Propomos para socio correspondente deste Instituto o Sr. Dr. D. Agustin de Védia, natural da Republica do Uruguay, publicista notavel e autor de varias obras, das quaes offereceu as seguintes ao Instituto: *Estudio Constitucional*, *Constitución Argentina*, *Martin Garcia y la jurisdiccion del Plata*, *Instruccion Civica*. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1909. — *Conde de Affonso Celso. — Max Fleiuss. — A. F. de Souza Pitanga. — Dr. José Pereira Rego Filho* ».— A' Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Pedro Lessa.

O Sr. Dr. Gastão Ruch (2° *Secretario*) lê o seguinte parecer, que, nos termos dos Estatutos, fica para ser votado na proxima sessão:

«A Commissão de Admissão de Socios, no desempenho da tarefa que lhe incumbe, examinou a proposta relativa ao Dr. Ernesto Augusto Lassance da Cunha e é de parecer que o

mesmo doutor está nas condições de ser acceito como socio correspondente.

«Sala das Commissões, 14 de setembro de 1909.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.—Joaquim Xavier da Silveira Junior. —Manoel Cicero Peregrino da Silva.*»

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) communica ao Instituto que o illustre consocio Dr. Araripe Junior e seu irmão Dr. Arthur Araripe offereceram para o Archivo do Instituto todos os titulos officiaes pertencentes ao seu illustre pae, o finado conselheiro Tristão de Alencar Araripe, nome por todos venerado e particularmente querido pelo Instituto, que recebeu do saudoso consocio os mais benemeritos serviços.

O mesmo Sr. Secretario communica que o distincto consocio Dr. Alfredo de Carvalho enviou para a *Revista* do Instituto uma interessante memoria denominada *Um Globe-trotter do seculo XVII*, memoria essa de que foi portador o illustre membro do Instituto Archeologico Pernambucano, Dr. Arthur Muniz, que se acha presente.

O Sr. Visconde de Ouro Preto (*1º Vice-Presidente*) dá a palavra ao Sr. Conde de Affonso Celso, orador do Instituto.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro faltaria a obrigações elementares do programma synthetizado em seu nome, si não mostrasse interesse pelos successos historicos e geographicos, ou por quaesquer factos a elles attinentes, occorridos no territorio da Patria.

«Successos e factos desse genero teem-se dado ultimamente, que merecem mais que attenção, merecem applauso.

«Assim a publicação da conscienciosa obra *Dom João VI no Brazil*, pelo prestante consocio Dr. Oliveira Lima, que tão galhardamente representa no estrangeiro a alta intellectualidade brazileira.

«Releva recordar que essa obra, sobre o grande merecimento da qual já se pronunciou o Instituto, acceitando a proposta do Dr. Rego Filho, nasceu, talvez, do concurso por este aberto, graças á iniciativa do Visconde de Ouro Preto, para

commemorar a abertura dos portos, isto é, a nossa independencia economica, quiçá a politica.

«Assim a edição do *Atlas do Brazil*, em que o illustre Vice-Presidente do mesmo Instituto condenseu o resultado de 40 annos de trabalho e de extensas viagens através de variadas zonas do nosso territorio.

«Assim o convenio, que o orador julga assignado, e que confere á Republica Oriental do Uruguay o condominio da lagôa Mirim.

«Si esse convenio diminue materialmente em dimensões insignificantes o Brazil, dilata-lhe moralmente a influencia e o prestigio, firmando em nossa politica internacional normas de equidade, abnegação e cavalheirismo que, embora não ineditas em nosso passado, jámais haviam attingido a culminancia a que ascenderam no procedimento para com os nossos sympathicos e briosos vizinhos do sul, os quaes, durante alguns annos, já pertenceram á communhão brazileira.

«Assim, finalmente, o tratado que o orador pensa estar igualmente subscripto resolvendo a nossa questão de limites com o Perú.

«Põe termo esse tratado aos litigios de fronteiras do Brazil, ficando este com o seu vastissimo perimetro nitida e indisputavelmente demarcado, sem que nada possa perturbar, por semelhante motivo, as bôas relações com os numerosos povos que nos cercam.

«A' excepção do Chile, todas as nações da America do Sul confinam com o Brazil, predestinado dest'arte a ser entre ellas o intermediario, o amigo commum.

«Ignoramos ainda os termos dos dous ajustes alludidos, que serão submettidos, sem duvida, ao Corpo Legislativo dos paizes nelles implicados.

«Conhecemos, porém, quem por parte do Brazil os negociou, e isso nos basta a assegurar que os interesses nacionaes alli foram cabalmente attendidos e que esses novos actos internacionaes, como os do Amapá, Missões e Acre, augmentarão os laureis do nosso eminente compatricio que, á semelhança do

Duque de Caxias, embora em outra orbita de acção, não menos ardua e perigosa que a militar, tem o direito de exclamar: «Soldados, o vosso general jámais foi vencido», phrase esta de justa ufania, rara nos annaes de qualquer povo, e cujo valor sóbe de ponto, em se tratando de um chefe que debellára quatro revoluções e tomára parte em tres guerras externas!

«Os factos a que imperfeitamente se referiu o orador são de natureza a despertar o regosijo, o desvanecimento, o enthusiasmo do Instituto, porque todos elles concernem ao lustre do Brazil e nelles figuram como protagonistas o nosso presidente, o nosso vice-presidente e outros prezados consocios.

«Da mesma sorte que os successos em questão, não póde passar despercebida do Instituto a data de 28 de setembro, duplamente assignalada, pela lei de 1871 e pela de 1885, a primeira das quaes declarou livres os nascituros de mulher escrava, creou o fundo de emancipação e tomou outras efficazes medidas libertadoras, decretando a segunda a manumissão dos escravos sexagenarios.

«Fixou-se dessa maneira um prazo certo para a extincção do captiveiro, já exgottado em suas fontes: o trafico e o nascimento.

«Ainda não se escreveu a historia completa da maldita instituição no Brazil.

«Biparte-se ella em escravidão dos indios e escravidão dos africanos.

«Sobre a dos indios levou Portugal a legislar durante tres seculos.

«Aboliu-a nominalmente o Marquez de Pombal pelos actos de 1755 e 1758, mas subsistiu, de facto, até a Regencia de 1831, ou antes, segundo recente testemunho do egregio Bispo do Amazonas, D. Frederico Costa, ainda envergonha a civilização brazileira nos confins daquella diocese.

«Alonga-se o orador em considerações tendentes a provar que os poderes publicos devem seriamente preoccupar-se com a catechese dos nossos selvicolas que, conforme a narrativa de Pero Vaz de Caminha, gentilissimamente acolheram a frota de Cabral,

« Humanos se mostraram para com os degredados a elles entregues, sempre exerceram larga hospitalidade, em nada são refractarios á educação e produziram vultos insignes como os de Tibyriçá, Ararigboya, Cunhambebe, Jaraguary e Paraguassú.

«Revolta-se o orador contra o alvitre de um sabio estrangeiro que sustentou convir exterminal-os, e relembra os serviços dos jesuitas, os, na phrase de Castro Alves, estupendos pescadores de almas, com este anzol — a Cruz.

«Passando a tratar da escravidão africana, recorda o orador que os governos europeus sómente a exterminaram nas suas colonias em meiados do seculo passado : a Inglaterra em 1839, a França em 1849, Portugal em 1875, a Hespanha em 1876.

«Os Estados Unidos só o conseguiram em 1862, custando-lhes a reforma uma tremenda guerra civil.

«Nos paizes musulmanos pratica-se ainda hoje a escravidão.

«Calcula-se que na Africa Central cerca de um milhão de homens é annualmente victima do trafico.

«Contra isso levantou o cardeal Lavigerie uma celebre propaganda, da qual se originou a conferencia de Bruxellas em 1888.

«Comprometteram-se ahi as grandes potencias a apresar os navios arabes que se applicam ao trafico, na costa oriental da Africa.

«Perdura todavia o abuso a que o Alcorão ministra um ponto de apoio doutrinal.

«E' falso que o Brazil houvesse sido o derradeiro paiz catholico a abolir a escravidão dos negros, pois, na realidade, o fez em 1871.

«Admittindo que tivesse sido o derradeiro, foi o que resolveu o problema de modo mais intelligente e honroso, accrescendo que entre nós avultavam difficuldades superiores ás de alhures.

«No Brazil nunca houve verdadeiros escravocratas, isto é, defensores da escravidão em principio.

«Ninguem amava o regimen servil ou lhe preconizava a conveniencia; queriam apenas, os denominados escravocratas, que a emancipação se effectuasse gradativamente e mediante uma indemnização, destinada a reorganizar o serviço agricola.

«Estuda o orador o movimento abolicionista desde os seus vagidos no seculo XVIII, movimento concretizado nas leis de 7 de novembro de 1831, 4 de setembro de 1850, 28 de setembro de 1871, 28 de setembro de 1885, e 13 de maio de 1888.

«Cada um destes cinco actos, é um monumento de sabedoria, previsão e sentimentos altruisticos que, soberanamente, abonam a capacidade intellectual e moral do Brazil.

«A todos sobreleva, porém, a lei de 1871, pelos seguintes motivos, que o orador explana:

«Primeiro, extinguiu effectivamente a escravidão, não passando de consectarias da lei em questão as que se lhe seguiram, em 1885 e 1888, tanto que esta ultima, a de 13 de maio, se limitou a declarar extincta a escravidão.

«Segundo, permittiu que cerca de dous milhões de escravos pacificamente se emancipassem, em menos de 17 annos, o que corresponde á extraordinaria média de mais de 100 mil por anno.

«Terceiro, cogitou do futuro dos filhos livres dos escravos, procurando educal-os e incorporal-os, sem distincção de raça, á massa geral da população, conferindo-lhes todos os direitos de cidadãos em uma grande patria.

«Quarto, foi votada, á custa de ingentes esforços de seus promotores, após encarniçada lucta e porfiada resistencia no parlamento, na imprensa, na sociedade.

« Reflectindo nestas circumstancias, reconhecer-se-ha que a alcunhada « Lei do Ventre Livre » ou Lei Rio-Branco, é a mais importante, a mais fecunda e a mais gloriosa das nossas leis manumissoras.

« Na tremenda peleja contra os adversarios, e chamavam-se elles Paulino de Souza, Andrade Figueira, Ferreira Vianna, Zacharias de Góes, impoz-se a figura magestosa, olympica, para

todo sempre admiravel, do Visconde do Rio-Branco, então vehementemente atacado, calumniado e discutido, e em que n o Brazil, unanime, acclama hoje uma das suas maiores summidades, notavel pelo talento, pelo saber, pelo civismo, pela actividade, pela eloquencia, pelo descortino, o Visconde do Rio-Branco, eximio professor, jornalista, diplomata, estadista, homem em tudo superior e ao qual, para o immortalizar, bastava ter produzido e educado Rio Branco 2°, seu collaborador pelo voto na Camara e pelo debate no jornal, na immensa victoria de ha 38 annos, victoria em que cabe igualmente farta mésse de louros a outro benemerito brazileiro, eminente membro do Instituto, o conselheiro João Alfredo.

« O enthusiasmo irreflectido de um governo revolucionario e provisorio mandou incinerar todos os documentos concernentes á escravidão, documentos que antes nos recommendavam do que deprimiam em face do mundo.

« Não queimou, porém, os annaes do Corpo Legislativo, os fastos da Imprensa, as bibliothecas e, sobretudo, a memoria e a gratidão populares.

« Ahi, em tudo isso, viverá, imperecivelmente, aureolado pela conquista de 28 de setembro, o nome do Visconde do Rio-Branco, como já no bronze vive a sua formosa figura, mui justamente collocada, entre flores, junto ás dos heróes do descobrimento do Brazil.

« Levou em mira o orador, tomando a palavra, não tanto rememorar a evolução abolicionista, como propor que o Instituto se associe ao regosijo publico determinado pelos quatro factos: Publicação da obra de Oliveira Lima, nova edição do *Atlas* do Barão Homem de Mello, convenio sobre a lagôa Mirim, terminação da contenda de limites com o Perú.

« Este ultimo relevante successo encerra alta lição.

« Da mesma sorte que serena e conciliatoriamente liquidámos as nossas questões de fronteiras internacionaes, devemos findar as, porventura ainda subsistentes, entre circumscripções internas do paiz, arredando quaesquer pretextos de desharmonia e desunião.

« *Unir... unir...* bradava Bonaparte na batalha das Pyramides.

« Eis o nosso lemma, o nosso empenho, o nosso ideal, o nosso imprescriptivel programma de cada momento.

« Tudo, historia, tradições, costumes, religião, lingua, condições geographicas, elementos sociaes, tudo no Brazil nos une.

« Não nos separem e descoordenem, não nos debilitem paixões subalternas e despreziveis interesses.

« E' preciso que o brazileiro, nascido no Acre, no Amapá ou nas Missões, na proximidade das Guyanas ou na da Argentina, seja sempre o mesmo, e em qualquer recanto do nosso variado territorio sinta identico amor e dedicação até ao sacrificio por esta immensa patria incomparavel. » (*Palmos, muito bem. O orador é vivamente felicitado.*)

O Sr. Desembargador Souza Pitanga confirma a referencia feita pelo orador do Instituto de haver ainda no nosso paiz o captiveiro dos indios. Lembra o serviço que os selvagens teem prestado em todas as phases de nossa vida nacional e a collaboração efficaz que delles teem recebido todos que os tratam com carinho e que os convencem pelos meios suasorios. Referiu-se aos trabalhos que, na commissão que desempenha, obteve dos selvagens o illustre coronel Silva Rondon, depois de ter sido por elles continuamente hostilizado.

« Termina propondo que o Instituto officie ao Governo no sentido de cessarem a perseguição e o massacre dos indios.»

E' approvada por acclamação a proposta e o Sr. Presidente a envia á Commissão de Ethnographia, sendo incumbido o Sr. Desembargador Pitanga de redigir a representação que o Instituto dirigirá nesse sentido ao Governo.

O Sr. Presidente levanta a sessão ás 9 e 30 da noite, devendo realizar-se a ultima sessão ordinaria, do corrente anno, á 12 de outubro proximo, ás 8 horas da noite.

Gastão Ruch
2º Secretario.

SETIMA SESSÃO ORDINARIA, EM 12 DE OUTUBRO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão do Rio-Branco.

A's 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos Srs. Barão do Rio-Branco, Visconde de Ouro Preto, Barão Homem de Mello, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Coronel Ernesto Senna, Conde de Affonso Celso, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, Dr. Leopoldo de Bulhões, General Dantas Barreto, Major Belisario Pernambuco, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, Coronel Jesuino da Silva Mello, Drs. Orville A. Derby, Norival Soares de Freitas, Alfredo Rocha, B. F. Ramiz Galvão, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello e Eduardo Marques Peixoto.

Não tendo, por justo motivo, comparecido o Sr. Dr. Gastão Ruch, 2º Secretario, o Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente, convidou para em seu logar servir, na sessão, o Sr. coronel Ernesto Senna.

E' approvada a acta da sessão anterior, após ligeira observação por parte do Sr. Desembargador Souza Pitanga.

O Sr. Coronel Ernesto Senna (*servindo de 2º Secretario*) procede em seguida á leitura do expediente constante do seguinte:

— Officio do consocio F. A. Georlette, nos seguintes termos:

Antuerpia, 20 de agosto de 1909 — Exm. Sr. Secretario Perpetuo. — Tenho a honra de accusar o recebimento do officio, de 1 de junho findo, pelo qual se dignou V. Ex. communicar-me que, em sessão de 24 de maio, fui eleito, por unanimidade, e em seguida proclamado socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

«Confesso-me extremamente honrado, e é com a mais profunda gratidão que consigno os meus agradecimentos por distincção de tão alta relevancia, á qual nunca pensei me fosse licito aspirar.

«A minha entrada nessa illustre e mais antiga instituição scientifica do Brazil, na qual as virtudes civicas e o saber reunem a *élite* dos homens de sciencia e dos servidores da patria brazileira, si representa para mim um novo estimulo ao trabalho, significa tambem que não errado andei quando nas minhas conferencias e nos meus despretenciosos artigos de propaganda proclamei sempre a grande generosidade dos meus patricios de adopção.

«Acceitando-me como consocio, apezar dos meus poucos meritos, quizeram effectivamente os Exmos. Srs. membros dessa aggremiação evidenciar e premiar com grande benevolencia e generosidade os esforços com que procurei sempre, tão modesta quão tenazmente, tornar o Brazil mais conhecido nos circulos daqui, pouco affeitos aos estudos ethnologicos e historicos daquelle paiz e que tudo ignoravam delle, a não ser um rudimentar conhecimento do seu commercio, principal e quasi unica preoccupação das espheras industriaes e commerciaes.

«Empenhar-me deste modo a favor de um paiz amado, cujos progressos já se annunciavam extraordinarios, e que havia de conquistar, em pouco tempo, a primazia entre os povos latinos, e tentar destruir legendas espalhadas por escriptores pouco escrupulosos, era para mim tarefa pouco difficil. E aliás, nada mais fiz do que cumprir o meu dever, visto que ha 20 annos me dispensou o Brazil a honra de reconhecer-me como seu filho de adopção.

«Peço venia, pois, para declarar a V. Ex. que me dou por demais recompensado, porque já elogiosos demais foram os termos do diamantino parecer com que o illustre e distincto relator da Commissão de Geographia, o infausto Dr. Euclydes da Cunha, quando, no anno findo, analysou e apreciou, com tamanha benevolencia e generosa criticá, os meus trabalhos apresentados á commissão, para justificar a minha candidatura. já constituiam motivos bastantes de justo desvanecimento e recompensa.

«Uma vez que lembro aqui aquelle valioso nome, seja-me licito tambem consignar, como testemunho de gratidão,

toda a minha magua, toda a minha saudade pelo tragico desapparecimento dessa estrella de primeira grandeza, na litteratura brazileira e no recinto dessa corporação á qual tenho a honra de pertencer.

«Como historiador e geographo, prestou elle ao Instituto Historico e Geographico os mais relevantes serviços. E, pela grande actividade de seu espirito e forte pujança de seu cerebro, promettia prestar ainda maiores. E', pois, uma perda irreparavel que faz a essa corporação a morte daquelle genial escriptor dos *Sertões* brazileiros; e por isso rogo sirva-se V. Ex. acceitar e apresentar aos meus distinctos consocios os mais sinceros e profundos pezames.

«Tenho a honra de subscrever-me, com a mais subida consideração e alta estima, de V. Ex. attento admirador e criado gratissimo.— *F. A. Georlette.* — A S. Ex. o Dr. Max Fleiuss, 1° Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Rio de Janeiro.» — Inteirado.

O Sr. Dr. B. F. Ramiz Galvão pede a palavra e lê o parecer da Commissão de Historia, de que é relator, e relativo ao Sr. Felix Pacheco:

«A obra do Sr. Felix Pacheco intitulada «O Publicista da Regencia», que veiu á luz da publicidade em 1899, por occasião do centenario do nascimento de Evaristo Ferreira da Veiga, é sem duvida um trabalho historico de grande valor e o mais completo que já se escreveu sobre esse brazileiro distinctissimo.

«Seu autor, festejado homem de letras e tambem jornalista, com o auxilio de biographias anteriores e pondo em contribuição documentos novos e ineditos sobre Evaristo, traçou-lhe a vida com fidelidade escrupulosa, alongando-se, como era de justiça, sobre o papel brilhante e decisivo que o modesto redactor da *Aurora Fluminense* desempenhou nos nossos successos politicos de 1827 a 1835.

« Effectivamente aquelle espirito de patriota esclarecido e ponderado assumiu uma preponderancia soberana sobre os partidos apaixonados da época e affrontou todos os perigos que então ameaçaram a nossa estabilidade social.

« Nunca o Brazil passou por crise igual, e só a palavra serena, convincente, imperturbavel do emerito jornalista da *Aurora*, guiada sempre por um extraordinario amor da patria e por uma clarividencia sem par; só essa palavra, já na sua folha que foi um pharol de luz, já na Camara dos Deputados, onde dominou pela força da razão, conseguiu a esplendida victoria de abater, a um tempo, os furores do absolutismo e os desatinos da anarchia, que seriam ambos fatalmente geradores do nosso desmembramento e da nossa ruina.

« Toda essa influencia efficacissima e salvadora do insigne publicista foi estudada pelo Sr. Felix Pacheco com perfeito criterio no excellente livro, que elle offerece como titulo para a sua admissão ao gremio do Instituto.

« O Brazil, de certo, ainda não pagou á memoria de Evaristo F. da Veiga a homenagem de que lhe somos devedores. A estatua do imperterrito jornalista ainda não figura em uma praça desta Capital, como signal da gratidão de seus patricios e modelo offerecido á imprensa politica de todos os tempos. Seria para desejar que nos lembrassemos de pagar esta divida de reconhecimento áquelle que, na phrase de Octaviano, foi « o pae, o mestre, o guia dos nossos estadistas mais illustres ». Emquanto não chega esse dia de justa glorificação, o livro do Sr. Felix Pacheco é o mais bello preito prestado pela geração hodierna ao immortal redactor da *Aurora Fluminense*. Elle é digno de abrir as portas do Instituto ao joven e talentoso escriptor, de quem a Patria muito espera.

Sala das Commissões, 12 de outubro de 1909. — *B. F. Ramiz Galvão.— Visconde de Ouro Preto.— Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho.*

— Vai á Commissão de Admissão de Socios, relator, o Sr. Dr. Leopoldo de Bulhões.

Procede-se em seguida á votação do parecer, lido na ultima sessão, e relativo ao Dr. Ernesto Antonio Lassance da Cunha.

O parecer é approvado por unanimidade de suffragios e o Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente, proclama socio correspondente do Instituto o Sr. Dr. Ernesto Antonio Lassance da Cunha.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) lê o projecto de orçamento para o anno de 1910 e o parecer, a respeito emittido, pela Commissão de Fundos e Orçamento, concebido nos seguintes termos :

«A Commissão de Fundos e Orçamento pensa que a proposta do Exmo. Sr. Secretario Perpetuo merece ser approvada, e louva a economia realizada sobre as anteriores, Rio, 10 de outubro de 1909. —*Ouro-Preto*, relator.— *Jesuino da Silva Mello*. — *Belizario Pernambuco*.

O parecer é approvado unanimemente.

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*), communica achar-se na Secretaria o Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, socio correspondente, eleito em 24 de outubro de 1902, e que agora vem tomar posse.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*), designa os Srs. Secretarios para introduzil-o no recinto.

Dá entrada e toma assento o Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) dirige-lhe as saudações do Instituto, declarando achar-se este certo da cooperação efficaz e illustre que ao Instituto virá trazer o novo socio.

Pede em seguida a palavra o Sr Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada que pronuncia o seguinte discurso :

« Exmos. Presidente e Senhores:— A gratidão, riqueza da indigencia, é o primeiro sentimento com que attendo ao convite para participar, comvosco, dessa herança opulenta accumulada em setenta annos de estudo, no interesse da patria historia.

« Acceito, guardo e venero o diploma, que me conferistes, de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ; mas, asseverando-vos, sem fingida timidez, que meu reconhecimento é do tamanho da vossa generosidade, animo-me a dizer-vos que, sendo bons, muito bons para commigo, não fostes, no emtanto, patrioticamente originaes. O pouco que hei produzido na vasta republica das letras e o nada no imperio estreitissimo do merito, á margem do meio provincial que me coube padecer, absolutamente não dilucidam a liberalidade do

vosso suffragio ; explica-a, sim, esclarece-a, porém o caridoso desejo que teve o Instituto Historico e Geographico, maior e mais privilegiado depositario das tradições brazileiras, de renovar com uma familia, cuja notoriedade sempre encontrou em mim a antithese mais expressiva, essa clemente alliança pactuada em 1823, quando a dissolução da Assembléa Constituinte e o madeiramento pôdre da *Luconia* entregavam ás incertezas do militarismo e aos azares do oceano os vacillantes destinos da democracia nacional. (*Muito bem.*)

« Tambem os nomes *habent sua fata*, e que a sorte do que me opprime com o peso de sua responsabilidade é alcançar asylo na vossa protecção, demonstram-me nesta hora, a mais intellectualmente feliz de minha existencia publica, as reminiscencias que se acatadupam em minha memoria commovida, sensibilizada. Invadem-na, em uma procissão de benemerencias, Bahia duas vezes diplomando um velho exilado, Minas Geraes outorgando mandato a professor recemvindo do carcere, e Pernambuco apontando a um sol no occaso o merecido repouso na Siberia parlamentar.

« Precedentes tão magnanimos bem estimulam, nesta solennidade que os imita, o parallelo habitual de minha consciencia com a verdade no aviamento de algumas modestas ponderações.

« Circumstancia prolongadamente interessante, Senhores, e cujos iterados aspectos, certo, jámais escaparam ao alcance de vossa perspicacia : á proporção que esses retirantes paulistas grangeiavam acolhimento na benignidade brazileira, os nossos patricios septentrionaes, calmos, resolutos, retirantes por seu turno, como que repetindo com civilizadas modalidades aquella descida tupy que, seculo antes da descoberta, enxotára o tapuya para o interior (1), demandando as campinas de Piratininga, mesclando-se aos factores anthropologicos ahi incipientes, nelles influindo graças á energia no trabalho agricola e á pericia nas gratificações lateraes, ora promovendo e ora reprimindo rusgas motineiras, mas sempre chefiando grupos, sempre se preemi-

(1) Gonçalves Dias.

nenciando monetariamente : injectaram no organismo paulista essa confiança no futuro e essa pertinacia contra o pessimismo, que nos tranquillizam na luta da vida, socegando-nos na conjectura de desastres e facilitando ao nosso erario, na phase accentuadissima do industrialismo hodierno, um debito-credito, vinte vezes comparavel á sua receita annual ! (*Riso*.)

« Não temos, nós os paulistas — e quanto a confissão me tortura ! — não temos no nosso espolio de glorias, pyramides intellectuaes a inventariar.

« Dous agitados seculos de gerações bandeirantes recusaram á nossa historia a revelação de qualquer obra de arte ; nossos dias coloniaes desconheceram associações de pensamento ; cruzes signatarias atopetavam nossos papeis publicos ; não tivemos cancioneiro ; nem um neologismo inventámos. A laboriosa *Nobiliarchia*, de Pedro Taques, e o poemeto de João Floriano, *Vida de S. João Nepomuceno*, quiçá prudentemente desapparecido, em vantagem do proprio santo, (*riso*) valem até agora as poucas e debeis attestações de que nesse longo percurso do passado paulista, homens e letras nem sempre reciprocamente se ignoraram.

« A exiguidade, porém, com que a natureza nos maltratou na partilha dos dotes immateriaes, deparou com uma dessas compensações, que o sarcasmo analytico de Beulé classificava entre as ironias vingadoras, possivelmente advertindo haver o inca, sem a fraternidade do alphabeto com o progresso, apparelhado invejavel civilização, dispondo até de gnomons para indicar os solsticios ([2]), e lembrando, provavelmente, como franco-gaulez eminente que era, terem sido mais que duvidosas as relações directas de Carlos Magno com as letras, sem que por isso lhe negassem pacata obediencia a capacidade larga de Alcuino e a erudição restauradora de Theodulfo.

« Nem só de pão vive o homem, doutrinava a antiga sabedoria semita, mas sem pão ninguem vive ; e, mais ou menos ligados á civilização do trigo ([3]), depois de assegurar, pela ex-

---

[2] Draper.
[3] Buckle.

pansão territorial, um Brazil grande a Brazis principiantes, iniciámos, no valle fertillissimo do Tieté, esse estupendo serviço de agricultura que offereceu o assucar e superproduz o café para as necessidades mundiaes da troca, amparando duplamente a solidez do nosso credito e a relativa necessidade do nosso orgulho. Sem o peccado bairrista, de que já me penitenciei independentemente, posso, illustres consocios, perguntar-vos: quem mais do que o paulista, no conjuncto brazileiro, concorreu para os fundamentos dessa patria, que o Instituto Historico e Geographico estuda e conhece em suas origens, no desdobramento de seus problemas, na elucidação perduravel de suas lutas?

« De suas lutas, proferi-o propositalmente. Lição perenne pela variada narrativa dos soffrimentos, das desgraças e das venturas alheias ([4]), a Historia é tambem um campo de batalha. Tambem os mortos combatem. Cinzeladas pela justiça emancipada da proximidade dos acontecimentos, quantas estatuas surgem! Feridos pela critica, catapultados por novas documentações, quantos idolos se esboroam! E ella, a Historia, sacerdotiza da moral, metropole da philosophia, contribuinte inevitavel de todos os conhecimentos humanos, pois perpetúa-os na área que, unica, realmente existe — o passado: á sua labuta indagadora, tençoeira, sequentissima, devemos nós, os bimanos, o polymillenario predominio adquirido e conservado na superficie do planeta. Eliminae-a, e insignificada ficará a palavra civilização.

« Particularisemos. Aqui vos reunistes pela primeira vez, quando, tresmalhados, desvenerados no animo publico, os corollarios da incoherencia mental de Diogo Feijó e os resquicios da sinceridade complicada de Evaristo da Veiga começavam a tolerar que o Brazil retomasse aquelle rumo organizador, que os estadistas de 1822 haviam scientificamente delineado. Aqui vos congregastes numa das mais determinantes occasiões de nossa vida de povo livre: dum lado, a enormidade engenhosa de Bernardo de Vasconcellos, cogitando de fechar o cyclo dos motins triumphantes, recemfundava o consistente partido con-

---

[4] Deodoro.

servador, apotheosava a ordem, legislava a lei; de outro repercutidamente, vozeavam as esperanças do paiz em torno á maioridade daquelle, cujo reinado de meio seculo, heterogeneo de bondade, de patriotismo, de competencia, se fundiu nos nossos annaes, corporificando-se á nossa estructura nacionalizada como, na epopéa camoneana, o potente Adamastor se convertera nesse promontorio que aos vindouros transmittiria o genio da raça e as glorias da patria! (*Muito bem*; *muito bem.*)

« Depois... Homens, idéas, programmas, partidos, propagandas, reformas, evoluções e revoluções: que variedade de espectaculos! Quanto bulicio social nesse periodo que viu quadruplicada a nossa população, rasgada a Serra do Mar pela intrepidez consciencioso da nossa engenharia, abertos nossos maiores rios aos incentivos do commercio, libertadas duas nações pelas baionetas dos nossos bravos; alteradas, que não mudadas, nossas instituições internas, mas continuada, sustentada, aclarada mesmo, a trajectoria dos nossos direitos nas apaixonadas alternativas da politica externa!

« Fóra daqui, quanta impermanencia! Quanta estabilidade aqui! Surgiam, chocavam-se lá fóra, a lei de 3 de dezembro, a suppressão do trafico, a conciliação dos partidos, a crise bancaria, a liga progressista, a libertação do ventre, os regimens eleitoraes, as parodias do parlamentarismo inglez aprofundado em citações francezas (*riso*); e firme, constante no feitio do seu nascimento, solido na sua indole, conservando o mesmo idéal e a mesma respeitabilidade, o Instituto Historico foi o que é, é o que foi. Seu passado é a sua actualidade. Nunca escorregou do dever pelos degráus da conveniencia. Nunca abriu as portas á mentira do voto. Seu ambiente é a serenidade das convicções reflectidas. Aqui se estuda. Aqui o trabalho existe e persiste; daqui se originou essa encyclopedia da historia nacional, authenticada por setenta e um volumes, de tal autoridade scientifico-literaria que, sem a minima hesitação, occorre de momento a qualquer pesquiza relativa aos interesses da patria.

« Setenta e um volumes. Li-os demoradamente, annotadamente. Devo-lhes muito. Nelles e com elles methodizei noções

generalizadas, subordinando-as a pontos de vista que me eram sympathicos, nelles e com elles satisfiz ás exigencias, quasi todas, que o caso brazileiro apresentava á minha curiosidade, entendendo e recompondo a marcha da sua filiação nos successos da Republica Occidental.

« Vi o tartaro, no accidente sanguinolento de Ancyra, suspendendo o assedio em que o ottomano puzera a Europa melhorada no auge da Renascença ; vi e comprehendi o bloco ibero, respondendo tardiamente, mas respondendo ao *quid moror ?* de Tibullo, expedir Côrte-Real para o norte, Gama para o oriente, para o oeste Colombo, Cabral e Magalhães para o sul ; e ajuizei e medi as dimensões do patrimonio que o facto do descobrimento confiara á guarda e á defensa do grupo humano que houvesse de occupar a extensão de nossas plagas, e ahi sociologicamente se desenvolvesse.

« Que fizemos de e por esse patrimonio ? Responda á *Revista do Instituto* ; custodiámol-o com a tenacidade do proprietario vigiando a entrada da casa e a honra da familia ; repellimos o invasor da zona frigida ; assimilámos o aborigene, adaptámos o ethiope, e, forros desse prejuizo das raças a que o verniz do gobinismo tolamente emprestava mascara de sciencia ([5]), apresentamo-nos ao mundo pensante como um incidente de hontem, um factor de hoje e um centro de amanhã.

« Nossas prendas avultam obscurecendo nossos defeitos.

« Nosso passado, adorna-o um exame de singularidades bôas.

« A insegurança dos mares — desembaraçando-nos da frequencia da metropole, libertando-nos da longa noite da theologia inquisitorial, descentralizando alguns officios de justiça, estabecendo esses honestos processos em residencia que effectuavam a responsabilidade dos altos funccionarios e, o que mais apadrinhava o individuo contra o arbitrio, nelles entretinham o receio della — proporcionou-nos, excitou-nos, exercitou-nos a vocação para essa autonomia municipal que se enredou aos nossos costumes desde os primordios coloniaes, gerando no Brazileiro essa

---

[5] Finot.

altivez individual, que tão coincidentemente reune a aristocracia do esforço á nossa tradicional democracia das instituições.

« O Brazil é já alguem de valor inilludivel na familia dos povos. Licitamente, generosamente ajustou suas contas ao deixar o tecto paterno. Havia-lhe o choque hollandez provocado os primeiros assomos de soberania (6) ; Guararapes foi-lhe puberdade ; maioridade, o Ypiranga ; perturbaram-no, na Regencia, as naturaes extravagancias do adolescente quasi adulto ; entregou-o, porém, o segundo reinado á utilissima reivindicação do juizo. E em Haya, recentemente, pagou e conseguiu com difficuldade, porém sem favor, a confissão universal do seu merecimento, graças á habilidade talentosa e ao descortino genial desse esplendido especimen humano que é, por um excellente concurso de unanimidades, o presidente eleito do Instituto Historico e o presidente acclamado da alma nacional. (*Palmas prolongadas.*)

«A elle, cuja modestia voluntariosamente desrespeito com a mesma justificada e reclamadora vehemencia com que, romano eu fosse, teria victoriado Metello em Creta e applaudido Lucullo na Galacia ; ao seu companheiro director, esse que nos vice-preside com a superioridade patriotica de quem quanto mais soffre pelo Brazil mais brazileiro fica (*muito bem*; *palmas*) e que, na eloquente exclamação de um seu joven adversario (7), patenteia o mais completo exemplar do brio, em réplica aos revezes e ás oscillações da carreira politica ; aos seus dois immediatos em directoria : um que, como mestre, escreveu e como administrador fez historia ; outro que une ao cultivo das musas a consciencia do jurisconsulto ; a todos que me escutam : meus agradecimentos pela paciencia com que estão ouvindo e perdoando trechos desconnexos de discurso forçosamente dissonante de uma solennidade cuja imponencia, por mais conhecida que me fosse a proverbial cortezia do Instituto, o justo conceito que de mim faço, impedia de prevêr e merecer.

«Exmos. Presidente e Senhores: traduzo os vossos intimos sentimentos, innocentando-me de haver desobedecido ás vossas

(6) Capistrano de Abreu.
(7) Castro Pinto.

praxes. Falei-vos muito. . . Engano! Falei-vos da Patria, e della tudo quanto se diz é sempre pouco. (*Muito bem.*)

«Póde-se admirar a magnificencia das outras cidades, mas ninguem ama senão a cidade onde nasceu (8). Verdade axiomatica na natureza humana, esse amor é indestructivel, é permanente em todos os estadios da existencia, em todas as idades, em todas as condições. E' o moço Byron, comparando a terra estrangeira a uma vasta prisão onde só se respira o envenenamento e a morte. E' Ulysses trocando a immortalidade por um tumulo. E' Pedro de Alcantara repousando eternamente em um punhado de terra brazileira, a cabeça em que concentrara cincoenta annos de preoccupações patrioticas. (*Muito bem.*)

«Falei-vos da Patria: sei que nenhum outro discurso mais directamente conduziria meu agradecimento á vossa generosidade. Falei-vos da Patria para, perorando, muito categoricamente vos declarar aqui, no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no Instituto, mestre do passado e sentinella dos destinos do paiz, que, quanto mais estudo, quanto mais medito, quanto mais envelheço, tanto mais confio no porvir, no progresso e na estabilidade da Patria Brazileira. (*Muito bem; muito bem.*)

«Seja esta affirmativa predominante, seja esta a idéa substancial do meu discurso. E asseguro-vos, com a tranquilla autoridade de ex-professor de rhetorica, que a oratoria seria o melhor dos mundos possiveis si cada discurso pudesse ter, pelo menos, uma idéa.» (*Applausos prolongados. O orador é vivamente felicitado.*)

Tem em seguida a palavra o orador do Instituto, Sr. Conde de Affonso Celso.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que depara em qualquer occasião motivo de jubilo ao Instituto o recebimento de um novo consocio, pois jámais é este uma vulgaridade.

« E' sempre alguem que se recommendou por algum trabalho attinente á geographia, á historia, ás cousas patrias; alguem de intelligencia, applicação, patriotismo, merecimento, e alguem escolhido mediante processo de escrupulosa selecção.

(8) Luciano.

« Sobe naturalmente de ponto o regosijo do Instituto, em se tratando do portador de um nome historico, de um nome que já pertence á Casa, que já lhe allumia os annaes, que desperta saudades e esperanças, visto reatar antigas e honrosissimas tradições.

« O recipiendario que acaba de ser calorosamente applaudido pela avultada e conspicua assistencia, chama-se dignamente, merecidamente, galhardamente, Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

« Não precisa o orador encarecer a valia deste nome, ante uma associação, como o Instituto, que cultiva a historia nacional. *Tanto nomini nullum per elogium*.

«Na imprensa já sustentou o orador que quem quizesse escrever a historia contemporanea do Brazil, segundo o methodo preconizado nos livros de Carlyle, isto é, traçando a biographia das summidades e dos heróes, não teria mais do que narrar a vida dos Andradas.

« Ha cerca de seculo e meio que os Andradas insignemente se destacam no serviço do Brazil.

« Sob quatro illustres Braganças, D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II e Isabel, a Redemptora, assignalam-se pelo menos seis notaveis Andradas: José Bonifacio I, Martim Francisco I, Antonio Carlos, Martim Francisco II, José Bonifacio II, Barão de Aguiar Andrada e Martim Francisco III.

« José Bonifacio I é o seculo XVIII, o periodo colonial, a invasão napoleonica, a Independencia, a Constituinte, o 7 de abril, a Regencia.

« Martim Francisco I é a sciencia no fim daquelle seculo e no começo do XIX, a organização provisoria de S. Paulo, depois da revolução portugueza de 1820, a situação financeira do inicio, quer do primeiro, quer do segundo imperio.

«Antonio Carlos é a magistratura da colonia, a revolução pernambucana de 1817, a reunião das côrtes em 1821, a Maioridade.

« Martim Francisco II é a guerra do Paraguay, durante cuja phase mais aguda regeu elle duas repartições ministeriaes, a dos Estrangeiros e a da Justiça.

«José Bonifacio II é o parlamentarismo, é a abolição.

« O Barão de Aguiar Andrada é a diplomacia brazileira no Rio da Prata, no Chile e nos Estados Unidos, essa diplomacia cuja superioridade confessam os seus proprios adversarios, essa diplomacia que teve a seu serviço S. Vicente, Paraná, Saraiva, Octaviano, Cotegipe, Rio Branco I e vê hoje á sua frente quem, sem exageros, nem lisonja, inaccessivel ao orador, por seu caracter e notoria attitude politica, póde ser considerado o mais admiravel Ministro das Relações Exteriores do mundo actual, o maior diplomata vivo. (*Attenção geral*; *palmas prolongadas.*)

« Refere-se o orador ao Barão do Rio-Branco, o qual sobrelevando o general thebano que apenas deixava duas filhas immortaes — Leuctres e Mantinéa — deixa, na mais modesta enumeração, cinco victorias, cada uma sufficiente, por si só, a perpetuar uma nomeada : Missões, Amapá, Acre, lagôa Mirim, Convenio de Limites com o Perú,— ao que se póde accrescentar a visita de Root, a designação do Rio para séde do 3° Congresso Pan-Americano e a conferencia de Haya, sendo que o vencedor de tantas campanhas se acha em plena actividade, muito ainda devendo alcançar em beneficio do Brazil.

« Quanto a Martim Francisco III, diz o orador, é elle, especialmente, a propaganda republicana, a administração de São Paulo sob o novo regimen, a corrente pejorativamente denominada «sebastianista», mas que, significando a fidelidade aos vencidos e a confiança no idéal proscripto, concretiza bellissimos movimentos de consciencia politica.

« Presentemente, ha um Andrada prestando serviços no Acre, outro na Camara dos Deputados Federaes, outro prestigioso chefe politico em Minas.

« Os Andradas são, portanto, culminancias da nossa orographia espiritual ; « palmeiras ufanas dominando os topos da floresta espessa», conforme a estrophe de José Bonifacio I, gravada no supedaneo do monumento cabralino; são uma dessas familias, cujos talentos e virtudes constituem verba inestimavel do thesouro moral de um povo, familias consulares na Roma antiga, familias papalinas na Roma medieval, familias genuinamente principescas, com titulos, fóros, brazões, melhores do que os

de muitas dynastias, e que, em toda a parte, nas monarchias como nas republicas, se impõem ao respeito, ao desvanecimento, á gratidão populares.

« Martim Francisco III sahiu aos seus.

« Desde adolescente, dedica-se á historia patria.

« Em 1875, ainda estudante, publicou interessante monographia — *Os Precursores da Independencia.*

« Deputado provincial, deputado geral, presidente da provincia, advogado, jornalista, sempre, em tudo se realçou.

« Desligou-se da monarchia, nos ultimos annos do Imperio, e, cunhado, amigo, companheiro de escriptorio de Silva Jardim, efficazmente o coadjuvou na propaganda republicana.

« Licito lhe era a tudo aspirar, em a nova ordem de cousas.

« Idoneamente, por algum tempo exerceu o cargo de secretario de Finanças de S. Paulo.

« Mas, um dia, com a alta lealdade, absoluto desinteresse e intemerata franqueza que o peculiarizam, volveu a militar nas perseguidas fileiras dos que propugnam as instituições organizadas em nossa terra pelo primeiro José Bonifacio e por este até á morte defendidas, a despeito de tantos sacrificios e decepções.

« Tem dado a lume Martim Francisco III numerosos escriptos, attestadores de uma erudição philosophica e historica, de uma capacidade dialectica realmente admiraveis.

« Nenhuma penna sobreleva hoje á delle em novidade, bizarria e scintillação.

« Prova : Em *Guararapes*, *Patria Morta*, *1832*, *Dous Almirantes*, e outros primores de engenho e estylo, caracteristicos de uma individualidade em que ha predicados de Paul Louis Courier, Paul de Cassagnac e Henri Rochefort, valorizados por um fundo de vero catonismo, luminosamente coloridos de vehemencias de Tacito e Juvenal.

« Dous factos typicos em sua carreira politica :

« Presidente de provincia sob o Imperio, fez politica, fez administração com os habituaes desassombro e operosidade.

« Ao retirar-se, ambos os partidos então degladiantes e partidos com programmas, methodos, interesses antagonicos, par-

tidos que reciprocamente não se poupavam, e feriam genuinas batalhas eleitoraes, ambos os partidos irreconciliaveis, uniram-se um momento para numa representação pedir que elle se demorasse á testa do governo.

« Ministro da Fazenda de S. Paulo escreveu em documento official : «Afim de que este Estado satisfaça todos os seus paga-«mentos e compromissos, precisa apenas do tempo indispensavel «para contar o dinheiro. »

« A phrase celebrizou-se, mas não foi contestada, porque exprimia fielmente a verdade, naquella occasião.

« Naquella occasião, porque hoje, infelizmente (e o orador o assevera perante o seu prezado amigo e competentissimo gestor das finanças da União, o Dr. Leopoldo de Bulhões), porque agora a phrase só com reservas, muitas reservas, muitissimas reservas, poderá ser applicada a qualquer circumscripção do Brazil (*riso*), o que, aliás, não nos deve desanimar, visto como a esperança, entre nós é, além da uma virtude christan, uma obrigação civica.

« Em Martim Francisco III, accresce a bondade ao nivel da intelligencia e da cultura.

« Casos de sua vida domestica, que indiscreto seria desvendar, demonstram que elle pensa pelo coração, um desses corações perante os quaes o homem que apenas se inclina em face do talento sente, não raro, vontade de ajoelhar-se.

« Invocando essa bondade, pede venia o orador para amistosamente contradictar um trecho do substancial e formoso discurso com que Martim Francisco acaba de angariar a geral admiração.

« Afigura-se ao orador que não se rendeu ahi inteira justiça á cooperação de S. Paulo no progredimento e no lustre do Brazil.

« Em verdade, planicie raza, sem impressionantes accidentes e relevos, se nos desdobra a historia patria.

« Alteam-se-lhes, porém, não poucas pyramides — na phrase de S. Ex. — e construidas por paulistas.

« Uma região que produziu estadistas como Alexandre de Gusmão, Feijó, Pimenta Bueno, Paula e Souza; artistas como Ramos de Azevedo, Almeida Junior, Nicolina de Assis, Carlos Gomes ; poetas como Alvares de Azevedo, Paulo Eiró, para uni-

camente citar dois mortos; publicistas como Eduardo Prado; homens de guerra como o barão de Jaceguay; homens de futuro das lettras, como Waldomiro e Agenor Silveira, para sómente lembrar dois companheiros de Martim Francisco; terra de Bartholomeu de Gusmão, o precursor de Augusto Severo e Santos Dumont, que elevaram ao infinito espaço, acima dos individuos e das nações, a fama do Brazil; uma região que apresenta uma constellação assim rutilante (e quantos astros omittidos!) uma região dest'arte benemerita, opulentou sem duvida, tanto como as outras, ou mais que as outras, o espolio de glorias nacionaes.

« Basta-lhe para a preeminencia o haver produzido os Andradas.

« Inexprimivel a satisfação do Instituto ao acolher um genuino Andrada, ha annos eleito, um Andrada poeta, como José Bonifacio I, José Bonifacio II, e Martim Francisco II; orador, como Antonio Carlos e José Bonifacio II; scientista, como Martim Francisco I; possuidor das qualidades que a todos os legendarios Andradas exornaram — independencia, honradez, coragem civica, ardente, esclarecido, modelar patriotismo.

« Mais do que grande gala, celebra-se hoje no Instituto effectuosa festa de familia intellectual.

« Sorriem contentes os antepassados, e todos os consocios vivos estendem os braços, em cordial effusão, ao recem-vindo, exclamando: Por que tardastes tanto! Tinheis de ha muito um logar reservado em nosso convivio, *par droit de conquête et droit de naissance!* » *(Palmas ; applausos prolongados.)*

Pede depois a palavra o Sr. Coronel Jesuino da Silva Mello, que lê o seguinte trabalho de sua lavra: « Primordios do Rio de Janeiro (Boqueirão da Praia Vermelha e Praia das Saudades.). »

Levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Ernesto Senna
Servindo de 2º Secretario

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 71º ANNIVERSARIO EM 21 DE OUTUBRO DE 1909

Presidencia do Sr. Barão do Rio-Branco

A's 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão, com a presença do Sr. Dr. Nilo Peçanha, Presidente da Republica, e dos seguintes consocios: Barão do Rio Branco, Visconde de Ouro-Preto, Barão Homem de Mello, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch, Conde de Affonso Celso, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, Padre Julio Maria, Drs. José Americo dos Santos, Lassance Cunha, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Antonio Jansen do Paço, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Joaquim Xavier da Silveira Junior, Alfredo Rocha, José Carlos Rodrigues, Orville A. Derby, Norival Soares de Freitas, João Luiz Alves, Eduardo Marques Peixoto, Jesuino da Silva Mello e Arthur Indio do Brazil, Generaes Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e Emygdio Dantas Barreto, Coronel Ernesto Senna, Major Belisario Pernambuco e Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.

O SR. BARÃO DO RIO-BRANCO (*Presidente*) profere o seguinte discurso:

« Meus senhores, — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no anno social que hoje se encerra, septuagesimo primeiro da sua fundação, esforçou-se, quanto podia, para, honrando o seu passado, merecer a continuação do favor publico que de tanto incentivo lhe tem sido sempre. Foram lidos em sessão varios trabalhos interessantes. A *Revista*, cuja publicação, por motivos independentes da nossa vontade, andava atrazada, ficou em dia, formando hoje uma preciosa collecção de setenta e um tomos, divididos em mais de cem volumes. Terminou-se o novo catalogo da nossa bibliotheca, cada vez mais frequentada pelos estudiosos, cujo numero tem avultado consideravelmente. Todos os serviços da Secretaria e Bibliotheca

puderam ser executados com a mais perfeita regularidade e promptidão.

« Como de costume, lerá hoje a exposição particularisada do trabalho annual do Instituto, o nosso digno e zeloso Secretario Perpetuo ; e, logo após, virá o elogio historico dos consocios que tivemos a desgraça de perder, magistralmente produzido pelo nosso eloquente Orador, com o talento e raras qualidades de coração que são já notorios e tanto nos habituámos a prezar e applaudir.

« D'entre os de que a morte privou a nossa companhia, contaram-se quatro socios nacionaes : o emerito parlamentar Gomes de Castro, uma das mais bellas glorias da tribuna politica neste paiz ; o laborioso botanico e explorador de rios na Guyana Brazileira — Barbosa Rodrigues ; o nosso Presidente honorario Affonso Penna, a quem, em outra occasião, neste mesmo recinto, pude prestar a mui sincera homenagem do meu reconhecimento e admiração de brazileiro ; e, por fim, o festejado escriptor, intrepido explorador do Alto Purús — Euclydes da Cunha, que tanto promettia enriquecer ainda a nossa litteratura, victimado no vigor da idade, numa terrivel tragedia, como homem de delicado pundonor que sempre foi, e cuja pureza de sentimentos e alto valor intellectual pude conhecer de perto nos breves annos de convivencia, em que me coube a fortuna de o ter por companheiro de estudos, de trabalhos e de esperanças patrioticas.

« Quatro socios de provado merecimento vieram preencher as vagas abertas, e estamos persuadidos, nós os antigos nesta casa, que, com a dedicação sempre vivaz nos novos, hão de contribuir poderosamente para dar ao nosso gremio mais robustez e actividade.

« Senhores. Permitti-me consignar aqui um facto occorrido durante o anno, com especial luzimento e grande proveito para o paiz, qual foi o Primeiro Congresso de Geographia do Brazil, promovido pela nossa irmã, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, preeminentemente dirigida pelo Marquez de Paranaguá, nosso venerando Presidente resignatario.

«E creio não ser tambem descabido mencionar na presente circumstancia a noticia, sem duvida particularmente agradavel para este Instituto Historico e Geographico, noticia divulgada ha pouco mais de um mez, de que mui provavelmente antes do fim do corrente anno, ficarão determinadas todas as fronteiras do Brazil, se, como é de esperar, os ajustes assignados e por assignar merecerem, no nosso e nos outros paizes interessados, a approvação dos poderes competentes.

«Entre esses actos, um haverá que, não tendo precedente na Historia pela sua espontaneidade e grandeza, mais ainda ha de elevar o bom nome da nação brazileira no conceito universal, acto esse, que, por antecipação, o Instituto já sanccionou com a sua autoridade incontestavel, fazendo, por votação unanime, inserir em uma das suas actas a promessa solennemente feita a tal respeito na Mensagem Presidencial de 3 de maio ultimo.

«Quando estiver de todo estabelecida, sem mais contestação possivel, a nossa dilatada divisa territorial, desde a bacia do Amazonas até ao Quarahim e Lagôa Mirim, ficaremos com mais liberdade para levar por deante, tão energicamente como convém, a magna e urgente empreza do povoamento dos nossos sertões, e, desassombrados das complicações e perigos que por vezes nos trouxeram as antigas e irritantes questões de fronteira, poderemos, com mais facilidade e melhor successo, proseguir no nosso constante e firme proposito de estreitar, cada vez mais, relações de amizade e boa vizinhança com as numerosas nações que nos cercam.

«O resultado a que vamos assim chegar é obra de varias gerações. Foi primeiro aqui, no recinto do nosso Instituto, desde 1839, graças aos trabalhos dos seus mais illustres membros, como o Visconde de São Leopoldo, o Visconde de Porto-Seguro, o Barão da Ponte Ribeiro, o Dr. Joaquim Caetano da Silva, e foi tambem no antigo Conselho de Estado do Imperio, ou no retiro dos seus gabinetes de trabalho, que os Viscondes do Uruguay, de Sepetiba, de Maranguape e do Rio-Branco, o Marquez de São Vicente e outros estadistas illustres, procuraram, como aquelles seus predecessores, apurar cuidadosamente os nossos titulos de

propriedade e conseguiram assentar sobre base solida, escolhida, antes de 1750, pelo nosso grande Alexandre de Gusmão, a defesa dos direitos do Brazil, creados pelo genio emprehendedor dos nossos antepassados.

« Para que esses direitos pudessem prevalecer era, porém, indispensavel que muitos outros esforços se produzissem successivamente e que a acção lenta do tempo fosse conseguindo moderar e reduzir as pretenções dos nossos contendores de boa fé, chamando-os á calma e á reflexão e quebrando, pouco a pouco, as intransigencias do primeiro e largo periodo das negociações por vezes entaboladas, durante as quaes, então como agora, o Governo Brazileiro mostrou sempre o mais franco espirito de conciliação e liberalidade, em que peze aos nossos incorrigiveis diffamadores no estrangeiro, que sempre assentaram as suas infundadas accusações sobre um pacto da época colonial que conhecidos acontecimentos haviam tornado perfeitamente invalido.

« Tenho, portanto, o mais vivo prazer em relembrar neste momento os nomes daquelles nossos benemeritos consocios e ainda,— para só fallar nos mortos — os do Barão de Japurá, Barão de Cotegipe, Lopes Netto, Nascentes de Azambuja, Candido Mendes de Almeida e Visconde de Cabo Frio, que todos foram collaboradores da laboriosa tarefa prestes a chegar ao seu termo, e todos fizeram parte do nosso Instituto.

« Sr. Presidente da Republica. Como quasi todos os chefes de Estado que tem tido o Brazil, desde o Imperador D. Pedro II, de saudosa memoria, dignou-se V. Ex. de honrar com a sua presença a nossa tradicional festa anniversaria e, como todos elles, sem excepção, não quiz deixar de favorecer esta já antiga e util instituição com o poderoso auxilio das suas patrioticas animações e intelligente amparo. Em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no meu nome e no de todos os meus collegas, apresento a V. Ex. os nossos mais respeitosos agradecimentos por tão elevada honra e distincção.

« Está aberta a sessão.» (*Palmas prolongadas.*)

Tem depois a palavra o Sr. Max Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*), que lê o seguinte relatorio:

« Exms. Srs. Presidente da Republica, Presidente do Instituto, Illustres Consocios.

« Pela quarta vez, cabe-nos a honra de offerecer ao vosso elevado criterio o relatorio sobre as occurrencias do anno social do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Não é sem desvanecimento que o fazemos, pois as condições da nossa antiga e provecta associação se apresentam cada vez mais animadoras, pela repercussão do justo conceito em que é tida no mundo intellectual e pelos serviços, modesta, mas assidua e efficazmente prestados aos que a procuram.

« Razão tinha o nosso inolvidavel secretario perpetuo Januario da Cunha Barbosa, quando na sessão magna de 1840, disse: «O Instituto começou e prosegue como esses rios que, « absolutamente pobres em sua origem, engrossam a sua corrente, « recebendo o feudo de infinitos regatos que, depois de algumas « leguas de curso, o tornam magestoso e pujante.»

« A pertinacia na dedicação, a sabia norma, jámais aqui transgredida, de conservar, melhorando sempre, o accentuado e indispensavel apoio dos poderes publicos, foram e são os elementos constitutivos do nosso bem-estar, proporcionando-nos o restabelecimento de serviços utilissimos, empreza esta que nos coube a ventura de reencetar, depois de largo periodo de estagnação, em que o Instituto viveu dos louros colhidos, contentando-se em guardar os preciosos thesouros já accumulados.

« Mas — guardar sómente — não era tarefa unica para uma instituição desta ordem.

« Guardar, sim, com zelo, com methodo, mas ampliar o acervo, era o que se impunha, é o que temos felizmente feito.

« Como bem disse, em seu admiravel discurso de posse, o nosso inclyto Presidente actual, relativamente aos tres primeiros seculos da formação da nacionalidade brazileira, ha grandes lacunas e muito a pesquizar ainda.

« Os novos documentos que adquirimos pelas cópias nos archivos portuguezes são factores para levar a bom resultado esse *desideratum*.

« Seria para o Instituto de extraordinaria vantagem si, além dos copistas já contractados, pudesse ter na antiga metropole quem se incumbisse da direcção desses trabalhos, fazendo-o, porém, com o intuito de servir principalmente ao Instituto e não priorisando o interesse pessoal, mesquinho no caso.

« E, para proval-o, recordaremos os quatro mezes de permanencia em Portugal do nosso consocio Dr. Norival Soares de Freitas, que criteriosamente organizou esses serviços, repellindo as propostas só dictadas pela ambição do lucro pecuniario, firmando ajustes, cujos corollarios ahi se acham para testemunhar, de modo eloquente, o seu beneficio.

« Logo que as circumstancias permittam, pediremos ao nosso Presidente a volta áquelle paiz, embora por algum tempo, do distincto collaborador, a quem o Instituto merecidamente abriu as suas portas.

* * *

« Correu placido o anno de 1909, e essa calma nos é vitalmente necessaria.

« Não é o Instituto uma arena de discussões calorosas, nem o posto cobiçavel para satisfações de vaidades.

« Casa de estudo, casa de reflexão, cumpre evitar — e tem sido esse o nosso grande empenho — que o caracter de austeridade soffra qualquer desvio.

« Aqui não ha lugar para debates pessoaes; aqui só ha livros e documentos, e, além disso, o ardente desejo de que elles correspondam ás necessidades dos estudiosos.

« A nossa aspiração não é o ruido das acclamações ephemeras, mas o socego e a quietude proficua, que produzem os trabalhos duradouros, efficientes das grandes resoluções no supremo interesse da causa nacional, expressa na sua historia, na sua geographia ou na sua ethnographia.

« Controversias sobre estes tres ramos de conhecimentos são naturaes do Instituto, pois elucidarão, dando um cunho de maior perfectibilidade ás nossas informações.

« As lutas pessoaes, porém, não devem ter jámais guarida nesta casa. Até hoje mantivemos e dignificámos o patrimonio que nos coube. Será nosso melhor esforço persistir na salutar directriz.

*
* *

« Antes de, propriamente, narrar-vos os successos sociaes, é de nosso dever, como orgam, neste momento, do Instituto, patentear aqui o grande e sincero interesse que nos tem dispensado o nosso Presidente.

« Homem de Estado, cheio de trabalhos dos mais difficeis, preoccupado com as magnas questões da politica internacional, nem por isso S. Ex. tem recusado a sua attenção constante aos negocios do Instituto, mostrando-se sempre empenhado pelo maior progredimento e lustre da nossa companhia.

« Com tal Nestor, devemos confiar no exito da nossa empreza. Immediato auxiliar na gestão do instituto, somos testemunha agradecida do muito que ao triumphal Brazileiro deve esta casa.

*
* *

« No anno de 1909 realizaram-se as sete sessões regulamentares, todas concorridas e algumas com assistencia numerosa de pessoas estranhas ao gremio.

« Ocioso fôra falar dessas reuniões, presentes á memoria de quantos nos acompanham. Ocioso tambem é dizer do brilhantismo de que sempre se revestiram taes ceremonias. Para se inferir rapidamente desse fulgor, basta citar os nomes de Rio-Branco, Ouro-Preto, Homem de Mello, Souza Pitanga, Affonso Celso, Pedro Lessa, Dantas Barreto, Adolpho Pinto, Orville Derby, Martim Francisco, Rocha Pombo, Jesuino de Mello e outros, que se fizeram ouvir em varias sessões.

« Salientaremos, entretanto, por isso que o Instituto resolveu incluil-a numa de suas actas, a solennidade da inauguração do retrato do nosso preclaro Presidente, facto esse que exprimiu mais uma vez o nosso grande respeito e a nossa grande estima ao patricio insigne, cujo nome vale hoje pelo da nossa

propria patria, pois as palavras Brazil e Rio-Branco se confundem numa synonymia rutilante de glorias.

« A phrase castiça e altiva de Barbosa Lima soube, naquelle momento, com o privilegiado encanto de que é possuidora, interpretar os nossos sentimentos.

* * *

« Por motivos de ordem restrictamente particular, o illustre consocio Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro não poude continuar a prestar-nos com frequencia o concurso dos seus finos dotes intellectuaes. Exonerando-se, porém, dos cargos de 2º Secretario e de membro da Commissão de Estatutos e Redacção, o distincto companheiro, em documento que muito prezamos, assegurou-nos a permanencia inalteravel de sua estima á nossa associação, que com isso se ufana.

« Para substituil-o, o nosso Presidente nomeou, nos termos dos Estatutos, o illustrado Dr. Alexandre José Barbosa Lima, para a Commissão de Redacção, e para 2º secretario o Dr. Gastão Ruch.

« Cabe aqui ligeira referencia a esse moço, que póde ter como divisa a sentença de Tacito : *Ex se natus*. Desprotegido da fortuna, grande foi a luta sustentada por Gastão Ruch para graduar-se, e o fez com galhardia, maior para entrar em concurso, em competição com antigos mestres, disputando e conseguindo a cathedra no Gymnasio Nacional, a que a benemerita justiça do Exm. Sr. Presidente da Republica restituiu a designação de outr'ora, que relembra a figura, immarcescivel nos annaes patrios, de D. Pedro II.

« Gastão Ruch é um dos mais dedicados consocios ; joven, intelligente e trabalhador, elle virá a ser com certeza um dos fortes esteios desta casa. Foi elle o representante do Instituto no ultimo Congresso de Geographia.

* * *

« No correr do anno foram admittidos socios do Instituto na classe dos correspondentes, os Srs. Fernando Augusto Geor

lette, Drs. João Coelho Gomes Ribeiro, João Baptista de Moraes, João Baptista Corrêa Nery e Ernesto Antonio Lassance Cunha.

« Por deliberação unanime do Instituto, foram elevados a honorarios os effectivos Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão e Conde de Affonso Celso.

« Passaram a effectivos, na fórma dos Estatutos, os socios correspondentes Dr. José Pereira Rego Filho, coronel Ernesto Senna, Dr. Gastão Ruch, Dr. Jansen do Paço e General Emygdio Dantas Barreto.

« Perdeu o Instituto neste anno os seguintes membros : Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, D. Miguel Juarez Celman, presidentes honorarios ; General Francisco Maria da Cunha e Conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro, socios honorarios ; Visconde Sanches de Baena, correspondente ; Drs. João Barbosa Rodrigues e Euclydes da Cunha, effectivos.

«O nosso admirado Orador tratará, dentro em pouco, desses saudosos companheiros, salientando, com o prestigio de sua palavra eloquentissima, o merito de cada um.

« Tomaram posse no correr do anno os socios correspondentes Drs. Adolpho Augusto Pinto e Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Os discursos que pronunciaram e as respostas que lhes foram dadas pelo Sr. Conde de Affonso Celso figurarão em nossos fastos como paginas de fulgor imperecivel.

* * *

« Manda a justiça que, de novo, registre os louvores a que sempre faz juz o nosso provecto bibliothecario, Dr. José Vieira Fazenda, que com tanta competencia dirige essa parte de nosso gremio, já orientando aos leitores, já acudindo solicito ás consultas que sobre pontos da nossa historia lhe são constantemente enviadas.

« Falando-vos da Bibliotheca, cumpre informar que fizemos varias acquisições de obras importantes; mandámos encadernar e restaurar muitos de nossos specimens e concluimos os respectivos catalogos.

« As collecções de mappas, quer as que pertenceram ao nosso magnanimo protector o Sr. D. Pedro II, quer as do Instituto, bem como as do nosso archivo, estão sendo catalogadas pelo Dr. Henrique José do Carmo Netto, distincto auxiliar da Secretaria.

* * *

« Executaram-se regularmente os trabalhos da Secretaria, de que é zeloso chefe o Sr. Lafayette Caetano da Silva.

« No projecto do orçamento para o anno vindouro, propuzemos a reducção dos ordenados dos auxiliares desse departamento, restringindo tambem as horas do serviço ás rigorosamente precisas.

« Esse projecto, que mereceu louvor da illustrada Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o nosso eminente 1º vice-presidente, Sr. Visconde de Ouro Preto, foi approvado na ultima sessão ordinaria.

« Corresponde elle ás necessidades do Instituto, que não póde despender grande somma com o pessoal do expediente, tanto mais quanto taes serviços, outr'ora atrazadissimos, pois a Secretaria do Instituto limitava-se desoladoramente ao simples registro das offertas, se acham em dia, carecendo apenas de cuidado para que subsista a ordem actual.

« Todas as sobras que possamos ter devem ser applicadas nas cópias de documentos e na compra de exemplares raros.

* * *

« A solicitude do nosso honrado thesoureiro, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, impõe-se a especial menção.

« Toda a parte economica entregue ao escrupulo do nosso prezado consocio está em condições de impeccavel regularidade.

« Occupando-nos deste ponto, lembraremos ainda as palavras de Januario da Cunha Barbosa, na primeira sessão magna do Instituto, a 3 de novembro de 1839: « A Assembléa Geral « Legislativa, attendendo benignamente ás nossas supplicas e

« convencida da importancia da nossa associação, acaba de votar
« um não pequeno subsidio pecuniario, visto que os nossos fundos,
« só provenientes de joias e mezadas de socios, não se propor-
« cionavam ás despezas de compra de livros, mappas e ma-
« nuscriptos que nos são indispensaveis.»

« Esse subsidio tem sido mantido pelo Congresso Nacional e pelo Governo.

« Auxilio imprescindivel, cumpre agradecer ao Exm. Sr. Presidente da Republica e aos membros do Congresso, a demonstração constante de boa vontade para com o Instituto.

« Na sessão legislativa de 1907 foi apresentado á Camara dos Deputados o seguinte projecto:

« O Congresso Nacional resolve :

« Art. 1.º Fica o Governo autorisado a reconhecer de utilidade nacional o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado nesta Capital a 21 de outubro de 1838, para se occupar especialmente da historia, da geographia, e da ethnographia do Brazil.

« Art. 2.º E' concedida ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro a subvenção annual de 20:000$, incluida no orçamento do Ministerio do Interior.

« Art. 3.º Será impressa na Imprensa Nacional a *Revista* do Instituto Historico, que se publica desde 1839.

« Art. 4.º O Instituto Historico e Geographico Brazileiro gozará de franquia postal.

« Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

« Sala das Sessões, 19 de dezembro de 1907.— *Mello Franco.* — *Americo Werneck.* — *Carneiro de Rezende.* — *Anthero Botelho.* — *Rodolpho Ferreira.* — *Bernardo Monteiro.* — *Christiano Brazil. Vianna do Castello.* — *Lamounier Godofredo.* — *Arthur Orlando.* — *Hosannah.* — *Deoclecio de Campos.* — *Domingos Penna.* — *Estacio Coimbra.* — *R. Paixão.* — *Francisco Bressane.* — *João Penido.* — *Ferreira Braga.* — *Francisco Bernardino.* — *Fidelis Alves.*»

« Enviado á Commissão de Finanças daquella Casa do Congresso, teve este parecer:

« A' Commissão de Finanças foi presente o projecto n. 468, do corrente anno, autorizando o Governo a reconhecer de utili-

dade nacional o Instituto Historico e Geographico Brazileiro e a conceder-lhe a subvenção annual de 20:000$000. Estatue tambem o mesmo projecto que a *Revista* do alludido instituto, cuja publicação data de 1839, será impressa na Imprensa Nacional, e gozará a referida associação da franquia postal.

« Justificando o referido projecto, seu primeiro signatario o illustre Deputado Sr. Mello Franco, alludiu aos relevantes serviços que o Instituto Historico tem prestado ao paiz, avultando o de haver fornecido, de uma feita, documentos de valor, que serviram para melhor firmar nosso direito nas questões territoriaes que temos tido em differentes paizes, nossos vizinhos, questões resolvidas, felizmente, de modo favoravel ao Brazil.

« Insusceptivel de controversia a utilidade do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, attentos os seus fins, reconhecidos por quantos se interessam pelas cousas patrias, os importantissimos serviços prestados por essa benemerita associação, e considerando que o projecto nada mais faz que consolidar, por uma lei definitiva, os favores que, em leis annuas, teem sido concedidos ao referido instituto, é a Commissão de Finanças de parecer que seja o mesmo projecto approvado pela Camara.

« Sala das Commissões, em 27 de dezembro de 1907.— *Francisco Veiga*, presidente.— *Julio de Mello*, relator.— *Galeão Carvalhal*.— *José Euzebio*.— *Ignacio Tosta*.— *Homero Baptista*.— *Serzedello Corrêa*.»

« Essa proposição, unanimemente approvada pela Camara, acha-se hoje no Senado Federal em mãos do integro senador Sr. Feliciano Penna, e não ha razões para duvidar de sua acceitação, pois attende a uma medida de justiça e protecção a estabelecimento que póde ser considerado verdadeira bibliotheca publica, grandemente frequentada e que tem, em occasiões difficeis, servido ao Governo.

« O Instituto conta com a protecção desse moço illustre e digno que, com tão patriotico relêvo, dirige os destinos da Nação e, assim, está tranquillo quanto a essa parte essencial á sua vida.

« E não se diga que de taes favores possa um dia se tornar menos merecedora a nossa companhia, cujo passado nobilissimo

constitue a melhor garantia de seu futuro e cuja vida intima se desdobra aos olhos de todos, sem a mais ligeira tergiversação no terreno da honestidade e na exacção de suas tarefas.

* * *

« Com prazer annunciamos a pontualidade no apparecimento da nossa *Revista*.

« Já sahiram a lume as duas partes do tomo 71, correspondente ao anno de 1908, e talvez antes do fim do anno daremos as que a este são relativas.

« Para conseguir este esplendido resultado cooperaram os esforços do honrado director da Imprensa Nacional, Sr. Dr. Alfredo Rocha, hoje um dos nossos dignos consocios, que bem merece os agradecimentos do Instituto.

« Pediremos a vossa attenção para os ultimos numeros da nossa já tradicional publicação, pois foram recebidos com excepcionaes applausos por parte de quem possue competencia para assim se manifestar. Guardamos, com justa ufania, documentos sobre o facto.

« O volume prestes a surgir inserirá a curiosissima « *Chronica da missão dos padres missionarios da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, pelo padre João Felippe Betendorf* ».

* * *

« Ahi tendes o nosso relatorio, pallido na fôrma, isento de rebuscamentos, que muitas vezes exprimem a preoccupação torturante de attenuar a realidade dos successos, possue elle, entretanto, a suprema virtude de ser sinceramente verdadeiro e — *rien n'est plus beau que le vrai*.

« Em setenta e um annos de vida, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem provado a sua utilidade, sendo hoje, ninguem de criterio o póde contestar, soberbo monumento da nossa historia.

« Jámais lhe faltarão:

HONRA, VALOR E FAMA GLORIOSA » ! (*Palmas, muito bem.*)

Em seguida o orador do Instituto pede a palavra.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que, ainda uma vez, a derradeira, acredita, lhe cabe a melancolica incumbencia de guiar uma piedosa romaria entre tumulos queridos.

« Será uma excursão rapida, commovida, de escassas palavras, como as visitas ás necropoles.

« Tem de falar da morte, a inimiga cujo odio implacavel, na phrase do dominicano Monsabré, nos persegue sempre e em toda parte, fazendo reverterem em seu proveito nossos trabalhos, preoccupações, desgostos e diversões, preparando no que comemos, no que bebemos, nos lugares onde dormimos, as influencias maleficas de que seremos victimas.

« Ella tem a sua hora fixa, continúa o celebre prégador, e, quando chega essa hora, nada lhe póde deter o braço, nem os gritos do innocente, nem as lagrimas da mãe, nem as supplicas do filho, do parente, do amigo desolado, nem os penosos esforços do epicurista para prolongar a existencia, nem a incuria do gosador, que parece contar com a eternidade do seu prazer.

« Destróe tudo : a riqueza ; que mais pobre que um cadaver ? A honra ; que de mais humilde que um cadaver ? A belleza; que de mais hediondo que um cadaver ? O goso ; que de mais insensivel que um cadaver ?

« Mas nossa alma, nossa virtude, nossas boas obras, nossos meritos,—eis o que escapa ao seu odio e aos seus ataques.

«Oh ! morte, sê minha inimiga tanto quanto quizeres ; golpêa-me quanto puderes. Expirando, rir-me-hei de ti ; zombarei de ti: *In interitu meo ridebo te et subsannabo te.*

« Estas viris, estas christãs palavras, affirmando o predominio do espirito sobre a materia perecivel que apodrece e se dissolve, emquanto o primeiro, o espirito immortal, prosegue seu bemaventurado ou tremendo destino de além tumulo, este desprezo da morte, oriundo de uma consciencia limpa, de uma bem trabalhada obra, de um dever cabalmente cumprido, ou, no tocante a certas almas, «de um bem cantado e bem voado dia», essa intrepida attitude no ultimo alento, competiram, de certo,

aos consocios desapparecidos durante o periodo transcorrido e cuja memoria o orador buscará exalçar.

« O numero delles foi, mercê de Deus, menor do que o dos outros annos. Não menos duramente, porém, opprimiu a fatalidade ao Instituto, exigindo-lhe igual tributo de lagrimas, pois se não avultou a quantidade dos mortos, entre elles, em compensação, se encontram alguns dos mais prezados, dos que mais falta fizeram e cujo passamento, em virtude de circumstancias excepcionaes, dobradamente compungiu, trespassando de aggravada angustia os corações amigos.

« Sete obitos deploraram-se, tres de estrangeiros, quatro de compatricios.

« Estrangeiros—o General Francisco Maria da Cunha, o Visconde de Sanches de Baena, e D. Miguel Juarez Celman.

«Compatriotas o Dr. João Barbosa Rodrigues, o Conselheiro Gomes de Castro, Euclydes da Cunha e o Conselheiro Affonso Penna.

« Succintamente, rememorará o orador as feições moraes e os actos de cada um.

« Começará pelos estrangeiros.

« O general Francisco Maria da Cunha exerceu importantes commissões e commandos, official que foi do exercito portuguez, o brioso exercito vencedor de tres famosos generaes napoleonicos e que, após a batalha de Tolosa, invadiu a França, desforrando-se da invasão desta em Portugal.

« Deputado, par do reino, director da Escola Militar, ministro da guerra, ajudante de campo d'El-Rei, governador geral da India e Moçambique, presidente da Junta Consultiva do Ultramar, da Sociedade de Geographia, do Montepio Geral, da Cruz Vermelha, á qual consagrou, nos ultimos tempos, devotado zelo, constantemente se destacou o general Cunha.

« Veio especialmente ao Brazil, por occasião das festas do centenario, representar a antiga metropole.

«Tratou com elle o orador, e nelle reconheceu um portuguez ás direitas, interessantissimo a narrar as suas viagens asiaticas e africanas, no theatro das legendarias glorias lusas.

«Homem de côrte (e côrtes tanto medram nas monarchias como nas republicas) desmentia os famosos versos de Sá de Miranda, na epistola a D. João III :

« *Homem de um só parecer,*
« *Um só rosto, uma só fé,*
« *De antes quebrar que torcer,*
« *Elle tudo póde ser,*
« *Mas de côrte homem não é.*»

« Mostrava-se, ao contrario, cheio

«*Daquella portugueza alta excellencia,*
«*De lealdade firme e obediencia* »

preconizada por Luiz de Camões.

« Considerava o pinaculo da sua util carreira a missão ao Brazil, que perde nelle um dedicado, um excellente amigo.

«Talvez impropria seja entre estrangeiros a classificação do Visconde de Sanches de Baena.

« Pertencente a fidalga casa que, em 1832, em consequencia de suas opiniões miguelistas, emigrou para o Brazil, aqui se educou elle, aqui se formou em medicina, aqui constituiu familia, aqui adquiriu fortuna, aqui fundou importante estabelecimento chimico e pharmaceutico, aqui, com admiravel liberalidade, protegeu institutos de caridade e instrucção, patenteando magnanimos sentimentos humanitarios, especialmente por occasião da epidemia de 1860, nesta Capital.

« Regressando a Portugal, entregou-se a estudos historicos e scientificos.

« Intelligencia arguta e investigadora, compoz trabalhos numerosos que lhe valeram distincções e mercês, e alcançaram situação saliente nas lettras portuguezas contemporaneas, trabalhos entre os quaes dois interessam particularmente ao Brazil, a resenha genealogica da familia de Pedro Alvares Cabral e uma vasta compilação de resoluções do governo no Rio de Janeiro, durante a phase mais fecunda e instructiva da nossa administração publica, — os 13 annos do reinado brazileiro de D. João VI.

«No Visconde de Sanches de Baena possuia, portanto, a nossa patria, como no General Cunha, talvez em grau superior ao deste, porque mais de perto e mais largamente nos conheceu, alguem que nos prezava, nos defendia, nos era dedicado e grato e, apezar de portuguez de lei, merecia o nome de brazileiro, dado pelo povo de Portugal a certos compatricios, tantas as ligações por elles conservadas com o Brazil.

« O terceiro dos consocios extinctos em 1909 foi o ex-professor da Universidade de Cordoba, ex-ministro e ex-governador deste Estado, ex-presidente da Republica Argentina, D. Miguel Juarez Celman.

«Juarez Celman entrou para o Instituto em circumstancias memoraveis.

«A 13 de setembro de 1889, mediante proposta assignada pelo Barão Homem de Mello, felizmente ainda vivo, nosso digno 2º vice-presidente, e mais seis consocios, todos fallecidos, resolveu o Instituto mandar cunhar uma medalha commemorativa do convenio, poucos dias antes assignado com a Argentina, para solução da secular questão de limites, e nomear, pelo mesmo faustoso motivo, presidente honorario o Dr. D. Miguel Juarez Celman, então chefe do Estado vizinho; e socios honorarios: seu ministro das Relações Exteriores; D. Enrique B. Moreno, seu representante na então côrte imperial; Conselheiro José Francisco Diana, ministro dos negocios estrangeiros do Imperio, e Barão de Alencar, plenipotenciario deste em Buenos Aires.

«Ignora o orador si a medalha chegou a ser cunhada, e nota que a proposta esqueceu o Visconde de Ouro Preto, que presidia o gabinete referendario do acto em questão.

«Era esse acto o tratado de 7 de setembro do citado anno, tratado que virtualmente terminou o litigio de Missões, submettendo-o ao arbitramento dos Estados Unidos.

«Proveio dahi o laudo Cleveland, acontecimento que foi para o egregio presidente do *Instituto*, Barão do Rio-Branco, o mesmo que o cerco de Toulon para Napoleão: a revelação do seu genio, a primeira da série incomparavel de victorias que não tiveram, nem hão de ter Waterloo. (*Palmas.*)

« O nome de Juarez Celman se acha, conseguintemente, vinculado, de modo mui sympathico, á inclyta historia diplomatica do Brazil.

« Conheceu-o pessoalmente o orador, em 1886, havendo-lhe sido apresentado com o Visconde de Ouro Preto pelo Barão de Alencar.

« Acolheu-os com esmerada affabilidade o presidente argentino, em sua casa particular, ao lado de seus ministros Wilde e Quirno Costa, este ultimo tambem membro do *Instituto*.

« De apparencia joven, pouco mais de quarenta annos, pequeno, louro, vivaz, bem falante, teve expressões de captivante apreço para com o Brazil e os brazileiros.

« Guarda o orador desse encontro agradabilissima recordação.

« O nome de Juarez Celman, que, com extrema dignidade, supportou longa proscripção politica, não destôa do de outros illustres argentinos chamados para o nosso gremio.

« Quem percorrer os 71 volumes da *Revista* verificará que o incessante empenho do *Instituto* ha sido o de todo o Brasil esclarecido : render justiça, isto é, render homenagem aos extraordinarios recursos, á portentosa expansão e aos altos feitos do privilegiado paiz, com o qual, ha mais de 80 annos, terçamos armas de parte a parte galhardas, numa campanha honrosamente finalizada para ambos os contendores, mas de quem duas vezes fomos depois fieis alliados e do qual recebêmos a insigne gentileza, logo retribuida, da visita official do seu chefe supremo, obsequio jámais até áquella data proporcionado ao Brasil.

« No respeitante á Argentina, o programma, o esforço, o ideal dos homens de boa vontade, de cá e de lá, não póde ser outro sinão o ha momentos enunciado pelo Barão do Rio Branco.

« Cultivarmos, estreitarmos relações, apreciarmo-nos, estimarmo-nos, ajudarmo-nos reciprocamente, trabalhando cada qual, na esphera de suas possibilidades, para o lustre do Novo Mundo, cuja vastidão comporta não uma, porém duas, tres, quatro grandes pujantes, cultas, prestigiosas nações.

« Eis agora os tumulos jacentes em sólo patrio.

« Depara-se-nos, em primeiro lugar, o de um indefesso trabalhador, cujas producções ultrapassaram as fronteiras do nosso paiz, indo grangear invejavel nomeada para o autor nos centros scientificos mais autorizados do mundo.

« E' o Dr. João Barbosa Rodrigues, antigo secretario do Instituto Commercial, antigo professor do Collegio de Pedro II, e que, entre numerosas relevantes commissões, desempenhou a de, encarregado pelo governo imperial, proceder a investigações scientificas no Amazonas e no Pará.

« Membro das mais respeitadas associações scientificas e litterarias conhecidas, objecto de raras mercês honorificas, deixou dezenas, quasi uma centena, de monographias, documentadoras de uma laboriosidade, variedade de conhecimentos e engenho realmente acima do commum.

« Exercia ultimamente, com inegualavel competencia e zelo, o lugar de director do Jardim Botanico, uma das ricas joias desta Capital, o Jardim Botanico fundado por D. João VI, que lhe plantou, com as proprias régias mãos, varias das primeiras arvores, e onde, graças ao espirito de justiça e desassombrada iniciativa do Dr. Barbosa Rodrigues, se ergue hoje um busto do excelso monarcha.

« A's orchidéas, observava o Dr. Barbosa Rodrigues, sacri-
« fiquei as alegrias de minha mocidade e ás palmeiras os des-
« cansos da edade madura.»

« Na verdade, naturalista foi elle precipuamente, compondo sobre orchidéas e palmeiras duas obras classicas monumentaes.

« Em ultima analyse, um victorioso e um feliz ; viveu no convivio das maravilhas de nossa flora ; attingiu, no conceito de um seu biographo, á possivel culminancia na especialidade escolhida, uma dessas especialidades que, si não despertam enthusiasmo e popularidade, conferem serena gloria duradoura ; enriqueceu o cabedal dos conhecimentos humanos, merecendo encomio dos doutos ; creou numerosa e exemplar familia ; encontrou intelligente, dedicada, adoravel companheira que o amou, o comprehendeu, o coadjuvou, collaborou em seus escriptos, como as esposas de Michelet, Affonso Daudet,

Berthelot, Curie, o praticaram para com seus maridos, e o acompanhou em suas arrojadas excursões, compartindo de seus triumphos, a ponto de ser nomeada, a par delle, presidenta honoraria de congressos scientificos.

« Por seu lado, elle a immortalizou, de modo analogo ao empregado por Dante com relação a Beatriz, Tasso a Leonor, Petrarcha a Laura e Camões a Natercia : deu o nome della — Constança — a uma bella palmeira, por ella mesma, aliás, descoberta, em circumstancias dramaticas, logo após haver Barbosa Rodrigues abatido, a tiros de revólver, uma onça que os atacara, na floresta amazonica.

« Emquanto as palmeiras erguerem ao nosso céo o vulto garboso, emquanto as orchidéas opulentarem de seu caprichoso encanto as nossas mattas, ha de ser lembrado Barbosa Rodrigues, o sabio, o meigo amigo e paladino de tão finas princezas vegetaes.

« Do mimoso vergel suggerido á lembrança de Barbosa Rodrigues, passemos a um ambito augusto.

« E' o Parlamento do Imperio.

« Confabulam ahi summidades como Martinho Campos, Paranaguá, Dantas, Lafayette, Saraiva, Cotegipe, João Alfredo, Ouro Preto, Paulino, Belisario, Antonio Prado, Andrade Figueira, Taunay, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves.

« E' na Camara dos Deputados, cujo funccionamento o paiz inteiro acompanha com attenção apaixonada, pois toda sessão é dramatica, em qualquer dellas póde cahir o ministerio, mudar-se a situação politica, arrastando comsigo massa enorme de paixões e interesses.

« Comparecem alli os ministros, o presidente do conselho, para prestar contas de seus actos, ouvindo, não raro, face a face, vehementes increpações.

« Debatem-se, com extraordinario ardor, brilho, independencia e capacidade, assumptos vitaes, questões economicas, religiosas, militares, sociaes, num ambiente carregado, onde já tremeluziam prenuncios de radical revolução.

« Preside, *primus inter pares*, Gomes de Castro.

« Repete-lhe o nome veneravel o povo que se amontôa no recinto.

« Sabe esse povo que, promotor publico, deputado provincial, deputado geral, presidente de provincia, possue Gomes de Castro esplendidida fé de officio, havendo sido gradativamente promovido por merecimento a todos os postos da vida publica.

« Convidaram-no para ministro de Estado o Marquez de S. Vicente e o Visconde do Rio-Branco, chegando este ultimo a referendar a nomeação.

« Gomes de Castro recusou. Adoptava por divisa : « Mais honra do que honras.»

« Dirige a sessão, e dirige-a com uma dignidade, compostura, elevação, magestade a recordarem o Senado da Roma legendaria, o qual assombrou os soldados barbaros e parecia uma assembléa sobrenatural.

« Oh ! era, na realidade, um bello, um nobre, um magnifico espectaculo o da Camara dos Deputados do Imperio, sob a presidencia de Gomes de Castro !

« Espectaculo, porém, ainda superior offerecia a Camara, quando Gomes de Castro tomava a palavra, attrahindo enorme concurrencia, constituindo o seu discurso um acontecimento nacional.

« E' que elle pertencia á pleiade dos nossos maiores oradores parlamentares, emulo de Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco, José Bonifacio, Ruy Barbosa e Silveira Martins.

« Estupenda fluencia, irreprehensivel correcção, dicção primorosa, sympathica e respeitabilissima figura...

« Sempre sensatas, substanciaes, patrioticas, as suas orações, com assiduas fulgurações da verdadeira grande eloquencia, a que, segundo definição celebre, se assemelha ao telescopio, pois torna vivos e vizinhos de nossos olhos objectos longinquos e obscuros, approximando-nos dos astros.

« Conferia, sobretudo, peso a essa eloquencia o caracter do tribuno, caracter austero e impolluto, comprovado em extenso percurso de honesto labor.

« Gomes de Castro manejava magistralmente a ironia, — «a ironia indispensavel, porque sómente ella nos consola e torna independentes ante os tôlos que reinam sobre o mundo e os velhacos que prevalecem ; só a ironia nos ministra o desapego profundo das ambições e vaidades humanas ; só a ironia ajuda a supportar a vida, ensinando a convenientemente desprezal-a.»

« Os discursos de Gomes de Castro abriam largos sulcos na commoção dos ouvintes.

« Não arrebatavam as massas, porque elle não capitulava, não condescendia, não transigia, não lisongeiava, não descia a fallaciosas miragens, mirabolantes promessas:

Nomes com que se o nescio povo engana.

« Preferia a approvação dos reflectidos e a da propria rectissima razão.

« Pois a existencia de Gomes de Castro foi, como seus discursos, clara, pura corrente, derramando-se do alto, apresentando encantadores aspectos, dando sadio nutrimento á turba.

«Eleito unanimemente socio honorario do *Instituto*, não tomou posse, mas é motivo de regozijo e desvanecimento para seus companheiros o lhes ser licito exclamar : Gomes de Castro foi nosso !

« No livro de ouro da companhia gravou-se seu nome, como o dos bravos de Napoleão no Arco do Triumpho da praça da Estrella.

« Perdurará entre nós sua memoria, tanto mais quanto a nossa casa tem a fortuna de contar um filho de Gomes de Castro, seu digno herdeiro intellectual e moral, conspicuo continuador de suas egregias lições.

« Surde agora ante a nossa consternação o vulto sanguejante de Euclydes da Cunha, atrozmente expellido da vida, e della se despedindo com allucinado gesto de indignação e horror.

« Houve quem symbolizasse na catastrophe a que succumbiu Euclydes a actualidade social.

« Tres personagens, a sociedade, alma feminina, caprichosa, complexa, arrebatada de perniciosas tendencias ; o vigor phy-

sico, elegante e adextrado, formosamente animal; o idealismo torturado, contemplativo, produzindo primorosos fructos, de raros saboreados, demonstrando a realidade do conceito: — Toda superioridade é um exilio.

« Para conquistar, para possuir a sociedade travam luta o musculo e o espirito, este confiante e leal, aquelle perfido e sem escrupulo.

« Ella pertence de direito ao primeiro, mas sem uma lei moral que a refreie, entrega-se secreta e criminosamente ao outro.

« Luta material: o espirito quer brandir as armas do adversario; cahe vencido, murmurando: — Odeio-te, mas perdôo-te!...

« Não se trata, pois, de uma tragedia intima, porém de um caso geral, expoente de uma quadra, patenteação de um estado morbido, para o qual a moralistas e legisladores cumpre indicar medicina.

« Não comportam a occasião e o lugar, pondera o orador, se insista na procedencia dessa generalização.

« Convencidos se acham todos que a morte de Euclydes da Cunha foi uma especie de parricidio.

« Ainda hoje em França, os parricidas são conduzidos ao patibulo cobertos de um véo negro: — sirvamo-nos de igual véo.

« Por meio de eloquentes manifestações, affirmou o Brasil inteiro que em Euclydes da Cunha tombou um de seus mais bizarros heróes litterarios, cuja penna consummou proezas, destinadas a fama imperecivel.

« Possuia Euclydes a qualidade maxima do escriptor, o dom da expressão, a arte da palavra insubstituivel e deslumbrante, da phrase ousada e avassalladora, que illumina, embevece, impelle para o alto a intelligencia dos leitores.

« E punha em inteiro relêvo, gravava incisivo, fortes pensamentos, aquelles de cujo pincaro, como do cimo das montanhas, se descortinam perspectivas intérminas.

« Não deixou copiosa obra, pois em vez das certezas triumphantes dos mediocres, alimentava a duvida, a indecisão dos probos, que vivem a lutar com a doce inimiga — a perfeição.»

«Cada um de seus, infelizmente, poucos livros representa, porém, uma victoria, uma conquista, idonea a immortalizar um general.

« Apparecer um momento, ponderou Ernesto Renan, disferir um clarão doce e profundo, morrer muito joven, em circumstancias excepcionaes — eis a sorte de um deus.

« Lutar, disputar, vencer — é a vida do homem. A primeira foi a de Jesus ; a segunda a de seus apostolos.

« Em Euclydes houve algo de divino.

« Buscou em sonhos do ideal o repouso de sua alma insatisfeita, incomprehendida, melindrosissima.

« Poeta, eximio artista, desafiará o tempo e as revoluções.

«Aos régios protagonistas da tragedia antiga, espesinhados mais duramente, em razão da sua primazia, pela fatalidade ciosa, só os pôde pintar o estro eschyliano, tão alto como as personalidades e as peripecias a que se afoitou.

« Limita-se o orador a, por si e pelo *Instituto*, depôr sobre a campa de Euclydes uma corôa de flores a um tempo singelas e peregrinas como o genio delle: os lyrios brancos do enternecimento, as sempreviva da saudade e as rosas rubras de enthusiastica admiração.

«Penetremos, por fim, no palacio que abriga a superna autoridade politica e administrativa da Patria.

« Jaz morto o chefe do Estado; jaz morto, podendo haver repetido, ao expirar: *Fui tudo e tudo é nada.*

« Foi tudo, effectivamente no Imperio e na Republica.

« No Imperio, no correr de menos de oito annos, exerceu tres pastas ministeriaes differentes, em tres diversos gabinetes.

« Mereceu a confiança do magnanimo Imperador que, no exilio, disse delle :

« O Penna vae longe, porque allia extraordinaria disposição «para o trabalho á mais completa probidade.»

« Tirou-o a Republica do retrahimento a que, em principio, elle se acolhera, pois não adheriu sofrega e indecorosamente, como tantos.

« E deu-lhe a Republica o que lhe era exequivel dar a um cidadão, até collocal-o no fastigio do mando.

« Morto, rendeu-lhe as possiveis honras, interpretando a commiseração nacional.

« Da vida publica do conselheiro Affonso Penna não se occupará o orador, entre outros motivos, porque já della tratou de fórma cabal o presidente do Instituto, Barão do Rio-Branco, no costumado estylo lapidar, em a sessão de 30 de junho ultimo.

« E' esse discurso um perfeito quadro synthetico, onde se accentúa a sympathia e o interesse consagrado ao *Instituto* pelo pranteado morto, e se destacam dois factos da sua interrompida administração, que, para todo o tempo, a hão de recommendar e lhe grangearam irrestrictos applausos de todos os bons brazileiros, fossem quaes fossem as suas opiniões partidarias.

« Refere-se o orador ao impulso dado á construcção das estradas de ferro de penetração e á reorganização dos nossos elementos de defesa de terra e mar.

« Levar os trilhos ao extremo oéste e ao extremo sul do Brazil, pondo o Rio em facil communicação directa com longinquas e preciosas regiões, para o accesso de algumas das quaes forçada é agora a passagem por aguas territoriaes de tres paizes vizinhos, dependencia que desapparecerá mediante a encetada linha, equivale quasi a uma nova emancipação politica.

« Quanto á restauração militar, virilizou ella a nação, na phrase de Rio-Branco, incutindo-lhe, sem o menor intuito aggressivo, a tranquillidade e confiança cordial que soem faltar aos fracos deante dos fortes.

« De preferencia ao estadista e ao administrador, encarará o orador no conselheiro Affonso Penna — o homem particular.

« Conheceu-o na intimidade, companheiros de bancada que foram, oito annos consecutivos, na antiga Camara dos Deputados.

« Era de infinita benignidade.

« Separados, em consequencia da Republica, pela politica, a miseranda politica, ou melhor, por isso que usurpa o respeitavel nome de politica, deixou de o ver o orador.

« Seguiu elle merecidamente para as grandezas, emquanto, tambem merecidamente, seguia o orador para a obscuridade de voluntario proscripto no seio da Patria.

« Uma unica vez, sob o regimen republicano, azou-se opportunidade ao orador de conversar com elle.

« Foi em 1905, em Bello Horizonte, onde se achava o orador para uma conferencia litteraria.

« Visitou-o o conselheiro Affonso Penna, vice-presidente da Republica e escolhido para a presidencia.

« Tratou-o com a affabilidade de outr'ora.

« Enthusiasmado, alludia á projectada excursão por todo o Brasil, afim de lhe conhecer as necessidades.

« E repetia cheio de fé : « A nossa terra dispõe de recursos, de forças latentes incommensuraveis e que urge explorar ! »

« Veio a presidencia : persistiu a separação.

« Morrendo-lhe um distincto filho (e durante o governo do conselheiro Affonso Penna enlutaram-lhe o lar immaculado perdas crueis) dirigiu-lhe o orador sentidas condolencias, pedindo desculpa por tratar com familiaridade o chefe do Estado.

« No dia seguinte, o chefe do Estado respondeu de proprio punho ao seu adversario politico, e mandou entregar a resposta em casa deste.

« O orador vae ler a resposta, que honra tanto o signatario, como o destinatario e, melhor do que outros documentos intimos do conselheiro Affonso Penna, ultimamente vindos a lume, patenteia os thesouros do seu coração.

« Eis a carta:

« *Gabinete do Presidente da Republica, Rio de Janeiro, 2 de*
« *novembro de 1908.*— Meu caro Celso Junior. Recebi com muito
« affecto suas condolencias pela morte do meu mallogrado e ines-
« quecivel filho Alvaro. São palavras amigas que servem de bal-
« samo ao coração de um pai, ferido no amago de suas affeições
« e esperanças.

« Obrigado, meu caro Celso ; a familiaridade de que V. usou
« só póde ser grata ao meu coração. Significa a expressão de
« sentimento, de amizade e estima, que tiveram começo vai para
« mais de um quarto de seculo.

« Receba com os meus agradecimentos, um abraço do seu
« triste amigo *Affonso Penna*.»

« Nesta missiva, retrata-se todo o finado Presidente, com a sua singeleza, delicadeza moral, benevolencia, amor á familia, respeito ao passado.

« Falta apenas o seu malsinado optimismo.

« Assigna-se elle — « *seu triste* amigo Affonso Penna ».

« Como contrasta aquella linguagem com as alegrias e esperanças manifestadas por elle ao orador tres annos antes, em Bello Horizonte.

« Ter-lhe-hia aniquilado as visões optimistas a curta gestão dos negocios publicos, vergando-lhe a alma intrepida ao peso das decepções ?!

« Não! O seu doce optimismo, synonymo de animação, coragem, confiança, subsistiu, apezar de tudo, até ao fim, pois Affonso Penna expirou enunciando palavras-syntheses, palavras-mundos, palavras-infinitos de crença e de fé.

« Demais, o seu optimismo é o de todo brazileiro patriota, é o de todo observador leal de nossas cousas.

« E' o de Pedro Vaz de Caminha, na carta do descobrimento: « A terra em toda maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-ha nella tudo.

« E' o do velho José Bonifacio, presagiando que bem presto o Brazil bem fadado havia de dominar os altos topos do Novo Mundo.

« E' o de quem attenta na homogenea immensidade do nosso sólo, nas suas bellezas e preciosidades, na variedade e amenidade de seus climas, no caracter de seu povo, caracter em que abundam impulsos affectivos, cavalheirosos e humanitarios, caracter que repelle preconceitos de raça, côr ou religião.

« E' o optimismo de quem reflectir na honestidade dos nossos meios de expansão e nas poucas nodoas de sangue da nossa His-

toria, sangue, no geral, briosamente vertido em prol de vizinhos irmãos tyrannizados.

« E' o de quem recordar o nosso procedimento internacional, sempre liso, hombridoso e energico, sem jactancia, quando mister, graças ao qual temos registrado esplendidas victorias pacificas contra pujantes nações.

« E' o de quem considerar que nenhum problema de ardua solução, nenhum grave perigo nos ameaça, bastando apenas para prosperarmos um pouco de bom senso e patriotismo ; e que em nosso activo se inscreve como primeira verba — Futuro.

« Affonso Penna acompanhava o pensador que declara nada ser peior para um povo do que a auto-suggestão da sua decadencia: á força de repetir que vai cahir, dá vertigem a si proprio e cahe.

« Applaudia, por outro lado, a affirmação confortadora do poeta hellenico: « Aquelle que, em face dos deuses, entôa um canto de esperanças, verá a sua obra realizar-se ».

« Justificavel era, pois, o seu nobre optimismo que, de certo, o *Instituto* comparte...

« Muita vez, no Brazil, uma soberba flor exorna os andrajos de um indigente.

« Que a invocação da imagem da Patria, conclue o orador, saudada com um brado de confiança na sublimidade de seu destino, resgate as pobrezas deste discurso.

« Rematando-o com o nome do Brazil, imite o orador Dante Allighieri, que, no final de cada um dos tres cantos de sua epopéa, como um ponto de luz, poz a palavra— estrella !

(*Applausos e palmas prolongadas. O orador recebe calorosas felicitações.*)

O Sr. Dr. Viveiros de Castro pede permissão para, embora contrariando as praxes e as tradições da Casa, agradecer publicamente as referencias feitas pelo eminente orador a seu finado pai, o conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro.

O Sr. Barão do Rio-Branco (*Presidente*) levanta a sessão ás 10 horas da noite.

Compareceram á sessão, além do Sr. Presidente da Republica, os Srs. Drs. Esmeraldino Bandeira e Candido Rodrigues,

Ministros da Justiça e da Agricultura, representantes do Ministro da Guerra e de outras autoridades, grande numero de senhoras e cavalheiros.

GASTÃO RUCH,
2º Secretario.

ASSEMBLÉA GERAL, EM 20 DE NOVEMBRO DE 1909

(1ª CONVOCAÇÃO)

A's 8 e meia da noite, presentes os Srs. Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch, Conde de Affonso Celso, Generaes Thaumaturgo de Azevedo e Dantas Barreto, Monsenhor Vicente Lustoza, Dr. Orville A. Derby, Coroneis Jesuino da Silva Mello e Ernesto Senna, Drs. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, A. Jansen do Paço, Norival Soares de Freitas, João Luiz Alves e Arthur Indio do Brazil, o Sr. Desembargador Souza Pitanga, assumindo a direcção dos trabalhos, declara não poder haver assembléa geral, por isso que se acham presentes apenas quinze socios, quando para tal reunião os Estatutos exigem, em primeira convocação, a presença de vinte e um membros.

Assim, convoca nova reunião para o proximo sabbado 27, ás 8 horas da noite.

Diz mais que, devendo chegar dos Estados Unidos o illustrado consocio Dr. Amaro Cavalcanti, nomeia para recebel-o e dar as boas vindas, em nome do Instituto, os Srs. Drs. Arthur Indio do Brazil e Norival Soares de Freitas e Coronel Ernesto Senna.

ACTA DA ASSEMBLÉA GERAL, EM 27 DE NOVEMBRO DE 1909

(2ª CONVOCAÇÃO)

Presidencia do Sr. Barão Homem de Mello.

A's 8 horas da noite, na séde social, presentes os Srs. Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, General Thaumaturgo de Azevedo, Drs. Amaro Cavalcanti, Arthur Indio do Brazil, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Antonio Jansen do Paço, Alfredo Rocha, Norival Soares de Freitas, Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, Orville Derby, Joaquim Xavier da Silveira Junior, Eduardo Marques Peixoto, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello e Coronel Ernesto Senna, abre-se a sessão.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*Presidente*) diz que, sendo esta a segunda convocação da Assembléa Geral, pode, nos termos dos Estatutos, funccionar com a presença de doze socios; e, achando-se presentes quinze, declara installada a Assembléa Geral. Tratando-se de eleições da Directoria e das Commissões Permanentes para o anno de 1910, nomeia escrutinadores os Srs. Dr. Norival Soares de Freitas e Eduardo Marques Peixoto.

O SR. MAX FLEIUSS, (*1º Secretario Perpetuo*) pede a palavra e justifica, fazendo varias considerações, as seguintes propostas, que são unanimemente approvadas :

— « Propomos para Presidente Honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de conformidade com art. 15 dos Estatutos, o Exm. Sr. Dr. Nilo Peçanha, Presidente da Republica.

« Esta distincção, traduzindo o respeito a uma praxe do instituto, importa igualmente no reconhecimento ao digno Chefe do Estado, que á nossa associação já dispensou, no exercicio do seu elevado cargo, inequivocas provas de interesse, assegurando o proposito em que está de continuar a proteger o Instituto com o seu apoio valioso.

Sala das Sessões, 27 de novembro de 1909. — *Barão Homem de Mello. — Max Fleiuss. — A. F. de Souza Pitanga. — Conde*

de Affonso Celso. — Gastão Ruch. — Antonio Jansen do Paço. — Norival Soares de Freitas. — Orville A. Derby. — Ernesto Senna. — B. T. de Moraes Leite Velho. — A. Indio do Brazil. — General Thaumaturgo de Azevedo. — Jesuino da Silva Mello. — General Dantas Barreto. — Monsenhor Vicente Lustoza. — Clovis Bevilaqua. — Xavier da Silveira Junior. — Eduardo Marques Peixoto. — Tobias Laureano Figueira de Mello. — Alfredo Rocha. — B. F. Ramiz Galvão. — Amaro Cavalcanti. — Miguel J. R. de Carvalho. — Marquez de Paranaguá. — Arthur Guimarães. — Dr. Viveiros de Castro. — Leopoldo de Bulhões.»

« A Assembléa Geral do Instituto Historico e Geographico Brazileiro resolve, como justa demonstração de sincero agradecimento aos inestimaveis serviços prestados a esta instituição pelo seu presidente — Sr. Barão do Rio Branco, conferir a S. Ex. a perpetuidade nesse cargo, a exemplo do que já foi praticado com o Visconde de S. Leopoldo.

« O Sr. Barão do Rio-Branco que, na phrase justissima de Martim Francisco — « é o presidente acclamado da alma nacional », e a quem Affonso Celso, insuspeitamente, denominou « o mais admiravel ministro das Relações Exteriores do mundo actual, o maior diplomata vivo », impõe-se, por seus gloriosos feitos que o erigem uma das mais fulgurantes figuras da Historia do Brazil, a esta consagração por parte dos seus companheiros na associação de que S. Ex. é, indubitavelmente, *primus inter pares*, e a que tem trazido, com seu immenso prestigio, maiores titulos de consideração, não só em nossa patria como no estrangeiro.

« Sala das Sessões, 27 de novembro de 1909. — *Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso. — Gastão Ruch. — Antonio Jansen do Paço. — Norival Soares de Freitas. — Orville A. Derby. — Ernesto Senna. — B. T. de Moraes Leite Velho. — A. Indio do Brazil. — General Thaumaturgo de Azevedo. — Jesuino da Silva Mello. — A. F. de Souza Pitanga. — General Dantas Barreto. — Monsenhor Vicente Lustoza. — João Luiz Alves. — Clovis Bevilaqua. — Xavier da Silveira Junior. — Pedro Lessa. — Eduardo Marques Peixoto. — Tobias Laureano Figueira de Mello. — Alfredo Rocha. — B. F. Ramiz Galvão. — Amaro Cavalcanti. — Miguel J. R. de Carvalho.*

— *Marquez de Paranaguá.— Arthur Guimarães.*— Dr. *Viveiros de Castro.— Leopoldo de Bulhões.*»

O Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior justifica a seguinte moção, que é unanimemente approvada:

« Tendo em muito especial consideração e na mais entranhada estima os relevantissimos serviços prestados ao Instituto Historico pelo Exm. Sr. Visconde de Ouro Preto, não só ao tempo em que, representante do poder publico e chefe do governo da Nação, dispensou a esta associação o seu alto e prestigioso apoio, concorrendo efficazmente para o desempenho dos patrioticos encargos a que se votou esta associação, e provendo, entre outras necessidades occasionaes, a reedição, por sua ordem, na Imprensa Nacional, de todos os tomos exgottados da *Revista do Instituto* ; como mais tarde, quando já nosso consocio, entrou a prestar a sua effectiva e diuturna cooperação aos nossos trabalhos, illustrando-os com os seus sabios pareceres, dirigindo-os com o seu conselho e veneranda autoridade, concorrendo para a desobriga de nossos elevados fins sociaes com a sua opulenta e magistral collaboração, e exercendo varios cargos no seio desta corporação, como sejam os de membro das Commissões de Historia e de Fundos e Orçamento, e o de 1° vice-presidente, que ainda hoje serve com tanto brilho e superioridade e com tamanha honra para o Instituto ; e

« Considerando, por outro lado, que o nosso egregio 1° vice-presidente tem o seu nome gloriosamente associado á historia nacional, pois, durante periodo maior de meio seculo de laboriosa e fecunda vida publica, prestou os mais assignalados e inolvidaveis serviços á patria brazileira, na esphera da politica, na do jornalismo, na da tribuna parlamentar, na da cultura do direito, na do magisterio superior, na do desenvolvimento e progresso de nossa legislação, na da administração publica, civil e militar, na do trato das letras historicas, na do livro de sciencia e na da acção governamental derivada do exercicio do poder publico, bem merecendo sempre de seus compatriotas, ao affecto, reconhecimento e veneração dos quaes se impoz, ficando por tal modo sagrado para a glorificação da posteridade brazileira —

exemplo eterno, que será, de uma poderosa mentalidade posta ao serviço de um patriotismo vehemente e edificante, de um immenso poder de trabalho, que faz a admiração geral dos contemporaneos, e de um caracter, que não é sómente a expressão da estructura moral de uma grande e nobre personalidade, mas é tambem um padrão de honra collectiva,—um imperecivel padrão da nobreza de nossa raça:

« Indicamos que o Instituto mande fazer o retrato do seu actual 1º vice-presidente o Exm. Sr. Visconde de Ouro Preto e o inaugure em 21 de fevereiro do proximo anno de 1910, data do anniversario natalicio do eminente brazileiro, convidando-se o Exm. Sr. Barão do Rio-Branco, nosso preclaro presidente, a proferir o discurso official por parte do Instituto, na solennidade da inauguração do mesmo retrato.

« Sala das Sessões, em 27 de novembro de 1909. — *Xavier da Silveira Junior*. — *Max Fleiuss*. — *Gastão Ruch*. — *Antonio Jansen do Paço*. — *Norival Soares de Freitas*. — *Orville A. Derby*. — *Ernesto Senna*. — *B. T. de Moraes Leite Velho*. — *A. Indio do Brazil* — *General Thaumaturgo de Azevedo*. — *A. F. de Souza Pitanga*. — *Jesuino da Silva Mello*. — *General Dantas Barreto*. — *Monsenhor Vicente Lustoza*. — *João Luiz Alves*. — *Clovis Bevilaqua*. — *Pedro Lessa*. — *Eduardo Marques Peixoto*. — *Tobias Laureano Figueira de Mello*. — *B. F. Ramiz Galvão*. — *Alfredo Rocha*. — *Amaro Cavalcanti*. — *Miguel J. R. de Carvalho*. — *Marquez de Paranaguá*. — *Arthur Guimarães*. — *Dr. Viveiros de Castro*. — *Leopoldo de Bulhões*.»

O Sr. Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) apresenta depois a seguinte proposta que é unanimemente approvada:

« A Assembléa Geral do Instituto Historico e Geographico Brazileiro resolve elevar a socios benemeritos os honorarios Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão e Barão de Alencar, em attenção aos assiduos serviços prestados pelos mesmos consocios ao Instituto e de inteiro accordo com o disposto no art. 13 dos Estatutos.

« O Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão entrou para o Instituto a 16 de agosto de 1872 e desde esta data tem occupado,

com raro brilhantismo e dedicação, cargos na Directoria e nas Commissões Permanentes.

« O Barão de Alencar foi eleito socio a 13 de setembro de 1889 e tem egualmente exercido, com muito lustre, cargos nas Commissões Permanentes.

«Merecem, pois, ambos esta prova de reconhecimento por parte do instituto.

« Sala das Sessões, em 20 de novembro de 1909.— *Max Fleiuss.— Conde de Affonso Celso.— Gastão Ruch.— Antonio Jansen do Paço.— Norival Soares de Freitas.— Orville A. Derby.— Ernesto Senna.—B. T. de Moraes Leite Velho.—A. Indio do Brazil. —General Thaumaturgo de Azevedo.—Jesuino da Silva Mello.—A. F. de Souza Pitanga.— General Dantas Barreto.— Monsenhor Vicente Lustoza.— João Luiz Alves.—Clovis Bevilaqua.— Xavier da Silveira Junior.— Pedro Lessa.— Eduardo Marques Peixoto —Tobias Laureano Figueira de Mello.— Alfredo Rocha.— Amaro Cavalcanti* »

O Sr. General Thaumaturgo de Azevedo offerece o exemplar photographico do quadro que inaugurou no Commando Geral da Força Policial, contendo os retratos dos chefes de Estado brazileiros sob o regimen monarchico.

O Sr. Barão Homem de Mello (*Presidente*) diz que não havendo nada mais a discutir, vae mandar proceder á eleição da Directoria e das Commissões Permanentes para o anno de 1910. Cada socio lançará na urna duas cedulas, uma com os nomes para a Directoria e outra com os nomes para as Commissões. A eleição não incluirá a do presidente, em vista do que ha pouco decidiu a assembléa.

Pelos escrutinadores são apuradas quinze cedulas, que dão o seguinte resultado:

DIRECTORIA

Votos

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE:

Visconde de Ouro Preto 15

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE :

Barão Homem de Mello 1

Dr. Pedro Lessa 3
Barão de Paranapiacaba. 1

TERCEIRO VICE-PRESIDENTE:

Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga . . 14
Dr. Ramiz Galvão. 1

ORADOR:

Conde de Affonso Celso 15

SEGUNDO SECRETARIO:

Dr. Gastão Ruch 15

THESOUREIRO:

Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães . . 15

O Sr. Presidente proclama eleitos os mais votados.

COMMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamentos

	Votos
Visconde de Ouro Preto.	15
Dr. Epitacio Pessoa	15
Dr. Clovis Bevilaqua.	15
Jesuino da Silva Mello	15
General Emygdio Dantas Barreto	15

Estatutos e Redacção

	Votos
Max Fleiuss.	14
Conde de Affonso Celso	15
Dr. A. J. Barbosa Lima.	15
Dr. Gastão Ruch.	15
Dr. Alfredo Nascimento.	15
Dr. Norival de Freitas	1

Historia

	Votos
Visconde de Ouro Preto	15
Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho	14

Dr. B. F. Ramiz Galvão	14
Dr. Pedro Lessa	15
Dr. A. Jansen do Paço	14
General Thaumaturgo de Azevedo	1
Dr. J. C. Rodrigues	1
Dr. Xavier da Silveira	1

Geographia

	Votos
Marquez de Paranaguá	15
Barão Homem de Mello.	12
Dr. Arthur Indio do Brazil.	14
Dr. Orville A. Derby	14
General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo	14
Dr. Lassance Cunha.	2
Coronel Ernesto Senna	1
Dr. Xavier da Silveira	1
Eduardo Marques Peixoto . . . . ,	1
Dr. Alfredo Rocha . . . . , .	1

Archeologia e Ethnographia

	Votos
Desembargador Souza Pitanga	14
Dr. José Pereira Rego Filho	13
Dr. Sylvio Romero	15
Conselheiro Salvador Pires de Carvalho Albuquerque. .	15
Dr. Amaro Cavalcanti	11
Dr. Gastão Ruch. . . . . ,	2
Conselheiro Candido de Oliveira	2
Dr. J. C. Rodrigues	2
Dr. Xavier da Silveira	1

Manuscriptos

	Votos
Dr. José Carlos Rodrigues	15
Dr. Alfredo Rocha	14

	Votos
J. F. Rocha Pombo	15
Eduardo Marques Peixoto	14
Arthur Guimarães	15
Dr. Xavier da Silveira	1
Dr. Norival de Freitas	1

Admissão de socios

	Votos
Barão de Alencar . . . . ,	15
Dr. Miguel Carvalho	15
Dr. Leopoldo de Bulhões	15
Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva	15
Dr. Xavier da Silveira Junior . . . . . . , . . .	14
Dr. Alfredo Rocha	1

O Sr. Presidente proclama eleitos os cinco mais votados.

O Sr. Max Fleiuss (*1º Secretario Perpetuo*) propõe que se envie ao Sr. Barão do Rio Branco o seguinte telegramma, o que é approvado:

« Barão do Rio Branco — Palacio Itamaraty — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em assembléa de hoje, resolveu por acclamação, felicitar vivamente o seu benemerito Presidente — o notavel Sr. Barão do Rio Branco, gloria e orgulho do continente americano, pelo resultado de sua patriotica intervenção na duvida suscitada entre o Chile e os Estados Unidos.— *Max Fleiuss. — Ernesto Senna.— General Thaumaturgo de Azevedo.— Ramiz Galvão.— Jansen do Paço.— Figueira de Mello.— Derby.— Alfredo Rocha.— Xavier da Silveira Junior.— Amaro Cavalcanti.— A. Indio do Brazil. — B. Leite Velho.— Eduardo M. Peixoto.— Norival Soares de Freitas.*

Levanta-se a sessão de Assembléa Geral ás 10 horas da noite.

Barão Homem de Mello,
Presidente da Assembléa Geral.

ANNEXO

CADASTRO DOS SOCIOS

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Em 15 de junho de 1910

ORGANIZADO DE INTEIRA CONFORMIDADE COM O ART. 79 DOS ESTATUTOS DE 16 DE ABRIL DE 1906

Presidentes honorarios

NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
Conde d'Eu..................	16 de set. de 1864...	França.
Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves..............	30 » agosto de 1896.	S. Paulo.
Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles......................	12 » maio » 1899.	S. Paulo.
General Julio A. Roca.......	7 » julho » 1899.	Republica Argentina.
Dr. Nilo Peçanha...........	27 » nov. » 1909.	Rio de Janeiro.

Socios benemeritos (em numero de 10)

1	Barão Homem de Mello..	3 de junho de 1859	Rio de Janeiro.
2	Barão do Rio-Branco.....	7 » nov. » 1867	» » »
3	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão..........	16 » agosto » 1872	» » »
4	Desembarg. Thomaz Garcez de Paranhos Montenegro.................	10 » maio » 1878	Bahia.
5	Marquez de Paranaguá...	31 » agosto » 1888	Rio de Janeiro.
6	Barão de Alencar.........	13 » set. » 1889	» » »
7	....	....	....
8	....	....	....
9	....	....	....
10	....	....	....

Socios honorarios (em numero de 50)

1	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira......	19 de out. de 1887...	Rio de Janeiro.

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
2	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo...............	2 de agosto de 1889..	Austria.
3	Henrique Moreno ×......	13 » » » 1889....	Italia.
4	Conselheiro José Francisco Diana..................	13 » » » 1889....	Rio Grande do Sul.
5	Norberto Quirno Costa ×.	17 » » » 1889....	Republica Argentina.
6	Emile Levasseur.........	7 » nov. » 1889....	Pariz.
7	Blas Vidal ×............	29 » » » 1889....	Uruguay.
8	Manoel Villamil Blanco ×	29 » » » 1889....	Chile.
9	Guilherme A. Seoane ×.	22 » maio de 1891...	Perú.
10	Conde de Affonso Celso...	2 » dez. de 1892....	Petropolis.
11	D. Carlos Luiz d'Amour..	9 » » » 1892....	Matto Grosso.
12	Cardeal D. Marino Rampolla del Tindaro ×....	7 » abril de 1893...	Italia.
13	Almirante Augusto de Castilho Barreto de Noronha ×...............	19 » julho de 1896...	Portugal.
14	D. Jeronymo Thomé da Silva...................	25 » » » 1897...	Bahia.
15	D. Francisco do Rego Maia...................	25 » » » 1897...	Italia.
16	Adrien de Gerlache ×....	28 » out. de 1897....	Belgica.
17	Cardeal D. Joaquim Arcoverde..................	31 » » » 1897....	Rio de Janeiro
18	Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia ×...............	15 » maio de 1898...	Hollanda.
19	Cardeal D. Jeronymo Maria Gotti ×...............	14 » out. de 1898....	Italia.
20	Almirante Francisco Joaquim Ferreira do Amaral ×.................	25 » nov. de 1898....	Portugal.
21	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo.	27 » out. de 1899....	S. Paulo.
22	Dr. Jayme Constantino de Freitas Muniz ×........	10 » nov. de 1899....	Portugal.
23	D. Pedro de Orléans e Bragança..................	22 » junho de 1900...	França.
24	Dr. Alfredo Eugenio de Almeida Maia.........	10 » agosto de 1900..	S. Paulo.
25	Dr. Joaquim Duarte Murtinho..................	10 » » » 1900..	Rio de Janeiro.
26	Barão de la Barre ×.....	12 de out. de 1900....	Hespanha.
27	Visconde de Ouro-Preto..	9 » nov. de 1900....	Rio de Janeiro.
28	Dr. Emilio Augusto Goeldi ×.............	10 » dez. » 1900....	Suissa.
29	Eduardo Müller ×.......	10 » » » 1900....	»
30	Dr. Epitacio da Silva Pessoa	27 » março de 1901..	Rio de Janeiro.
31	Dr. Manoel B. Otero ×..	29 de maio de 1901....	Uruguay.

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
32	Dr. Susviela Guarch ×..	29 de maio de 1901...	Uruguay.
33	Dr. Sabino Barroso Junior	2 » » » 1902...	Rio de Janeiro.
34	Anselmo Hévia Riquelme×	8 » agosto de 1902..	Chile.
35	Barão Ernest de Hess Wartegg ×...............	25 » junho de 1903...	Allemanha.
36	General Adriano Augusto de Pina Vidal ×.......	21 » agosto de 1903..	Portugal.
37	Alberto dos Santos Dumont.................	11 » set. de 1903.....	França.
38	Duque dos Abruzzos ×...	18 » » » 1903.....	Italia.
39	D. Luiz de Orleans e Bragança	6 » nov. de 1903....	França.
40	Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata...............	20 » maio de 1904...	Pará.
41	Barão de Muritiba.......	12 » agosto de 1904..	França.
42	Manoel Estrada Cabrera ×	26 » » » 1904..	Guatemala.
43	Dr. José Joaquim Seabra.	28 » abril de 1905...	Rio de Janeiro.
44	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim...........	28 » » » 1905...	» » »
45	D. João Braga	21 » julho de 1905...	Paraná.
46	D. Julio Tonti ×	30 » abril de 1906...	Portugal.
47	D. José Joaquim Vieira...	6 » maio de 1907...	Ceará.
48	....	....	....
49	....	....	....
50	....	....	....

Socios effectivos (em numero de 50)

1	Commendador Angelo Thomaz do Amaral.........	10 de out. de 1851..	Rio de Janeiro.
2	Barão de Teffé...........	27 » » » 1882..	» » »
3	Almirante José Candido Guillobel..............	24 » nov. de 1882..	» » »
4	João Capistrano de Abreu.	19 » out. de 1887..	» » »
5	Visconde de Ibituruna....	13 » julho de 1888.	» » »
6	Dr. Arthur Indio do Brazil	31 » agosto de 1888	» » »
7	Dr. Alfredo do Nascimento Silva..................	12 » dez. de 1890..	» » »
8	Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	23 » set. de 1892..	» » »
9	Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior	30 » junho de 1893.	» » »
10	Dr. Evaristo Nunes Pires	31 » março de 1895	» » »
11	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro ×...	11 » agosto de 1895	» » »
12	Dr. Amaro Cavalcanti...	6 » dez. de 1897..	» » »
13	Dr. Paulino José Soares de Souza..............	10 » junho de 1898	Petropolis.
14	Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna.......	12 » out. de 1899..	Rio de Janeiro.

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
15	Coronel Dr. Innocencio Serzedello Corrêa......	8 de dez. de 1899..	Rio de Janeiro.
16	Dr. José Americo dos Santos	12 » » de 1899..	» » »
17	Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho......	12 » » de 1899..	» » »
18	Desembargador Antonio F. de Souza Pitanga. .	3 » agosto de 1900	Nictheroy.
19	José Francisco da Rocha Pombo................	3 » » de 1900	Rio de Janeiro.
20	Max Fleiuss.............	3 » » de 1900	» » »
21	General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo...	17 » » de 1900	» » »
22	Orville Adalbert Derby ×.	26 » out. de 1900..	» » »
23	Commandante Carlos Vidal de Oliveira Freitas.....	26 » » de 1900..	» » »
24	Dr. Rodrigo Octavio de L. Menezes................	26 » » de 1900..	» » »
25	Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa.............	23 » » de 1901	» » »
26	Dr. Sylvio Romero........	23 » » de 1901	» » »
27	Conselheiro Ruy Barbosa	23 » maio de 1902..	» » »
28	Desembargador Salvador Pires de C. e Albuquerque....................	13 » junho de 1902.	» » »
29	Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho ×...	24 » abril de 1903.	» » »
30	Monsenhor Vicente F. Lustosa de Lima.........	19 » junho de 1903.	» » »
31	Coronel Ernesto Senna...	23 » julho de 1903.	» » »
32	Dr. Alberto de Carvalho.	18 » set. de 1903..	» » »
33	Eduardo Marques Peixoto	23 » out. de 1903.	» » »
34	Coronel Jesuino da Silva Mello.................	23 » » de 1903.	» » »
35	Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira......	17 » junho de 1904.	» » »
36	Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães..................	9 » dez. de 1904..	» » »
37	Dr. Alcibiades Furtado...	17 » julho de 1905.	» » »
38	Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva..........	21 » » » 1905.	» » »
39	Barão de Paranapiacaba..	21 » » » 1905.	» » »
40	Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.........	4 » dez. de 1905.	» » »
41	Dr. José Pereira Rego Filho....................	25 » junho de 1906.	» » »
42	Dr. Clovis Bevilaqua.....	15 » out. de 1906..	» » »
43	Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro........	20 de maio de 1907.	Rio de Janeiro.
44	Dr. José Carlos Rodrigues.	10 » junho de 1907	» » »
45	Dr. Gastão Ruch Sturzenecker.................	29 » julho de 1907.	» » »

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
46	Dr. Antonio Jansen do Paço................	30 de set. de 1907..	Rio de Janeiro.
47	General Emygdio Dantas Barreto................	29 » agosto de 1908	» » »
48	Dr. Alexandre José Barboza Lima.............	29 » set. de 1908..	» » »
49	Dr. Alfredo Augusto da Rocha.................	29 » » de 1908..	» » »
50	Dr. Norival Soares de Freitas................	5 » out. de 1908..	» » »

Socios correspondentes (em numero de 100)

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
1	Barão de Guajará.........	8 de nov. de 1866.	Pará.
2	Vicente G. Quesada ×....	7 » dez. de 1883..	Republica Argentina.
3	Dr. José Antonio de Azevedo Castro............	24 » julho de 1885.	Inglaterra.
4	Pedro Wenceslão de Brito Aranha ×.............	7 » agosto de 1885	Portugal.
5	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa..........	9 » dez. de 1886..	Pernambuco.
6	Antonio Ribeiro de Macedo	19 » out. de 1887..	Paraná.
7	José Verissimo de Mattos.	16 » nov. de 1887..	Rio de Janeiro.
8	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco..........	31 » agosto de 1888	Minas Geraes.
9	Anibal Echeverria y Reis×	25 » out. de 1889..	Chile.
10	Bouquet de la Grye ×.....	25 » » » 1889..	França.
11	Alexandre Sorondo ×....	29 » nov. de 1889..	Republica Argentina.
12	Constantino Bannen ×...	29 » » » 1889..	Chile.
13	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo..................	11 » julho de 1890.	Ceará.
14	Dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira.......	12 » set. de 1890..	S. Paulo.
15	Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire.........	26 » » de 1890..	Rio de Janeiro.
16	João Damasceno Vieira Fernandes..............	21 » out. de 1890..	Bahia.
17	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira.............	19 » junho de 1890.	Ceará.
18	Arturo de Léon ×........	3 » » » 1891.	Uruguay.
19	Arthur Sauer ×..........	19 » » » 1891.	Allemanha.
20	Argemiro Antonio da Silveira..................	3 » set. de 1891..	S. Paulo.
21	Barão de Studart.........	25 » maio de 1892.	Ceará.
22	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires...........	4 » » de 1894.	Rio de Janeiro.
23	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.	1 » junho de 1894.	Minas Geraes.
24	Christiano Frederico Seybold ×................	1 » » » 1894.	Allemanha.

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
25	João Lucio de Azevedo....	31 de março de 1895	Portugal.
26	Gabriel do Monte Pereira ×..............	31 » » de 1895	»
27	Dr. Manoel de Oliveira Lima	11 » agosto de 1895	Belgica.
28	Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga	25 » » » 1895	S. Paulo.
29	Raymundo Ciriaco Alves da Cunha............	20 » out. de 1895..	Pará.
30	Henrique Marques de Santa Rosa....................	16 » agosto de 1896	»
31	José Clementino Soto ×..	8 » nov. de 1896..	Republica Argentina.
32	Padre Raphael Maria Galanti ×................	22 » nov. de 1896..	Rio de Janeiro.
33	André Peixoto de Lacerda Werneck..............	13 » dez. de 1896..	» » »
34	Tancredo do Amaral......	13 » junho de 1897.	S. Paulo.
35	D. Joaquim Silverio de Souza	19 » set. de 1897..	Minas-Geraes.
36	Dr. Adelino Augusto de Luna Freire...........	9 » dez. de 1898..	Pernambuco.
37	Padre Julio Maria.......	15 » set. de 1899..	Rio de Janeiro.
38	Coronel Honorio Lima....	10 » nov. de 1899..	» » »
39	Dr. Antonio Zeferino Candido ×................	24 » » » 1899..	Portugal.
40	Adolpho Saldias ×......	8 » dez. de 1899..	Republica Argentina.
41	José Antonio Ismael Gracias ×................	3 » agosto de 1900	Gôa.
42	Philoteio Pereira de Andrade ×...............	3 » » » 1900	Gôa.
43	D. Francisco Boffarul y Sanz ×...............	28 » set. de 1900..	Hespanha.
44	Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão...........	26 » out. de 1900..	Pernambuco.
45	Dr. Ermelino Agostinho de Leão	10 » dez. de 1900..	Paraná.
46	Dr. Antonio Augusto de Lima..................	9 » agosto de 1901	Minas Geraes.
47	Alfredo Romario Martins.	23 » » » 1901	Paraná.
48	Candido Costa...........	23 » » » 1901	Espirito Santo.
49	Dr João Mendes de Almeida Junior...........	23 » » » 1901	S. Paulo.
50	Dr. Nelson de Senna......	23 » » » 1901	Minas-Geraes.
51	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior.........	23 » » » 1901	Paraná.
52	Horacio de Carvalho	18 » out. de 1901..	S. Paulo.
53	Dr. José Vieira Couto de Magalhães..............	18 » » » 1901..	» »
54	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco.................	6 » dez. de 1901..	Pariz.
55	Dr. Alfredo de Toledo....	6 de dez. de 1901..	S. Paulo.

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
56	Carlos Lix Klett ×.......	6 de dez. de 1901..	Rio de Janeiro.
57	Ernesto Quesada ×.......	6 » » » 1901..	Republica Argentina.
58	Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo............	30 » maio de 1902.	S. Paulo.
59	Dr. Mart m Francisco Ribeiro de Andrada	24 » out. de 1902..	» »
60	Dr. Theodoro Sampaio...	24 » » » 1902..	Bahia.
61	D. Manuel Amunategui ×	6 » dez. de 1902..	Chile.
62	D. Emilio Rodriguez Mendoza ×...............	6 » » » 1902..	»
63	Anselmo de Andrade ×...	8 » maio de 1903.	Portugal.
64	Dr. Albino Alves Filho...	22 » » » 1903.	Minas-Geraes.
65	Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira............	22 » » » 1903.	Petropolis.
66	Dr. Augusto de Siqueira Cardoso.......	25 » junho de 1903.	S. Paulo.
67	Laureano de Figuerola ×.	24 » julho de 1903.	Hespanha.
68	Dr. José Maria Pereira de Lima ×...............	11 » » » 1903.	Portugal.
69	Victor Ribeiro ×.........	11 » » » 1903.	»
70	Francisco de Campos Andrade..................	4 » dez. de 1903..	S. Paulo.
71	José Feliciano de Oliveira.	19 » fev. de 1904...	» »
72	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo.	3 » junho de 1904.	Pernambuco.
73	Alberto Pimentel ×......	23 » » » 1904.	Portugal.
74	Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho	7 » julho de 1905.	Pernambuco.
75	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme............... . .	21 » » » 1905.	S. Paulo.
76	José Jacintho Ribeiro....	4 » agosto de 1905	» »
77	Bernardo Horta de Araujo.	18 » set. de 1905..	Rio de Janeiro.
78	Dr. João Pandiá Calogeras	18 » » » 1905..	Minas-Geraes.
79	Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá...............	4 » dez. de 1905..	Rio de Janeiro.
80	Dr. Diogo de Vasconcellos.	4 » » » 1905..	Minas-Geraes.
81	Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães ×....	9 » julho de 1906.	Portugal.
82	D.Daniel Garcia Acevedo×	3 » set. de 1906...	Uruguay.
83	Dr. Arthur Orlando da Silva....................	8 » out. de 1906..	Pernambuco.
84	Gonçalo de Quesada ×...	8 » » » 1906..	Cuba.
85	Dr. AdolphoAugusto Pinto	20 » maio de 1907..	S. Paulo.
86	Dr. Paulo Ehrenreich ×.	20 » » » 1907..	Allemanha.
87	Paulo Barreto............	29 » » » 1907..	Rio de Janeiro.
88	Dr. Augusto Tavares de Lyra....................	16 » set. de 1907...	Rio Grande do Norte.
89	Dr. Vicenzo Grossi ×.....	16 » » » 1907 ..	Italia.
90	Dr. João Luiz Alves......	30 » » » 1907...	Minas-Geraes.
91	Charles Wiener ×........	29 de set. de 1908...	Pariz.
92	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto..............	29 » » » 1908...	Santa Catharina

	NOMES	DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO	RESIDENCIA
93	Fernando A. Georlette....	24 de maio de 1909.	Antuerpia.
94	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro	21 » agosto de 1909	S. Paulo.
95	Dr. João Baptista Correia Nery	31 » » » 1909	Campinas.
96	Dr. João Baptista de Moraes.................	31 » » » 1909	S. Paulo.
97	....	....	....
98	....	....	....
99	....	....	....
100	....	....	....

Socios Bemfeitores

1	Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe........	7 de dez. de 1883..	S. Paulo.
2	Conde de Figueiredo	1 » agosto de 1890	Rio de Janeiro.
3	Candido Gaffré...........	26 » set. de 1890..	» » »
4	Antonio José Dias de Castro	28 » nov. de 1890..	» » »
5	Conde de Leopoldina ✕ .	5 » dez. de 1890..	» » »
6	Luiz José Lecoq de Oliveira....................	5 » » » 1890..	» » »
7	Commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello.	12 » » » 1890..	» » »
8	Barão de Quartim........	6 » março de 1891	» » »
9	Luiz Augusto da Silva Canedo ✕................	6 » » » 1891	Portugal.
10	Barão de Mendes Tota....	3 » abril de 1891..	Rio de Janeiro.
11	Visconde de Moraes ✕....	3 » » » 1891..	» » »
12	Manoel José da Fonseca ✕.	28 » agosto de 1891	» » »
13	José Joaquim da França Junior..................	9 » out. de 1891..	» » »
14	Luiz Ribeiro Gomes......	4 » dez. de 1891..	» » »
15	Commendador Luiz Alves da Silva Porto.........	17 » out. de 1897..	» » »
16	Luiz Martins do Amaral..	17 » » » 1897..	» » »

O signal ✕ indica que o socio é estrangeiro.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 15 de junho de 1910.

O chefe, *Lafayette Caetano da Silva*

INDICE

DAS

Materias contidas no Tomo LXXII da Revista

PARTE SEGUNDA

Pags.

6287 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910